UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM CULTURA, INFORMAÇÃO, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO – GECIMP

MARIZA DE OLIVEIRA PINHEIRO

YÎHCAMNOPURA NATU CETAKNAMACHONHÎRÎ: PROCESSOS INFORMEMORIAS E IDENTIDADE CULTURAL DOS WAIWAI DO ANAUÁ EM RORAIMA

João Pessoa/PB
2019

MARIZA DE OLIVEIRA PINHEIRO
(*WOOXAM WOSÎ*)

YÎHCAMNOPURA NATU CETAKNAMACHONHÎRÎ: **PROCESSOS INFORMEMORIAS E IDENTIDADE CULTURAL DOS WAIWAI DO ANAUÁ EM RORAIMA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba em cumprimento à exigência para a obtenção do título de Doutora.

Área: Informação, Conhecimento e Sociedade
Linha 1: Informação, Memória e Sociedade
Orientadora: Prof. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira PPGCI/UFPB
Coorientadora: Prof. Dra. Maria da Graça de Melo Simões FLUC/UC

João Pessoa/PB
2019

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

P654y Pinheiro, Mariza de Oliveira.
YÎHCAMNOPURA NATU CETAKNAMACHONHÎRÎ: PROCESSOS INFORMEMORIAS E IDENTIDADE CULTURAL DOS WAIWAI DO ANAUÁ EM RORAIMA / Mariza de Oliveira Pinheiro. - João Pessoa, 2019.
344 f. : il.

Orientação: Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira PPGCI - UFPB/BR Oliveira.
Coorientação: Maria da Graça de Melo Simões FLUC - UC/PT Simões.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCSA.

1. Processos informemorias. 2. Identidade. 3. Cultura Indígena. 4. Waiwai. I. Oliveira, Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira PPGCI - UFPB/BR. II. Simões, Maria da Graça de Melo Simões FLUC - UC/PT. III. Título.

UFPB/BC

MARIZA DE OLIVEIRA PINHEIRO

YÎHCAMNOPURA NATU CETAKNAMACHONHÎRÎ:
PROCESSOS INFORMEMORIAIS E IDENTIDADE CULTURAL DOS WAIWAI DO ANAUÁ EM RORAIMA

Aprovada em: 25, de Abril de 2019

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira
Orientadora/Presidente da Banca Examinadora – PPGCI/UFPB

Profa. Dra. Maria da Graça de Melo Simões
Coorientadora – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Carlos Xavier de Azevedo Netto
Membro Examinador Interno – PPGCI/UFPB

Profa. Dra. Eliane Bezerra Paiva
Membro Examinador Interno – PPGCI/UFPB

Prof. Dr. Lusival Antonio Barcellos
Membro Examinador Externo – UFPB

Prof. Dr. Paulo Roberto Palhano Silva
Membro Examinador Externo – UFPB

Dra. Maria Nilza Barbosa Rosa (PPGCI/UFPB)
Suplente examinadora interno

Dr. Fabio de Assis Pinho (PPGCI/UFPE)
Suplente de examinador externo

Ao povo indígena Waiwai pela resistência, mesmo em circunstâncias culturais diferenciadas e adaptação aos movimentos pós-moderno;

Às mulheres indígenas Waiwai pela importante defesa e manutenção da identidade cultural da sua etnia;

À minha mãe, filha de português e bisneta de indígenas, criada sem identificação do pai é a minha principal inspiração;

À minha orientadora Dra. Bernardina Oliveira por instigar este tão grandioso desafio

Dedico!

AGRADECIMENTOS

Esta tese foi tecida por muitas horas de estudos solitários, coletivos e compartilhados no decorrer do curso. Precisei dedicar-me integralmente nesta aventura epistemológica. No computo geral o percentual de prazer fez-me esquecer das agruras no caminho. Eu agradeço a todas as contribuições fundamentais e imprescindíveis de modo geral, desde a escolha da temática para o cultivo, como também da "aragem" do objeto e da "adubação" para gerar o produto final.

À minha orientadora a professora Drª Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira pela sugestão da temática em referência à minha ascendência advinda da região Norte. E, sobretudo, pela oportunidade de desenvolver um trabalho tão prazeroso que trouxe-me momentos inigualáveis de conhecimento ao imbricar-me nas minhas *ahtono eurotopo* (raízes). Experienciar a *Yihcamnopura Ehtopo* (memória) e desvendar os *Esamarî* (rastros) de nossa ancestralidade como roraimense que sou, e que de forma interdependente está ligada ao processo formador do povo brasileiro.

À minha coorientadora Dra. Graça Simões da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal pela oportunidade de ampliar meus horizontes durante o doutorado sanduíche em Portugal extensivo aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação e os divertidos momentos de aprendizados e diversão. Sou grata pelos *Esama* (caminhos) indicados. Pelo carinho e amizade fraterna, preocupando-se comigo em todos os sentidos. Eu sentia-me uma *flaner* acadêmica, "encantada", assim como os primeiros contatos dos navegantes à Terra de Vera Cruz. O mundo antigo é de uma beleza exuberante.

À Universidade de Coimbra como patrimônio da humanidade e uma das guardiãs das primeiras etnografias sobre os povos originários do Brasil, configurou-se em *locus* importante para os fundamentos. Aos funcionários das Bibliotecas da Universidade de Coimbra, da Geral, da Central na Faculdade de Letras, de Antropologia, e, da fabulosa Joanina no pátio das escolas, foram lugares que pude garimpar e descobrir sobre o nosso passado (Indígena), sobre o processo de colonização do Brasil, foram encotrados tesouros literários, jóias raras por entre as estantes, e, sobretudo, pelo acolhimento exepcional. Todos e todas muito atenciosos

(as)e gentis. Ao Centro de Estudos Sociais (CES), dirigido pelo Professor Boaventura de Souza Santos. Guardo, na lembrança, o afeto e atenção de todos e todas pelo atendimento solícito e fraterno, e assim, meu agradecimento especial à bibliotecaria deste centro de pesquisa, minha amiga Maria José. A história dos portugueses imbrica-se em nossas próprias histórias.

Aos professores da banca de qualificação e defesa, Drº Carlos Xavier; Drº Lusival Barcellos, Drº Paulo Palhano, Drª Eliane Paiva, Drª Nilza Rosas, pela leitura cuidadosa, apontamentos e sugestões que contribuiram para a qualidade do texto. Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação pelos longos momentos de descobertas representados especialmente nos que tive contato durante o curso das disciplinas, conteúdos necessários para o desenvolvimento do texto, sendo eles (as): Drª Isa Freire; Drº Edvânio Duarte; Drª Elizabeth Albuquerque; Drº Henry Pôncio; Drº Markson de Sousa; Drª Isabel Lima; Drª Dulce Neves; Drº Edvaldo Alves, Drª Nayane e, Franklin pela atenção na secretaria do programa.

Aos colegas do grupo de pesquisa GECIMP- Grupo de pesquisa em cultura, identidade, memória e patrimônio, pelas instingantes discussões produtivas, Ana Códula, Ana Claudia, Carla, Manuela, Uthan, Gilvannedja, Everton, Tadeu, Gean, Marcílio, Roseane, Flora, Valdir, Matheus, Bertram e os outros que me falham à memória que passaram e deixaram-nos lembranças dos calorosos debates. Aos colegas de outras bases de pesquisa Thiago, Geyza, Kelly, Suzana, Robéria, Alex, Mônica, Rildo, Rosa, Larissa, Diogo, Hebert, Sander, Marta, Laiana foram momentos de aprendizados e de alegrias.

À minha família pela paciência e compreensão nas inúmeras ausências. A minha mãe pelas longas conversas e rememorações das histórias do nosso passado em Roraima, e principalmente, pelo exemplo da sua própria vida. Às minhas irmãs Maisa e Zuneide que aguentaram e sustentaram o meu estado emocional inconstante, nosso amor é como uma rocha. Ao meu filho Igor Max pela parceria incondicional.

À Universidade Federal da Paraíba pela oportunidade do afastamento para desenvolver o estudo com qualidade.

À Pró-reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa por todo o apoio em eventos e em projetos de incentivo à pesquisa.

À CAPES pelo incentivo financeiro fundamental neste investimento acadêmico para ampliar e desbravar novos horizontes durante o Doutoramento Sanduíche na Universidade de Coimbra, Portugal.

À Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba pelos oportunos cursos de manuseio dos dados e referências nos periódicos de produção acadêmica. Meus agradecimentos pela atenção e pronta disponibilidade para nos atender.

Às Bibliotecas da Universidade Federal de Roraima, da Biblioteca Geral do Estado, que fica no Palácio da Cultura Nênen Macaggi, ao Centro de Pesquisa do INSIKIRAN/UFRR. Foram locus de desbravamento e descobertas incríveis. Aos servidores por toda atenção e indicações certeiras

Aos membros da Terra Indígena Waiwai, especialmente à Comunidade Indígena Anauá, com sentimento fraterno, sou grata pelo respeito, principalmente, pela acolhida no núcleo familiar do professor Reginaldo Aniceto de Souza, professoras Raquel e Lindalva, professor Alexandre Aniceto de Souza, o estudante Wellington Aniceto de Souza, filho, filhas e netos de Ewká, o pastor de Cristo. A fraterna atenção da família do Tuxaua Tarcisio extensiva ao seu irmão Geraldo pelo importante depoimento. Aos estudantes da Escola indígena Anauá pelo compartilhar de imagens. Às mulheres indígenas Waiwai, representadas pelas esposas das lideranças, pelo carinho e amizade e compromisso de em futuro próximo possamos compartilhar conhecimentos. Ao antropológo Jorge Manoel de Souza por compartilhar a sua experiência junto dos Waiwai do Jatapuzinho e o seu patrimônio literário da sua rica biblioteca. Aos meus amigos queridos Antônia Águida e Anastácio pela calorosa hospedagem na cidade de Boa Vista. À Fabiana e sua linda família, ex aluna do ensino fundamental (amizade leal). Aos amigos que constitui ao desbravar o patrimônio cultural de Roraima.

E, por fim, à Deus e à Nossa Senhora seres supremos, que na nossa solidão, fortalecem a nossa fé constituindo-a de forma inabalável e que nasce das incertezas do mundo e dos confrontos nos longos momentos de provações. Gratidão!!!

RESUMO

O tema desta tese versa sobre Informação, Memória e Identidade Cultural Indígena do povo Waiwai, do estado de Roraima. Está inserido na linha investigativa de Informação, Memória e Sociedade, sobretudo, inter-relacionada com as áreas de: Ciência da Informação, Antropologia, História, Literatura, Sociologia e Artes Visuais. Analisa os processos informemorias que tecem os fios da complexa etnoidentidade cultural dos Waiwai. Visa responder como as informações acerca da identidade cultural Waiwai, em particular no que se refere aos da comunidade Anauá está presentificada na memória coletiva dessa cultura, considerando as influências da colonização portuguesa. A metodologia adotada está fundamentada no paradigma antropológico-hermenêutico à luz de Geertz (2008; 2014), no esforço de compreensão da realidade complexa e múltipla (ontologia) do povo Waiwai e a sua cultura (matriz na antropologia), caracterizáveis pela sua esfera subjetiva e complexa. O aporte teórico tem sua matriz nas Ciências Sociais pela possibilidade de diversificação de métodos e, sobretudo, pelo suporte da Ciência da Informação, tendo-a com a concepção de Ciência aberta, a qual oportuniza uma Epistemologia criativa que designo de *Etnopoiesi*. Classifica-se como investigação qualitativa. Utiliza-se a abordagem etnográfica, através da prática da observação participante e do diário de campo, que versará sobre as categorias da memória e da identidade cultural nos aportes de Assmann (2011); Halbwachs (2003); Candau (2012); Bauman (2005, 2012, 2013) e Hall (2011). Não há uma sequência hierárquica e rígida no processo de *ethopoiesi* do conhecimento. Tentar-se-á "compor" um corpo de pensamento, interligado a uma rede *rizomática*, onde os elementos teóricos e metodológicos compõem um harmonioso conjunto de investigação na perspectiva da epistemologia memorialística. A memória cultural e a identidade indígena representam um vínculo entre o tempo e o espaço da recordação. As lembranças evocadas no presente contribuem para a transmissão e difusão da tradição. O etnônimo da identidade cultural Waiwai da comunidade Anauá, foi caracterizado a partir de uma construção fragmentária e complexa que perpassa por noções "traduzidas" e interpretadas nos registros etnohistóricos. O complexo processo de agregação identitária dos Waiwai perpassa também, de forma especulativa, por questões da metafísica. É o resultado da inflexão dialética entre o si-mesmo e o Outro abordado na hermenêutica do si de Ricoeur (2014). O si-mesmo transmuta-se como Outro coletivo ao constituir-se em um membro de outro grupo-comunidade (Waiwai Anauá). A concepção deontológica da moral (os valores ancestrais de cada etnia que se agrega) também continua vinculada à concepção teleológica da ética da comunidade waiwai (cosmologia da origem étnica + valores cristãos da MEVA). Deste modo, o si-mesmo não é apenas o eu (individuação do si-mesmo), pode-se considerá-lo Outros, ou seja, como a representação simbólica de valores culturais enraizados na etnomemória, do coletivo étnico do seu parentesco (ancestrais). Do mesmo modo, pode-se afirmar que a herança simbólica representada nos costumes, nos valores e nas práticas das mulheres Waiwai, materializam-se através de suportes mnemônicos que funcionam como gatilhos. O fluxo de etnoinformações que são transmitidas "protegem" o passado do esquecimento e contribui com o conhecimento partilhado entre épocas e gerações. O contato com as missões religiosas favoreceram uma transmutação natural entre a cultura tradicional nativa e as manifestações religiosas, que geraram significativas transformações na identidade cultural deste povo.

Palavras chave: Processos informemorias. Identidade. Cultura. Indígena. Waiwai.

ABSTRACT

The object of this thesis is Information, Memory and Indigenous Cultural Identity of the Waiwai people, from the North of Brazil, it's inserted in the investigative line of Information, Memory and Society, and it's especially related to the following areas: Science of Information, Anthropology, History, Literature and Visual Arts. The purpose is to analyze the influences of our matrix as Brazilians, also to respond how the information about cultural identity, particularly referring to the Waiwai people from the north of Brazil, is present in the collective memory of this culture, considering the influences of the Portuguese colonization. The methodology used is duly substantiated in the Geertz's (2008; 2014) anthropological and hermeneutic paradigm effort of understanding the complex reality and multiple (ontology) of the Waiwai people and its culture (matrix in anthropology), characterized by it's subjective and complex sphere. The theoretical contribution has it's matrix in the Social Sciences for the possibility of diversification of methods and mainly for the support of the Science of Information, having it as a conception of Science, which provides a creative epistemology, that I've named as intellectual *Ethopoisi*. It's classified as a qualitative investigation. The ethnographic approach is utilized through the practice of participant observation and the field diary, based on Assmann (2011); Halbwachs (2003); Candau (2012); Bauman (2005, 2012, 2013) e Hall (2011) and which will report about the memory categories and cultural identity. There isn't a rigid hierarchic sequence in the *ethopoiesi* process of knowledge. Will attempt to "compose" a line of thought, interconnected to a rhizomatous net, where the theoretical and methodological elements make up a harmonic set of investigation in the epistemological moralistic perspective. The cultural memory and indigenous identity highlighted represent a bond between time and memory space. These recollections evoked in the present contribute to the transmission and diffusion of tradition. The information flow that's transmitted "protects" the past from being forgotten and contributes with the knowledge sharing between eras and generations. The Waiwai's complex process of identity aggregation also involves metaphysical questions. It's the result of the dialectical inflection between "oneself" and the Other which are presented by Ricoeur (2014). The "oneself" transmutates as the Other in a collective way when it's created in one of the members of another group-community (Waiwai Anauá). The cultural identity ethnonym of the Waiwai people in the Anauá community was characterized by a complex and fragmented construction that passes as "translated" notion and interpretative in the ethnohistoric registers. The deodontologic moralistic conception (which every ancient value of every ethnicity is aggregated) furthermore it continues vinculated to the ethical teleological conception of the Waiwai community (cosmology of the ethnic origin + christian values of MEVA). Thus way the "oneself" is not just "me" (individuality of the oneself), it can also be considered as "others", therefore the symbolic representation of the cultural values rooted in the ethnic memory of the collective ethnic of one's heritage (ancestors). Furthermore, it's a fact that the symbolic heritage that's representated by costumes, values and practices of the Waiwai women, materializes through mnemonic supports that these symbolic heritages represented by the costumes, values and practices that work as triggers. The ethno information flow that is transmitted "protects" the past from being forgotten and contributes to the knowledge shared between generations and eras. The contact with religious missions favored a natural transmutation between the traditional native culture and the religious manifestations, which generated significant transformations in the cultural identity of the Waiwai people.

Key Words: Information process. Identity. Culture. Indigenous. Waiwai.

RESUME

Le thème de cette thèse presente l'information, la mémoire et l'identité culturelle de l'autochtone des Waiwai de l'État de Roraima. Ça, c'est inséré dans la ligne de recherche Information, mémoire et société, surtout dans les domaines suivants: les sciences de l'information, l'anthropologie, l'histoire, la littérature, la sociologie et les arts visuels. Il analyse les processus informationnels qui tissent les fils de l'ethnoidentidade culturel complexe des Waiwai. Son objectif est de répondre au fur et à mesure que l'information sur l'identité culturelle Waiwai, en particulier en ce qui concerne la communauté Anauá, est présentée dans la mémoire collective de cette culture, compte tenu des influences de la colonisation portugaise. La méthodologie adoptée est basée sur le paradigme anthropologique-herméneutique à la lumière de Geertz (2008, 2014), dans le but de comprendre la réalité complexe et multiple (ontologie) du peuple Waiwai et de sa culture (matrice en anthropologie), caractérisée par leur sphère subjective et complexe. La contribution théorique trouve sa matrice dans les sciences sociales par la possibilité de diversification des méthodes et, surtout, par le soutien des sciences de l'information, en la ramenant au concept de science ouverte, ce qui donne lieu à une épistémologie créative, que j'appelle Ethnopoiesi. Il est classé comme recherche qualitative. L'approche ethnographique est utilisée, à travers la pratique de l'observation participante et le journal de terrain, qui traitera des catégories de mémoire et d'identité culturelle dans les contributions d'Assmam (2011); Halbwachs (2003); Candau (2012); Bauman (2005, 2012, 2013) et Hall (2011). Il n'existe aucune séquence hiérarchique et rigide dans le processus d'ethopoiesi de la connaissance. On tentera de "composer" un corps de pensée, interconnecté à un réseau rhizomatique, où les éléments théoriques et méthodologiques composent un ensemble d'investigations harmonieux dans la perspective de l'épistémologie mémorialiste. La mémoire culturelle et l'identité autochtone représentent un lien entre le temps et l'espace de mémoire. Les souvenirs évoqués dans le présent contribuent à la transmission et à la diffusion de la tradition. L'ethnonyme de l'identité culturelle Waiwai de la communauté Anauá était caractérisée par une construction fragmentaire et complexe qui imprègne les notions "traduites" et interprétées dans les archives ethnohistoriques. Le processus complexe d'agrégation d'identité des Waiwai se déroule également de manière spéculative à travers des questions de métaphysique. C'est le résultat de la flexion dialectique entre le moi et l'Autre abordée dans l'herméneutique du si de Ricouer (2014). Le soi se transmue en un autre collectif en devenant membre d'un autre groupe-communauté (Waiwai Anauá). La conception déontologique de la moralité (un ajout des valeurs ancestrales de chaque groupe ethnique) reste également liée à la conception téléologique de l'éthique de la communauté Waiwai (cosmologie d'origine ethnique + des valeurs chrétiennes de MEVA). De cette manière, le moi n'est pas seulement le soi (individuation du soi), il peut être considéré comme un autre, c'est-à-dire comme représentation symbolique de valeurs culturelles enracinées dans l'ethnomémoire, du groupe ethnique de sa parenté (ancêtres). De même, on peut affirmer que l'héritage symbolique représenté dans les coutumes, les valeurs et les pratiques des femmes Waiwai se matérialise par le biais de supports mnémoniques qui agissent comme des déclencheurs. Le flux d'ethno-informations transmises "protège" le passé de l'oubli et contribue à la connaissance partagée entre les époques et les générations. Le contact avec les missions religieuses a favorisé une transmutation naturelle entre la culture traditionnelle autochtone et les manifestations religieuses, qui a généré des transformations significatives de l'identité culturelle de cette ville.

Mots-clés: Processus informels. Identité. La culture. L'Indigène Waiwai.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: COMUNIDADES INDÍGENAS DO ESTADO DE RR. 78
FIGURA 2: MUNICIPIO DE BOA VISTA 95
FIGURA 3: PALACIO DA CULTURA NENÊ MACAGGI 95
FIGURA 4: MAPA DE RORAIMA - TERRAS INDÍGENAS 97
FIGURA 5: REUNIÃO COM O CONSELHO DE LÍDERES NA CASA *UMANÁ*. 99
FIGURA 6: BIBLIA SAGRADA NA LÍNGUA WAIWAI 100
FIGURA 7: MAPA DA ATUAÇÃO DA MEVA EM T. I. DE RORAIMA 101
FIGURA 8: CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL WAIWAI DO ANAUÁ 104
FIGURA 9: ETNOPOIESI ONTOLÓGICA DA IDENTIDADE CULTURAL WAIWAI 105
FIGURA 10: MAPA T. I. WAIWAI / RR 109
FIGURA 11: MAPA DO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DA BALIZA /RR 116
FIGURA 12: PISTA DA VICINAL 29 118
FIGURA 13: CASTANHEIRA DO BRASIL 119
FIGURA 14: *TÎKTO* - CASTANHA DO BRASIL 119
FIGURA 15: ESCOLA M. MANOEL Y*ARKA WAIWAI* 122
FIGURA 16: INTERIOR DA ESCOLA 123
FIGURA 17: GRUPO MUSICAL 124
FIGURA 18: *MIÎMO UMANÁ* 125
FIGURA 19: INTERIOR DA *MIÎMO UMANÁ* 125
FIGURA 20: MODELO WAIWAI DA CASA CIRCULAR 126
FIGURA 21: DESENHO DA *UMANÁ* – CASA COMUNAL WAIWAI 126
FIGURA 22: FAMÍLIA DO TUXAUA 127
FIGURA 23: PRESENTE DO NATAL DE *ENZO* 127
FIGURA 24: NÚCLEO DOS PROFESSORES 129
FIGURA 25: MINHA ACOMODAÇÃO 130
FIGURA 26: CASA DOS PAWANA 131
FIGURA 27: INTERIOR DE UMA MIÎMA (CASA) 132
FIGURA 28: ARTEFATOS TÍPICOS (*JAMAXIM E MANARI)* 132
FIGURA 29: BODÓ ASSADO 136
FIGURA 30: CARNE DE ANTA MOQUEADA 136
FIGURA 31: BEIJÚ 137
FIGURA 32: SURE – MANDIOCA 137
FIGURA 33: PRODUÇÃO DA FARINHA 138
FIGURA 34: FORNO PARA ASSAR A FARINHA 138
FIGURA 35: RALADOR DE MANDIOCA 139
FIGURA 36: MANDIOCA RALADA AO SOL 139
FIGURA 37: CHEGADA DOS CAÇADORES 141
FIGURA 38: APRESENTAÇÃO DA CAÇA FRESCA 142
FIGURA 39: DISTRIBUIÇÃO DA CAÇA DA CAÇA FRESCA 142
FIGURA 40: FAMILIA *MAWAYANA* RECEBENDO UM MUNTUN E PESCADOS 143
FIGURA 41: XAMANXI COM CAÇA MOQUEADA 144
FIGURA 42: JOGO DA CAÇA 145
FIGURA 43: A DANÇA DA CAÇA 145
FIGURA 44: A DANÇA MONONTOPO 146
FIGURA 45: DISTRIBUIÇÃO DA CARNE MOQUEADA 146
FIGURA 46: *YÎMÎTÎN* - DONAS DO SUCO 147

FIGURA 47: REFEIÇÃO NO MALOCÃO 149
FIGURA 48: CABEÇA DE MACACO ASSADO NO TUCUPI 150
FIGURA 49: EU SABOREANDO O VINHO DE BURITI 150
FIGURA 50: *ÑAWÑAW* (PROF. REGINALDO), AYSHA E EU 151
FIGURA 51: CARNE DA ANTA ASSADA 152
FIGURA 52: SUCO PURO DO BIRITI 152
FIGURA 53: SUCO PURO DA BACABA 152
FIGURA 54: RECEPÇÃO DAS JOVENS NA ESCOLAS ÍNDIGENA ANAUÁ 153
FIGURA 55: ENCONTRO COM A COMUNIDADE NA ESCOLA 154
FIGURA 56: JOGO DA CAÇA COM AS MULHERES 156
FIGURA 57: CELEBRAÇÃO RELIGIOSA 157
FIGURA 58: DANÇA NO CULTO DA IGREJA 157
FIGURA 59: FEIRA DE ARTESANATO NO CENTRO DE CONVIVÊNCIA DA UFRR 213
FIGURA 60: LINDALVA E RAQUEL WAIWAIS NA UFRR (NOSSO PRIMEIRO CONTATO)..... 213
FIGURA 61: APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS INSIKIRAN 214
FIGURA 62: PALESTRA LIDERANÇAS ÍNDIGENAS NA UFRR 214
FIGURA 63: DANÇA PARIXARA 215
FIGURA 64: DEMONSTRAÇÃO DE XAMANISMO 215
FIGURA 65: LANÇAMENTO DE LIVRO CARMELIA 216
FIGURA 66: BANNER 216
FIGURA 67: TRILHAS NA COMUNIDADE ANAUÁ, PAISAGEM DO BANANAL 217
FIGURA 68: PAISAGEM DO RIO ANAUÁ 217
FIGURA 69: APRESENTAÇÃO DA CAÇA 218
FIGURA 70: *TUXAUA TARCISIO* 218
FIGURA 71: DANÇA WAIWAI 219
FIGURA 72: PRODUÇÃO DE ARTESNATO 219
FIGURA 73: PRODUÇÃO DO TIPITI 220
FIGURA 74: SAIA DE MORO TOTÓ 220
FIGURA 75: IGREJA EVANGÉLICA WAIWAI, NA COMUNIDADE ANAUÁ (MEVA)..... 221
FIGURA 76: UNIDADE DE SAÚDE 221
FIGURA 77: CRIANÇAS BRINCANDO NA COMUNIDADE ANAUÁ, T. I. ANAUÁ 222
FIGURA 78: QUEBRA DA CASTANHA 222
FIGURA 79: MOMENTO DO CULTO 1 223
FIGURA 80: MOMENTO DO CULTO 2 223
FIGURA 81: REUNIÃO COM AS ESPOSAS DAS LIDERANÇAS 224
FIGURA 82: ENTREVISTA COM AS MULHERES..... 224
FIGURA 83: ENTREVISTA COM RAIMUNDA MAWAYANA 225
FIGURA 84: REGINALDO (ANFITRIÃO/TRADUTOR),RAQUEL, REGINALDO (WAIWAIS), BELINDA (MAKUXI) E EU..... 225
FIGURA 85: JOVENS DA ALDEIA 226
FIGURA 86: FAMILIA DO VICE-TUXAUA DA GUIANA INGLESA 226
FIGURA 87: O RETORNO PARA BOA VISTA 227
FIGURA 88: NETO DE EWKÁ O PASTOR DE CRISTO 227
FIGURA 89: CASA *UMANÁ*- (MALOCÃO) PARA GUARDAR NA MEMÓRIA 228

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: SITUAÇÃO DA DEMARCAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS/2017 57
GRÁFICO 2: POPULAÇÃO DO BRASIL NAS CATEGORIAS COR E RAÇA..... 59
GRÁFICO 3: AS 15 MAIORES ETNIAS DO BRASIL..... 60

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: POPULAÇÃO INDÍGENA NAS REGIÕES DO BRASIL..... 58
TABELA 2: TERRAS INDÍGENAS DO ESTADO DE RR 64
TABELA 3: PROPORÇÃO DA POPULAÇÃO INDÍGENA DE RR 66
TABELA 4: POPULAÇÃO INDÍGENA DE RR – URBANO E RURAL 66
TABELA 5: ARQUIVO DE ENTREVISTAS DE ÁUDIO 110
TABELA 6: ARQUIVO DE ETNOIMAGENS 112
TABELA 7: ARQUIVO DE NOTAS DO DIÁRIO DE CAMPO..... 113

LISTA DE SIGLAS

ALIDCIRR – ALIANÇA DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DAS COMUNIDADES INDÍGENAS DE RORAIMA
APIRR – ASSOCIAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DE RORAIMA
APIW – ASSOCIAÇÃO DO POVO INDÍGENA WAIWAI
ARIKON – ASSOCIAÇÃO REGIONAL INDÍGENA DOS RIOS KINÔ, COTINGO E MONTE RORAIMA
CIR – CONSELHO INDÍGENA DE RORAIMA
CONAB – COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO
EMBRAPA – EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA
FEMARH – FUNDAÇÃO ESTADUAL DE MEIO AMBIENTE E RECURSOS HÍDRICOS DE RORAIMA
FUNAI – FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNASA – FUNDAÇÃO NACIONAL DA SAÚDE
IBAMA – INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE DE DOS RECURSOS RENOVÁVEIS
IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
IFRR – INSTITUTO FEDERAL DE RORAIMA
INSIKIRAN – INSTITUTO DE FORMAÇÃO SUPERIOR INDIGENA
INSS – INSTITUTO NACIONAL DE SEGURIDADE SOCIAL
ISA – INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
ITERAIMA – INSTITUTO DE TERRAS E COLONIZAÇÃO DO ESTADO DE RORAIMA
MC – MISSÕES CONSOLATA
MEVA – MISSÃO EVANGÉLICA DA AMAZÔNIA
MIRR – MUSEI INTEGRADO DE RORAIMA
MS – MISSÕES SALESIANA
MT – MISSÃO NOVAS TRIBOS
OMIR – ORGANIZAÇÃO DAS MULHERES INDÍGENAS DE RORAIMA
OPIR – ORGANIZAÇÃO DOS PROFESSORES INDÍGENAS DE RORAIMA
PGPM - POLÍTICA DE GARANTIA DE PREÇOS MÍNIMOS
PIB – PRODUTO INTERNO BRUTO
PPA – PLANEJAMENTO PLURIANUAL
PPTAL – PROJETO DE PROTEÇÃO AS TERRAS INDÍGENAS DA AMAZÔNIA LEGAL
RR - RORAIMA
SEBRAE-RR – SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DE RORAIMA
SEI – SECRETARIA DE ESTADO DO ÍNDIO
SEPLAN – SECRETARIA DE ESTADO DE PLANEJAMENTO DO ESTADO DE RORAIMA
SODIUR – SOCIEDADE DE DEFESA DOS ÌNDIGENAS UNIDOS DO NORTE DE RORAIMA
TI – TERRA INDÍGENA
UERR – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE RORAIMA
UFRR – UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA

SUMÁRIO

1 *EKENÎ*: RETORNO À ORIGEM, REENCONTRO COM O OBJETO DE ESTUDO..... 20

PRIMEIRA PARTE: *ESAMA:* CAMINHO TEÓRICO-METODOLÓGICO..... 37

2 *ETARISO*: POR QUAL CAMINHO?..... 38
2.1. A Ciência da Informação e as possibilidades epistemológicas 40
2.2 Entre a memória e a história: a representação da informação 45

3 *ESAMARÎ:* RASTROS ETNOMEMORIALÍSTICOS..... 55
3.1. Epistemologia da memória: os rastros indígenas entre Amazonas e Roraima.. 56
3.2. A Colonização Brasileira e a identidade cultural indígena..... 67
3.3 Relatórios de viagens do padre Manoel da Nóbrega e padre José de Anchieta. 70

SEGUNDA PARTE: *PORIN TUUNA YEEPU*: DA (DES) TERRITORIALIDADE À ETNOIDENTIDADE CULTURAL WAIWAI..... 76

4 *ROOWO:* (DES) TERRITORIALIDADE E COSMOLOGIA..... 77
4.1 O ritual k*ynyi areruia* e a fusão na cultura indígena..... 78
4.2 Da etnia Waiwai..... 90

5 *ITORENO MKO*: ETNOIDENTIDADE E CULTURA DOS WAIWAI DO ANAUÁ..... 94
5.1 Processos Informemorias da tradição dos ancestrais..... 134
5.2 Processos Informemoriais das celebrações do *Kresmus*..... 140
5.3 Processos Informemoriais das mulheres waiwai 153

6 *ETNOPOIESI* INFORMACIONAL CONCLUSIVA 159

REFERÊNCIAS 166

APÊNDICE A - CONHECENDO O ETNOALFABETO WAIWAI..... 182
APÊNDICE B - GLOSSÁRIO ETNOLINGUÍSTICO WAIWAI 189
APÊNDICE C - *YUKUKNON KAXAPU* (ICONOGRAFIA)..... 213

ANEXO - DICIONÁRIO WAIWAI – PORTUGUÊS (MEVA)..... 229

ODE À BOA VISTA

(DORVAL DE MAGALHÃES, 1987)



Eu te adoro boa Vista
Com os teu igarapés
E este formoso rio Branco
Que vive a lavar teus pés
Onde outrora se banhavam
As mulheres dos pajes

Eu te quero Boa Vista
Ccom tuas águas cristalinas
E os lindos buritizais
De folhas esmeraldinas
Cercados pelos tapetes
Das mais formosas campinas

Eu te prezo Boa Vista
De praias e de igapós
Onde graças sonolentas
Maçaricos e socós
Nos lembram dos velhos tempor
Vividos pelo avós

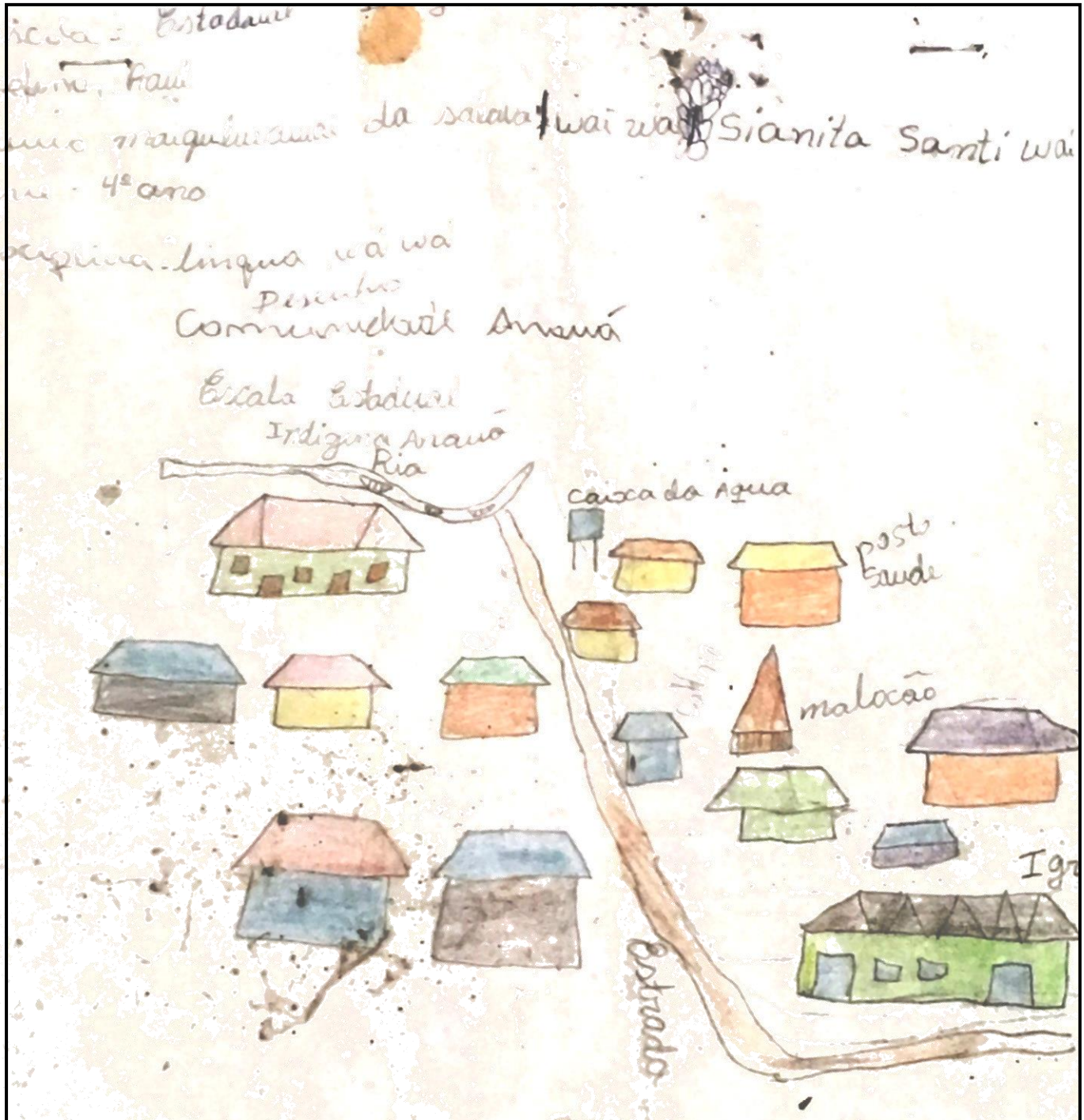
Tu eras antigamente
Bem humilde, bem singela
Tu não tinhas avenidas
Cada rua era viela
Mas chegando aqui o progresso
Te tornastes altiva e bela

Das conquistas da Ciência
Tu não vives à revel
Não dominas o progresso
Porque tu ainda és novel,
Mas o mundo de segreda
Por antenas da EMBRATEL

Que Jesus ouça meus brados
Lançados pra o infinito
Pedindo sua santa benção
No meu canto, no meu grito,
Pra este rincão das colinas
Do lavrado mais bonito

Tens no norte – água clorada
Cristalina qual o prnato,
No sul – ponte altaneira
Linda, moderna, um encanto
E no centro – a Catedral
Onde erguemos nosso canto.

Hás de ser a capital
Da terra da macunaima
O nativo que nasceu
Na serra de Pacaraima.
Serás tu a capital
Do estsdo de RORAIMA.



EKATÎMÎ (CONTAR)

Desenho da geografia da Comunidade Anauá reproduzido pelo aluno Maikel Waiwai do 4º ano Fundamental da Escola Indígena Waiwai.
Foto: Mariza Pinheiro (2018).

1 *EKENÎ*[1]: RETORNO À ORIGEM, REENCONTRO COM O OBJETO DE ESTUDO

> *Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu". (HALL, 2011, p. 13)*
>
> *O valor das coisas não está no tempo em que elas duram, mas na intensidade com que elas acontecem. Por isso, existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis. (FERNANDO PESSOA).*



A temática geral, que deu origem ao projeto, surgiu após o meu ingresso no doutorado. Na realidade, a gênese da proposta foi gerada a partir de um diálogo de orientação, tendo já cursado um ano de estudos no programa. Assim, da longa conversa com a orientadora, foi-me proposto o desafio de analisar os processos informemoriais que tecem os fios da complexa etnomemória indígena e a identidade cultural Waiwai da Comunidade Anauá, na Terra Indígena Waiwai, localizada no estado de Roraima.

De imediato, o tema me atraiu. Isso porque eu tenho ascendência próxima com a região, minha terra natal, lugar foco da pesquisa etnográfica. E, sobretudo, por ser neta de Antero Alves Pinheiro, que exerceu as práticas de cuidados básicos de saúde, ao curar picadas de cobras venenosas, durante muitos anos no ex-território federal de Roraima, região onde se concentram duas reservas indígenas da etnia Waiwai[2]. O vovô Antero trabalhou na Fundação Nacional do Índio (FUNAI) como inspetor das expedições às aldeias indígenas e, por seu fazer, tornou-se um importante curandeiro. Devido à importância de sua prática tem o seu nome registrado na História do estado, conforme Magalhães (1986).

---

[1] Local - tradução baseada no glossário etnolinguístico Waiwai (APÊNDICE B).

[2] Terra indígena Waiwai às margens do Rio Anauá e a Terra indígena Nhamundá-Mapuera às margens do Rio Jatapu em Roraima. Tem uma terceira T. I. Waiwai entre os estados de Roraima, Pará e Amazonas, a Terra indígena Trombetas/Mapuera.

De modo que do projeto inicial da seleção intitulado, **Escrita de si como *etopoiética* informacional:** *cartas e diários e os "lugares" epistêmicos de memórias e identidade*, agora em *stand by* momentâneo, trago inspiração como possibilidade de instrumento de coleta de dados, através da análise de diários de campo, como registro externo da memória, através da escrita das observações e experiências vividas no campo, tanto da pesquisadora como dos indígenas pesquisados. Assim, a teoria da escrita de si como etopoiética informacional do projeto para a seleção do doutorado, estará imbricada nesta "nova" e híbrida proposta de tese.

O interessante, é que a empreitada do estudo acerca do povo Waiwai, enreda-me na minha própria origem e ascendência. Nasci em Boa Vista, Roraima e, como é peculiar da descendência do povo brasileiro, sou de família oriunda da miscigenação do europeu, do índio e do negro. Um caso inusitado, ocorrido às margens do rio Mucajaí, na década de 1960 foi narrado à minha mãe, Raimunda de Oliveira Pinheiro, pela minha avó Petronilia Alves Pinheiro. Ela contou que em um dia ensolarado de pescaria, muito comum na região, estavam minha mãe Raimunda, junto com os meus irmãos Angelo de Oliveira Pinheiro, Antero Pinheiro Neto e Maisa de Oliveira Pinheiro, na canoa do vovô Antero Pinheiro. Depois de longas horas de pescarias pelas margens do rio Mucajaí, ao atracarem a canoa às margens do rio, foram surpreendidos por um grupo de indígenas que estavam à procura de alimentos. Meu avô travou um longo diálogo com o grupo e acabaram negociando trocas de artefatos produzidos pelos indígenas por alimentos da fazenda, como mandioca, carne de sol e farinha.

O costume de reciprocidade de bens ou trocas, que ocorreu de diferentes maneiras nas sociedades humanas, segundo Mauss (2003) em sua obra: *Ensaio sobre a dádiva* é uma tradição que remonta à civilização escandinava e outros povos antigos com o gesto de generosidade transacional, sendo considerado uma economia primitiva ou natural. A prática tem o caráter voluntário obrigatório, ou seja, é uma aceitação retributiva, que engloba: a obrigação de dar e a obrigação de receber enredado em uma simbologia espiritual (dádiva divina) que reforçam os valores de reciprocidade e os sentimentos de amabilidade.

Deste modo, na ocasião do encontro entre minha família e os indígenas às margens do rio, durante as trocas e, de forma surpreendente, uma das mulheres do grupo encantou-se com as traquinagens e espontaneidade da minha irmã Maisa de Oliveira Pinheiro. E, através de gestos contundentes, ela pediu para que trocassem a menininha de cabelos longos, lisos e pretos como uma noite brilhosa por uma rede tecida, em puro algodão, tão alvo como as nuvens.

Nestas situações, todos sabiam que a recusa deveria ser tratada com cautela para não insultar a tradição dos povos indígenas. Então, para fugir da enrascada, minha mãe saiu silenciosamente, enquanto o vovô Antero e vovó Petronilia, com habilidade, os convenceram da riqueza de outros artefatos para a troca. Essas memórias nos eram narradas nas noites na fazenda, sob as luzes das estrelas, iluminadas pela chama do candeeiro natural da lua.

À ocasião, sentávamos na varanda da casa, ou deitávamos em redes que ficavam empalhadas, bem próximas umas das outras, como um corredor de bandeirolas, só que rés ao chão. Em diversas situações, nos deleitamos a gargalhar com as aventuras de coragem dos Pinheiros. Por meio desta pesquisa, a memória está sendo evocada nos fragmentos de rememoração relatados nos diálogos com a família.

Hoje, em pleno século XXI, coincidentemente, eu tenho o privilégio de entrelaçar o passado e o presente através da reestruturação do "novo" objeto desta pesquisa, depois de um ano no doutorado. Deste modo, impulsionada pelo tema de retorno às origens, num misto de imersão em mim mesma, como disse o poeta Fernando Pessoa na epígrafe introdutória deste capítulo: "momentos inesquecíveis. Coisas inexplicáveis e inigualáveis".

Nesse misto de ancestralidade, territorialidade, memória e identidade, aceitamos o desafio de, numa esteira conceitual e memorialística, desvendar as influências da nossa matriz, como povo brasileiro. Buscamos desvendá-las, a partir das informações evocadas pela memória indígenas Waiwai que cristalizaram a identidade e tradição deste povo, da Comunidade Anauá, os quais vivem do Norte do Brasil, ao sul do estado de Roraima.

Assim, como ponto de partida, a pesquisa intitulada, ***YÎHCAMNOPURA NATU CETAKNAMACHONHÎRÎ***[3]*:* Informação, memória e identidade cultural indígena dos Waiwai do Anauá / Roraima, está inserida na linha investigativa de Informação, Memória e Sociedade, na grande área de concentração de Informação, Conhecimento e Sociedade do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UFPB), sobretudo, interrelacionada, as áreas de Antropologia, História, Literatura e Artes Visuais.

O interesse decorre em primeiro lugar, da possibilidade de ampliação do conhecimento a partir das noções de memória e identidade cultural no âmbito da Ciência da Informação; em segundo, da compreensão acerca do processo de construção das identidades, articulado às questões de território (espaço, tempo vivido, apropriação) e territorialidade (reconhecimento jurídico, classificação por área) com foco na defesa da igualdade de oportunidades e no acesso aos bens culturais do povo Waiwai que habita a cidade de Boa Vista, estado de Roraima; em terceiro, da apreensão dos fundamentos epistemológicos da hermenêutica da memória que, através da evocação das práticas interculturais do povo Waiwai do Norte do Brasil, presentifica na memória social e na identidade coletiva daqueles. (HAESBAERT, 2007); (CARVALHO, 2010)

O livro *Les cadres sociaux de la mémoire,* Halbwachs (1952) apresenta os quadros sociais que compõem os quadros da memória. O autor entende que a memória é a combinação das lembranças individuais de vários grupos. Compreendendo que a lembrança individual não está isolada, ela toma como referência também pontos externos ao sujeito, ou seja, são percepções produzidas pela memória coletiva e história. O indivíduo encontra-se em dependência com a sociedade e é natural considerarmos o mesmo grupo como capaz de recordar e, a este grupo, atribuirmos uma memória da família, do mesmo modo que a qualquer outro grupo coletivo.

A memória sobre a família compõe um quadro que tende a manter intacto e que constitui, em algum modo, o arquivo tradicional da família. Assim, no quadro da memória familiar concentram rostos e fatos que se instalam como pontos de referência: mas cada um desses rostos expressa toda uma personalidade, cada um

[3] Tradução: "Estão sempre lembrando", tradução do glossário Etnolinguístico waiwai (APÊNDICE B)

desses fatos resume todo um período da vida do grupo. As recordações familiares então, se reduzem a uma cadeia de quadros sucessivos e representam as variações de sentimentos ou pensamentos que compõem o grupo familiar. Importante considerar que a noção de família para os indígenas é diferente da concepção do Ocidente.

Para Halbwachs (1952) a família é um patrimônio, uma propriedade sagrada, não compartilhada com ninguém de fora. Cada família possui um espírito próprio de recordação revelado apenas para seus membros. São, ao mesmo tempo, modelos, exemplos e ensinamentos. E diversos elementos presentes são mantidos do passado. Deste modo, as lembranças de acontecimentos passados não reaparecem como um quadro de um dia, como tal e como qual foi vivido. Ao serem evocados, trazem imbricados novos elementos e componentes que vieram depois. Sendo que a memória aparentemente particular remete ao grupo, e consequentemente o indivíduo carrega, em si, lembranças sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e suas instituições.

Halbwachs (1952) fala de adestramentos. Nesse mesmo pensamento, Morin (2005; 2008) destaca o *imprinting* e a normalização. O autor considera um conformismo cognitivo que ele chama de *imprinting cultural* (uma marca ou matriz). Esse conceito vem de Lorenz (1995), que as denomina de marcas indeléveis impostas pelas primeiras experiências do animal recém-nascido. O passarinho, ao nascer, por exemplo, segue o primeiro ser vivo que vê como se fosse sua mãe (história do patinho feio de Andersen). O *imprinting cultural* marca os humanos desde o nascimento. Primeiro com o "selo" da cultura familiar; segundo da escola, da universidade, do trabalho, vida social, entre outros.

Em síntese, precisamos recorrer a testemunhos para reforçar ou para completar o que já sabemos, ou seja, só lembramos porque já temos algumas informações, embora muitas circunstâncias permaneçam obscuras para nós. Portanto, assim que evocamos juntos diversas circunstâncias, apesar de não serem as mesmas, podem se configurar num pensar e rememorar com aspectos em comum, então, "os fatos passados assumem importância maior e acreditamos revivê-los com maior intensidade". (HALBWACHS, 2003)

Os aportes teóricos acerca do conceito de memória social halbwachsiano, relacionados aos sentidos polissêmicos, transdisciplinar, ético-político, processual e representacional abordados na obra, *O que é memória social*, sob a organização de Gondar e Dodebei (2005). Sobretudo, para os autores organizadores da coletânea de artigos que compõem o livro, o conceito de memória está relacionado a um processo de inter relações no social e surge por influências coletivas que interferem no modo de criação da rememoração. Deste modo, afirmamos que a recordação é um processo de criação etopoiética, do qual emergem fluxos informacionais do passado.

Compreendemos que os espaços culturais de recordação e as práticas de rememoração, são modos de preservar, armazenar e arquivar as lembranças. Como *thesaurus,* que compõem o patrimônio da memória, a expectativa da preservação está relacionada à escolha de valores de recordação e à capacidade de esquecimento. Sendo assim, "O que se seleciona para a recordação sempre está delineado por contornos de esquecimento". (ASSMANN, 2011, p. 427)

Os acontecimentos evocados através das práticas interculturais do grupo Waiwai são concebidos pelos *insights* que fluem no jogo de forças na memória, emergindo de "reservatórios" internos. (PÊCHEUX, 2007). Portanto, a gênese da cultura e da identidade da sociedade indígena desta abordagem etnográfica perpassa também pela apreensão do que cristalizou na memória deste povo.

No que se refere à colonização do Brasil, em uma perspectiva histórica, o "achamento" oficial, do Brasil no século XVI, marcou as conquistas do Estado Moderno Português com a instalação das novas rotas de navegação. Nesta época, houve significativas mudanças, através do desenvolvimento do capitalismo mercantil a uma escala transcontinental (MAURO, 1997)

O historiador francês Frédéric Mauro (1997), através de pesquisa baseada em uma abundante bibliografia e documentação, e, utilizando-se de registros notariais; judiciais, religiosos e administrativos, oriundos de arquivos particulares e públicos, analisa, com rigor, a economia colonial do Brasil. O autor também fornece ricas informações sobre o domínio da marinha portuguesa e um inventário sobre a geografia e sobre a sociologia da "nova" terra.

No início do século XVI, o Brasil destacou-se como o país dos troncos vermelhos ou violáceos, próprio para talhar móveis resistentes e preciosos. Segundo Mauro (1997, p. 163), o primeiro contrato de monopólio foi assinado no ano de 1501 com a validade de três anos sob a assinatura de Fernando de Noronha - um cristão convertido. A escravidão indígena também foi uma prática constante, assim, como os outros povos da Península. A captura dos indígenas, inicialmente tornou-se uma atividade essencial, principalmente, para os paulistas. Em seguida, expedições de reconhecimento de colonos do Nordeste, designada de período das Bandeiras, imbricaram-se para o interior ou ao longo da costa. O comércio do sal, desde 1534, já assinalava a existência de salinas em Pernambuco. No século XVI, a produção do óleo de baleia garantiu o comércio com os portugueses. E, no século XVII, a comercialização do açúcar do Brasil deu um novo "vigor" ao império português.

No que se refere à região Norte do Brasil, foco da nossa pesquisa, a historiografia é marcada por disputas entre Portugal, Espanha, França, Holanda e Inglaterra. Com o intuito de consolidar o Império Luso-Brasileiro, conforme os estudos de Maria B. N, Silva, 1986; José Silva, 1999, 2005 e Frédéric Mauro, 1997, que abordaram a História e a expansão Portuguesa nos séculos XVI, XVII, e XVIII no "Novo Mundo".

O rei Dom José entregou o comando das reformas da colônia ao Marquês de Pombal. O plano da monarquia centrou-se na reformulação da política ultramarina, priorizando objetivos para o domínio e para a soberania da região amazônica através de um novo modelo de colonização. Os aspectos principais englobam: a) nova estrutura político-administrativa; b) a questão da liberdade e da civilidade do índio; c) o conflito com os jesuítas; d) o repovoamento com colonos, índios e negros e a reorganização dos limites com a fundação de novos povoados. (SILVA, 2003).

O êxito do projeto colonizador pombalino, conforme Silva (2003) fundamenta-se em nova atitude dos colonos. Para esse intento ganhar a confiança dos indígenas e efetivamente torná-los vassalos do Rei, o monarca português instituiu novas legislações. A lei de 4 de abril de 1755 autorizou, aos portugueses, o casamento com índias, e, aos seus descendentes, deu-lhes a condição sociojurídica de igualdade a do reino de Portugal, com acesso à posse de terras, de títulos de nobreza e de cargos

públicos. E, a Lei de 6 de junho de 1755 declarou a liberdade total e sem reservas dos indígenas já integrados.[4]

A expansão da fé foi utilizada pela monarquia portuguesa como importante estratégia de controle dos povos indígenas. As missões religiosas entregues aos jesuítas, aos franciscanos, os carmelitas e aos mercedários, exerceram grande influência nos modos e nos costumes indígenas. Com a autorização da monarquia portuguesa, passaram a explorar a mão de obra dos nativos nas fazendas, na colheita e no transporte fluvial. Além disso, as ordens religiosas obtiveram controle do comércio com a isenção fiscal sobre os produtos exportados e importados. (SILVA, 2003, p. 163).

Nesta pesquisa, utilizamos a abordagem etnográfica abrangendo a utilização dos aportes teóricos da antropologia através da prática da observação participante e do diário de campo, que versaram sobre as categorias da memória e da identidade cultural do povo Waiwai com ênfase em sua tradição cultural. Para esse intento, foi importante buscar um conhecimento mais contextualizado sobre a colonização nas regiões guianense e no norte do Amazonas. (CUNHA, 1992).

O povo da etnia Waiwai, objeto do estudo, está concentrado nos estados do Amazonas, do Pará e de Roraima, na Região Norte do Brasil, e outra parte na Guiana Inglesa. Todavia, para fins desta pesquisa, adotamos como recorte a Terra Indígena Waiwai, da Comunidade Anauá, no estado de Roraima.

Conforme o Censo de 2010, a população auto declarada da etnia Waiwai no Brasil é de 2.290 (IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas)[5] e 130 na Guiana. Além da língua materna, falam a língua inglesa e português. Eles estão distribuídos entre as aldeias: *Xaari, Anauá, Cobra, Jatapuzinho, Katual* no estado de Roraima, *Kaoko ou Saúba, Santa Luzia, Kasximeuco ou Kaxmi, Trombetas/Mapuera,* entre os estados do Amazonas, Pará e Roraima e *Fonkurú, Tamirú, Kassawá, Inajá e Nhamundá/Mapuera* entre o Pará e o Amazonas.

[4] O arquivo com a coleção das leis, decretos e alvarás do reinado de D. José I, está disponível no Arquivo Ultramarino em Lisboa.

[5] Censo Demográfico, 2010: características gerais dos indígenas: resultado do universo. RJ-IBGE, periodicidade decenal. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=794&view=detalhes. Acesso em 01/09/2017 às 11h21.

A designação Waiwai não corresponde a uma única etnia, pois é uma questão cultural, na tradição do Waiwai, o casamento com etnias vizinhas diferentes, inclusive o rapto de mulheres nas guerras intertribais. E, de forma singular, o aldeamento compõe-se por diversas tribos, agregadas e com línguas diferentes destacando-se os: *Karafawyana; Kaxuyana; Hixkaryana; Mawayana; Karauyana; Katuenayana; Xerewyana.* O prefixo *Yana,* significa coletivo.

Na relação com o colonizador, as literaturas antropológicas apontam situações de trocas e de transmutação por parte dos povos indígenas através do câmbio de artefatos e de bens culturais. Uma contribuição importante, nesta linha de pensamento, é o livro *Pacificando o branco: cosmologia de contato no Norte da Amazônia* da editora Unesp (ALBERT; RAMOS, 2002).

Contudo, na região de nossa pesquisa há registros, na etnohistoriografia, em que determinados grupos afirmaram e mantiveram a sua resistência cultural sobre o sistema do colonizador. Conforme assevera Howard (2002, p. 28) "esses modos de resistências testemunham a tenacidade e a criatividade das culturas autóctones ante as forças que ameaçavam destruí-las."

No que se refere às estratégias Waiwai, os estudos de Howard (2002), confirmam que sempre houve formas de resistência para driblar a dominação. As alternativas encontradas já faziam parte da tradição deste grupo étnico. O modelo de trocas interétnicas dos Waiwai, por exemplo, antes da colonização, já era um costume comum. Eles procuravam meios de neutralizar o sistema social e econômico dos invasores. E conseguiam conter os efeitos das práticas econômicas europeias, incorporando-as na lógica do sistema social da aldeia, sendo os efeitos das trocas extensivas a todo o grupo.

As trocas eram compreendidas como transações conceitualizadas entre as mulheres (intra-aldeia) e os homens (extra-aldeia). A efetivação da troca seguia normas de sociabilidade (*tawake)* e de ênfase na criação de amizades. São exímios produtores do ralador de mandioca e da comercialização da castanha do Pará. É comum a troca e a captura de mulheres entre as tribos.

As atividades, na aldeia, são divididas da seguinte forma: os homens dedicam-se ao comércio, caça, pesca, confecção de cestos e produção do ralador para

exportação; as mulheres dedicam-se ao processamento da mandioca, e ao artesanato, como a moldagem da cerâmica. Já a extração da castanha é feita por todos. (ISA, 2016)

Para aumentar a comercialização da própria produção, os Waiwai, sob a orientação do Sebrae, Embrapa, Funai e Conab criaram a Associação do Povo *Ye'kuana* do Brasil (APIW). A organização favoreceu a criação do projeto entre a CONAB/FUNAI com ênfase na autonomia do grupo indígena, gerando o contrato de compra e venda da castanha do Brasil produzida pelos Waiwai. Então, desde 2011 a produção agrícola indígena, incorporou os cuidados com a qualidade do produto agregado às tecnologias.

Deste modo, o fenômeno informacional na memória cultural e nas práticas interculturais nos costumes do povo Waiwai está interrelacionado com os aspectos das tradições, transmutadas e agregadas também de outras culturas. Conforme Casal (1992), as práticas culturais, que perduram na intimidade do processo total de "ocidentalização", são desvios ou variações do que se considerou como "primitivo puro" os povos originários. Estereótipos presentes e materializados nas sociedades modernas e industrializadas.

No campo da Ciência da Informação, o foco são os processos informacionais que são apresentados a partir da rememoração por meio de artefatos e as práticas interculturais em lugares e espaços culturais de memória. Nestes, os meios armazenadores de informações memorialísticas, transmutam-se e configuram-se em memória cultural. Classificamos a pesquisa como investigação qualitativa e as suas possibilidades epistemológicas na disc, inter, multi, pluri e transdisciplinaridade da área da Ciência da Informação. Deste modo, o estudo envolve uma prática dialógica e polivocal, ou seja, "a sociedade é, por definição, um conjunto de centro de interesses que falam com muitas vozes o que a sua cultura é e não é"(ANGROSINO, 2009, p. 28).

O problema da pesquisa tem relação de interdependência com o significado dos contextos histórico, socioeconômico e cultural da realidade do grupo étnico. Nos apropriamos da prática da abordagem etnográfica da antropologia atrelada às

categorias de identidade cultural indígena, modo de vida, produção de artefatos em virtude da especificidade do objeto de pesquisa.

Os artefatos manuseados no quotidiano da rotina dos Waiwai, como os raladores de mandioca; a peneira; o tipiti, o jamanxin e etc. são objetos informacionais que possuem relação com a memória e com a identidade. Eles estão carregados de elementos, decifrações, e simbologias históricas. Também trazem, em si, uma existência social. Sobretudo, são fontes de evocações e de reminiscência, contextualizadas historicamente através da representação produzida a partir da experiência.

Com base em Gonzáles de Gomez (1993), Oliveira e Azevedo Netto (2007), compreendem o conceito de representação de três modos: a) o ontológico, baseado no intelecto ou intensidade qualitativa; b) o gnosiológico pela cotidianidade ou vivência prática; e o c) semiótico, fundado no signo. Este último, sendo, portanto, a interpretação e identificação dos valores designativos. Desse modo, a significação passa pelo viés da individualização e da particularização, conferida num determinado contexto do interpretante.

A metodologia adotada está fundamentada no paradigma antropológico-hermenêutico no esforço de compreensão da realidade complexa e múltipla (a ontologia) do povo Waiwai e da sua cultura (a matriz na antropologia), caracterizáveis pela sua esfera subjetiva e complexa. O método hermenêutico é definido como a arte de compreender textos (GADAMER, 1998) e a compreensão também envolve estabelecer relações para abstrair conclusões e para compreender contextos e lógicas. (MINAYO, 2015).

A estratégia geral da investigação está baseada na abordagem etnográfica. Portanto, por tratar-se de estudo de natureza qualitativa, para o seu desenvolvimento, necessitar-se-á da combinação de metodologias de modo a dar origem a um "modelo" híbrido. Não há uma sequência hierárquica e rígida no processo de *ethopoiesi* do conhecimento. Tentamos "compor" um corpo de pensamento, interligado a um *rizoma*, na qual os elementos teóricos e metodológicos compõem um conjunto de investigação na perspectiva da epistemologia da memória.

O caminho metodológico baseia-se nos estudos de: Bell (2004); Muller (2007; Marques (2006); Duque (2015); Yin (2003); Zimmerman (1977). A escolha da estratégia metodológica em cada etapa da investigação foi de acordo com a natureza da realidade a ser estudada, e também da sua complexidade e da sua contextualização. Por tratar-se de uma "amostra" não estatística, e, sobretudo, pela diversidade do local em que se encontram os sujeitos da investigação, ou seja, a T. I. Waiwai. Eles estão distribuídos em espaços urbano e rural (aldeia), utilizamos também da técnica etnográfica como estratégia para complementar e caracterizar o objeto com o sentido de aprofundarmos o conhecimento acerca da problemática.

A metodologia etnográfica caracteriza-se pelas incertezas e pelas contradições. Isso porque a imersão, no campo, envolve experiências emocionais não planejadas. Angrosino (2009) orienta que tenhamos a mente aberta e a flexibilidade para escolher cautelosamente as pretensões no campo. A mente aberta significa compreender o Outro (Alteridade), entrelaçado a um mundo (Cosmologia), que nunca havíamos percebido ou experienciado.

O fazer etnográfico está intrinsecamente relacionado à compreensão da cultura dos atores sociais pesquisados. Entendemos então, que a produção do conhecimento, oriundo da prática da etnografia está inserido no campo da Ciência Interpretativa, nos moldes de Geertz (2008). Para ele, o campo da pesquisa etnográfica está em uma hierarquia estratificada de estruturas de significantes, as quais são produzidas, percebidas e interpretadas.

Nos moldes do antropólogo, para o fazer etnográfico, é necessário criar relações, selecionar os informantes, transcrever e traduzir a simbologia dos costumes, mapear campos, descrever genealogia e diários. Para complementar estas técnicas é preciso considerar o processo de *etnopoiesis* artesanal, ou seja, os caminhos do pesquisador para a produção do conhecimento em suas variadas etapas, desde a coleta, interpretação, e sistematização das análises. Para Geertz, 2014, p. 10-11):

> A antropologia sempre teve um sentido muito aguçado de que aquilo que se vê depende do lugar em que foi visto, e das outras coisas que foram vistas ao mesmo tempo. Para o etnógrafo, remexendo na maquinaria de ideias passadas, as formas do saber são sempre e

> inevitavelmente locais, inseparáveis de seus instrumentos e de seus invólucros. Pode-se, é claro, obscurecer essa realidade com o véu de uma retórica ecumênica, ou embasá-la, *ad infinitum,* com teoria. Mas não podemos fazer com que simplesmente desapareça.

No que concerne a coleta dos dados, esta implica também em desvendar uma estrutura superposta de inferências. Segundo Geertz (2014), é uma tarefa de desvendar o *status* epistemológico do senso comum em busca de um "entendimento do entendimento", que ele designa de hermenêutica cultural. Denominamos de *Etnopoiesis* etnográfica, sendo a inspiração para "artesanalmente" criar um relato interpretativo ou traduzido da realidade cultural da sociedade em estudo, no caso, o povo Waiwai.

A análise das etnoinformações visa decifrar as estruturas de significação das práticas interculturais, as quais são coletadas através de rotinas automatizadas no campo, e que são compostas por diversas estruturas conceituais complexas, sobrepostas e amarradas entre si. Então, o ofício do fazer na etnografia é como tentar ler de um manuscrito estranho, envelhecido pelo tempo, cheio de rasuras indecifráveis, de emendas implícitas, em que o pesquisador precisa primeiro apreender os dados, para em sequência, apresentá-lo (GEERTZ, 2008).

A abordagem etnográfica significa a prática de descrição densa da cultura de um povo. Compreendendo a cultura como fenômeno aprendido, compartilhado e transmitida através de processos socioculturais entre gerações. Ou seja, é a tentativa de 'capturar' o modo de vida, incluindo o sistema de crenças, valores e ideias, tradição a organização social, e as formas de visão de mundo: cosmologias. Os dados "brutos" têm o formato de escrita descritiva, ou dados fotográficos e videográficos com a incorporação de artefatos da utilização habitual dos povos no *corpus analítico*. Na prática etnográfica, o pesquisador interpreta e analisa as simbologias da cultura tentando conferir-lhe significados. (BARRETT, 2015)

A prática etnográfica exige o trabalho de campo através do método da observação participante (inserção no campo da pesquisa com o intuito de obter informações das estruturas de significados das práticas interculturais do povo

Waiwai). Isso implica numa imersão direta e pessoal na atividade do grupo através da observação participante na comunidade da aldeia Waiwai e no INSIKIRAN.

Para realizar a etapa etnográfica, fiquei um período de quatro meses na cidade de Boa Vista, Roraima, com inserções entre as áreas urbana e rural, sendo a urbana, o Institudo de Formação Superior Indígena (INSIKIRAN), localizado na Universidade Federal de Roraima e, no rural, a T. I. Waiwai, da comunidade *Anauá*, localizada ao sul do estado, às margens do rio *Anauá*.

A **pesquisa no campo** foi feita a partir da vivência no cotidiano do grupo. Utilizamos de técnicas associadas à etnografia com ênfase na interpretação e na compreensão da identidade cultural do povo Waiwai numa interação com os sujeitos.

O princípio do método da abordagem etnográfica esteve relacionado às seguintes orientações: a) guiamo-nos por objetivos científicos inseridos em normas e em critérios etnográficos; b) criamos as condições de produção da pesquisa (passamos um período na Terra Indígena com o grupo étnico Waiwai). O cientista, assim como o literato, tende a ver a humanidade somente em abstrato, selecionando para suas consideraçõ̃es apenas um aspecto dos muitos que caracterizam o ser humano em sua complexidade" (MALINOWSKI, 1984, p. 6).

As técnicas utilizadas foram baseadas em duas perspectivas: 1) Na **observação direta**, onde o pesquisador é o agente ativo da descrição no diário de campo; capta vídeos, áudios e fotografias; 2) Na **observação indireta,** em que o pesquisado é o agente "passivo" e responderá às questões colocadas verbalmente pelo pesquisador durante a abordagem etnográfica; também colabora na escrita de um diário, com narrativas que englobam o próprio cotidiano, com a sugestão de tópicos e temáticas livres (escrita de si).

A análise documental envolveu a Legislação vigente sobre a territorialidade da etnia (terra indígena homologada pelo Decreto s/n de 24/06/2003), Literatura sobre os Waiwai, jornais, material censitário, fotografias e etc.); artefatos da produção indígena. Já a análise dos dados foi a partir da análise do método hermenêutico, ou seja, é interpretativa em razão da investigação ser dirigida para a análise das representações da memória e da identidade cultural indígena como fenômeno social

e suas relações com o tempo sócio cultural (LÜDKE e ANDRÉ, 1986). Neste sentido, a escrita na abordagem etnográfica, como aponta Oliveira (2000, p. 12), é muito mais do que a mera tentativa de exposição de um saber, é, sobretudo, um fazer criativo, em que o pesquisador produzirá, a partir da escrita e da interpretação dos dados, novos conhecimentos.

A informação indígena é uma temática emergente na área da Ciência da Informação. A tese de Paiva (2013), intitulada, *Narrativas indígenas*: construindo identidades e constituindo-se em fontes de informação, defendida na área de Linguística é uma importante contribuição, especialmente considerando o lugar citado pela autora. Essa também possui artigos sobre a temática da informação indígena apresentados nos Encontros Nacionais de Pesquisa em Ciência da Informação, nos anos de 2015; 2016, apesar da existência desses artigos há ainda uma carência de estudos voltados para a relação entre Ciência da Informação e os povos indígenas no que concernem as memórias e as identidades. Existe também, produtividade com a subcategoria temática indígena, conforme os anais dos Encontros Nacionais de Pesquisas em Ciências da Informação: Paiva (2105), Paiva; Ramalho; Carvalho (2016), Pinheiro; Oliveira (2016), Oliveira; Albuquerque; Pinheiro (2017).

A pesquisa foi fundamentada em um referencial teórico sobre os conceitos de memória e identidade. O quadro teórico de análise dos dados apresenta reflexões em torno da Epistemologia da memória, que abrange aspectos históricos, sociais, econômicos, políticos e culturais. Face ao exposto, traçamos como **pergunta norteadora** da pesquisa, *Como a identidade cultural do povo Waiwai, em particular, os da Comunidade Anauá/RR, estão presentificadas nos processos informemoriais e na etnomemória coletiva da etnia, considerando as influências da colonização portuguesa?*

Essa propositura parte da **premissa** que o processo de colonização portuguesa influenciou e alterou a identidade cultural do indígena brasileiro a partir do contatos intercultural. Neste sentido, compreendemos que a noção de identidade cultural indígena se presentifica na produção de informações através das práticas tradicionais interculturais, vivenciadas de geração em geração e que sofrem a transmutação em variados espaços e tempos. A evocação e ressignificação das práticas interculturais

auxiliam nas construções identitárias que se cristalizam na memória individual e coletiva do povo Waiwai do norte do Brasil.

Com vistas a responder a questão norteadora e a premissa de pesquisa, traçamos os seguintes objetivos: **objetivo Geral***:* analisar os processos informemoriais que tecem os fios da complexa etnomemória indígena e a identidade cultural Waiwai da Comunidade Anauá, na Terra Indígena Waiwai, localizada no estado de Roraima.

E como **objetivos especificos**: a) identificar as representações da identidade cultural indígena em narrativas dos diários de viagens do século XVI, considerando-as como elementos informacionais que fundamentam a matriz da memória e tradição da cultura dos indígenas brasileiros; b) classificar as especificidades da identidade cultural do povo Waiwai do Norte do Brasil, a partir da vivência direta com a realidade do grupo; c) categorizar os aspectos da identidade cultural dos indígenas Waiwai, de Roraima.

A pesquisa tem suas bases em contribuições epistemológicas amplas, enfocando o sentido dinâmico da transmutação da identidade cultural indígena no processo de aculturação do povo Waiwai. Tem suas matrizes *à priori,* a partir dos contextos sociais, político, econômico e cultural do povo Waiwai do Norte do Brasil. Contudo, consideramos a importância da mediação das tecnologias na rapidez do processo infocomunicacional e, principalmente, do necessário "alargamento" através da contribuição da ciência aberta na construção do processo de tradução e criação da *poiese* artesanal do conhecimento.

Quanto à estrutura está dividida em duas etapas que se subdividem em cinco capítulos. O **primeiro (Introdução)** intitulado *EKENÎ (*LOCAL*): retorno à origem, reencontro com o objeto de estudo,* descreve as motivações pessoais e teóricas, a problematização, abordagem metodológica e os objetivos. Compondo a primeria etapa:

Na primeira etapa (parte), designada de *ESAMA* tecemos considerações sobre as escolhas teórico-metodológicas. O **segundo** capítulo, *ETARISO (*ANDAR), buscamos a fundamentação no que chamamos de paradigma Hermenêutico-antropológico na medida em que descrevendo interpretamos os dados da pesquisa.

Neste cabedal de saberes, a Ciência da Informação é o suporte facilitador das possibilidades epistemológicas.

O **terceiro** capítulo, com o título de *ESAMARÎ* (RASTRO): processos informemoriais dos povos originários, trata da *Epistemologia da memória: Os rastros indígenas entre o Amazonas e Roraima;* sobre a *Colonização Brasileira e a identidade cultural indígena*; os *Diários e relatórios de viajantes*, esmiuçando sobre a obra, *Cartas do Brasil 1549 - 1560,* do padre Manuel da Nóbrega. E, fechando tratamos sobre a obra, *Cartas:* correspondência ativa e passiva do padre José de Anchieta.

A segunda etapa (parte), designamos de *PORIN TUUNA YEEPU,* que significa grande rio, navegamos nas águas da transculturalidade indígena e engloba o **quarto** capítulo, intitulado *ROOWO* (TERRA), aborda a (des) territorialidade e a cosmologia Waiwai versando sobre a escrita e análise dos dados etnográficos acerca da etnia Waiwai**,** focando na memória e na identidade cultural. Analiza o ritual *kynyi areruia***,** desde a origem da conversão indígena e a sua fusão na cultura. Trata sobre o modo de vida Waiwai.

O **quinto** capítulo, *ITORENO MKO* (COMUNIDADE), destaca a etnoidentidade, a cultura e as *Práticas informemoriais da comunidade Anauá. C*ontempla os dados etnográficos, através da análise e sistematização das etnoinformações coletadas através das variadas técnicas, sendo os diários com o conteúdo das anotações e desenhos produzidos, entrevistas de vídeo e áudio, imagens fotográficas.

Nos **apêndices** como contribuição produzimos um Etnoalfabeto contendo as principais expressões da língua Waiwai (APÊNDICE A). E, um pequeno glossário etnolinguístico (APÊNDICE B) junto com a colaboração do professor Alexandre Aniceto Waiwai. Como contribuição visual, destacamos algumas fotografias para que os leitores vislumbrem a partir de suas impressões visuais a nossa experiência "etnográfica", que intitulamos de *YUKUKNON KAXAPU* - ICONOGRAFIA (APÊNDICE C). A ordem das imagens estão atreladas à criação de categorias com uma breve explicação.

No **anexo** incluímos o dicionário Uai-Uai – Português de Robert Hawkins, missionário da MEVA (Missão Evangélica da Amazônia), podendo ser observada a forma complexa de compreensão da língua Waiwai.

PRIMEIRA PARTE

ESAMA: CAMINHO TEÓRIO-METODOLÓGICO



Comunidade Anauá, T. I. Waiwai de Roraima
Foto: Mariza Pinheiro, 2018.

2 *ETARISO*[6]: POR QUAL CAMINHO?

> *Assim acontece com a pessoa waiwai que negligencia sua condição de membro social da tribo. Um recurso ritual necessário utilizado para "refrescar" a memória do próprio waiwai, e mantê-lo vigilante, é o processo contínuo de waiwaização da pessoa. É um ritual que objetiva, recria e estandarliza a perseguição ao athos que lhes é próprio. Não obstante, os waiwai têm demonstrado quão grande tem sido a sua luta de resistência e, ao mesmo tempo, de percepção do mundo exterior, no sentido de dele se utilizar e também se defender. (SOUZA, 1998, p. 214)*



No caminho trilhado buscou-se as bases e matrizes desde a minha infância. Nas reminiscências fragmentadas, nos *insights* da minha memória, relembrando os rastros dos lugares vividos, nas fazendas, nos lavrados, nos abundantes rios e seus afluentes, nas cachoeiras, as brincadeiras ao pé das serras. Identifico uma forte conexão com o objeto pesquisado. Sobretudo, percebo-me em cada fisionomia indígena, muito comum na região. Tenho a sensação de retorno à casa, à grande família da ancestralidade. E, de súbito, desde o início, esvairou em mim, um sentimento de pertencimento, uma relação umbilical com a temática, com a etnohistória, com a etnomemória e com a etnoidentidade cultural do povo Waiwai, e reafirmo a frase: "somos todos indígenas, nesta terra" e pergunto: Que trilhas e caminho teórico-metodológico seguir, ou inspirar-me?

Então, na construção do caminho teórico, consideramos que a ciência não controla sua própria estrutura de pensamento. Consideramos sobretudo, que o conhecimento científico é algo que não se conhece, como afirma Morin (2014, p. 20).

[6] Andar - tradução baseada no glossário etnolinguístico Waiwai (APÊNDICE B).

A construção teórico-metodológica é um *corpus* complexo formulado a partir de um processo de recriação intelectual permanente.

> Uma teoria não é o conhecimento; ela permite o conhecimento. Uma teoria não é uma chegada; é a possibilidade de uma partida. Uma teoria não é uma solução; é a possibilidade de tratar um problema. Em outras palavras, uma teoria só realiza seu papel cognitivo, só ganha vida com o pleno emprego da atividade mental do sujeito. É essa intervenção do sujeito que dá ao termo *método* seu papel indispensável. (MORIN, 2014, p. 335)

Nesta mentalidade de produção do conhecimento como um fazer semelhante a um artesanato intelectual, adotamos o paradigma designado antropológico-hermenêutico como alternativa teórico-metodológica da pesquisa, já proposta e utilizado na área da Antropologia interpretativa pós-moderna (GEERTZ, 2008, 2014).

Nesta configuração pós-moderna de Ciência, adotamos como análise a teoria cognitiva, hermenêutica e semiótica penetrando em várias disciplinas para compreender e analisar o objeto ou temática da pesquisa. Deste modo, o paradigma favorece e aproxima a epistemologia da Ciência da informação nos aportes dis, inter, multi e transdisciplinar. No caso, o paradigma hermenêutico-antropológico proposto nesta pesquisa, com o objeto inserido na Antropologia é a corrente teórica fundamentada nos autores: a) Hermenêutica – Gadamer e Ricoeur; b) Antropologia: Clifford Geertz (2008, 2014); Viveiros de Castro (2002); Darcy Ribeiro (1999); Kopenawa e Albert (2015), Souza (1998) entre outros.

Compreendemos que as análises não impõem "verdades" absolutas, mas baseiam-se nas condições do diálogo e da linguagem na fase etnográfica, fixando-se como uma "leitura/tradução" do próprio pesquisador sobre suas observações e escritas, quanto à "leitura interpretativa" das observações e escrita dos sujeitos da pesquisados.

Desse modo, a teoria adotada dá forma, ordem e organização própria aos dados coletados baseados nos meios de observação e experimentação novos, o que poderá favorecer o surgimento de novos conhecimentos por ora tidos como invisíveis ou desconhecidos na área da Ciência da Informação.

2.1 A Ciência da Informação e as possibilidades epistemológicas

> *Com efeito, as teorias científicas dão formas, ordem e organização aos dados verificados em que se baseiam e, por isso, são sistemas de ideias, construções do espírito que se aplicam aos dados para lhes serem adequadas. Mas, incessantemente, meios de observação ou de experimentação novos, ou uma nova atenção, fazem surgir dados desconhecidos, invisíveis. As teorias, então, deixam de ser adequadas e, se não for possível ampliá-las, é necessário inventar outras, novas. (MORIN, 2014, p. 22)*

> *A partir da antropologia, por outro lado, começou-se a suspeitar que, muito além da epistemologia, a operação de demarcação, como operação definidora dos critérios de inclusão e de exclusão de um saber na esfera da racionalidade, teria estado historicamente a serviço de outra operação, cultural e ontológica, que a transcendia. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2001, p. 8).*

A compreensão da influência da colonização portuguesa na identidade cultural indígena brasileira, em particular a partir dos espaços de recordação e das práticas interculturais dos indígenas *Waiwai*, do Brasil, se funda no âmbito da epistemologia, um saber científico. O cabedal de conhecimento adquirido sistematiza e traz à tona, a elucidação de conceitos filosóficos empregados em diversas ciências. Também ajuda a resolver problemas científicos e a reconstruir teorias científicas de maneira axiomática.

A Ciência da Informação é um sistema de captura teórico-metodológico pautado pela diversidade de possibilidades epistemológicas que englobam pesquisas disciplinares, inter, multi, pluri e transdisciplinares. Conforme Capurro e Hjorland (2007, p. 193), "muitas abordagens envolvem conceitos implícitos ou vagos que devem ser esclarecidos".

Dessa forma, podemos aferir que, dentro da Ciência da Informação, o fenômeno infocomunicacional é estudado a partir de uma "transgressão metodológica", nos termos de Smith e Tálamo (2007), como um sistema "aberto", que abrange movimentos que ultrapassam a abordagem disciplinar.

A transdisciplinaridade surge como alternativa metodológica com base em novos espaços de realidade, oportunizando o diálogo entre várias disciplinas afins ou não. Quando entram em contato, os conceitos transmutam-se em novos conhecimentos, em uma simbiose de destruição e reconstrução, em uma intensa migração de um campo para o outro. (DOMINGUES, 2001, 2005).

Os estudos epistemológicos na área da Ciência da Informação, desde sua criação tinham como principal preocupação ações de captura e apropriação interdisciplinar nas pesquisas. Estas deveriam atender a quatro pontos, conforme preceitua Teixeira (2004): 1) organização e coordenação - através de um coletivo de pesquisadores de instituições diferentes; 2) comunicação e linguagem - a comunicação efetiva entre pesquisadores de disciplinas diferentes; 3) ciência e epistemologia - a abordagem de objetos além dos recortes habituais, pensando relações, interfaces e conjunto de fenômenos em torno de uma problemática comum; e, 4) interdisciplinaridade e certificação científica - a avaliação científica como parte da prática científica no "tribunal dos pares" como um momento de reflexão e evolução de importantes discussões do processo de pesquisa.

A definição de um paradigma já determinado na Ciência, constitui como um conceito soberano, que governa as concepções e as teorias científicas. Desta forma, hoje, as diferentes áreas tendem a serem concebidas, não de modo excludente ou antagônico, mas de forma complementar.

Desse modo, as "novas" possibilidades epistemológias transcendem a disciplinarização possibilitando construções que extrapolam o enclausuramento e a fragmentação do saber por áreas específicas e que muitas vezes, isolam-se em suas próprias teorias. É preciso ir além, primando pelo alargamento da produção do conhecimento e da construção de "novos" aglomerados disciplinares.

Em *A cabeça bem feita* Morin (2008, p. 107) assevera:

> [...] pode-se dizer de pronto que a história das ciências não se restringe à da constituição e proliferação das disciplinas, mas abrange, ao mesmo tempo, a das rupturas entre as fronteiras disciplinares, da invasão de um problema de uma disciplina por outra, de circulação de conceitos, de formação de disciplinas híbridas que acabam tornando-se autônomas; enfim, é também a história da

> formação de complexos, onde diferentes disciplinas vão ser agregadas e aglutinadas.

A necessidade do paradigma transdisciplinar, segundo Sommerman (1999, p.2) tem origem:

> Fundamentalmente em cinco motivos: 1) para contrapor-se às sucessivas rupturas epistemológicas pelas quais o Ocidente passou desde o séc. XIII; 2) para contrapor-se à redução cada vez maior do real e do sujeito; 3) para contrapor-se à fragmentação cada vez maior do saber; 4) para levar em conta os dados da ciência contemporânea (física quântica, biologia, genética, neurologia...); 5) para reencontrar a unidade do conhecimento.

A transdisciplinaridade surgiu como uma nova ruptura epistemológica, com a perspectiva de integração. Em linhas gerais, é importante considerar que, no séc. XIII surgiram os indícios do pensamento dualista que eclodiu no séc. XVII. Nas primeiras décadas do século XX originou-se o debate sobre o pensamento transdisciplinar, que se intensificou somente na primeira década do século XXI. (SOMMERMAN, 1999).

Depois que foi enunciado pela primeira vez, em 1970, o termo ***trans*** é retomado nas discussões do Colóquio "*A Ciência diante das fronteiras do conhecimento*", planejado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), na cidade de Veneza, com a participação de vários cientistas, inclusive dois prêmios Nobel.

O evento resultou na *Declaração de Veneza,* considerado o primeiro documento sobre transdisciplinaridade. Nesse, os pesquisadores criticaram as correntes epistemológicas determinista, positivista e niilista, bem como os limites impostos pelas mesmas ao conhecimento científico. Recusaram qualquer projeto globalizante ou sistema fechado de pensamento. Reconheceram a urgência de uma prática de troca dinâmica entre as ciências exatas, as ciências humanas, a arte e a tradição, e, sobretudo, o estímulo do diálogo intercultural.

Para Morin (2014), o "fazer transdisciplinar" é uma práxis que permeia o desenvolvimento da ciência desde o século XVII, marcada por grandes colaborações

de importantes nomes como Newton, Maxwell, Einstein, envolvidas nas filosofias do empirismo, positivismo, pragmatismo ou por teóricos do marxismo, freudismo e outras correntes.

A conjuntura evidenciada pela "ordem do caos" na atualidade, exige de nós o pensar/repensar o saber, sem considerar a quantidade de conhecimento como nos séculos XVIII e XIX, porque o desenvolvimento da ciência não se efetua por acumulação, mas por transformação dos princípios que organizam o saber.

A noção epistemológica de informação adotada está relacionada à Ciência da Informação, considerando que:

> A informação é vista como objeto empírico complexo que se circunscreve em todos os espaços do saber e da cultura, e, nesse sentido, requer uma construção teórico-metodológica que dê cobertura à multiplicidade dessa realidade desconexa. (SOUZA, 2015, p. 199).

Informação pode ter significados distintos, é um fenômeno – simplesmente acontece. Etimologicamente significa dar forma a algo, é um esboço. Belkin e Robertson (1979) a definem como "o que é capaz de transformar estruturas [de conhecimento]". Para Kobashi e Tálamo (2003, p. 9) ela pode ser considerada como "[...] um dos elementos básicos para a inteligibilidade dos processos sejam eles naturais ou culturais".

Ao tempo que a informação é complexa, há também uma fragilidade no termo, e ambas se configuram em um grande desafio a ser superado. Nesse sentido as disciplinas devem identificar na informação o seu objeto específico, visto que segundo Mattos e Matos (2012, p. 61) "[...] sempre a informação está cercada de um contexto".

Possível de ser encontrada em todas as áreas das ciências, a informação pode ser entendida como um objeto polissêmico em função da sua multiplicidade de sentidos, contextos e significados adquiridos nas mais distintas disciplinas com as quais está relacionada.

E o que vem a ser polissemia? O termo polissemia é um conceito da área de linguística que denota "[...] a pluralidade de significados de uma palavra ou de qualquer outro signo linguístico" como também os "[...] significados contidos numa mensagem para além da natureza dos seus signos. " (REVISTA CONCEITO, 2011). O termo tem origem no grego *polysenos* (algo que tem muitos significados), logo uma palavra é polissêmica quando pode representar diferentes significados de acordo com o contexto em que está inserida. Usado na análise semântica, caracteriza no léxico o termo com variedade de significações diferentes.

Porquanto, a polissemia pode surgir por diversos motivos e reunir vários significados, assim também ocorre com os conceitos de informação nas áreas do conhecimento. Há uma complexidade em abordá-la, principalmente nessa sociedade contemporânea caracterizada pelos fluxos da informação em escala global, propiciando que a informação esteja em todos os lugares e em diversas fontes, como no PIB de um país, no prontuário de paciente, em uma fórmula matemática, em uma matéria de jornal.

Em áreas como a arquivologia, biblioteconomia e museologia que atuam com a preservação da memória e na organização do acesso à informação, o fluxo informacional apresenta características específicas: nos arquivos a informação é comprobatória, nas bibliotecas, a informação é organizada para facilitar o acesso; já os museus, como equipamentos culturais, também atuam como produtores de informações.

Deste modo, segue-se a concepção de informação nos moldes asseverada por Azevedo Netto (2007) entendendo como um fenômeno de produção de significados socialmente aceitos, um bem simbólico numa malha de fluxos de disseminação e consumo.

O entendimento dinâmico do paradigma social na Ciência da Informação, o qual envolve a dimensão sociocultural da noção de informação está enredado em uma teia hermenêutica e semiótica que aglutina vertentes simbólicas, cognitivas, contextuais e as sociais.

A pesquisa em foco aborda o movimento indenitário e sociocultural da comunidade Waiwai Anauá de Roraima, buscando apreender as percepções do

grupo e suas práticas compartilhadas no coletivo dentro da Terra Indígena Waiwai/RR que representam a cosmologia do povo em estudo.

Compreendemos, então, a informação como um processo entre humanos e não humanos, através da afecção sensorial, seja no processo inforcomunicativo ou no contato contemplativo com o grupo e suas práticas e seus artefatos.

O conceito de Ciência da Informação adotado constitui-se nos moldes de Ciência pós-moderna. Coaduna-se com o entendimento que sua emergência se deu em virtude do movimento de superação da crise do paradigma dominante que predominou desde o século XVII, sobretudo, pela superação do racionalismo cartesiano, da busca da ordem, movimentos provocados pelas crises e a evolução e a aplicação do conhecimento científico. (ARAÚJO, 2003)

O acesso à informação em termo quantitativo tem um fluxo exorbitante de possibilidades de dados. Vivemos em um mundo em simbiose constante, que se metamorfoseia, se corporifica através de variados meios e formas representacionais. A potência libertadora do fluxo informacional não traça limites de disseminação.

Na contemporaneidade o tempo é marcado pela instantaneidade, no qual a duração torna-se um risco, assim como o que é volumoso, sólido e pesado impedem e restringem o movimento. A fragmentação é a ordem que domina o universo informacional pós-moderno. A velocidade impulsiona o desejo da mudança rápida, "de preferência inconsequente e episódica". (BAUMAN, 1998; 1999; 2001)

2.2 Entre a memória e a história: a representação da informação

O conceito de representação da Informação utilizado na pesquisa, tem o sentido de "tradução" com o significado de dar um sentido interpretativo a uma unidade. Sobre a "tradução", o artigo de Sullivan (2008) destaca três relevantes dimensões do processo: 1) o tradutor; 2) a tradução; 3) e o veredito sobre a "traição" que envolve o processo. Ele dá ênfase na terceira seção que trata de três aspectos da "traição" na tradução em si. Primeiro, a "traição" na escolha das palavras, carregadas de sentimentos ou cheias de referências culturais; segundo, a leitura e interpretação

do tradutor têm de ir além da leitura e impressão literal; terceiro, podemos transferir nossas ideias e culturas para a tradução.

Temos consciência das limitações como tradutoras-interpretadoras dos dados coletados e vivenciados no campo da pesquisa, com a intenção de apresentar e descrever nas análises uma aproximação possível do que foi experienciado. Para esse intento, assumimos o compromisso da análise hermenêutica cultural (GEERTZ, 2014).

No que se refere à representação ou à apresentação que o outro faz de si mesmo está ligada ao passado, e, como atores conscientes, essas histórias mudarão de acordo com o contexto" (FRANKHAM; MACRAE, 2015, p. 70). Deste modo, a autora enfatiza a representação da informação como uma ação comunicativa a partir de contextos de produção e de utilização que organizam a "teia" do conhecimento.

Já no processo de representação da informação é preciso utilizar-se de variados meios. No escopo da tese se considera a perspectiva conceitual de representação sociocultural, tendo como matriz os aportes teóricos das Ciências Sociais. Como exemplificação, destacamos as informações do contexto da América no século XVI, onde predominava o eurocentrismo como um sistema de círculos concêntricos. À medida que o sujeito se afasta do "centro habitacional", interpretava o "Outro", como uma aberração ou estranheza. Os povos originários, foram compreendidos como selvagens, culminando com a adjetivação de "monstruosidades" que habitavam o novo mundo. Américo Vespúcio (s/d), assim, descreveu em sua carta de 1502:

> […] y la gente como nos vio saltar a tierra, y conoció que éramos gente diferente de su naturaleza, porque ellos no tienen barba alguna, ni visten ningún ropaje, así los hombres como las mujeres, que van como salieron del vientre de su madre, que no se cubren vergüenza ninguna, y así por la diferencia del color, porque ellos son de color como pardo o leonado y nosotros blanco, de modo que teniendo miedo de nosotros, todos se metieron en el bosque, y con gran trabajo por medio de signos les dimos seguridades y platicamos con ellos; y encontramos que eran de una raza que se dicen caníbales, y que casi la mayor parte de esta generación, o todos, viven de carne humana, y esto téngalo por cierto Vuestra Magnificencia. No se comen entre ellos, sino que navegan en ciertas embarcaciones que tienen, y que se

> llaman canoas, y van a traer presa de las islas o tierras comarcanas, de una generación enemiga de ellos y de otra generación que no es la suya. No comen mujer alguna salvo que las tengan como extrañas, y de esto tuvimos la certeza en muchas partes donde encontramos tal gente, porque nos sucedió muchas veces ver los huesos y cabezas de algunos que se habían comido, y ellos no lo niegan: y además lo afirman así sus enemigos, que están continuamente atemorizados por ellos. Son gente de gentil disposición y de buena estatura: van totalmente desnudo; sus armas son armas de saeta, y llevan éstas, y rodelas, y son gente esforzada y de mucho ánimo.
> Son grandísimos flecheros: en conclusión tratamos con ellos y nos llevaron a una población suya, que se hallaba como dos leguas tierra adentro, y nos dieron de almorzar y cualquier cosa que les pedía, enseguida la daban, creo más por miedo que por buena voluntad: y después de haber estado con ellos un día entero, volvimos a los navíos quedando amigos con ellos.[7]

As primeiras imagens, lugares, espaços, ambientes sociais e literatura sobre os povos originários no "Novo mundo" estiveram atreladas a um sentido de docilidade que provocou o sentimento de espanto e deslumbramento ao mesmo tempo.

Retomando a explicação conceitual acerca da Chartier (1991, p. 184) quando ele diz que há, na representação, dois sentidos de formas contraditórias: a ausência e a presença. Ou seja, a representação é a substituição do objeto ausente, por uma "imagem" ou um outro capaz de presentificar na memória, transmutando-o para a mente como uma presença. Os manequins construídos em cera, madeira ou couro das urnas sepulcrais monárquicas são exemplificações citadas pelo autor. Assim como o destaque dado aos funerais dos soberanos, portanto, vê-se a representação da efígie ou o leito fúnebre vazio e recoberto por um lençol mortuário que representa o defunto. Outras representações fazem a relação com valores entre o signo visível e o referente significado, como na relação: leão = poder.

A reflexão representada, segundo Chartier (1991), decorre da reflexão metodológica com raízes em uma prática particular, ou seja, em um lugar específico de trabalho que depende dos fundamentos epistemológicos e técnicos de cada área.

[7]Fonte sem data da publicação, site: El Libro Total – La Biblioteca de América. Disponível em: http:www.ellibrototal.com/total/?t=1&d=5248_5202_1_1_5248. Acesso em 09/08/2017 às 15h53.

Do mesmo modo, a forma organizacional do objeto, esquema, imagem, pensamento, entre outros, representada, varia a partir da própria "tradução".

Geertz (2014, p. 155) compreende os enigmas da interpretação, diferente da tradução, como um processo de desvendamento de invólucros, formado por significados em um sistema de expressão que ele designa de hermenêutica cultural, como uma etnografia do pensamento. Neste processo há implicações práticas que fluem da noção de que o pensamento deve ser compreendido etnograficamente.

Na Ciência da Informação, os conceitos de memória, recordação conforme assevera Nora (2006) funcionam como registros diferenciados da História, apesar das relações estreitas entre ambos. O conceito de memória está relacionado à recordação de um passado vivido e "imaginado". Ela é sempre ancorada por grupos que experienciaram os fatos e, ou, creem o haver feito. Ela é por natureza *afetiva*, emotiva, aberta às transformações, vulnerável a toda manipulação, suscetível de permanecer latente durante anos e de bruscos despertares. E, principalmente, a memória é um fenômeno coletivo. Ao contrário do conceito de História, este, é sempre uma versão problemática e incompleta do que existiu. Ela é baseada em rastros controlados e entrecruzados, em dados comparados. Busca reconstituir o passado, em um formato explicativo. Já a memória é sempre transitória, depende em grande parte do desejo de evocação das informações que emergem através das reminiscências dos atores do processo que os válida.

No caso da pesquisa em si, buscou-se os rastros da identidade cultural Waiwai através das práticas evocadas durante a expressão da tradição dos seus costumes, tanto no cotidiano da vida diária quanto nas executadas nos momentos de festividades. Todas as práticas interculturais têm como princípio a memória, por via da cultura imaterial e da própria tradição (ritos e costumes).

Para o antropólogo Candau (2005), a memória tem por objeto ou atributo: a) As representações partilhadas do passado; b) As circunstâncias de sua emergência, ou seja, suas expressões concretas, particulares e observáveis; c) O que os membros dos grupos e das sociedades analisadas dizem acerca dessas representações. Na sua obra *Memória e identidade* (CANDAU, 2012) o autor destaca algumas modalidades de "transmissão" da memória individual às formas coletivas. Ele apresenta três aspectos

interessantes: 1): transmitir e receber; 2): fundar e construir; 3) o esgotamento e colapso.

Sobre a transmissão profusa, Candau (2005) chama a atenção para as imensas sobrecargas memoriais, que muitas vezes, tornam os indivíduos incapazes de conferir sentidos às informações adquiridas, tornando-as apenas apresentadas, mas raramente representadas. Já na transmissão *proto* memorial, há uma orientação e conformação sempre parcial das representações. Deste modo, podemos entender a "transmissão" da tradição cultural como a articulação entre transmissão proto-memorial x memorial, como a tradição religiosa, sendo este um sistema organizado de saberes interculturais.

As práticas interculturais coletivas de rememoração e disseminação da tradição estão conectadas com a memória e a recordação. Nestas, as lembranças que emergem das práticas interculturais têm origens em contextos sociais que inter-relacionam as memórias individual e coletiva.

Portanto, as reminiscências só reaparecem na memória, quando a evocamos, em função de inúmeras séries de pensamentos e testemunhos coletivos. Sobretudo, precisamos recorrer a testemunhos para reforçar ou para completar o que já sabemos, ou seja, só lembramos porque já temos algumas informações, embora muitas circunstâncias permaneçam obscuras para nós. Assim, ao evocarmos juntos diversas circunstâncias do passado, a processualidade da memória, apesar de não serem as mesmas, isto é, terem sentidos e visualizações diferenciadas em cada indivíduo, mesmo não sendo, pode se configurar num pensar e rememorar com algum sentido comum.

Contudo, para recordar não são necessários testemunhos presentes. Quando as pessoas juntam suas lembranças, elas conseguem descrever os fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas. E assim, as lembranças reais juntas, constituem-se numa massa compacta de lembranças fictícias. Ou, inversamente, pode acontecer que os testemunhos dos outros sejam os únicos exatos, que corrijam e reagrupem as nossas lembranças e estas se incorporem a elas. (HALBWACHS, 2003).

Para cristalizar a lembrança na memória, é preciso germinar uma espécie de sementes da rememoração junto com os testemunhos exteriores. Esta semente é para

evitar o esquecimento. Porém, a memória duradoura é limitada a convivência com o grupo. Existe aí uma dicotomia. Se por um lado, os testemunhos dos outros serão incapazes de nos fazer reconstituir a lembrança que apagamos, por outro, aparentemente, sem o apoio das pessoas, nos lembraremos de impressões que não comunicamos a ninguém.

Para que a significação da lembrança funcione é preciso partir de dados ou de noções comuns que estejam em nós e, também, nos outros, porque as lembranças estão sempre passando de si para o outro e vice-versa. Porém, só será fixa, se ambos, continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo.

Na base de qualquer memória individual, há o chamamento, ou *intuição sensível*, que Halbwachs (2003) entende como a consciência puramente individual. Ela só emerge dos sentimentos vividos e da vontade de relembrar. As lembranças são representações, parciais que se baseiam em testemunhos e deduções do contexto cultural vivido. Porém é impossível a "reprodução" com similitudes. Ou seja, só lembramos porque já temos algumas informações, embora muitas circunstâncias permaneçam obscuras para nós.

Outra forma de rememorar segundo o autor, é o reconhecimento através da imagem (vista ou evocada) que forma uma espécie de tela, ligada a outras circunstâncias de pensamento e sentimento, trazendo consigo a sensação de *déjà vu*. Sendo então que, em cada consciência individual as imagens e os pensamentos que resultam dos diversos ambientes que atravessamos se sucedem segundo uma ordem nova e que, neste sentido, cada um de nós tem uma história.

As imagens e os fenômenos materiais desencadeiam a memória das percepções que correspondem a uma lógica espacial ou material. Daí, compreendemos melhor que, a representação das coisas, evocada pela memória individual, não é mais do que uma forma de tomarmos consciência da representação coletiva relacionada às mesmas coisas. Assim, qualquer recordação de uma série de lembranças que se refere ao mundo exterior é explicada pelas leis da percepção coletiva.

Para Halbwachs (2003) existem outras duas memórias, que pode ser chamada de memória autobiográfica, relacionada ao aspecto pessoal; outra conhecida como

memória histórica, com base no aspecto do contexto social. A pessoal complementa-se com a social, que representa o passado, as palavras lidas, os signos "produzidos", através dos tempos. O tempo é uma representação coletiva, ou seja, os homens entram em acordo e estabelecem as convenções. Parece lógico o pensamento. E é. No tempo, entendem-se subdivisões sociais, em que a própria sociedade trata de organizar.

Dentro de um tempo social, impõe-se às consciências individuais que teriam a sensação da duração em que sucedem estados diferentes em cada pessoa. As divisões do tempo são guiadas pelas mudanças que ocorrem nos corpos materiais e se reproduzem, permitindo nos reportarmos a elas. Não estamos sozinhos na escolha, temos que nos entender com outros. Constatamos uma relação de simultaneidade, ou a representação conjunta.

A noção de tempo depende das circustâncias de cada um. Se resume em uma sequência descontínua de momentos. Cada momento corresponderia a uma relação estabelecida entre muitos pensamentos individuais, que tomam a consciência de forma simultânea. Isto é, se fundem em uma representação mais ampla, que envolve todas as consciências e a relação entre si.

A corrente de pensamentos imprime uma aparente continuidade e segue em nós e nos outros, constituindo uma tendência de um pensamento coletivo. As próprias impressões afetivas tendem a desabrochar em imagens e representações coletivas que dão complemento para um tempo coletivo.

O tempo histórico designa-se por períodos sucessivos distantes do presente em que se rememora o passado. Porém, são as repercussões e não os acontecimentos que se fixam na memória de um povo.

Cada grupo possui sua própria memória e a representação só dele e de seu tempo. É por meio de uma construção artificial que o tempo matemático se alinha ao tempo histórico, que nada tem de histórico, é apenas o tempo abstrato dos matemáticos.

A História se interessa exclusivamente pela ordem de sucessão cronológica dos fatos no tempo. Ela é necessariamente um resumo, é por isso que se concentra em alguns momentos e evoluções que se estendem por períodos. A necessidade de

manter vestígios e crenças tradicionais já justificam as convenções e registros para que seja possível penetrar no tempo a qualquer momento.

Para Halbwachs (2003), o espaço é visto a partir da ligação com as pessoas, transformando-o em materialidade. Para o autor, o ambiente material traz ao mesmo tempo a nossa marca e a dos outros. Cada objeto reencontrado e o lugar que ele encontra no conjunto nos recordam uma maneira de ser comum a muitas pessoas. Quando lançamos nossa atenção para cada parte é como se analisássemos um pensamento, com as contribuições de vários outros grupos.

Os grupos estão naturalmente ligados por proximidade ao espaço, criam entre seus membros as relações sociais. Portanto, não há grupo nem gênero de atividade coletiva que não tenha alguma relação com o lugar, ou seja, com uma parte do espaço.

O aporte teórico inicial tem matrizes nas Ciências Sociais pela possibilidade de diversificação de métodos e, sobretudo, pelo suporte da Ciência da Informação, tendo-a com a concepção de Ciência aberta, a qual oportuniza uma Epistemologia criativa, que designamos de, *Ethopoiesi* intelectual.

A abordagem etnográfica, por envolver a experiência humana, neste caso, requer a compreensão e interpretação da coleta dos dados, considerando o sentido de complexidade de cada contexto social experienciado junto ao grupo da amostra.

O livro, *Teoria e métodos de pesquisa social,* organizado pelas pesquisadoras, Somekh e Lewin (2015) nos dá "pistas" para o fundamento metodológico. Portanto, não existe um desenho definido de caminhos metodológicos, mas, um planejamento possível e reflexivo em cada fase da pesquisa. Parte da premissa, do que já se tem desenvolvido nestas áreas. Atende aos direitos contidos na legislação que orientam as pesquisas da área, fazem as ponderações necessárias para proteger tanto o pesquisador quanto os pesquisados.

Sobre as formas de agir de modo ético, Simons e Piper (2015) apontam como dilemas morais alguns conceitos éticos básicos, oriundos das pesquisas tradicionais e que abrangem: a) o consentimento informado que exige uma assinatura de um formulário de consentimento; b) a confidencialidade e o anonimato, facilitado pelo uso de pseudônimos; c) o acesso antes da publicação.

Estas orientações, contudo, dependerão do contexto situacional da pesquisa e das exigências de cada área e, de modo fundamental da nossa própria consciência. No caso, não são aplicáveis nas pesquisas de abordagem etnográfica.

Portanto, as considerações éticas colidem com todas as etapas da pesquisa. As ponderações foram redigidas à medida que surgiram as necessidades que nortearam as decisões e atividades no decorrer da pesquisa.

Assim, a prática de coleta de dados deve visualizar como a sociedade é, por definição, um conjunto de centro de interesses, que falam com muitas vozes o que a sua cultura é, e não é. Nestes casos, a colaboração em momentos descontraídos de diálogos, e, saber escutar, são excelentes oportunidades de coleta. As informações coletadas fazem conexão com fontes documentais.

A interpretação e a compreensão dos dados coletados são para Ricoeur (2017) uma dialética correlativa entre as ciências humanas e a explicação contida na tradição das ciências naturais. Ou seja, há uma hermenêutica entre o que se experiencia e o que se entende das falas e das escritas nos diários de campo, a partir do que se ouve ou do que se lê. No sentido clássico, o conceito de Hermenêutica tratava-se da arte de interpretar os textos sagrados e canônicos, designadas por *hermenêutica sacra e hermenêutica iuris,* para o direito ou ainda, a *hermenêutica profana,* na filologia.

Ricoeur aponta a metodologia hermenêutica como uma filosofia auto reflexiva do ego. Ele considera que a hermenêutica assume a forma ontológica de *Hermenêutica do si,* como *na Escrita de si,* pretendendo ser uma *Ethopoisesi* da memória.

Tomamos apenas o sentido da concepção de *Hermenêutica de si* como aporte metodológico para compreensão e interpretação da escrita de si, nos relatos dos viajantes do século XVI. As narrativas serviram como fio condutor para compreendermos e esmiuçarmos as transmutações agregadas na identidade cultural indígena dos Waiwai. Ainda sobre a compreensão da hermenêutica, segundo Schmidt (2014, p. 167), "toda compreensão inclui a aplicação do texto ao horizonte do intérprete, ou seja, da projeção do horizonte do texto para o seu próprio horizonte", sem fugir do efeito da história. Grosso modo, a hermenêutica parte do entendimento do intérprete ao examinar o texto, fundamentando-o nas coisas em si.

ESAMARÎ (RASTROS)

Casa dos visitantes, Comunidade Anauá - T. I. Waiwai, Roraima
Foto: Mariza Pinheiro, 2018.



3 *ESAMARÎ*[8]: RASTROS ETNOMEMORIALÍSTICOS

> *A terra é cheia de maldade, terra de tristezas (boriyepa). Além dos povos em transformação, existiram os seres que ficaram no mundo (waikura ñañara) sem se transformar, que nos provocam várias doenças, doenças de Gente-Peixe (waimasā diarige), doenças de Gente-Árvore (yukumasā diarige), de Gente-Sapo (woga masā diarige), das quais temos que nos proteger. (AEITU, 2005, p. 124)*[9]

> *Às 8 horas passamos pela foz do Anauá, um importante afluente esquerdo. Em suas cabeceiras, que, dizem, aproximam-se das do Essequibo, vivem os Wayewé (Woyawai), chamados de tapioca pelos brasileiros por causa de sua pele clara. Estão em constante conflito com os índios do alto Jauaperi, mas simpatizam com os brancos, mesmo se mantendo sabiamente distantes deles. Em seu curso médio, o Anauá corre através das savanas, que nesse lugar são como ilhas no meio da floresta. Ele foi navegado e registrado cartograficamente pelos portugueses em fins do século XVIII. Hoje é mais desconhecido do que naquela época. (KOCH-GRÜBERG, 2006, p. 35)*



Neste capítulo traçamos uma breve contextualização da situação indígena na região norte do Brasil. A temática acerca da identidade cultural indígena brasileira também instigou interesses em áreas como a da Sociologia e Antropologia, como exemplos podemos citar os estudos de Gilberto Freyre, em Casa Grande & Senzala (1933); Sobrados e Mucambos (1936); Nordeste: aspectos da influência da cana (1937); O mundo que o português criou (1940); Interpretação do Brasil (1947), entre outros.

Na Literatura, destacamos a temática indígena com: o Padre José de Anchieta (indianismo barroco); Basílio da Gama, com o poema, O Uruguai (indianismo arcádico); José de Alencar, com os romances; O Guarani, Iracema, Ubirajara; Gonçalves Dias, com o poema Juca-Pirama.

Na área da Antropologia, desde os relatos de viagens, escritos pelos missionários e exploradores do século XVI, como a A Carta de "achamento" do

---

[8] Rastro, pegada - tradução baseada no glossário etnolinguístico Waiwai (APÊNDICE B).

[9] Sobre a cultura dos Indígenas Tuyuka do alto Rio Negro, fronteira com a Colômbia, de família linguística tukano Oriental do Noroeste da amazônia.

Brasil, de Caminha; Duas viagens ao Brasil do alemão Hans Staden; Viagem a terra do Brasil, de Jean de Léry; Viagem pitoresca e Histórica ao Brasil de Jean Baptiste Debret, este já no século XIX, são representantes da literatura etnográfica sobre as descrições das terras e do povo "descoberto". Os detalhes sobre os povos indígenas do Brasil, sempre foram motivo de curiosidade no mundo. Desde o processo colonizador brasileiro, a literatura aborda, a partir de vários olhares, a presença indígena, na originária "Província de Santa Cruz".

O livro, *A primeira História do Brasil,* publicado em 1576, por Gândavo (2004) trata das primeiras informações sobre as terras e povos do Brasil. A obra só teve a segunda edição, reeditada no século XIX, pelo francês Henri Ternaux, que a traduziu e a publicou no 2º volume da coleção, *Voyages, relations et mémoires originaux pour servir à l'histoire de la découverte de l'Amérique,* no ano de 1837 que considerou um dos livros mais notáveis do século XVI.

O "esquecimento" por quase três séculos é atribuído à "política do segredo" da monarquia portuguesa. O padre missionário, Fernão Cardim (1997), da Companhia de Jesus, registra a sua visão do território brasileiro, os hábitos e costumes dos indígenas e portugueses, no livro, *Tratado da Terra e gente do Brasil,* oriundo de narrativas epistolares que tratavam da descrição das missões pelo Brasil, escritos durante o período quinhentista e publicados, pela primeira vez, em 1625.

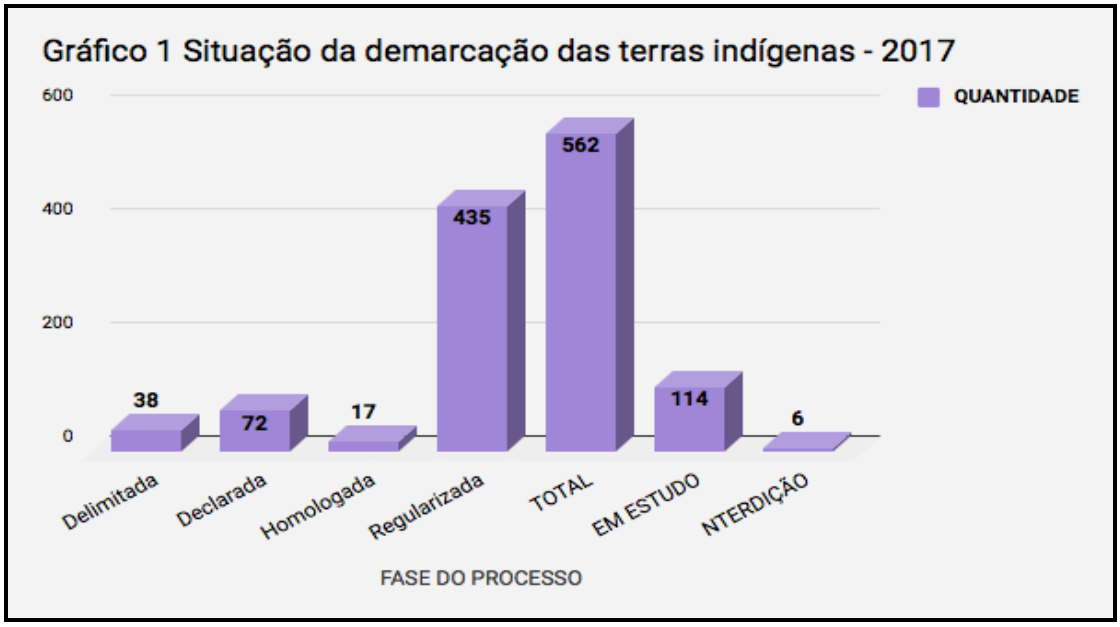
3.1 Epistemologia da memória: os rastros indígenas entre Amazonas e Roraima

> *O irmão Vicente Rijo ensina a doutrina aos meninos cada dia, e também tem escola de ler e escrever; parece-me bom modo este para trazer os índios desta terra, os quais têm grandes desejos de aprender e, perguntados se querem, mostram grandes desejos. (NÓBREGA, 2004, P. 40)*[10]

O reconhecimento do caráter originário e imprescritível dos direitos dos povos indígenas sobre suas terras está contemplado desde o século XVII, através do Alvará Régio de 1680, e, posteriormente, a Lei de 1755, criada pelo Marquês de Pombal até fixar-se na Constituição do Brasil de 1988. A situação da demarcação das terras

[10] Carta do Pd. Manoel da Nóbrega ao Pd. Simão Rodrigues (Lisboa - Baía, 10? de abril de 1549).

indígenas em 2017 pode ser observada no **gráfico 1**, produzido a partir das informações da FUNAI:



Fonte: Site da Funai[11]

A problemática indígena, em um país historicamente desigual como o Brasil, emerge também, na área da Ciência da Informação como propulsora de novas configurações teórico-epistemológicas centrada nos processo informacionais, que permeiam a construção de identidades coletivas e da memória cultural de grupos étnicos visíveis no mundo.

Quanto às informações sobre a situação dos povos indígenas no Brasil e no estado de Roraima, o *Atlas Nacional Digital do Brasil* (IBGE, 2016) atualiza e incorpora em um ambiente interativo, as informações contidas no Atlas Nacional do Brasil Milton Santos de 2010 (IBGE, 2010).

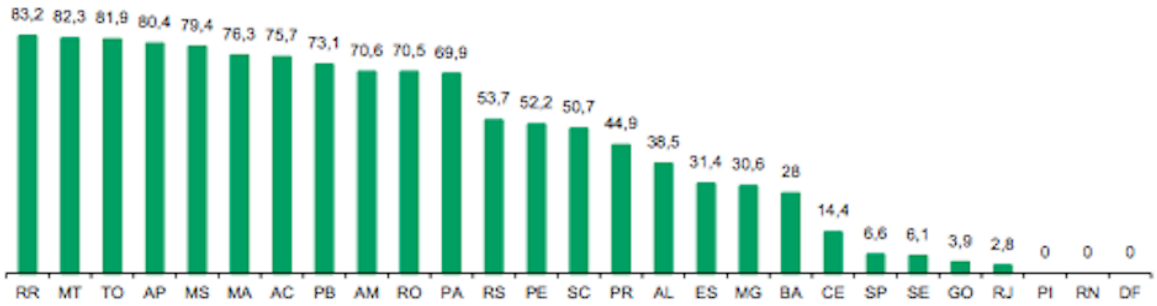
A região Norte concentra o maior número de população indígena. Naquela área, o estado de Roraima lidera a estimativa com 83,2% do percentual de população indígena residentes nas terras do Brasil, conforme o *Caderno Temático - 2016 - População Indígena,* conforme indicação da **tabela 3**, do Atlas Digital do Brasil, IBGE, 2016, p. 3.

[11] Disponível em: http://www.funai.gov.br. Acesso em 15/09/2017 às 10h42.

Grandes Regiões	Localização geográfica			
	Total	Terras Indígenas	Urbana - Fora das Terras Indígenas	Rural - Fora das Terras Indígenas
Brasil	896 917	517 383	298 871	80 663
Norte	342 836	251 891	59 386	31 559
Nordeste	232 739	106 142	95 242	31 355
Sudeste	99 137	15 904	78 620	4 613
Sul	78 773	39 427	32 846	6 500
Centro-Oeste	143 432	104 019	32 777	6 636

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Gráfico 1
Percentual de população indígena residente nas Terras Indígenas - Brasil - 2010



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

TABELA 1: POPULAÇÃO INDÍGENA NAS REGIÕES DO BRASIL

Fonte: Tabela 3: População indígena, por localização geográfica, segundo as grandes regiões do Brasil - do relatório do IBGE, CENSO DEMOGRÁFICO, 2010.

Geograficamente a população indígena está em maior quantidade concentrada na Região Norte. Essa concentração é o resultado do processo histórico de ocupação socioeconômica do Brasil, como da tendência à crescente afirmação da identidade cultural e territorial dos povos ao longo do tempo. A importância étnica se pauta na junção de critérios da identidade indígena e do sentimento de pertencimento a um grupo diferenciado dos demais segmentos populacionais brasileiros e pelo reconhecimento por parte dos membros do próprio grupo.

Sobre a população geral no território do Brasil, 896.917 mil pessoas se autodeclararam indígenas com um crescimento no período 2000/2010 de 84 mil indígenas, representando 11,4%. Não foi tão expressivo quanto o verificado no

período anterior, entre os anos de 1991 a 2000, que teve um crescimento em torno de 440 mil indígenas, aproximadamente 150%. (Censo Demográfico 2010)

O gráfico nº 2 abaixo com o percentual com base na autodeclaração do quesito cor ou raça, demonstra a dificuldade de classificação étnica do brasileiro. É perceptível também, o aumento significativo de autodeclarações das populações: negra, amarela, parda e indígenas ao longo dos anos. Paralelo, a diminuição de autodeclarações da população branca.

O critério de captação dos dados foi através da autoclassificação ou auto identificação. Os resultados podem ser vistos no **gráfico 2** abaixo, retirado do Censo Demográfico de 2010, (IBGE, 2016, p. 07).

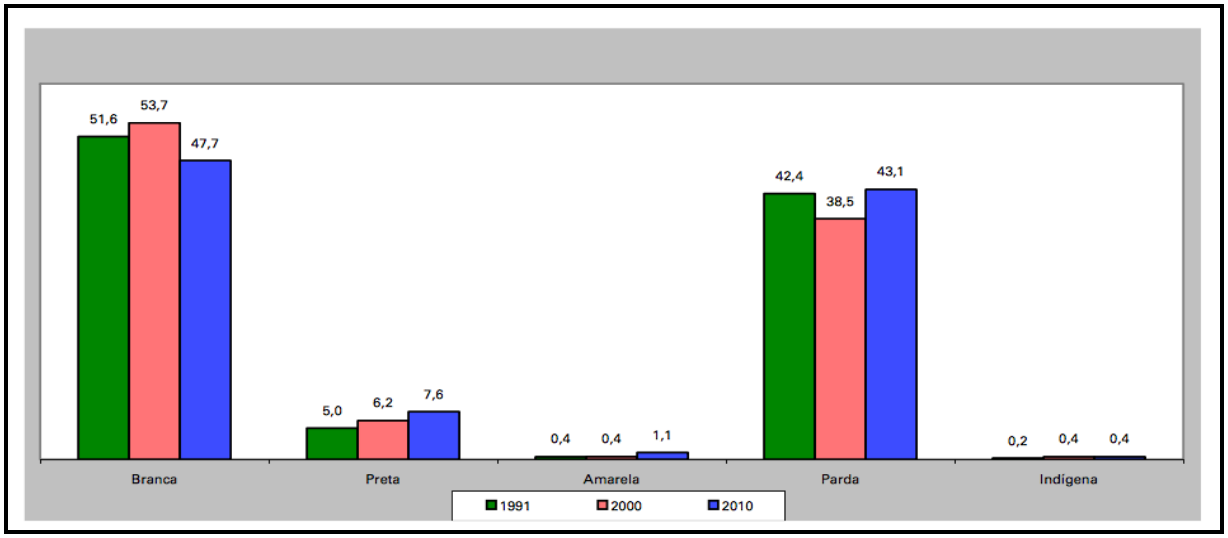


GRÁFICO 2: POPULAÇÃO DO BRASIL NAS CATEGORIAS COR E RAÇA.

Fonte: Gráfico 1- Distribuição percentual da população residente, por cor ou raça - Brasil - 1991/2010, do relatório do IBGE, CENSO DEMOGRÁFICO 1991/2010.

A Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973 que dispõe sobre o Estatuto do Índio, regula a situação jurídica dos índios ou silvícolas das comunidades indígenas, com o propósito de preservar a sua cultura e integrá-los, progressiva e harmoniosamente, à comunhão nacional. A garantia de direitos está estabelecido na Constituição da República Federativa do Brasil, de 5 de outubro de 1988 e também na Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que trata da

convenção sobre os povos indígenas e tribais, adotada em Genebra, em 27 de junho de 1989.

O Censo Demográfico de 2010 contabilizou, a partir do conjunto de pessoas que se declararam ou se consideraram indígenas, 305 etnias. Dentro das terras foram contadas 250 e fora das terras, 300 etnias. Considerou etnia, o povo ou a comunidade definida por afinidades linguísticas, culturais e sociais. O **gráfico 3,** a seguir, faz indicação das 15 maiores etnias no Brasil. "A posse, o usufruto e o controle efetivo da terra pelos índios têm sido reconhecidos como condição *sine qua non* para a sobrevivência dos povos indígenas".

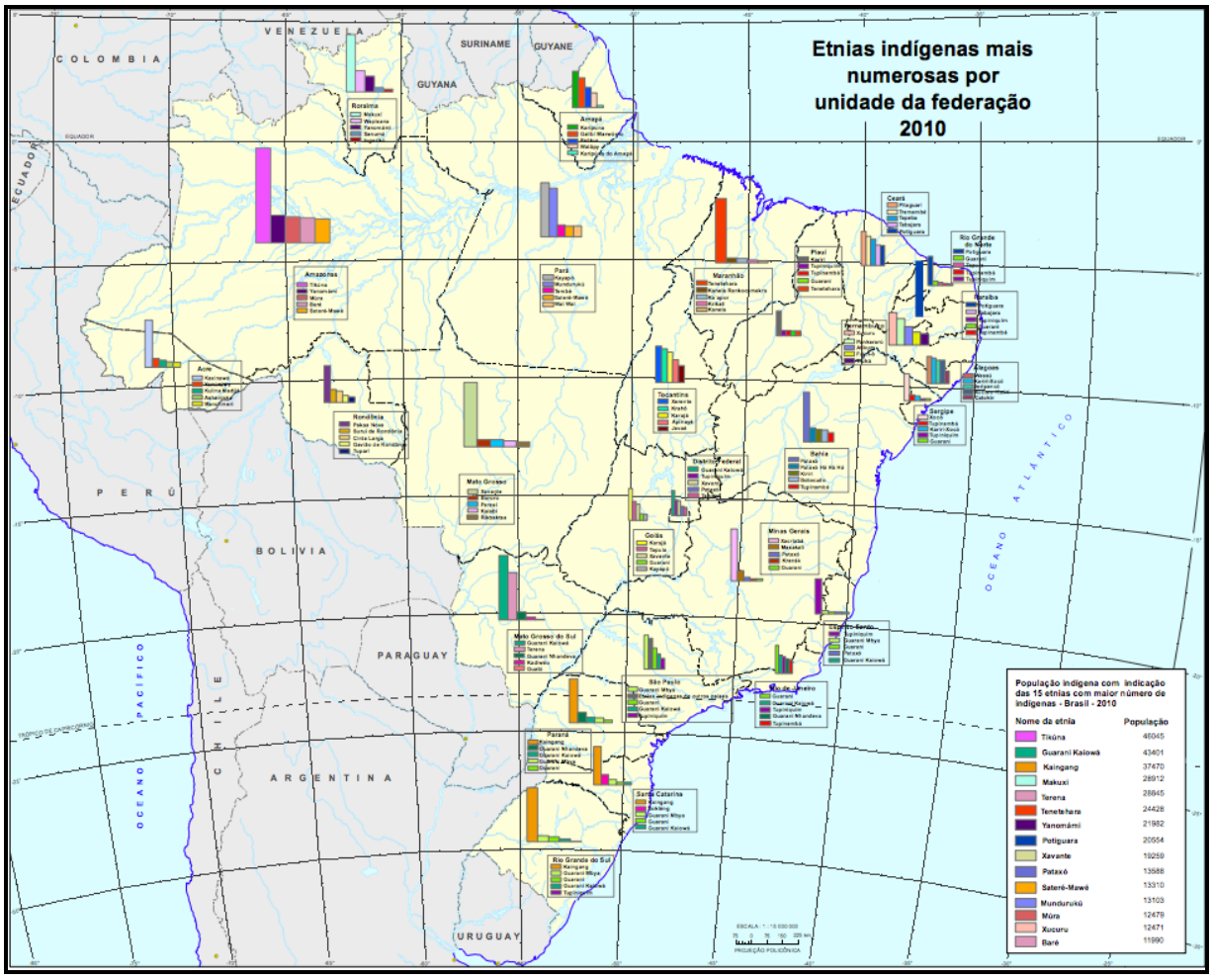


GRÁFICO 3: AS 15 MAIORES ETNIAS DO BRASIL

Fonte: ATLAS NACIONAL DIGITAL IBGE, (caderno temático, 2016 - população indígena)[12].

[12]Etnias indígenas mais numerosas por Unidades da Federação - 2010. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/apps/atlas_nacional/

A Fundação Nacional do Índio criada desde 1967 é o órgão oficial responsável pela promoção e proteção aos direitos dos povos indígenas de todo o território nacional. Sua sede é em Brasília. A instituição substituiu o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), criado em 1910.

A FUNAI foi criada através da Lei nº 5.371, de cinco de Dezembro de 1967, no intuito de promover políticas de desenvolvimento sustentável das populações indígenas. O decreto nº 7.778, de 27 de Julho de 2012, aprovou o estatuto e o quadro demonstrativo dos cargos em comissão e as funções gratificadas da Fundação Nacional do Índio. O órgão é vinculado ao Ministério da Justiça.

A atuação da funai está orientada por princípios, objetivando o reconhecimento da organização social, costumes, línguas, crenças e tradições dos povos indígenas, buscando o alcance da plena autonomia e autodeterminação dos povos indígenas no Brasil, contribuindo para a consolidação do Estado democrático e pluriétnico e por novas políticas indigenistas.

No que diz respeito ao povo Waiwai, foco do estudo de caso desta pesquisa, as primeiras informações, na historiografia inicial são datadas nos meados do século XVII e compõem os relatos das aventuras de Robert Harcourt[13]. Ele foi membro de uma família de marinheiros e aventureiros que compunham o parlamento e a milícia real elisabetana.

Harcourt (2010) inspirou-se nas aventuras de Sir. Walter Raleigh[14] - um pioneiro na exploração do Império Colonial Inglês, na América do Norte e na Irlanda. Raleigh liderou expedições entre os anos de 1595 a 1617 para o Rio *Orinoco* nas bacias da América do Sul. Ele viajou em busca de uma cidade chamada *Manoa,* (língua Arawak) conhecida como *El Dorado*, nas margens do Lago *Parim*é (língua Carib) que fica na bacia fluvial localizada na América do Sul e atravessa o Estado de Roraima. Suas aventuras estão documentadas nos livros, *The discovery of the large, rich, and bewtiful empyre of Guiana,* publicado pela primeira vez em 1596; no *The*

[13] Robert Harcourt (1574? -1631) foi um explorador Inglês, protetor de uma colônia sul-americana, denominada mais tarde Guiana. (*Dictionary of National Biography, 1885-1900/Vol 24 Hailes–Harriott. Dictionary of National Biography, 1885-1900*, Volume, 24*).*

[14] Sir. Walter Raleigh (1554-1618) foi destaque na pesquisa da BBC dos 100 Maiores Britânicos como escritor, poeta, soldado, político, cortesão, espião, e explorador.

Discovery of Guiana[15], e no *Journal of the second voyage thereto,* publicado em 1606. Sobre suas descobertas, Rayleigh diz:

> *I have been assured by the Spaniards who have seen Manoa, the imperial city of Guiana, which the Spaniards call El Dorado, that for the greatness, for the riches, and for the excellent seat, it far exceeded any of the world, at least of so much of the world that is known to the Spanish nation. It is founded upon a lake of salt water of 200 leagues long, like unto Mare Caspium. (W. RALEIGH, 1595, Trecho do capítulo sobre The discovery of Guiana, p. 391-398).*[16]

Robert Harcourt, em 1609 tomou posse em nome do rei Jaime I, de terras situadas entre o Rio Amazonas e Rio de Essequibo (Guiana Inglesa). Sobre a Guiana, em 1613 escreveu em seus relatos, sobre o clima, a situação do meio ambiente e sobre os povos encontrados, com detalhes acerca dos costumes e das trocas de mercadorias.

O livro foi editado por Samuel Purchas em 1626, que compilou várias histórias de viagem, como no Volume IV dos *Pilgrimes*, que aborda sobre a América e as Antilhas. É uma das únicas fontes de informações, sobre questões importantes que afetam a história da exploração na região Norte da América do Sul.

No século XVIII, entre os anos de 1718 a 1721, o mineralogista, *Salomon Sanders* foi enviado pelo governo do Suriname para investigar sobre a existência de metais preciosos na região.

> Essas incursões ao sul da Guiana perderam o fôlego a partir de 1790, com a alternância de posse dos estabelecimentos coloniais entre ingleses, franceses e holandeses, e com a proibição do tráfico de escravos índios em 1793. "Todavia, as mercadorias holandesas continuavam circulando pelas redes intertribais nas primeiras décadas do século seguinte". (OLIVEIRA, 2010, p. 15)

[15]Fonte: http://1609chronology.blogspot.com.br/2009/05/voyage-of-robert-harcourt-to-guyana-in.html

[16]Tradução livre: Eu fui assegurado pelos espanhóis que viram *Manoa*, a cidade imperial de Guiana, que os espanhóis chamam de *El Dorado*, que pela grandeza, pela riqueza e pelo excelente lugar, isso excedia o mundo todo, pelo menos a parte do mundo que é conhecida pela nação espanhola. Ela é fundada sobre um lago de água salgada de 200 léguas de comprimento, semelhante ao Mar Cáspio.

Posteriormente, conforme Oliveira (2010), outros estudiosos enveredaram pela região, como Robert Schomburgk (1804-1865), geógrafo prussiano encarregado pelo governo britânico de explorar o interior da Guiana entre os anos de 1835 a 1844. Barrington Brown (1876 a 1878) foi um geógrafo britânico, ele viajou até o alto Essequibo, onde encontrou uma expedição de troca composta por índios *wapixana e taruma* que acabavam de voltar de um encontro com os Waiwai.

Em 1884, o geógrafo francês Henri Coudreau visitou o alto Mapuera e seus afluentes, onde registrou a existência de aproximadamente sete aldeias *ouayeoué* (waiwai), sem apontar sua localização exata. No século XX, Olga Coudreau continuou as expedições na Amazônia após a morte do marido. Em 1911, o holandês *Ijzerman*[17].

> [...] De 1913 a 1916, Ogilvie[18] participou da expedição de William Curtis Farabee ao sul da Guiana e norte do Brasil. Farabee era um antropólogo-geneticista da Universidade de Harvard. Nessa expedição os Waiwai foram encontrados em duas aldeias, uma de cada lado da Serra Acaraí. A aldeia do norte tinha apenas oito habitantes, dos quais a maioria se dizia mista com os Taruma, exceto dois que se consideravam waiwai "verdadeiros". A aldeia do sul tinha 34 habitantes, dos quais a maioria se dizia parukoto, havendo apenas cinco indivíduos considerados verdadeiramente waiwai. (OLIVEIRA, 2010, p. 21)

De acordo com o site Povos indígenas do Brasil[19] a área de ocupação Waiwai correspondia, portanto, à zona de cabeceiras do Mapuera, limitada ao norte pela serra Acaraí. Ao sul de seu território, habitavam outros povos, hoje integrados aos Waiwai - a designação étnica, corresponde à vários grupos (*Hixkaryana, Mawayana, Karapawyana, Katuenayana, Xerewyana),* tendo o termo *yana, o* significado de coletivo com características influenciadas pela evangelização.

A comunidade Waiwai subiu progressivamente para o norte, repelidos pelo avanço das frentes extrativistas na bacia do Rio Trombetas. O tronco linguístico é da

---

[17] *IJzerman, J.W., 1911. Twee reizen van Paramaribo, een near de Parima in 1718 en een near de Boven-Corantijn in 1720. Tijdschrift van het Koninklijk Nederlandsch Aardrijkskundig Genootschap 28:648-661.*

[18] *John Ogilvie*, um escocês que morou na Guiana em 1890, coletou material sobre os Waiwai.

[19] Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/povo/waiwai/1138.

família Karibe, do ramo Guianense, dentro do grupo *Parukotoano* (ACÁCIO, 2011, p. 19).

Os Waiwai são conhecidos como viajantes, devido o costume de incorrer pela mata, a procura de "povos não vistos" (*enîhnî komo).* Na atualidade, o estado de Roraima está contemplado com 32 terras indígenas distribuídas entre 12 municípios, conforme, **Tabela 2**, abaixo, retirada do site da FUNAI - Índios no Brasil - Terras indígenas, 2017, é possível identificar as etnias e as suas distribuições na região do estado.

TERRAS INDÍGENAS	ETNIA	MUNICÍPIO
Ananás	Macuxi	Amajari
Anaro	Wapixana	Amajari
Aningal	Macuxi	Amajari
Anta	Macuxi/Wapixana	Alto Alegre
Araçá	Macuxi/Wapixana	Amajari
Barata/Livramento	Macuxi/Wapixana	Alto Alegre
Bom Jesus	Wapixana	Bonfim
Boqueirão	Macuxi/Wapixana	Alto Alegre
Cajueiro	Macuxi	Amajari
Canauanim	Macuxi/Wapixana	Bonfim
Jabuti	Macuxi/Wapixana	Bonfim
Jacamim	Wapixana	Bonfim
Malacacheta	Wapixana	Bonfim
Mangueira	Macuxi	Alto Alegre
Manoá/Pium	Macuxi/Wapixana	Bonfim
Moskow	Macuxi/Wapixana	Bonfim
Muriru	Wapixana	Bonfim/Cantá
Ouro	Macuxi	Amajari

Pium	Macuxi	Alto Alegre
Ponta da Serra	Macuxi	Amajari
Raimundão	Macuxi/Wapixana	Alto Alegre
Raposa Serra do Sol	Macuxi/Wapixana / Ingaricó	Normandia/Uiramutã/ Pacaraima
Santa Inês	Macuxi	Amajari
São Marcos	Macuxi/Wapixana / Taurepang	Pacaraima/Boa Vista
Serra da Moça	Macuxi/Wapixana	Boa Vista
Sucuba	Macuxi	Alto Alegre
Tabalascada	Wapixana	Cantá
Truaru	Macuxi/Wapixana	Alto Alegre
Trombeta/Mapuera	Wai Wai	Caroebe
Waimiri/Atroari	Waimiri/Atroari	Rorainópolis
Waiwai	Waiwai	Caroebe/São João da Baliza/São Luiz do Anauá
Yanomami	Yanomami	Iracema/Amajari/ Caracaraí/Mucajaí/ Alto Alegre

TABELA 2: TERRAS INDÍGENAS DO ESTADO DE RORAIMA
Fonte: site da FUNAI - Índios no Brasil - Terras indígenas, 2017.

Na **tabela 3,** pode-se conferir a distribuição da população autodeclarada indígena no estado de Roraima, com base nos dados do CENSO 2010 (IBGE), a maior concentração nos municípios de *Uiramutã*, *Pacaraima e Normandia.* A capital do estado Boa Vista fica na sexta posição com 2,2% no espaço urbano e na sétima posição com 38,0% do índice populacional no rural.

Municípios com as maiores proporções de população indígena do País, por situação do domicílio Roraima - 2010									
	Total			Urbano			Rural		
	Código	Município	%	Código	Município	%	Código	Município	%
1	1400704	Uiramutã	88,1	1400704	Uiramutã	56,9	1400704	Uiramutã	93,0
2	1400407	Normandia	56,9	1400407	Normandia	18,1	1400456	Pacaraima	91,7
3	1400456	Pacaraima	55,4	1400159	Bonfim	9,3	1400407	Normandia	70,5
4	1400027	Amajari	53,8	1400027	Amajari	8,7	1400050	Alto Alegre	63,9
5	1400050	Alto Alegre	45,9	1400456	Pacaraima	7,9	1400027	Amajari	60,5
6	1400159	Bonfim	42,5	1400100	Boa Vista	2,2	1400159	Bonfim	59,5
7	1400282	Iracema	18,0	1400050	Alto Alegre	1,8	1400100	Boa Vista	38,0
8	1400175	Cantá	12,4	1400175	Cantá	1,1	1400282	Iracema	33,5
9	1400233	Caroebe	5,6	1400233	Caroebe	0,5	1400175	Cantá	14,6
10	1400506	São João da Baliza	4,3	1400282	Iracema	0,5	1400506	São João da Baliza	13,7

TABELA 3: PROPORÇÃO DA POPULAÇÃO INDÍGENA NO ESTADO DE RORAIMA
Fonte: IBGE, CENSO Demográfico - 1991/2010

No espaço rural, a maior concentração étnica está nos municípios: *Macuxi, Wapixana e Ingaricó,* onde fica a reserva Raposa Serra do Sol. A etnia *Waiwai*, concentra-se em um maior percentual, na área rural, entre os municípios Caroebe e São João da Baliza. O índice populacional indígena no estado de Roraima está agrupado em maior quantidade no espaço rural, com a estimativa de: na área urbana de 8.133 habitantes e no rural 39.755 habitantes, conforme verifica-se na **Tabela 4**.

Municípios com as maiores populações indígenas do País, por situação do domicílio Roraima - 2010									
	Total			Urbano			Rural		
	Código	Município	POP	Código	Município	POP	Código	Município	POP
1	1400100	Boa Vista	8.550	1400100	Boa Vista	6.072	1400050	Alto Alegre	7.457
2	1400050	Alto Alegre	7.544	1400704	Uiramutã	648	1400704	Uiramutã	6.734
3	1400704	Uiramutã	7.382	1400407	Normandia	418	1400456	Pacaraima	5.430
4	1400456	Pacaraima	5.785	1400456	Pacaraima	355	1400027	Amajari	4.908
5	1400407	Normandia	5.091	1400159	Bonfim	344	1400407	Normandia	4.673
6	1400027	Amajari	5.014	1400027	Amajari	106	1400159	Bonfim	4.304
7	1400159	Bonfim	4.648	1400050	Alto Alegre	87	1400100	Boa Vista	2.478
8	1400175	Cantá	1.729	1400209	Caracaraí	51	1400175	Cantá	1.705
9	1400282	Iracema	1.566	1400308	Mucajaí	28	1400282	Iracema	1.546
10	1400472	Rorainópolis	538	1400175	Cantá	24	1400472	Rorainópolis	520

TABELA 4: POPULAÇÃO INDÍGENA DE RORAIMA - ESPAÇOS URBANO E RURAL
Fonte: IBGE, CENSO Demográfico - 1991/2010

O antropólogo George Mentore (2005; 2006) depois de anos de vida com os Waiwai, numa perspectiva teórica e etnográfica, representou o mundo social e cultural dos indígenas. Ele descreveu as interconexões culturais, no interior da floresta tropical e confirmou que o povo Waiwai viveu no interior da Guiana e na fronteira com Brasil, antes de se fixar no Estado de Roraima e parte do Pará.

O estilo de vida sempre foi em torno da agricultura itinerante. Em 1991, uma coleção etnográfica sobre o povo Waiwai, considerados um dos nove povos indígenas encontrados na Guiana, foi doada ao Walter Roth Museu de Antropologia[20], pelo antropólogo cultural da Guiana, George Mentore. O primeiro museu de Antropologia do Caribe fundado no ano de 1974, com as coleções de Arqueologia da Guiana. (MENTORE, 2006)

3.2 A colonização brasileira e a identidade cultural indígena

> *Estes índios são de cor baça e cabelo corredio; tem o rosto amassado e algumas feições dele à maneira de chins. Pela maior parte são bem dispostos, rijos e de boa estatura; gente muito esforçada e que estima pouco morrer, temerária na guerra e de muito pouca consideração.*
> *[...] Os quais ainda que estejam divisos, e haja entre eles diversos nomes de nações, todavia na semelhança, condição, costumes e ritos gentílicos, todos são um. (GÂNDAVO, 2004, p. 97)*

Depois de debruçar-nos nas leituras de autores que tratam da temática sobre Cultura e identidade como: Assman (2011), Hall (2003), Albert e Ramos (2002) e Bauman (2005; 2012; 2013), aguçamos a curiosidade em identificar alguns vestígios da influência da colonização na identidade cultural indígena brasileira.

A inquietação levou-nos a buscar informações sobre as primeiras impressões que os colonizadores tiveram dos povos que habitavam o Brasil no século XVI, como a destacada na citação acima, de Gândavo (2004). Essas referências representam, na literatura portuguesa, os esboços iniciais do registro da História do Brasil. A imersão justifica-se por se tratar dos primeiros contatos entre colonizador e colonizados. As

[20] Localizado em 61 Main St, Georgetown, Guiana Inglesa.

informações apreendidas transformam-se em conhecimentos necessários, que fundamentam o nosso "olhar" no presente. A mutabilidade já eram características em toda a coletividade humana, muito visíveis aos grupos que habitavam o litoral, segundo relatos de viajantes.

No bojo do contexto da historiografia acerca da colonização brasileira, é fato o interesse de Cabral em navegar por mares além das canárias. As informações de Vasco da Gama sobre vestígios de terras registrados no mapa-mundi de Pero Vaz Bisagudo e por Duarte Pacheco Pereira, Bartolomeu Dias e Nicolau Coelho, membros da frota.

Importantes documentos preservados e guardados em Lisboa confirmam a informação da intencionalidade portuguesa, conforme Azevedo (1942, p. 12) são eles: 1. Carta régia da nomeação de Padre António de Gouveia para capitão-mór da armada; 2. Borrão original da primeira folha de instruções de Vasco da Gama para a viagem de Cabral; 3. Borrão original de algumas folhas das instruções régias dadas a Cabral; 4. Borrão original das instruções régias adicionadas sob a forma de cartas dadas a Cabral; 5. Carta de D. Manuel ao rei de Calecute; 6. Carta do achamento do Brasil por Pero Vaz de Caminha dirigida a D. Manuel; 7. Cartas do mestre João dirigidas a D. Manuel. Os documentos são registros das primeiras informações acerca da tradição, da cultura e da identidade do indígena do Brasil. Os registros da Companhia de Jesus, também se configuram como a matriz das informações dos povos originários do Brasil. Os missionários expandiram o Cristianismo e atuaram como guardiãs, tutores e "civilizadores" dos nativos.

Os povos originários viviam totalmente a partir dos recursos naturais. Cada tribo residia em áreas específicas dentro do território que identificavam o tipo de etnia. Para esse intento, consideravam: a) disponibilidade contínua de água potável; b) ventilação; c) abundância de madeira para produção de lenha; d) proximidade de rios e mares para pesca e de terras férteis e cultiváveis. A visão europeia sobre a tradição, a cultura e a identidade dos povos originários do Brasil detalhadas por Santos (1997), abordam três concepções, são elas: 1. Visão dos próprios povos originários; 2. Relatos dos viajantes e cronistas; 3. E registro dos antropólogos. Para a autora, há um silenciamento ou pouco aprofundamento sobre a legislação e a

escravidão do nativo brasileiro no século XVI, na literatura portuguesa, comparada com a literatura espanhola.

A afirmação da descendência da identidade indígena brasileira com o povo asiático (chineses) foi primeira comparada por Gândavo (2004), autor do livro, *A História da província de Santa Cruz*, traduzido por Sheila Moura Hue e Ronaldo Menegaz. Segundo os tradutores, a similitude foi motivada pelas viagens do explorador à Índia. O termo tradição é de origem no latim *traditio*, *tradere* e se traduz em transmissão de algo a alguém, inicialmente relacionado ao sentido de doutrinação religiosa como prática ensinada por séculos. Com o tempo, o termo passou a se referir também, à reapropriação e expansão dos costumes e práticas transmitidas às gerações novas, como um nexo de conhecimento da memória coletiva do grupo. A cultura indígena firma-se como uma identidade diferenciada na sociedade global.

As descobertas arqueológicas revelaram também, afinidades biológicas entre os primeiros sul-americanos, com a morfologia mongolóide clássica da Ásia. Conforme Couto (1997, p. 41):

> Verifica-se a existência de certo número de traços muito marcantes, comuns à generalidade dos autóctones americanos, designadamente a cor acastanhada da pele, os cabelos pretos e lisos, o fraco desenvolvimento do sistema piloso, as maçãs do rosto saliente, forte arcada supraciliar e a prega na pálpebra que dá aos olhos uma forma oblíqua (olho mongólico) e grupo sanguíneo O+. Caracterizando a descendência de populações asiáticas.

Sobre as primeiras impressões acerca dos indígenas brasileiros o padre Fernão Cardim (2000, p. 178) no capítulo *Do princípio e origem dos índios do Brasil e de seus costumes, adoração e cerimônia,*[21] destacou os seguintes assuntos: a) do conhecimento que têm do criador; b) dos casamentos; c) do modo que têm em seus comer e beber; d) do modo que têm em dormir; e) do modo que têm em se vestir; f) das casas; g) da criação e dos filhos; h) do costume que têm em agasalhar os hóspedes; i) do costume

[21] Este capítulo foi publicado pela primeira vez na coleção de viagens *Purchas his Pilgrimes,* em 1625, na cidade de Londres. Os manuscritos originais estão na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora com o códice, CXV/1-33, fls. 1-12v. (CARDIM, 2000, p. 163)

que têm em beber fumo; j) do modo que têm em fazer suas roçarias e como pagam uns aos outros; k) das jóias e metais; l) do tratamento que fazem às mulheres e como as escudeiram; m) dos seus bailados e cantos (melancólicos); n) dos seus enterramentos; o) das ferramentas de que usam; p) das armas de que usam; q) do modo que este gentio tem acerca de matar e comer carne humana; r) das cerimônias que se fazem ao novo cavaleiro; e, s) da diversidade de nações e línguas (o padre faz uma exaustiva enumeração de várias nações em torno de 104).

Nesse trecho, fica evidente o respeito e cordialidade dos homens para com as mulheres, "não duram muito o ódio entre eles, sempre andam juntos e quando vão fora a mulher vai detrás e o marido diante para que se acontecer alguma cilada não caia a mulher nela." (CARDIM, 2000, p. 178).

3.3 Relatórios de viagens do padre Manoel da Nóbrega e padre José de Anchieta

E o rio Amazonas
Que corre trás-os-montes
E numa pororoca
Deságua no Tejo...
Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal:
Ainda vai tornar-se um império colonial!
Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal:
Ainda vai tornar-se um império colonial!
(Chico Buarque e Ruy Guerra, Fado Tropical, 1973)

Cartas, diários e relatórios de viagens são classificados como artefatos de informação cultural e memorialística. Artefato são objetos produzidos pelo ser humano que indicam características próprias de uma época. Oliveira e Azevedo Netto (2007) destacam o artefato como elemento de memória e de identidade carregados de informações, decifrações e simbologias. Segundo os autores, a noção de memória é entendida como encadeamento de elementos que remetem ao passado real ou fantástico, compreendida na esfera da consciência individual ou coletiva.

Nesse paradigma hermenêutico, o diário e a epístola como artefato informacional de cultura e memória, através da escrita, abrangem um inventário do

passado, com reminiscências pertencentes a uma herança social e coletiva do tempo e lugar determinado pelo autor que escreve. Os artefatos trazem em si memória e história, entretanto, funcionam como registros diferenciados apesar das relações estreitas. (NORA, 2006)

Para Foucault (1992, p. 6), a escrita em fontes epistolográficas é compreendida como Escrita de si, a qual é liberta e basta a si mesma. Ela não está obrigada a uma forma de interioridade, ela se identifica com sua própria exterioridade desdobrada. "Ela é um jogo de signos comandado menos por seu conteúdo significado do que pela própria natureza do significante". Deste modo, a escrita está sempre em vias de transgredir e de inverter a regularidade em que se movimenta. Ela vai além de suas regras. Há uma situação transdiscursiva entre o autor a escrita e o leitor. Ou seja, o próprio indivíduo se faz personagem de si mesmo, como criação do sujeito "transindividual".

Diante do exposto, a transdiscursividade contida em diários e em cartas preservadas na atualidade um repositório epistêmico de memórias. Consideramos a Escrita de si como *Ethopoiesi* informacional, em que a prática da ascese se constitui na produção de informações do eu, constituindo-se em processos informacionais autorizadas que auxiliam na construção e ressignificação das memórias individuais e coletivas.

Desta forma, as cartas e os diários dos viajantes, registram falas e evocam memórias do passado que não são apenas uma "criação" individual, mas se constituem também, em construções coletivas, repletas de complexidade. São reconhecidas como fontes de pesquisa em áreas como a da Linguagem, contudo, ainda são incipientes no campo da Ciência da Informação.

Portanto, os relatos de viagens dos navegadores e exploradores do século XVI, citados, registram falas e evocam memórias do passado que não são apenas uma "criação" individual, mas se constituem em construções coletivas, repletas de memória social e cultural da época. As narrativas são reconhecidas como fontes de pesquisa em áreas como a da Linguagem, da História e de emergentes nas pesquisas no campo da Ciência da Informação.

Os artefatos tais como as práticas interculturais indígenas indicam características próprias de uma época. Oliveira e Azevedo Netto (2007) compreendem que a memória, a identidade e a cultura são permeadas pela representação destas práticas. O conceito de representação para os autores é entendido de três modos: a) o ontológico, baseado no intelecto ou intensidade qualitativa; b) o gnosiológico, pela cotidianidade ou vivência prática e o c) semiológico, fundado no signo. Sendo, portanto, a interpretação e identificação dos valores designativos, através desses modos, passando pelo viés da individualização e particularização, conferido num determinado contexto do interpretante. Conceituam a cultura material como um referente de vínculos de identidade que se desloca no tempo em forma de memória, através da forma de representação.

Para Schopenhauer (2004, p.11) a representação é o *substratum* do mundo, ou seja, a condição invariável, sempre subentendida de todo fenômeno, de todo objeto, visto que tudo o que é representado, existe apenas para o sujeito.

> O homem percebe-se que não conhece nem um sol nem uma terra, mas apenas olhos que vêem este sol [...] ele sabe que o mundo que o cerca existe apenas como representação [...] se existe uma verdade que se possa afirmar a priori é esta, pois ela exprime o modo de toda experiência possível e imaginável, conceito muito mais geral que os de tempo, espaço e causalidade que o implicam [...] cada um destes conceitos, nos quais reconhecemos formas diversas do princípio da razão apenas é aplicável a uma ordem determinada de representação.

As narrativas de viagens do século XVI são registros que representam informações da cultura e da memória da época. A fonte abrange um inventário do passado, com reminiscências pertencentes a uma herança social e coletiva do tempo e do lugar determinado pelo autor que escreve. São informações importantes para compreender as transmutações culturais cristalizadas nas gerações do tempo presente. Sobretudo, são heranças infomemorialística acerca das primeiras impressões sobre a identidade cultural dos povos originários do Brasil. Elas podem ser encontradas em fontes documentais, como os relatos contidos, nas epístolas dos viajantes, e na farta documentação dos jesuítas.

Deste modo, para identificar e classificar a influência da colonização portuguesa na identidade e cultura dos povos indígenas da atualidade, se faz necessário imbricar-se nos registros do passado. Inclusive, a documentação das missões jesuítas nos fornecem pistas, para percebermos a transmutação da identidade e da cultura dos povos na atualidade.

Para atingir os objetivos da conversão indígena, a Companhia de Jesus utilizou diversas estratégias de manipulação e, consequentemente, a "proteção" paternal dos padres, contribuiu para a transmutação dos costumes dos indígenas. Os documentos jesuíticos nos fornecem os fundamentos das primeiras impressões acerca dos povos que habitavam o Brasil no século XVI. São essenciais para se identificar os vestígios, a gênese da cultura e da identidade indígena.

Para esse intento, selecionamos dois importantes intelectuais, o padre Manoel da Nóbrega, por sua contribuição na formação e colonização do povo brasileiro e ser o primeiro Jesuíta a chegar ao Brasil em 1949. E, o padre José de Anchieta por sua vasta produção sobre as questões da identidade dos indígenas. As obras servirão como fio condutor e suporte matriz da representação da identidade cultural dos povos originários. Dito isso, focamos em duas obras que tratam da temática específica sobre o Brasil. Da vasta produção do Padre Manoel da Nóbrega, analisamos a obra, *Cartas do Brasil,* e do Padre José de Anchieta, o livro, *Cartas - correspondência ativa e passiva.*

3.3.1 Sobre a obra *Cartas do Brasil 1549 - 1560,* do Padre Manuel da Nóbrega (1886)

O Padre Manuel da Nóbrega (1517 - 1570) cofundador da "*Societas Jesus*", junto com o Padre Inácio de Loiola fundaram as três maiores cidades no início da colonização do Brasil: Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo. Nóbrega, frequentou as universidades de Salamanca e Coimbra e bacharelou-se em Cânones. Foi condecorado como uma das personalidades mais influentes da era Manuelina e Joanina em Portugal. E, aos 31 anos de idade fez a travessia do Atlântico, sendo o primeiro jesuíta a aportar na Terra de Santa Cruz, por ordem de Inácio de Loiola.

O foco da atividade missionária de Manoel da Nóbrega foi a conversão dos "gentios", designação dada aos povos originários do Brasil da época. Para esse objetivo, priorizou o contato direto e teve a permissão de habitar em várias aldeias. Segundo os missionários, os povos que habitavam a nova terra "descoberta" possuíam um enorme atraso intelectual, eram praticantes da antropofagia, de poligamia, bebedeira e nomadismo, além de grande hostilidade à catequização. (JAEGER, 1949)

A obra, *Cartas do Brasil (1549 - 1560),* do padre Manuel da Nóbrega é um documento indispensável para se compreender a formação cultural do Brasil. O livro que utilizamos é uma reprodução da edição de 1886, da Imprensa Nacional e compõe o volume I da coleção Cartas Jesuíticas I. A reimpressão faz parte do projeto da Biblioteca da Cultura Nacional, da Academia Brasileira, introduzida na série II de História. O livro é uma importante contribuição para a organização e sistematização das informações históricas que se encontravam dispersas. Conforme as notas de Valle Cabral, o texto foi revisado e confrontado com a cópia manuscrita e o original da Biblioteca Nacional e, também, com as cópias: da Comissão Gonçalves Dias em Évora, pertencente ao Instituto Histórico e da Coleção de documentos na Torre do Tombo de Lisboa.

Muitas outras cartas encontram-se dispersas, algumas em traduções em espanhol e em italiano. Também na biblioteca de Évora encontra-se um manuscrito, intitulado *Respostas* com assuntos relativos aos indígenas do Brasil, no *Catálogo dos Manuscritos,* Tomo I, código CVIII/1-33. As cartas expressam importantes informações acerca das primeiras impressões dos missionários sobre a cultura e a identidade dos povos originários do Brasil. Muitas ideias interpretadas nos fornecem elementos de similitudes com algumas práticas do povo Waiwai da região Norte. A prática missionária de conversão indígena, utilizada como estratégia de dominação efetivou-se no tempo através de variados meios e formas.

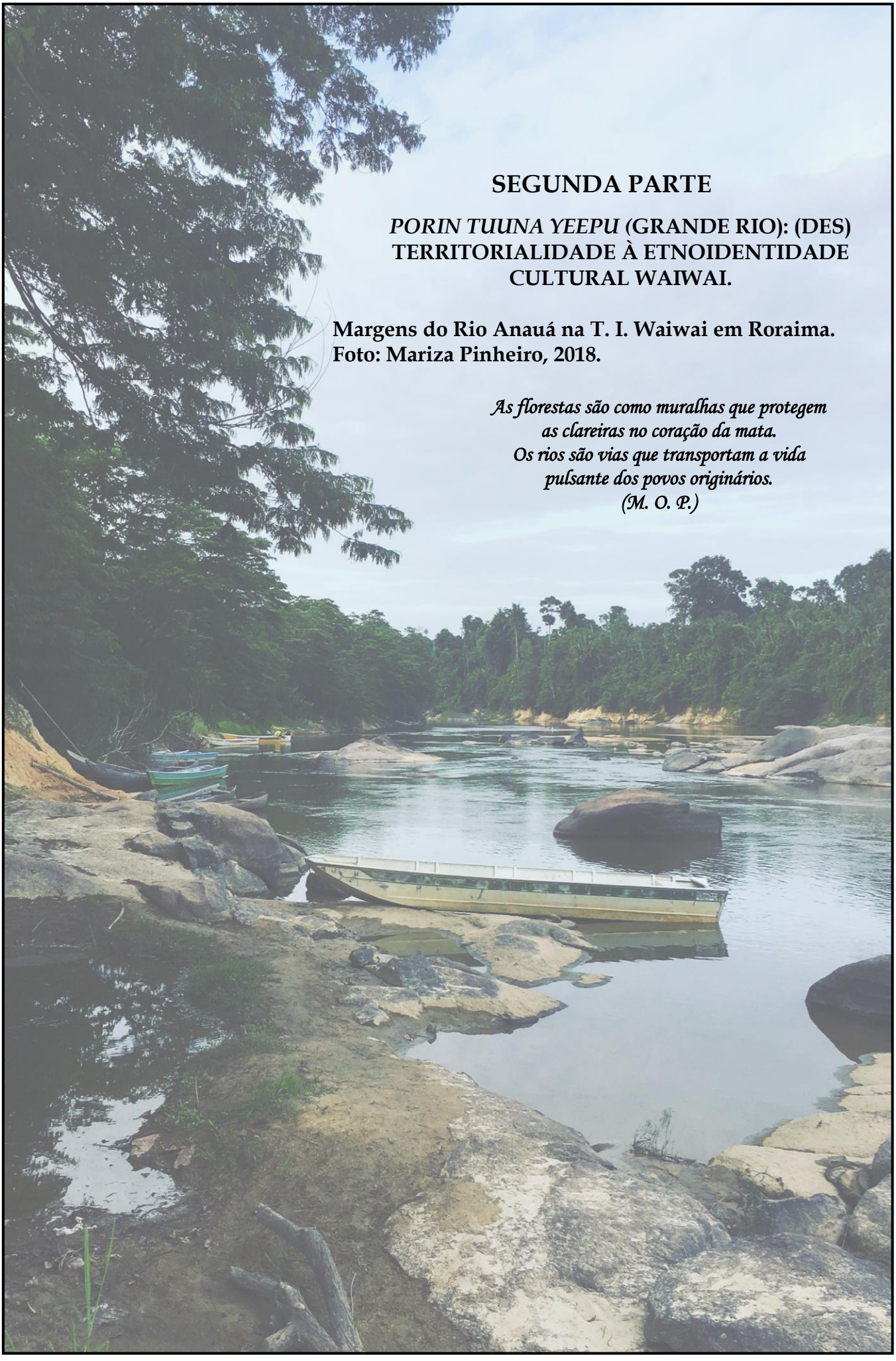
A prática evangelizadora, como uma matriz da época da colonização do Brasil, expandiu-se em diversos momentos e regiões do país, sendo considerada uma atividade que responde bem às expectativas e interesses das lideranças religiosas.

3.3.2 Sobre a obra *Cartas: correspondência ativa e passiva* do Padre José de Anchieta (1984)

Anchieta tem descendência de uma nobre família espanhola emigrada no tempo de Carlos V. Nasceu nas Canárias, em São Cristóvão da Laguna (Ilha Tenerife). Estudou na Universidade de Coimbra e aos 20 anos foi enviado ao Brasil para auxiliar o padre Manuel da Nóbrega. Anchieta ficou destinado ao trabalho missionário na cidade de Piratininga, uma aldeia nas proximidades da Capitania de São Vicente. (AZEVEDO, 1942)

O jesuíta escreveu diálogos, comédias, ensinou latim, castelhano, doutrina cristã e a língua brasílica, a qual aprendeu com os nativos. Considerado paciente e bondoso foi denominado pelos nativos de *pazé-quassu (ansira - mãos*). Introduziu através da religião, novas culturas na vida cotidiana do Brasil. A sua obra é referência aos pesquisadores interessados na temática das atividades missionárias da Companhia de Jesus, sobretudo, é de fundamental importância, para se compreender a matriz da identidade cultural dos povos originários. Por sua consistente formação foi incubido de escrever e enviar para Roma e Portugal, de quatro em quatro meses, minuciosas informações do trabalho jesuítico na colônia do Brasil.

No conteúdo do livro, *Cartas: correspondência ativa e passiva,* estão incluídos 38 documentos, divididos entre as epístolas, os relatórios e os sermões. Os escritos guardam a memória do trabalho do missionário dedicado ao apostolado no Brasil. Tece minuciosos detalhes da cultura e costumes dos povos originários. Sobre as primeiras impressões acerca das mulheres indígenas, na capitania de São Vicente, diz Anchieta (1984, p. 56): "as mulheres andam nuas e não se sabem negar a ninguém, antes elas mesmas acometem e importunam os homens, lançando-se com eles nas redes, porque têm por honra dormir com os cristãos". Consideramos um sentido de *estranheza* na escrita do padre quando o mesmo se defronta diante da singularidade da identidade cultural das mulheres indígenas. Existe um olhar de alteridade no contato inicial do missionário com os povos originários. O *Outro,* é referência a uma hierarquia dominante que produz a diferença e o choque entre as culturas provoca a estranheza entre os modos diferentes de viver.



SEGUNDA PARTE

PORIN TUUNA YEEPU (GRANDE RIO): (DES) TERRITORIALIDADE À ETNOIDENTIDADE CULTURAL WAIWAI.

Margens do Rio Anauá na T. I. Waiwai em Roraima.
Foto: Mariza Pinheiro, 2018.

As florestas são como muralhas que protegem
as clareiras no coração da mata.
Os rios são vias que transportam a vida
pulsante dos povos originários.
(M. O. P.)

4 *ROOWO*[22]*:* (DES) TERRITORIALIDADE E COSMOLOGIA

> *Nossa mata tropical (yukuknon) é um mundo próprio, cuja composição e vida interna somente poderão ser esclarecidas pela pesquisa de muitas gerações. A vida de um indivíduo não é suficiente para dar uma boa visão da constituição de um único quilômetro quadrado de floresta. É importante discutir os nossos conhecimentos sobre a natureza e aprender mais para melhorar nossas vidas. (GUTIERREZ; SOUZA, 2015, p. 48)*

> *O que nos singulariza como cultura é o patrimônio de nomes e coisas da natureza que nos circula, as dezenas de plantas domesticadas pelos índios que cultivamos em nossas roças e os milhares de árvores frutíferas e de outros usos que eles não ensinaram a aproveitar. Assim, é que continuamos sendo índios nos corpos que temos e na cultura que nos ilumina e conduz. (DARCY RIBEIRO, 1996, p. 12-13)*



O capítulo apresenta o panorama etnográfico e etnohistórico dos povos indígenas no estado de Roraima revela séculos de resistência, muitas vezes sutis e disfarçadas. De acordo com a reportagem de Luan Guilherme Correia, publicada na Folha de Boa Vista/Roraima, no dia 19 de abril de 2016, atualmente, 20% da população do Estado de Roraima é indígena.

Segundo dados do Conselho Indígena de Roraima (CIR, 2016), deste percentual, 60 mil vivem nas aldeias e 30 mil moram nas cidades. Os dados apontam 470 comunidades indígenas, distribuídas em 10 etnias (*Macuxi, Yanomami, Patamona, Ingaricó, Wai Wai, Taurepang, Sapará, Wapixana e Xiriana*).

Existem 22 terras indígenas demarcadas no Estado, e cerca de 10 milhões de hectares são ocupados por povos indígenas, ou seja, 46% das terras do Estado. Na **Figura 1** é possível visualizar as comunidades indígenas distribuídas pelo estado de Roraima.

[22] Terra - Tradução baseada no glossário etnolinguístico Waiwai (APÊNDICE B).

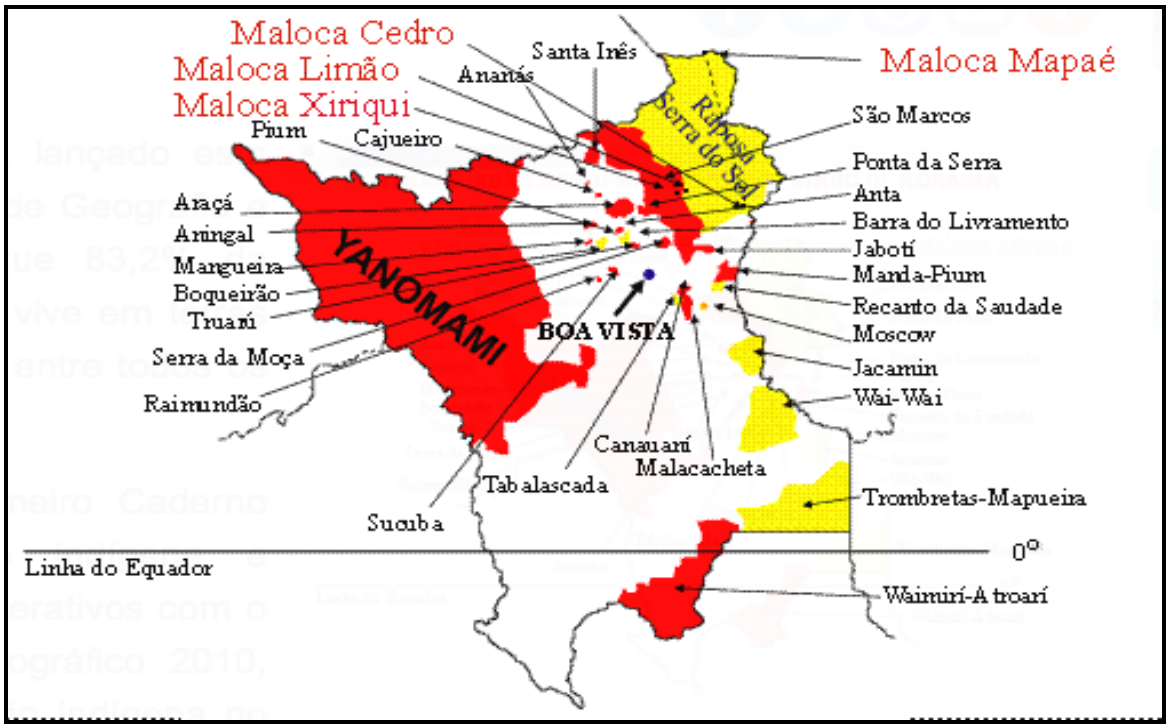


FIGURA 1: Comunidades indígenas no estado de Roraima.
Fonte: Atlas Digital do Brasil 2016.

Além das informações sobre a diversidade étnico-cultural e identitária é premente destacar aspectos importantes da educação indígena. O Instituto *Insikiran* de Formação Superior Indígena da Universidade Federal de Roraima tem papel fundamental na formação dos povos indígenas, e, sobretudo, tem a plena consciência da importância da educação destes, no desenvolvimento do Estado. (FREITAS, 2011).

Concebe-se como afirmativa que: a tradição cultural indígena é cristalizada na História e reapresentada de geração em geração através da oralidade e por variados meios ou repositórios de informações. Há um "eco" entre a memória indígena que supera épocas, onde as lembranças evocadas, são "arquivadas" em variados armazenadores, que disseminam a memória cultural, ligando-a a atualidade.

4.1. O ritual *kynyi areruia* e a fusão na cultura indígena

Ka kooingo, ka mahara
Ki te mauri o te atua
E te kamaka e te kaiwhakaora
Ka hahana te manawa

Ki te ihi karangaranga
Kei toku atua e hareruia
Hareruia,hareruia, hareruia, hareruia
(KAPAHAKA, 2013)[23]

Por meio da hermenêutica, buscamos decifrar as representações informacionais, identificando nos indícios do ritual *kynyi areruia*, a origem da conversão e a fusão na cultura indígena. Analisamos no desempenho da dança e da canção e oração canônica, o ritual *Areruia*, quais as transformações e imbricações que compõem a memória cultural dos indígenas do Norte do Brasil, sob a influência das missões e ordens religiosas. Utilizamos como fonte, a canção *Areruia* interpretada pelos povos do Norte do Brasil. Identificando a informação a partir da sua resignificação e tradução intercultural transmitida entre as gerações dos povos indígenas no Estado de Roraima.

O termo *Areruia* está relacionado ao cântico religioso bíblico *Aleluia*. A tradução latina do termo está em diversos Salmos do Antigo Testamento, especificamente, do 135 ao 146, e no 150. Também é traduzido por *Halləlûyā*h tiberian e significa "louvai e cantai ao senhor Deus/Jeová". A frase: *Ïmama, ï"ra, ïhöiba'uptaci ïpetse nhitsi na. Äne!* (LACHNITT; GIACARIA, 1993), traduz-se: em nome do pai, do filho e do espírito santo, segundo o livro de orações Xavante – Missão Salesiana de Mato Grosso.

A questão da religiosidade indígena foi e continua sendo amplamente abordada em diversas áreas, com um foco maior nas Ciências Sociais. A problemática indígena no Brasil tem vestígios desde o século XVI, em importantes obras, como as do Padre Antônio Vieira. No texto, *Sermão do Espírito Santo,* o religioso destaca acerca da pregação no mundo e os indígenas.

> Notam alguns autores modernos que notificou Cristo aos apóstolos a pregação da fé pelo mundo, depois de repreendê-los da culpa da incredulidade, para que os trabalhos que haviam de padecer na pregação da fé fossem também em satisfação e como em penitência da mesma incredulidade e dureza de coração que tiveram em não quererem crer: *Exprobavit incredulitatem eorum, et duritiam cordis, et*

[23] Versão Maori (Povos nativos da Nova Zelândia)

> *dixit illis: Euntes in mundum universum*[24]. E como Santo Tomé, entre todos os apóstolos, foi o mais culpado da incredulidade, por isso a Santo Tomé lhe coube, na repartição do mundo, a missão do Brasil, porque, onde fora maior a culpa, era justo que fosse mais pesada a penitência. Como se dissera o Senhor: os outros apóstolos, que foram menos culpados na incredulidade, vão pregar aos gregos, vão pregar aos romanos, vão pregar aos etíopes, aos árabes, aos armênios, aos sármatas, aos citas; mas Tomé, que teve a maior culpa, vá pregar aos gentios do Brasil, e pague a dureza de sua incredulidade com ensinar à gente mais bárbara e mais dura. Bem o mostrou o efeito. Quando os portugueses descobriram o Brasil, acharam as pegadas de Santo Tomé estampadas em uma pedra, que hoje se vê nas praias da Bahia; mas rastro, nem memória da fé que pregou Santo Tomé, nenhum achará nos homens. Não se podia melhor provar e encarecer a barbárie da gente. Nas pedras, acharam-se rastros do pregador, na gente não se achou rastro da pregação; as pedras conservam memórias do apóstolo, os corações não conservaram memória da doutrina (VIEIRA, III, p. 4)

Para o religioso, as diferenças de personalidades dos povos indígenas influenciam na permanência da conversão. A insistência foi a marca das missões. Aqui destacamos um trecho que traz outras informações sobre a Índia e o Brasil.

> Aplicando agora esta doutrina universal ao particular da terra em que vivemos, digo que, se em outras terras necessário aos apóstolos, ou aos sucessores do seu ministério, muito cabedal de amor de Deus para ensinar, nesta terra, e nestas terras é ainda necessário muito mais amor de Deus que em nenhuma outra. E por quê? Por dois princípios: o primeiro, pela qualidade das gentes; o segundo, pela dificuldade das línguas.
> Primeiramente, pela qualidade da gente, porque a gente destas terras é a mais bruta, a mais ingrata, a mais inconstante, a mais avessa, a mais trabalhosa de ensinar de quantas há no mundo.
> [...]. E qual seria a razão por que nas gentilidades da Índia se conservou a fé de Santo Tomé, e nas do Brasil não? Se as do Brasil ficaram desassistidas do santo apóstolo pela sua ausência, as da Índia também ficaram desassistidas dele pela sua morte. Pois, se naquelas nações se conservou a fé por tantos centos de anos, nestas por que se não conservou? Porque esta é a diferença que há de umas nações a outras. Nas da Índia, muitas são capazes de conservar a fé sem assistência dos pregadores; mas nas do Brasil nenhuma há que tenha esta capacidade. Esta é uma das maiores dificuldades que tem aqui a conversão. Há-se de estar sempre ensinando o que já está apreendido,

[24] Ele censurou-lhes a incredulidade e dureza de coração, e disse-lhes: Ide por todo o mundo.

> e há-se de estar sempre plantando o que já está nascido, sob pena de se perder o trabalho e mais o fruto. (VIEIRA, III, p. 4-6)

A expansão colonial no Norte do Brasil/Guiana passou por períodos conturbados. Conforme inúmeros registros na História do Brasil, as sucessivas alternâncias das invasões inglesas, francesas e espanholas entre as Cordilheiras e o Rio *Uraricoera* no Norte/Brasil/Guiana, dão informações do interesse mercadológico na região conhecida como o Vale do *El-Dorado* guianense.

A História da colonização do Brasil configurou-se em um período conhecido como "guerras justas"[25]. A ordem da Coroa Portuguesa visava defender o país das aventuras expansionistas dos espanhóis e holandeses. Mas, o objetivo era, principalmente, o tráfico de escravos indígenas, além da exploração mineral e vegetal do Brasil. Farage (1991) destaca o comércio ilícito da missão carmelita, sob a direção do Fr. Jerônimo Coelho e Francisco Ferreira, que com o "disfarçado" intuito de zelar e cuidar da conversão dos gentios, que na realidade, agiam clandestinamente à revelia das determinações da Coroa portuguesa.

As estatísticas da época, acerca do tráfico indígena, são escassas. Estudos etnográficos apontam a estratégia do aldeamento em áreas de interesse, como processo de submissão. Documentos elucidam sobre as motivações fundamentais dos primeiros encontros: o ouro e o trabalho escravo. Esses foram os principais motivos que impulsionaram os colonizadores. (ALBUQUERQUE; FERRONHA; HORTA; LOUREIRO, 1991)

A evangelização no Norte do Brasil foi empreendida em sua grande maioria pela Ordem do Carmo por volta dos anos 1627. Os missionários utilizaram um altar portátil, celebravam missas e batizados, transformando os índios em civis e cristãos. Os Chefes das missões administravam os aldeamentos do Rio Negro e Branco. Conforme Farage (1991, p. 178):

> [...] a imposição da língua aos povos conquistados era 'prática observada por todas as Nações polidas do mundo', por ser um dos

[25] É uma expressão criada na Roma Antiga, utilizada desde as Cruzadas. Foi usada como justificativa contra os indígenas por recusarem a conversão da fé ou obediência aos acordos da Coroa Portuguesa.

> meios mais eficazes para desterrar dos Povos rústicos a barbaridade dos seus antigos costumes; ter mostrado a experiência, que ao mesmo passo, que se introduz neles o uso da língua do príncipe, que os conquistou, se lhes radica também afeto, a veneração, e a obediência ao mesmo príncipe.

Em 1606, chegaram os Jesuítas, mas o destaque da missão ficou por conta do Padre Antônio Vieira, responsável pela Amazônia a partir de 1653. Os Franciscanos chegaram em 1618 e ficaram distribuídos entre a Guiana Francesa, trechos do Amazonas até *Nhamundá*, *Xingu* e Rio *Trombetas,* na região norte do Brasil. Os Mercedários atuaram em 1639 no Rio *Urubu* até o baixo Rio Negro. Para Garcia (2013) a religião adquiriu diversos significados na História das Missões no Brasil, é importante, considerar além da estratégia de convencimento pela fé, o elemento indissociável de negociação comercial, relacionado ao tráfico humano.

As missões europeias aconteceram paralelas à expansão capitalista da segunda metade do século XIX. Os missionários se utilizam da infraestrutura colonial, como transporte e comunicação para expandir templos de igrejas oficiais e, assim, tornaram-se protagonistas de uma nova ordem social na colônia. Já as missões norte-americanas, adotaram um mercado aberto, através da ocorrência entre igrejas, pela adesão voluntária dos fiéis. Diferente das missões jesuítas e carmelitas, que eram atreladas ao Estado, as igrejas norte-americanas eram organizações independentes do governo.

Segundo Cavalcanti (2001, p. 63):

> Nos países sob tutela colonial europeia há uma completa exportação de cultura e costumes da sociedade colonizadora para a sociedade colonizada. A forma de governo, a organização econômica, o modelo de religião, o sistema de educação, e o sistema de saúde são organizados dentro dos mesmos parâmetros sociais da nação dominante.

Cada organização religiosa representou uma força cultural invasora na América Latina e, eficazmente, no Brasil, a conversão indígena significou novas

formas de prática religiosa, imbricadas e metamorfoseadas com a cultura étnica de cada povo. Exigiu renúncias e adaptações na própria cultura nativa.

No século XIX, a influência missionária, segundo Colson (1971) já atingia um terço dos nativos da Guiana Inglesa. E, o século XX foi marcado por processos de conversão e evangelização na Região Norte do Brasil. As incursões de aprisionamento de escravos indígenas que aconteceram no século XVIII por portugueses atingiram localidades dos antepassados dos Waiwai. O padre carmelita Jerônimo Coelho foi acusado de escravizar nativos nos Rios Negro e Branco. Conforme Oliveira (2010, p.16):

> Outra grande quantidade de índios proveniente dos rios Negro e Branco foi utilizada como mão-de-obra na própria colônia portuguesa. No Orinoco, aldeamentos Jesuítas serviam ao mesmo fim de apresamento (Farage, 1991:73). Índios Hixkaryana e Xerew "descidos" do Trombetas eram escravizados na Fortaleza dos *Pauixís*, na garganta do Amazonas, e também aldeados na missão católica no baixo Nhamundá, entre 1925 e 1750 (Frikel, 1958:181 *apud* Howard, 2002:31; Frikel 1970:38). A escravização em massa seguiu de vento em popa até uma epidemia de sarampo assolar toda a região, entre 1740 e 1750.

Posern-Zielinski (1978, p. 97-98) relata a História sobre o movimento sociorreligioso e os cultos sincréticos, diz ele:

> *A new Indian religion, known as Hallelujah, was the outcome of these transformations. It took root among the Carib-speaking tribes inhabiting the borderland of British Guiana, Venezuela and Brazil or, more precisely, the Arekuna, Taurebang and Makusi as well as Akawaio and Patamona Indians. Hallelujah was a creative combination of shamanistic practices and Protestant teaching. By attending such rituals as gatherings and dancing and singing fetes, as well as by building churches and helping to convert their heathen brethren, its followers gave expression to their nagging anxiety over the outcome of ever closer contacts with Christian civilization they frantically tried to adopt as their own*.[26]

[26] Tradução livre: Uma nova religião dos índios conhecida como Aleluia, foi o resultado dessas transformações. Tomou raízes entre as tribos que falam o *Karibe* que habitam a fronteira da Guiana, Venezuela e Brasil ou, mais precisamente, os *Arekuna, Taulipang e Makuxi,* bem como *Akawaio* e índios *Patamona*. Aleluia foi uma combinação criativa de práticas xamânicas e ensino protestante. Ao participar de rituais como encontros, dançando e cantando em festas, bem como, pela construção de igrejas ou ajudando a converter seus irmãos pagãos, seus seguidores deram expressão à sua persistente ansiedade sobre o resultado de ter cada vez mais contatos com a civilização cristã que freneticamente adotaram como própria.

As experiências sobre as transformações e hibridização da atividade religiosa entre os anos de 1845 a 1846 foram centradas nas terras da parte superior do rio *Mazaruni,* habitado pelos índios *Akawaio*. Havia um grande número de indígenas, em assentamentos ao longo dos rios *Essequibo, Pomeron, Barima e Barama* desenvolvendo cultos de peregrinação para "ver Deus". Os nativos acreditavam que os líderes carismáticos os tornariam proprietários de terras, e que os mesmos, produziriam abundante agricultura.

Havia dificuldade de identificar com precisão uma influência específica e local das catequeses na cosmologia dos povos. Segundo Abreu (1995), a ordem nominal dos registros sobre a cerimônia Aleluia é: 1. *Theodor Koch-Grünberg*, abordou a etnografia dos *Taurepang*; 2. *Michael Swan* sobre os Caribes da Guiana Inglesa; 3. *Audrey Butt Colson* com a etnografia dos *Kapon*; 4. *Alfred Métraux*, sobre o sincretismo do ritual; 5. *David Thomas*, sobre os *Pemon* na Venezuela; 6. *Michael F. Brown* como movimento milenarista.

> Uma vez no Corentyne[27], eu ouvi, em cadência suave e lamuriante, da boca de um velho chefe cego[28], o muito recorrente *hallelujah,*[29] quando ele terminava a estrofe de algum hino de prece sagrada, que a ele havia sido ensinado pelos Morávios,[30] em sua juventude". (ISA, 2008)

A prática evangelizadora indígena envolveu, além dos rituais de fé, experimentos de aceitação, rejeição e de transformações das mensagens cristãs. Conforme Melvina Araújo, (2006, p. 16), ao longo dos séculos produziu-se releituras contínuas, diante de situações históricas específicas, e, também, das instáveis reações nativas.

---

[27] Rio que nasce na Serra do Acaraí e banha a Guiana e o Suriname. Faz fronteira entre os Estados de Roraima e Pará.

[28] Velho cego Nathaniel. Os registros não especificam a etnia. Ele representava a "última relíquia" da catequese holandesa. Foi encontrado pela missão do anglicano W. T. Veness, considerado, o "último" discípulo sobrevivente dos irmãos morávios. (ABREU, 1995, p. 23)

[29] Louvai ao senhor.

[30] Denominação religiosa do protestantismo. Teve início no século XIV na Boêmia. Primam pela unidade cristã com ênfase na piedade, nas missões e na música.

As populações indígenas não perderam sua cultura com a conversão, mas, ressignificaram-nas através de seus próprios costumes e linguagens. As práticas dos rituais desde o século XVI foram elemento de intermediação entre os missionários e indígenas.

> É o caso, por exemplo, da ideia do ritual da aleluia como 'autêntico ritual indígena', embora ligado em sua origem à presença evangélica, definindo como tal por todos os agentes sociais; é o caso, também da incorporação da iconografia e do próprio panteão católico nos rituais xamanísticos; exemplo do trabalho permanente de articulação de símbolos e significados que se dá no plano do discurso, mas, sobretudo, no da prática. (ARAÚJO, 2006, p. 19)

Na Cultura indígena, o ritual *Areruia* tem similitudes com o *Hallellujah* usado na religião judaica, o qual é celebrado com cantos e danças em festividades religiosas. Também está relacionado ao *ulular*, com o sentido de exaltação de alegria do povo de Israel.

Colson (1971) afirma a origem entre os anos 1845 a 1885, embora o período entre 1880 e 1910 deva ser considerado como o ápice para a prática e subsequente disseminação. Esse período marcou a fase do anglicanismo e, também, das missões católicas no interior da Guiana que se expandiram para o Norte do Brasil.

> *Historical information concerning Patamona Hallelujah is found in two sources: the unpublished writing of the Jesuit missionary Fr. Cuthbert Cary-Elwes, who toured the Patamona area on several occasions between 1917 and 1921: in Colin Henfrey's book "The Gentle People" in which he describes his visit to Patamona country in 1962. Combining the information contained in these sources it is possible to obtain a good, outline picture of the spread of Hallelujah among the Patamona.*[31] (COLSON, 1971, p. 28)

A criação, a adaptação, a incorporação e a dinâmica cultural do ritual, segundo Santilli (2001) trata-se de uma criativa ressignificação da pregação

[31] Tradução livre: As informações históricas sobre a ritual Aleluia dos *Patamona* são encontradas em duas fontes: a escrita inédita do missionário jesuíta Pe. *Cuthbert Cary-Elwes*, que visitou a área em várias ocasiões entre 1917 e 1921; no livro de Colin Henfrey, "*The Gentle People*", em que ele descreve sua visita a tribo em 1962. Combinando as informações contidas nestas fontes é possível obter uma representação da propagação do ritual Aleluia entre os povos Patamona.

missionária anglicana que atuou na Guiana Inglesa no final do século XIX. O movimento religioso foi incorporado entre os povos indígenas, principalmente, entre os *Macuxis* do Rio *Rupununi*.

O ritual concentra-se na figura do profeta – *pukenã,* ou seja, o responsável pelo canto e tem acesso direto à divindade, fazendo dele o detentor da sabedoria. O canto traz além do contato com a divindade, através das palavras divinas, a exigência ética e moral como ascensão para a vida após a morte.

A origem do ritual entre os *Macuxis* do vale do Rio Branco, atribui-se ao *Pregá,*[32] que o assimilou dos *Akawaio*, ao norte. Há informações de um profeta *macuxi*, chamado *Bichiwung* que permaneceu por um longo tempo junto a um pastor inglês. O profeta teve uma revelação, na qual a sua alma era liberada do corpo, indo ao encontro do 'pai celeste', semelhante aos registros da religiosidade que falavam os brancos. No encontro, ele teria recebido um livro de cantos da Aleluia. Conforme Araújo (2006, p. 134):

> A aleluia, assim como o tukui e o parixara, tem um puxador ou mestre de cerimônia – responsável pela condução dos cantos e passos da dança – e, à medida que ao mestre de cerimônia vão-se juntando outras pessoas, vai-se conformando um círculo concêntricos, sendo os círculos menores – e, consequentemente, interiores – formados por crianças. Já os círculos exteriores são compostos pelos adultos. Os passos ritmados pelo canto entoado pelos participantes são dados sempre num mesmo sentido, sendo que a perna que está à frente se dobra ligeiramente até que a outra a acompanhe, provocando um ligeiro balanço no corpo. Esses passos repetiram-se até o término da música.

Ainda de acordo com Araújo (2006) a ressignificação da tradição indígena do ritual *Aleluia*, expressa um diálogo universal dos homens com o divino. É comum o uso de linguagem especial, sendo muitas vezes incompreensível. O sentido, com o tempo adquire uma nova cosmologia (ABREU, 1995, p. 23).

O sentido simbólico do rito, centrado na *Kynyi Areruia* foi reconhecido na Guiana Inglesa como uma religião indígena oficial. Em 1884 *Everard Ferdinand in*

[32] Xamã que vivia nas serras. (SANTILLI, 2001, p. 34)

Thurn[33] chefiou uma expedição que foi até o cume do Monte Roraima. Lá encontrou os *Kapon* (macuxi) e *Pemon* (*Arekuna*), à época assistiu a um ritual, o qual denominou de movimento profético, com execução de cantos, rezas e danças. O botânico utilizou o termo *Aleluia,* considerando-o como mania eclesiástica, cadenciada por gritos incessantes de *Hallelujah! Hallelujah*! Acompanhada por farta bebida.

Theodor Koch-Grünberg (2006, p. 80) descreve com exatidão como interpretou a representação do ritual *Aleluia*:

> No fim da tarde — o *caxir*i é servido só em pequenas quantidades — todos dançam, a meu pedido e por ordem do chefe, o chamado *arärúya ou alälúya*; os *Wapichana* em separado, os Taulipang e Marcuschi juntos, primeiro diante da casa de Teodoro, depois na frente de minha cabana. A dança é própria dos Taulipang das montanhas, especialmente daqueles das proximidades do Roraima, uma lembrança em estilo indígena dos missionários ingleses que atuaram outrora junto a essa tribo, mas sem deixar vestígios "cristãos" perceptíveis. Os dançarinos formam uma roda fechada. Em grupos de dois ou três, aos pares ou, na maioria das vezes, separados por sexo, eles andam de braços dados ou com a mão direita no ombro esquerdo do parceiro, um atrás do outro, batendo com o pé direito no chão. Como acompanhamento, são cantadas diversas melodias com letra indígena ou num inglês degenerado, breves melodias marciais com andamento ligeiro de marcha, pelo visto hinos religiosos ingleses.

Com foco na contemporaneidade, Fernandes (2016, p. 44) analisou a musicalidade das cerimônias tradicionais dos povos indígenas do Norte do Brasil. Sobre a origem, influências e ressignificações das expressões culturais destes povos, ele descreve:

> Assim como no cristianismo – do qual em parte se origina –, na Aleluia, o desejo e o destino final dos adeptos da religião é o paraíso: lugar de abundância e de vida eterna, morada de seres divinos e do criador. O acesso ao paraíso, somente *post mortem*, é franqueado àqueles que, em vida, empenharam-se no exercício dos cantos e rezas trazidas do paraíso pelo *ipuke nãn*, e àqueles que seguiram uma vida

[33] Botânico, escritor e explorador. Foi governador da Guiana Inglesa de 1877 a 1882 e curador do *Guyana National Museum*.

> reta, orientada pelos dogmas da religião semi-cristã. O *ipuke'nãn* é o único capaz de alcançar o éden em vida, embora o faça apenas fortuitamente. No paraíso, os profetas estabelecem contato com seres divinos, com quem obtêm objetos, palavras mágicas e, sobretudo, cantos. O conjunto de conhecimentos sagrados coligidos pelos profetas é transmitido aos seus seguidores.

As mensagens missionárias de longa vida, abundância, vitória na guerra, cosmologia de terra sem mal, a assimilação aos xamãs-profetas foram absorvidas pelos indígenas. Sobre esse aspecto, Viveiros de Castro (2002, p. 201) relata acerca da visão simbólica que eles tinham dos europeus como personagens sobrenaturais e poderosos - demiurgos. *Mair* ou Maíra era o etnônimo para os franceses; *Karaíba,* heróis dotados de alta ciência xamânica designavam todos os estrangeiros, em geral. a representação foi muito mais do que uma mera e inocente metáfora. A astúcia invasora foi o elemento fundamental, tanto na associação quanto na assimilação entre a chegada dos brancos e o mito de retorno de divindades ameríndias.

Questões importantes destacadas por Viveiro de Castro (2002) e, que constam na literatura sobre os missionários foram: 1. A recusa da mortalidade pessoal na religião indígena; 2. A visão apocalíptica cristã coincide com a cosmologia nativa de catástrofe cósmica e de aniquilamento da terra. Os europeus eram tidos como mensageiros da exterioridade, conhecedores do domínio de almas e da morte; 3. Adotaram a disciplina de pregação matinal, como dos xamãs e dos chefes; 4. Usaram do canto como elemento de sedução; 5. Atenderam a demanda nativa de vitória sobre os inimigos; 6. Os desejos de vida longa e cura eram atendidos com o batismo e a pregação de vida eterna.

A relação de receptividade entre o discurso profético europeu e nativo, não está apenas no plano ideológico, mas, principalmente, na estrutura de interculturalidade. Nesse aspecto, diz Viveiros de Castro (2002, p. 209):

> Uma cultura não é um sistema de crenças, mas antes – já que deve ser algo – um conjunto de estruturações potenciais da experiência, capaz de suportar conteúdos tradicionais variados e de absorver novos: ela é um dispositivo culturante ou constituinte de processamento de crenças. Mesmo no plano constituído da cultura, penso que é mais interessante indagarmos das condições que facultam a certas culturas

> atribuir às crenças alheias um estatuto de suplementaridade ou de alternatividade em relação às próprias crenças.

No século XX, a cerimônia de canto *Aleluia* já se configurava em ritual comum em muitos povos. A temática foi abordada por diversos antropólogos e pesquisadores, destacam-se: Stella Abreu (1995) e Nunes Pereira (1967) entre os *Ingarikó; Koch-Grünberg* (2006) entre os *Taurepang* (*Pemon)*; Na Guiana, com os *Arakaio e Patamona*, *Cary-Elwes (1985), Frederick kenswil (1946), Michael Swan (1958), Colin Henfrey (1964), Audrey Butt Colson (1967), Susan Staats (1996) e Neil Whitehead (1996)*; na Venezuela, *David Thomas (1976)*.

Segundo Viveiro de Castro (2002), os relatos chamam a atenção para a intensidade da dança e o "transe", semelhante aos rituais de sessões espíritas e candomblés.

> As cerimônias realizadas atualmente têm um caráter incompleto, visto que não estamos precisamente no fim deste mundo, mas às suas vésperas. Assim sendo, tais cerimônias são preparatórias e destinam-se, sobretudo às mulheres. O Aleluia deve ser aprendido e executado por todos os povos, inclusive os não índios. Mas cabe sempre às mulheres um período longo de aprendizado. (ISA, 2008)[34]

Na atualidade, a Aleluia é o principal ritual nas celebrações dos povos indígenas da região do Norte do Brasil. Anualmente é apresentada no Encontro dos Povos Indígenas do Estado de Roraima, realizado pelas lideranças em parceria com o Instituto INSIKIRAN. Desse modo, a prática da cerimônia do K*ynyi Areruia,* recordada frequentemente, induz a criação de uma imagem mental e constrói uma representação através do estado de afecção vivenciado no rito.

Apropriamos-nos da historiografia sobre a conversão indígena, utilizando como inspiração inicial o ritual da K*ynyi Areruia* para compreender o sentido simbólico dos rituais indígenas, apresentado na nossa primeira viagem à campo, durante o mês de fevereiro de 2016, quando tivemos a oportunidade de participar do

[34] Instituto Socioambiental. Site: https://www.socioambiental.org/pt-br

III ENCONTRO DOS POVOS INDÍGENAS na cidade de Boa Vista, estado de Roraima, no Norte do Brasil.

4.2 Da etnia waiwai

> *Em vez de abandonar a rede de trocas tradicional ao se confrontar diretamente com os brancos, eles expandiram-na, de modo a englobar esses mesmos brancos, "colonizando-os", como mais uma fonte de bens, poderes e conhecimentos. (CATHERINE V. HOWARD, 2002)*
>
> *Mas diante de toda essa competência demonstrada e traduzida no poder de resistir ao processo incessante da impertinente fricção, estandardizada através da manutenção de muitos de seus elementos culturais e de representações significantes de sua ideologia, os waiwai são vulneráveis ao outside. É impossível saber, a priori, o que será ou acontecerá ao âmago de sua tenaz resistência em parte mantida até hoje, quando suas novas gerações assumirem o governo da aldeia. (SOUZA, 1998, P. 213)*

O povo *Waiwa*i, do Norte do Brasil, especificamente, do estado de Roraima[35], ocupa a área de 406 mil ha. Possui a população estimada de 365 indígenas na tribo. A situação jurídica da terra é homologada, estando sob a jurisdição da Amazônia Legal. São classificados como etnia não isolada.

No caso do povo Waiwai, foco da pesquisa, o contato inicial se deu através da prática de trocas de mercadorias, costume comum nas visitas intertribais. O intercâmbio e as relações com o colonizador marcaram profundas mudanças na cultura e identidade do grupo indígena. Desse modo, a diversidade cultural e social da etnia Waiwai está atrelada a trocas de artefatos materiais com práticas interculturais coletivas.

Quanto às práticas interculturais entre os *Waiwai*, destacam-se duas festividades coletivas: a) os festivais *shodewika* (visitas intertribais) e b) os rituais *yamo* (invocação dos espíritos da fertilidade). Nas festas há fartura de *Caxiri* (bebida fermentada do suco da mandioca). Com a presença dos missionários, os *Waiwai* passaram a consumir outras bebidas como extrato do buriti.

[35] Site www.terrasindigenas.org.br. - https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3900.

O Buriti é o fruto de uma palmeira (*Mauritia flexuosa*) originária da América do Sul. É muito alta, nativa da cidade de *Trinidad e Tobago* da América do Sul presente na Venezuela. No Brasil é predominante nos estados do Amapá, Roraima, Rondônia, Amazonas, Pará, Maranhão e Piauí, mas é também encontrada nos estados do Ceará, Bahia, Goiás, Tocantins, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Acre, Rio de Janeiro, São Paulo e no Distrito Federal. A árvore é conhecida como coqueiro-buriti, buritizeiro, miriti, muriti, muritim, muruti, palmeira-dos-brejos, carandá-guaçu e carandaí-guaçu. (FERREIRA, 2015). Essas transformações foram introduzidas pelo líder *Ewk*a.[36]

Em 2001, a Unevangelized Fields Mission International da Pennsylvania dos Estados Unidos (Missão Evangelística dos Campos – UFM) publicou a Bíblia Sagrada na língua *Uai Uai* em colaboração com a MEVA / Boa Vista/RR, sob o título *Kaan Karitan* – (tradução na íntegra, do Novo e do Velho Testamento, contendo 600 páginas). As missões protestantes iniciaram em 1792. Os missionários foram influenciados por Lutero desde a publicação no ano de 1517, as 95 teses. O pietismo foi um movimento evangélico interdenominacional e internacional que enviou missionários para várias partes do mundo, priorizando atividades em colônias, no intuito de expandir os fundamentos de Cristo.

Há um debate sobre ser este um dos motivos de transformação da cultura dos Waiwai. Efetivamente isso pode ocasionar o abandono da sua tradição de transmissão oral dos conhecimentos e suas práticas e concepções cosmológicas. Contudo, no contexto atual, são os povos indígenas que reivindicam o acesso à escrita e à educação escolar como condição fundamental para sua autonomia. A educação é um instrumento de comunicação que permite aos Waiwai produzirem sua cultura e disseminarem-na em armazenadores acessível aos não índios sendo os mesmos produtores e autores.

Na atualidade, as mulheres organizam e participam da OMIR (Organização das Mulheres Indígenas de Roraima) e colaboram com a orientação da economia solidária e independência econômica com a produção de artesanato, e também, a produção de artefatos de cerâmica, raladores de mandioca, tangas e colares de

[36] Xamã e *líder* waiwai que foi convertido ao cristianismo no início da década de 1950.

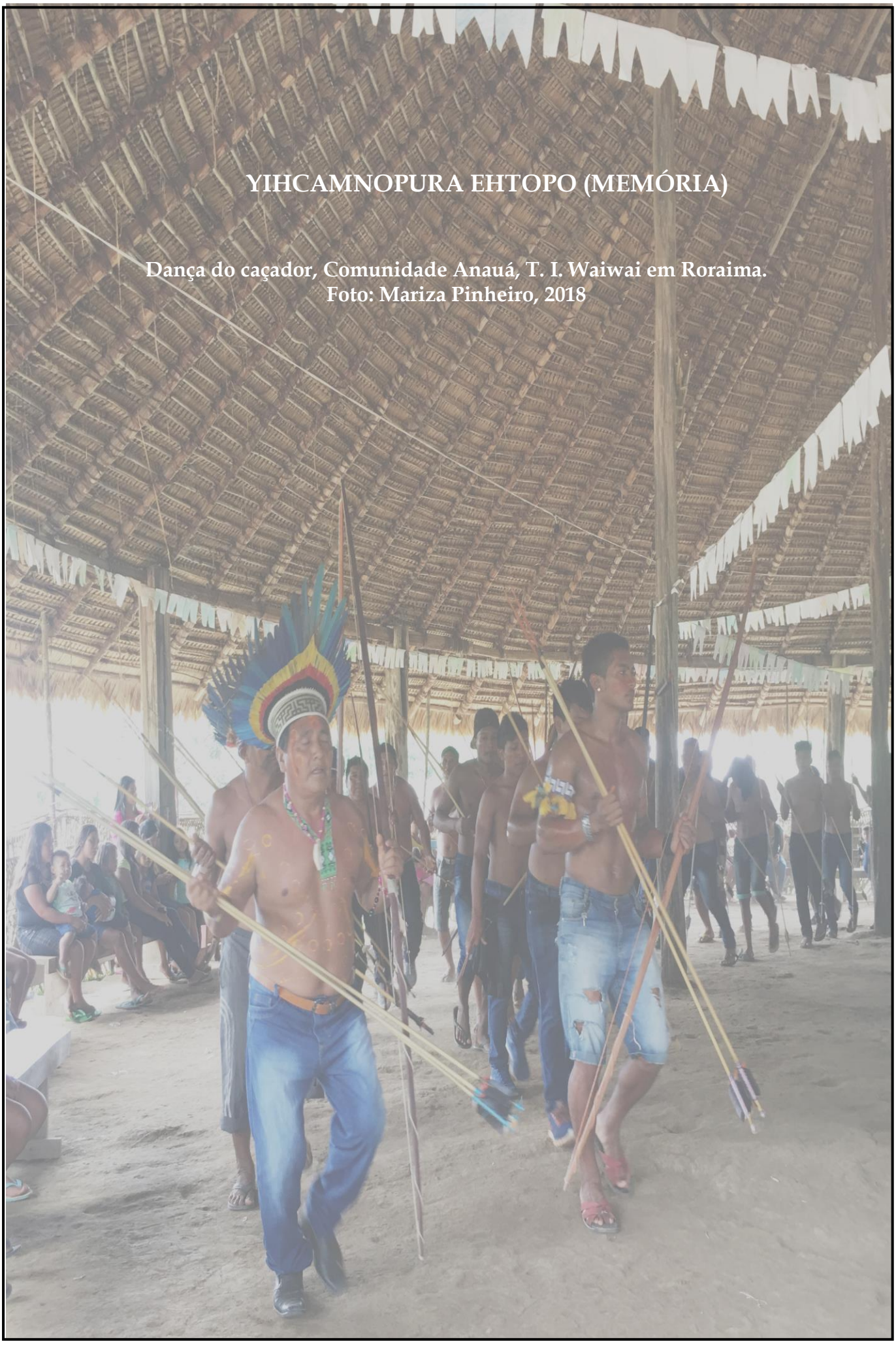
sementes, entre outros. Os homens produzem cestos, pentes, adornos de plumária, arcos e flechas entre outros. Boa parte do artesanato é levada para ser vendida em Boa Vista, mas também em Manaus, e, nos últimos anos, alguns jovens têm vendido artesanato durante a Festa do Boi em Parintins. Os Waiwai, sobretudo os jovens, também obtêm dinheiro ou mercadorias trabalhando, esporadicamente, nas vilas ribeirinhas, como, por exemplo, em Entre Rios e Caroebe.

A divisão das tarefas nas aldeias Waiwai são estabelecidas a partir das relações de gênero. Na relação seguem-se algumas regras, baseadas na cosmologia, nos mitos e nas relações de parentescos. A obtenção de poder e riqueza só é concretizada através da ativa participação das mulheres na vida social e econômica da coletividade. A própria condição do casamento já se constitui em poder e riqueza para os Waiwai. As mulheres casadas transformam a matéria prima adquirida pelos homens (agregação de valor). Os homens distribuem (negociam) o produto.

De modo geral, as observações na pesquisa de Souza (1998) sobre a Comunidade do Jatapuzinho, também são percebidas na Comunidade do Anauá. O trabalho feminino em preparar a comida e levar a bebida nas festividades, inclusive nas oportunidades de visita de fora da aldeia é protagonizada pela esposa do Tuxaua. O trabalho estético e criativo é uma prerrogativa dos homens. Para Souza (1998), alguns argumentos consideram que as mulheres pela atividade intensa não se prendem aos detalhes, ou de que os homens dispõem de mais tempo livre, ele também está mais próximo nos mitos, no animismo e na magia. A produção do artesanato tem grande valor de aceitação no mercado. Os artefatos são reconhecidos pela sofisticação e qualidade do traçado. De acordo com a coordenação de Turismo do Estado de Roraima, *design Waiwai* foi escolhido internacionalmente para representar a cultura material indígena do estado. (SOUZA, 1998)

A experiência na caça, os qualificam para a criação dos *design* que exigem a evocação das lembranças das figuras associadas aos animais. Portanto, a fonte da organização do conhecimento indígena, sendo de matriz cosmológica (mítica) centrado na autoridade e superioridade político-social do ser masculino.

YIHCAMNOPURA EHTOPO (MEMÓRIA)



Dança do caçador, Comunidade Anauá, T. I. Waiwai em Roraima.
Foto: Mariza Pinheiro, 2018

5. *ITORENO MKO*[37]: ETNOIDENTIDADE E CULTURA DOS WAIWAI DO ANAUÁ

> *Apertos de mão, 'moni'! móni!. Recepção amigável, boa comida: porco-do-mato no molho de pimenta, beijus frescos, caxiri. Servem-nos inúmeras cuias cheias de bebida vermelho-escura, refrescante e leve.Sempre vem uma outra mulher e diz: "Wô pí pi (caxiri, irmão!) e corre depressa com a tijela vazia para enchê-la novamente. (KOCH-GRUNBERG, 2006, p. 112)*



Neste capítulo trataremos da fase etnográfica da pesquisa. O *locus* de destino foi a Terra Indígena Anaúa, situada no sudeste do estado de Roraima. A escrita segue em uma linguagem sem retoques, em alguns trechos extraídos dos cadernos de notas. Adotamos como base central da pesquisa, o municipio de Boa Vista, capital do estado, com cerca de 380 habitantes (IBGE/2018) em virtude da concentração de dados bibliográficos acadêmicos sobre a população indígena.

O município de Boa Vista oferece às bibliotecas da UFRR e do INSIKIRAN (Instituto de formação superior indígena), além da Biblioteca Central localizada no Palácio da Cultura Nenê Macaggi, farto material oriundo de pesquisas que abordam variados aspectos da temática indígena na região, além do MIRR - Museu integrado de Roraima, o qual está desativado há 5 anos. Dispõe de vários setores específicos para atender a demanda indígena. São eles: Missão Consolata (MC); Missão Evangélica da Amazônia (MEVA); Missão Novas Tribos (NT); Missões Salesianas (MS) e a FUNAI.

A cidade possui um plano urbanístio moderno, tendo como base a Praça do Centro Cívico de onde saem 14 avenidas que dão o desenho de um leque. É a terceira capital projetada do Brasil, com modelo radial-concêntrico, inspirado na cidade de Paris, e nos traçados da cidade de Belo Horizonte, a primeira capital planejada. O Desenho e a execução do projeto são do engenheiro civil Darcy Aleixo Derenusson (1916-2002).

[37] Comunidade - Tradução baseada no glossário etnolinguistico Waiwai (APÊNDICE B).



FIGURA 2: Município de Boa Vista. Foto: Hibrasil.com.br[38]



FIGURA 3: Palácio da Cultura Nenê Macaggi. Foto: Guia do Turismo Brasil[39]

Boa Vista, capital do estado de Roraima é a expressão fidedigna de um processo de "territorialização", "des-territorialização" e re-territorialização, ou seja, ela associa habitantes culturalmente diferenciados, oriundo das várias regiões do Brasil. A cidade agregou e reestruturou a pluralidade cultural em uma coletividade

[38] Disponível em: http://www.hibrasil.com.br/boa-vista-rr/. Acesso em 25/01/2018 às 14h30

[39] Biblioteca Pública do Estado de Roraima. Fonte**:** site Guia do Turismo Brasil. Disponível em: https://www.guiadoturismobrasil.com/cidade/RR/985/boa-vista. Acesso em: 25/02/2019 às 15h30.

com identidade própria. Deste modo, "eles (se trans) formam num grupo 'étnico' novo" (BARBOSA; MELO 2010, p. 13).

A Bacia do Rio Branco é um dos mais importantes afluentes do Rio Negro. Na atualidade, as águas do Rio Branco proporcionam passeios em embarcações com a atração do nascer e do pôr do sol de onde também é possível admirar cada detalhe da fauna e da flora, das comunidades ribeirinhas. Estima-se em toda a extensa Bacia, existam mais de 300 espécies de peixes. Foram pelas suas águas que chegaram os primeiros colonizadores portugueses, que disputaram cada palmo de suas terras com os ingleses e holandeses, além de "tímidas" entradas dos franceses, nos idos de 1750.

O nome Rio Branco foi dado pelo colonizador português Pedro Teixeira em 1639 quando navegava pelo Solimões. Contam que o navegador encontrou um grupo de indígenas que diziam ter vindo de um rio de águas brancas, chamado *Queçoense.* Até o século XVIII a região ficou "esquecida" pela Coroa Portuguesa. Os primeiros a penetrarem pelas margens do rio foram Francisco Ferreira e frei Jerônimo Coelho, no intuito de aprisionar e escravisar os nativos e recolher ovos de tartaruagas para fabricação do combustível. Em 1752 os religiosos da Ordem dos Carmelitas se estabelecem na região.

O registro da colonização do Brasil pelos portugueses foi oficialmente autorizado pela coroa, em 1777 com base no aldeamento indígena, que os concentravam em povoações, mesmo contra a vontade deles. Em 1780 os aldeamentos foram abandonados após uma revolta indígena. Com a criação do Território de Roraima, inicialmente denominado Rio Branco, foi incentivado a imigração de diversos estados nordestinos que ocuparam as primeiras colônias agrícolas oriundos: do Maranhão, Paraíba, Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Piauí e, do norte, o Pará e Amazonas. Depois do projeto Rondon[40], vieram os

[40] O Projeto Rondon é uma ação interministerial do Governo Federal, que envolvem os Ministérios: da Educação, do Desenvolvimento Social e Agrário, da Saúde, do Meio Ambiente, da Integração Nacional, do Esporte e da Secretária de Governo da Presidência da República. A coordenação é conduzida pelo Ministério da defesa com a parceria dos Governos Estaduais e Municipais e conta com o apoio das Instituições de Ensino Superior. Tem como objetivo desenvolver ações que tragam beneficios permanentes para as Comunidades consolidando o sentido de responsabilidade social. Visa também contribuir na formação acadêmica proporcionando o conhecimento da realidade brasileira. (Criação Decreto nº 62.927, de 28/06/1968. Fonte: www.projetorondon.defesa.gov.br)

gaúchos e paranaenses. A economia é baseada na produção pecuária e na produção de pedras preciosas, ouro e diamante em maior escala. A agricultura foi facilitada pela grande área de campos naturais chamada de savanas, e centra-se nas produções de arroz, milho e soja para exportação. O local da abordagem etnográfica fica no sul do estado, na fronteira com a Guiana Inglesa. Na listagem contida na **figura 4** é o item de número 6.



FIGURA 4: Mapa das áreas indígenas do Estado de Roraima.
Fonte: Barbosa; Melo (2010, p. 17).

A Terra Indígena Waiwai foi homologada através do Decreto s/n de 24, de junho de 2003 e abrange a área de 406 mil ha com a estimativa populacional de 365 pessoas, segundo os dados do Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena (SIASI), Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) e Distrito Sanitário Especial Indígena (DSE) de 2013.

Em 2014 a comunidade era composta por 39 famílias formada pelas etnias: *Waiwai; Mawayana; Xereu; Katwena e Mauxi.* Fazem parte de um conglomerado multiétnico de descendência *Karuma e Parîkuto.* A área abrange os municipios de Caracarai, com 4.739.069,10 ha; Caroebe com 1.206,577, 10 ha; e São João da Baliza com 428.450,20 ha. A pesquisa demonstra o motivo: há uma descentração identitária da origem do nascimento. Na ontologia do ser, a sua autoreferência torna-se híbrida através de transmutações linguísticas.

Na Etnohistória indígena de Roraima, estima-se que em 1943 existiam 15.700 indígenas, conforme dados de Ernesto Migliazza (1967). O estado possuía 14% de sua população, constituída por grupos indígenas. As reservas abrangiam 54% da área total de Roraima, em sua maioria nas regiões de fronteiras. Havendo como resultado uma redução populacional.

Senhor Geraldo Pereira dos Santos, agente de saúde e ex-Tuxaua, filho de *Quirifaká,* um dos fundadores da Comunidade Anaúa, conforme a tradução do áudio de nº 3, contendo a entrevista do dia 05, de Dezembro de 2018 relata:

> os Waiwai foram expulsos da Guiana para o Brasil na década de 1971, pelo governo socialista, junto com os missionários norte-americanos a MEVA que atuavam na região desde 1945. Eles viviam em uma grande comunidade no rio Tavine, em uma aldeia de nome *kahxymo* que signifia, grande cachoeira. Foi o meu pai, *Quirifiká,* quem ajudou os missionários a terminarem a tradução da Biblia Sagrada iniciada pelo *Ewká*.

As informações do Senhor Geraldo são comprovadas com a pesquisa de mestrado de Souto (2015). De acordo com o pesquisador, a vitória do governo socialista na Guiana, a partir da Revolta de Rupununi, desencadeada em 1969, o país expulsou imigrantes presentes na região, principalmente em área de fronteira

forçando a saída dos missionários para o Brasil. O movimento de saída dos Waiwai da Guiana junto com os missionários norte-americanos consolidou uma aliança com os indígenas caracterizada mais tarde como Missão Evangélica da Amazônia (MEVA).

O relato do senhor Geraldo sobre a etnohistória da Comunidade Anauá foi concedida por autorização do Conselho de líderes. O conselho tem a incumbência de obter informações sobre os objetivos dos pesquisadores ou interessados que visitam a aldeia, conforme a **Figura 5**. Deste modo, depois da recepção na escola participei da reunião e na oportunidade tive autorização para fotogragar, filmar e gravar o áudios durante a minha atividade de observação participante na localidade.



FIGURA 5: Reunião com o Conselho de líderes na *casa umaná*[41].
Foto Mariza Pinheiro, 2018. Fonte: arquivo privado da pesquisadora.

Em Roraima, em um primeiro momento eles criaram uma aldeia às margens do Rio Novo, (*Kaxmi),* conhecida como pista antiga (devido a abertura de pista na clareira para o pouso de aviões em 1962). Outras comunidades foram criadas, *Katuau, Samaúma, Jatapuzinho, Cobra, e a Anauá* (a mais nova).

[41] Em sentido horário, eu, o professor Reginaldo, o fiscal, o Senhor Geraldo, de camisa azul, ex-tuxaua, pastor e atual agente de saúde, foi quem concedeu a entrevista sobre a etnohistória da comunidade Waiwai. Tarcisio (de camisa vermelha), é o atual Tuxaua, ao seu lado um pouco escondido, está o vice-Tuxaua e de camisa amarela o secretário da reunião.

Nos anos de 1948, a *Unevangelized Field Mission* (UFM), representada pelos irmãos missionários, *Robert, Neill e Rader Hawkins*, partiram de *Dallas*, no *Texas* (EU) e contactaram os Waiwai do Rio Essequibo, na Guiana Inglesa. E, em três anos aprenderam a língua, elaboraram um alfabeto, publicaram uma gramática e traduziram a Biblia Sagrada protestante, como elemento difusor do branqueamento, da língua, o alfabeto e a bibliotologia (FIGURA 6).

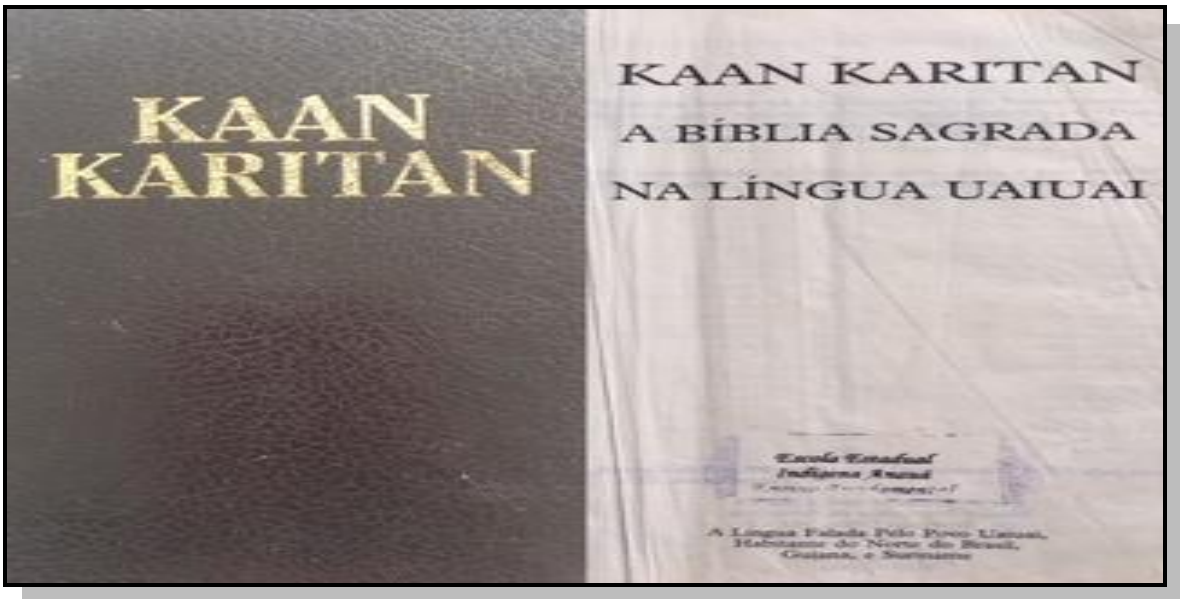


FIGURA 6: Biblia sagrada na língua Waiwai.
Foto Mariza Pinheiro, 2018. Fonte: arquivo privado da pesquisadora

No Brasil, o pajé *Ewka* (pai do professor Reginaldo, interlocutor na minha ida à Comunidade Anauá), tornou-se o primeiro líder – pastor perpetuado na obra *O Pajé de Cristo*: uma história do amor de Deus operando milagres nas selvas da amazônia (DOWDY, 1997), editado pela MEVA. A obra é a tradução do original, *Christ's Witchdoctor: from savage sorcerer to jungle missionary*[42], publicado no ano de 1963, por *Halper & Row, Nova York*.

Contudo, como ressalta Assmann (2011, p. 55) "a conscientização histórica começa com uma conscientização sobre a mudança linguística". Na etnohistória Waiwai, a língua sofreu variadas transformações e agregações dos variados grupos etnicos que se agruparam. Os irmãos Hawkins para se aprofundarem na língua

[42] Tradução: O Pajé de Cristo: de feiticeiro selvagem a missionário de selva.

Waiwai, ensinaram inglês para as crianças e grupos interessados em waiwaizar (evangelizar). Para aprofundarem a comunicação criaram uma escola de ensino bilíngue em função da busca de contato om o outro.

Depois, se estabeleceram às margens do rio Mapuera, no Amazonas. Lá encontraram os *Wapichanas* (tronco Aruak), com os quais efetivaram trocas de artefatos. Os missionários e as lideranças indígenas já convertidos, *Ewká* (Pastor de Cristo), *Quirifaká* (pai do Sr. Geraldo), *Iacutá* (irmão de *Ewká*), *Toxi* e quatro famílias migraram para o Rio Novo, afluente do Anauá, em Roraima e continuaram o trabalho de evangelização dos povos *Waimiri Atroari*.

Segundo Coelho e Azevedo (2017, p. 5), no ano de 2017, a MEVA já se constituia como liderança nacional evangelizadora no mundo. Atuando em 33 igrejas em comunidades indígenas no Estado de Roraima, sendo: 6 junto aos *Macuxi;* 4 com os W*apixanas;* 6 com os *Yanomamis;* 18 com os *Waiwai.* O mapa da atuação da MEVA (FIGURA 7) mostra que ainda constam 5 aldeias sem igrejas, sendo 2 dos *Ingarió;* 1 *Iecuana;* e 2 *Yanomami.* Os missionários continuam o trabalho no âmbito da linguística, analisando línguas ágrafas e a tradução da Bíblia; no ensino bilíngue-bicultural e também, no treinamento de lideranças.



FIGURA 7: Mapa da atuação da MEVA em Terras Indígeans em Roraima. Fonte: MEVA[43]

[43]https://www.meva.org.br

Na tradição dos Waiwai, as lideranças (*kayaritomo*) constituem-se de três modos: primeiro, segundo e terceiro *Tuxauas*. Exige que sejam casados, convertidos ao evangelismo e tenham o compromisso de administrar a comunidade. Para a eleição a população reúne-se no malocão (casa *umana)*. O eleito é empossado logo após a eleição e exerce o poder junto ao pastor. A epítome do processo de aprovação do *kayaritono* (Tuxaua) exige alguns elementos como a construção da alegria como o riso, a espontaneidade e a corroboração para a socialização junto ao grupo local. (SOUZA, 1998, p. 59)

Conforme o relato do professor Alexandre A. de S. (áudio nº10 de 23/12/2018) o qual foi confirmado com as etnoinformações do TCC de SOUZA (2014, p. 20-21) a ocupação da Comunidade Anauá aconteceu depois de vários conflitos entre os membros de uma mesma aldeia. Um novo grupo, sob novas lideranças retornaram ao Brasil depois de uma experiência de aglomeração em torno da missão evangélica *Kanagen* na Guiana Inglesa, que desde os anos de 1949 se instalaram em áreas habitadas por povos de língua Caribe. As missões incentivaram os continuos deslocamentos na região. De acordo com Silva (2016, p. 13) na época:

> existia um movimento de reocupação de antiga áreas abandonadas no passado. Diversos grupos juntaram-se às missões *Kanaxem* na Guiana Inglesa; *Kassawá* no Rio Nhamundá; *Alalaparu* e *Paloemeu* no Suriname; *Tiriyós* no Rio Erepecuru; *Bona* e *Apalai* no Rio Paru de Leste.

No Brasil, na década de 1970 cinco famílias migraram para as margens do Rio Anauá e seu afluente Rio Novo. Para criação da Comunidade Anauá vieram os chefes de famílias e suas esposas: 1) Valdeci Noro; 2) Zacarias *Noro*, 3) Claudio *Kaciwana*, 4) Francisco *Xiita* e, 5) Sergio *Xehxewa*. Foram os primeiros moradores do Anauá. As familias de Messias *Kirpaka*, Geraldo *Panahruru* e seus irmãos Tarcisio *Yakima* (atual Tuxaua) e André *Anti*, Carlito Iray e Manoel *Yarka*, chegaram em 2000 e juntaram-se em um grande grupo de povos misturados. A Comunidade compõem-se de Núcleos: *Mawayana*; *Xerew; Katwena; Macuxi e Waiwai* que migraram da Guiana

Inglesa e de partes do estado de Roraima, Pará e Amazonas atraidos pela promessa de vida melhor, no modelo salvacionista de necessidade premente de salvação da alma dos indígenas.

As missões contribuiram de forma planejada e lenta para a transmutação e "aculturação" dos costumes que estavam fora das regras e normas morais dos puritanos. A estratégia da conversão na concepção dos missionários, representava um modo menos traumático. Contudo as ações efetivaram dois impactos aos nativos: 1) serviu para "socializar" os indígenas e prepará-los como povoadores de núcleos populacionais na fronteira; 2) a vigilia missionária favorecia o controle e interferencia na constituição da omunidade. (SILVA, 2016)

Deste modo, as agregações em Comunidades representam as características multietnicas dos variados povos indígenas que se juntaram na Terra Indígena Waiwai, para formar uma nova tribo, são por Dias Jr. (2008) designada em sua análise comunidades com potencial de *waiwaização,* que significa povo evangelizador. A opção em ser *Waiwai* com o comportamento pacífico, diferente dos povos isolados, implica em um pacto entre os grupos de abandono do xamanismo, substituindo-o pelo modo de vida sob os principios cristãos.

Na **figura 8** apresentamos através da imagem a **Constituição da Identidade Cultural Waiwai da Comunidade Anauá.** Em um movimento hierarquizado de fora para dentro percebemos que embora os grupos etnicos se identifiquem dentro de seus pequenos núcleos familiares por etnias diversas, na esfera maior da comunidade, assumem a identidade coletiva, designada *Waiwai*, com aspectos e valores divergentes dos seus antepassados e incluem-se nos costumes religiosos "semelhantes" aos evangélicos da cidade. Neste sentido, a *Waiwaização* tem o significado de tornar-se um cristão, e acreditar em um só Deus, "abandonando" as crenças do xamanismo. Deste modo, em suas "diferenças" culturais, individualizadas por etnias e línguas, formam um "coletivo" de valores identitários, tornando-se *Waiwai - indígenas evangélico*.

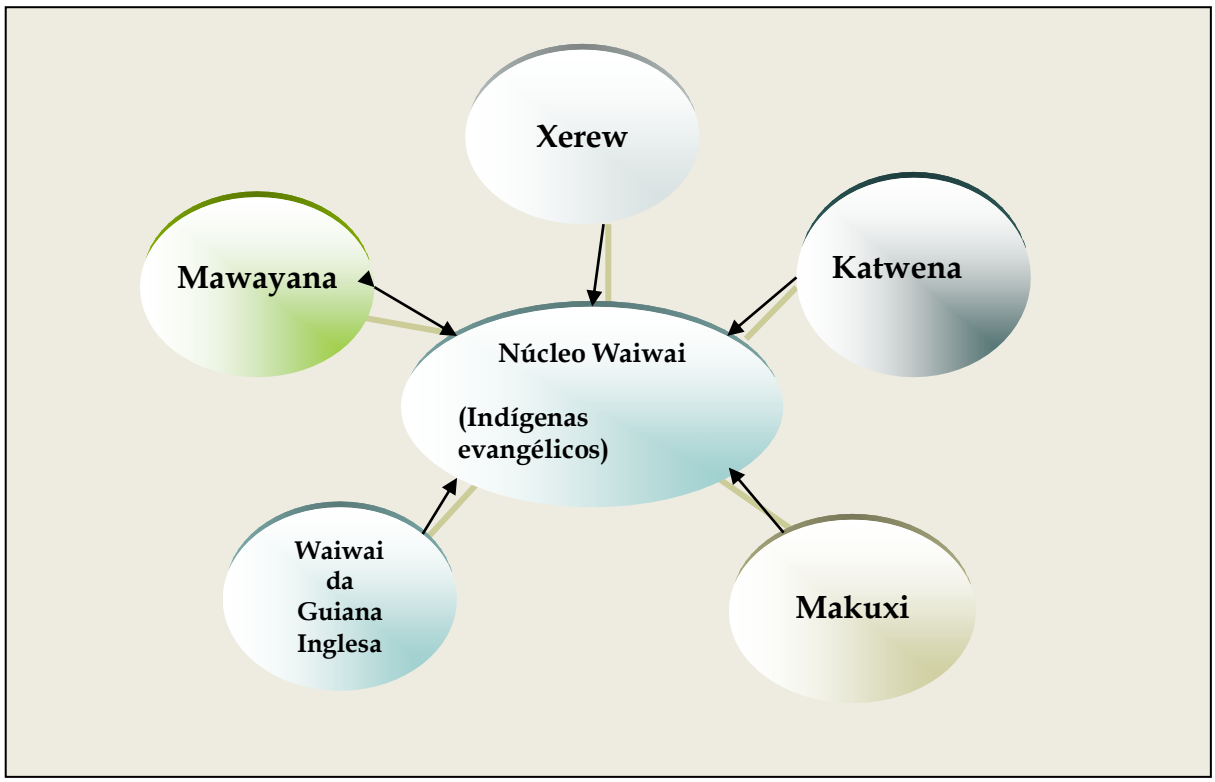


FIGURA 8: Constituição da Identidade Cultural Waiwai do Anauá.
Elaboração: PINHEIRO, M. O. (2019). **Fonte:** Dados da pesquisa.

As escolhas por formação de novas comunidades, ou seja, essa ideia de adesão coletiva envolve interesses maiores que sobrepõem o individual. Contudo, é importante ressaltar que também significou a "transmutação" de determindas tradições, costumes e dialetos.

A comunidade local passa a determinar os interesses culturais do "novo" grupo, compondo algo mais que os "direitos como indivíduos". Este "algo a mais" que torna aceitáveis as restrições ao direito individual é acima de tudo, a busca do objetivo da sobrevivência, e isso significa a continuidade da comunidade por futuras gerações. (BAUMAN, 1998, p. 237).

Quanto ao sentido simbólico da *Waiwaização*, segundo Souza (1998, p. 8):

> Os Waiwai recorrem a um processo ritual que caracteriza a apropriação dos elementos (quaisquer que sejam) advindos da interação, através de uma interferência socializante produzida pelo próprio grupo, numa demonstração não de resignação e aceitação simplesmente, mas de cognoscibilidade no momento da absorção. É um momento no qual eles socializam, "civiliza" à sua maneira a incorporação.

A percepção que temos a partir da experiência etnográfica na comunidade Anauá vai além do pensamento destacado pelo antropólogo Souza (1998). É importante ressaltar que o complexo processo de agregação identitária dos Waiwai perpassa também, de forma especulativa, por questões da metafísica. É o resultado da inflexão dialética entre o si mesmo e o outro que Ricouer (2014, p. 375) trata na hermenêutica do si. Na **figura 9** construimos uma representação a partir da nossa reflexão etnopoiética do sentido ontológico da *waiwaização.*

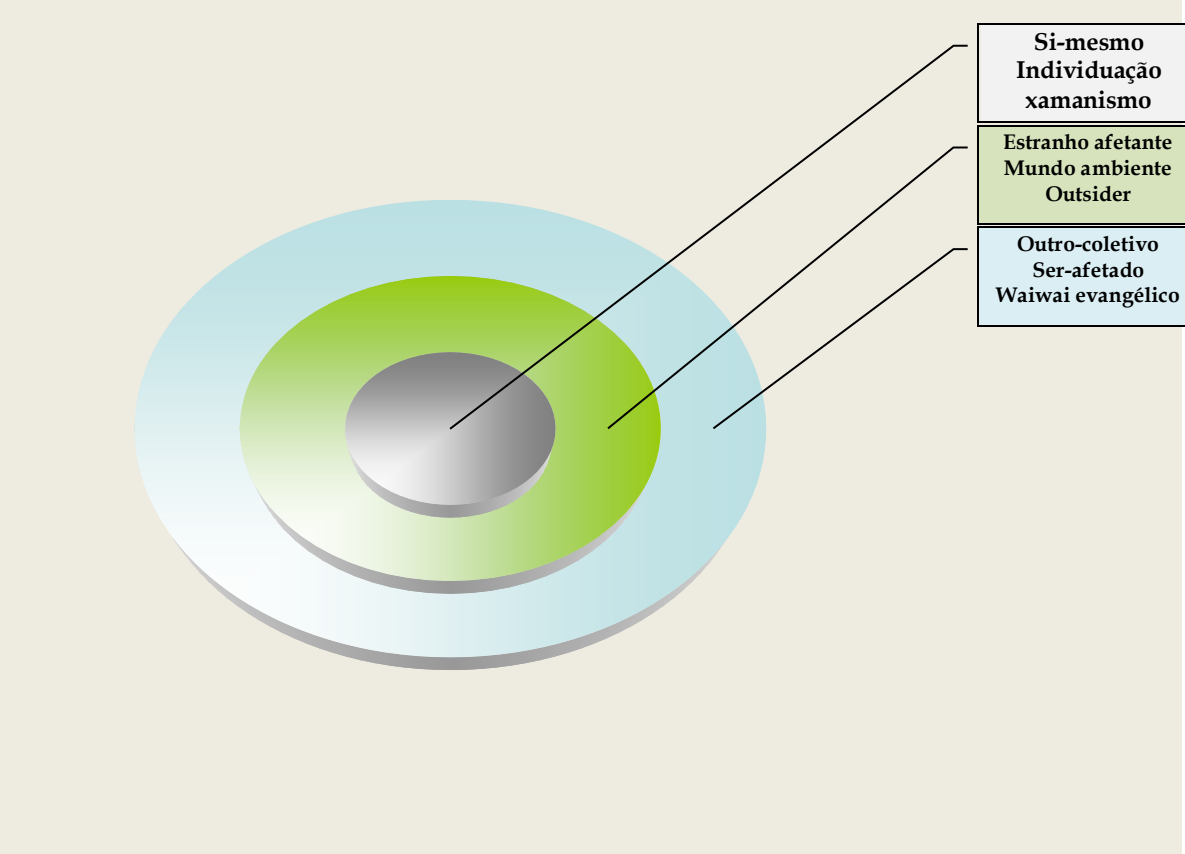


FIGURA 9: Etnopoiesi ontológica da identidade cultural Waiwai (waiwaização).
Elaboração: PINHEIRO, M. O. (2019). **Fonte:** Dados da pesquisa.

O si-mesmo transmuta-se como Outro-coletivo ao constituir-se em um membro de outro grupo-comunidade. Deste modo, pode-se aferir que no fenômeno da *etnopoiesi ontológica,* o sujeito de etnia diversa como ser individual (si-mesmo), representado no círculo cinza, submete-se para sobreviver ao novo espaço, e como

Outsider (estranho efetante), representado no círculo médio de cor verde, transmuta os seus referenciais culturais. A constituição em *waiwai* evangélico (Outro-coletivo) engloba assumir costumes, língua, hábitos a partir de outros referenciais, tendo como referencia o teológico-religioso *bonum facere* (fazer o bem).

Como assevera Souza (2014, p. 74) a essência da *waiwaização*:

> é a conversão do outro em um Waiwai. É quando essa "gente raivosa" passa a ser "gente pacífica"; quando "ignorantes" passam a ser "cultos" (HOWARD, 1993, p. 257). A "conversão" aos Waiwai se dá na medida em que o outro deixa de ser um povo "animal" para ser Waiwai – "o povo do beiju". A linguagem mostra como os Waiwai aplicam a tática na prática da construção de sua identidade/alteridade, demonstrando que são eles e o radicalmente outro.

Dentro da dinâmica cultural a percepção que temos, parafraseando Ricouer (2014) é que a concepção deontológica da moral (valores ancestrais de cada etnia) continua vinculada à concepção teleológica da ética da comunidade waiwai (valores cristãos). Deste modo, o si-mesmo não é apenas o eu (individuação do si-mesmo). Pode-se considerá-lo Outros, ou seja, como a representação simbólica de valores culturais enraigados na etnomemória, do coletivo etnico do seu parentesco (ancestrais).

Na cosmologia indígena a condição histórico-geográfica, ainda está em um "projeto de Vir-a-Ser, buscando a unidade no interior da diferença", como uma matriz do futuro em constante e permanente "revolução" espiritual. (HARVEY, 1992, p. 325-326).

Portanto, o etnônimo da identidade cultural Waiwai da comunidade Anauá foi caracterizado a partir de uma construção fragmentária e complexa. A compreensão identitária do grupo etnico perpassa por noções "traduzidas" e interpretadas nos registro etnohistóricos. Durante as observações no trabalho de campo o sentido que predomina na atualidade está relacionado à referência da evangelização da missão MEVA, ou seja, povo indígena evangélico. A integração e "assimilação" foram aceleradas através do contato dos missionários desde o rio Essequibo na Guiana Inglesa.

> Os Waiwai são identificados através da alimentação da goma, chamados de povo da mandioca de pele branca ou tapioca. E, ser um Waiwai pode ser traduzido hoje como, eu sou crente, eu não vou mais morar na mesma casa, todos juntos, com outras famílias, que chamamos de casa humana, e os antropológos casas coletivas. Vou construir a minha casa e morar com a minha família, com a minha esposa. Surge então a ideia de ser Waiwai. Aceitei Jesus como meu salvador e abandonar todas aquelas coisas erradas que eu fazia antes: não mecher na mulher dos outros, não fazer feitiço, não raptar mulheres, não ter guerras, não vingar os outros, não fumar o tabaco, para fazer o ritual e não beber, bebidas fermentadas. A partir do momento que aceitou ser Waiwai, no começo foi estranho. Identificar-se como Waiwai, também foi uma luta, por termos de abandonar as crenças de nossos ancentrais. [...] Ser Waiwai foi uma transformação a partir da convivência com os missionários. (SOUZA, A. A. Aúdio N.9, entrevista em 23/12/2018)

A língua materna Waiwai é usada de forma geral por todos e o português é utilizado ainda de forma muito reduzida, apenas pelo núcleo dos professores indígenas e as lideranças. Para as informações no âmbito geral, o Tuxaua organizou uma reunião com o conselho dos mais velhos. O sr. Geraldo Pereira dos Santos, agente de saúde, ex-tuxaua e pioneiro na comunidade, junto com *Ewka* (pastor de Cristo), *Kîrîfiká, Yakutá e Toxi,* foi o representante da fala etnohistórica.

> Quatro líderes apontam para as principais rotas de ocupação atuais entre os Waiwai: Ewka nos Rios Essequibo, Mapuera e Jatapuzinho; João nos Rios Novo e Anauá; Paulo no Jatapu e Pedro no Jatapuzinho. Cada um deles com uma trajetória capital no processo de institucionalização das novas formas do coletivo, instituindo o formato das Comunidades tais como as concebem e se (re) presentam hoje, expressando o conteúdo da própria generalização do termo Waiwai. (DIAS JR. 2008, p. 63)

Ewka foi um líder evangélico em *Yakayaka*, e foi o pioneiro na construção das bases que institucionalizariam o processo de "*waiwaização*", conforme Dias Jr. (2008, p. 63), na versão dos missionários, esse mesmo líder também esteve "evangelizando" os outros yanas".

Na comunidade Anauá ainda existem variados dialetos falados dentro dos

núcleos étnicos familiares. Na década de 1980 havia "parentelas" falando línguas dos troncos linguísticos *Karib* (*Katuena, Xerew, Karapayana e Hixkaryana*) *e* Arawak (*Mawayana)*.

> *Parukotos, Karuma e Cikyana* morreram como língua mãe. O caso dos *Xerew; Katwena; Mawayana* e os *Macuxis*, migraram pelo casamento para conviver com os Waiwai. O convívio coletivo ajudou o domínio de uma única língua, a língua Waiwai. Este confronto de línguas está cada vez mais fraco. A língua de origem acabou sendo dissipada pela morte dos membros mais velhos. Os mais jovens são alfabetizados na língua Waiwai. Para facilitar os professores utilizam o dicionário Waiwai – Português, produzido por Robert Hawkins (2001)[44]. (SOUZA, 2018, aúdio 10, entrevista em 23/12/2018)

O acesso até a comunidade Anauá é feito pela BR 174 e BR 210 através de transportes rodoviários intermunicipais e vans alternativas que ligam a cidade de Boa Vista até o município de São José do Baliza[45], são 325 km em estradas asfaltadas e tempo médio de 4h50m de duração. Do Baliza até a comunidade indígena Anauá é preciso ainda um transporte particular. São mais 40 km de estradas sem asfalto a partir da vicinal de número 29.

O ponto inicial da demarcação da T.I. Waiwai é atravessando a ponte São Luizão. Devido às características da estrada, com trechos de difícil acesso, várias pontes rústicas, feitas de madeiras apresentando desgastes, rachaduras do tempo, é comum, para facilitar e agilizar a viagem, o uso de motos. O tempo aproximado é de 1hora. O acesso na época de chuvas é feito pelo rio, pois torna-se intrafegável e perigosa a estrada pela vicinal.

Os Waiwai também são apoiados por algumas organizações: a APIW – Associação do povo indígena Waiwai; OPIRR- Associação dos professores indígenas de Roraima; CIR – Conselho indígena de Roraima; OMIR – Organização das mulheres indígenas de Roraima; OPIR – Associação dos povos indígenas de

[44] *Fac-símile in* dicionário Uai-Uai / Português. Tradução Carlos Chaplin. MEVA. (ANEXO)
[45] Fica no Sudeste do estado de Roraima

Roraima. A grilhagem[46] e a exploração de minérios são ameaças constantes na região.

A MEVA – Missão Evangélica da Amazônia, além da FUNAI, se constitui em principal agente direto com a comunidade. Conforme dados do site Terras indígenas do Brasil, conforme a **figura 10**, na T. I. Waiwai, existem em média 365 pessoas (SIASI; SESAI de 2013)[47]. A nossa percepção após as incursões no campo, é de que a estimativa populacional aumentou. Não foi possível levantar estes dados de forma oficial, o último censo aconteceu em 2010, contudo, é visível o expressivo número de crianças na comunidade.

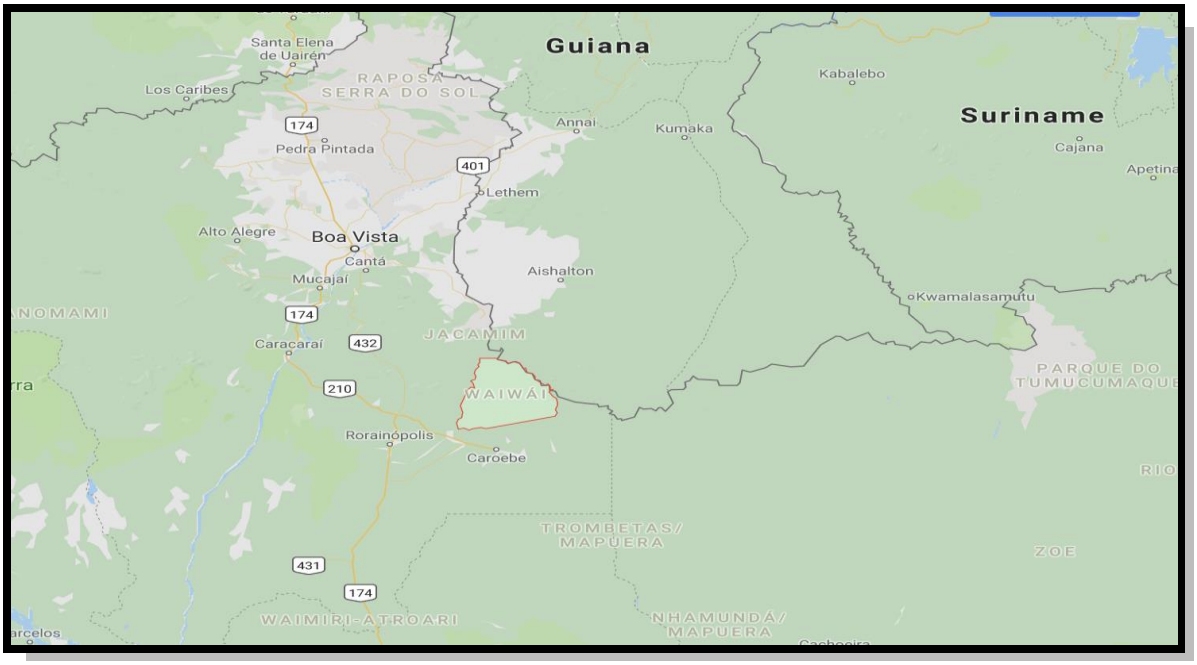


FIGURA 10: Mapa T. I. Waiwai / RR. Fonte: Map data 2019 Google.

Nesta abordagem etnográfica através da observação participante, para a sistematização das etnoinformações utilizamos o diário de campo (DC) e entrevistas audio-visuais (EA). A imersão como pesquisadora foi intermediada pelo professor e diretor da escola indígena na comunidade, Reginaldo Oliveira de Souza *Waiwai* e autorizada pelo Tuxaua, Tarcisio *Yakima Waiwai*. Diante da dificuldade de

[46] O termo significa a ocupação irregular de terras através da prática de fraude e falsificação de títulos de propriedades com o intuito de tomar posse de terras devolutas ou de terceiros.

[47] Fonte: Disponível em: https:terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3900. Acesso em 10/02/2019 às 12k45.

compreensão do Português pela grande maioria da comunidade, foi necessário a colaboração ativa e integral de um tradutor, expontaneamente o professor Reginaldo se dispôs a fazê-lo.

Como estratégia para prosseguir na conquista dos dados (técnica de armazenamento) optamos pelo formato de entrevistas em áudios, transcritas **Tabela 5**, vídeos e fotografias transcritos na **Tabela 6** para o registro de suas etnohistórias. Aproveitamos a convivência e a participação nas atividades como *Pawana* (visitante) para identificar a identidade cultural dos costumes e da realidade da comunidade registrando em cadernos de notas do diário de pesquisa transcritos na **Tabela 7**.

A seguir exibimos com detalhes as tabelas com as etnoinformações coletadas durante a observação participante. A **tabela 5** apresenta os áudios, sendo: a) áudio 1 no INSIKIRAN; b) o restante na Comunidade Anauá. O material no geral totalizou **6h08m41s** com a participação de 13 atores/sujeitos sociais, todos auto-declarados Waiwai. Contudo, Raimunda faz parte do núcleo *Mawayana* e Luiz (ex Tuxaua) é do núcleo *Xereu*. A locação dividiu-se entre a cidade de Boa Vista e a Terra Indígena Waiwai, na Comunidade Anauá e abrangeu os coletivos (núcleos) dos professores, conselho de líderes, as representates das mulheres dos líderes, waiwai da Guiana Inglesa (núcleo do vice-Tuxaua) e estudantes da escola indígena Anauá.

TÉCNICA - EA	TEMPO	LOCAL	ENTREVISTADOS	DATA
Áudio 1	20m29s	INSIKIRAN	W.A.S.N. (neto de Ewka)	8/10/2018
Áudio 2	30m21s	Comunidade Anauá	L. A. S. W. (Profª de português)	4/11/2018
Áudio 3	1h28m05s	*Casa umaná* Anauá	G. P. S. (agente de saúde, ex-Tuxaua, pioneiro) Conselho dos mais velhos	5/11/2018
Áudio 4	3m45s	Igreja Waiwai Anauá	Canto evangélico	5/11/2018
Áudio 5	30m25s	Comunidade Anauá	Raquel A. S (Profª de Arte)	6/11/2018
Áudio 6	10m37	Núcleo Mawayana	Raimunda M. (ânciã)	6/11/2018
Áudio 7	25m40s	Escola Indígena Waiwai	R. O. S (Profº, Diretor da escola e presidente da associação)	7/12/2018

Áudio 8	34m38s	Núcleo Xereu	L. (ex-Tuxaua)	8/12/2018
Áudio 9	25m44s	Tuxaua	T. Y. W.	22/12/2018
Áudio 10	57m27s	Núcleo Waiwai professores	A. A. S. (Profº de História e mestre em antrologia)	23/12/2018
Áudio 11	05m33s	Núcleo dos professores	R. O. S. e B. O. S.	23/12/2018
Áudio 12	20m11s	Núcleo professores	R O S e AAS	23/12/2018
Áudio 13	04m26s	Igreja	Música do culto	24/12/2018
Áudio 14	47m80s	Escola	Conselho das mulheres	25/12/2018
TOTAL	**6h08m41s**	**Boa Vista / RR**	**Etnia Waiwai**	**09/2018 a 01/2019**

TABELA 5: Arquivo de entrevistas de áudio.
Elaboração: PINHEIRO, M. O. (2019). Fonte: Dados da pesquisa.

As etnoimagens capturadas pela pesquisadora e por alguns jovens voluntários da Comunidade se constituem em artefatos complementares que garantem a veracidade dos fatos, no caso, registra o fenômeno presente e armazena para o futuro, como dispositivo de engate para a revocação do passado (PEIXOTO, 2011ª; 2011b). Deste modo, compreendemos que o uso da técnica de captar o instante e espaços de apresentação da tradição e do modo de vida da comunidade Waiwai do Anauá através da fotografia e vídeos referenda as análises do acontecimento memorialístico pesquisado.

As fotografias representam a lembrança visual, além de registrar induz evocação das lembranças dos momentos, os quais participamos ativamente. Sobretudo, amplia a compreensão do que foi experienciado possibilitanto o (re)viver da "cena". "Ao contrário do texto, que pela ação repetina de uma palavra, pode fazer a frase passar da descrição à reflexão - a fotografia fornece de imediato os detalhes que constituem o próprio material do saber etnológico". (BARTHES, 1984, 2006)

A Etnografia tem uma narrativa própria marca um tempo, espaço, lugar como arquivo visual, como memória cultural. Tem o poder da autenticidade. Ela "fala" por si só, transcende a escrita (ASSMANN, 2011, p. 383).

Na pesquisa que empreendemos, elas são documentos etnomemorialísticos de

fontes primárias que conectam as pesquisas bibliográficas e iconográfica. Utilizamo-nas como prática de rememoração da dimensão experienciais coletadas no campo da abordagem etnográfica.

As etnoimagens embasam o olhar de testemunha ocular das observações *in loco.* Como artefato que "congelou' e "fixou" em um espaço de presente constante, possibilitando a revocação de lembranças cristalizadas na memória material. "Sua força de lembrança corresponde à técnica de armazenamento externa e objetiva do arquivo. Nesse sentido, as sequências de imagens formam uma memória tecnicamente precisa em contraposição ao apagamento." (ASSMANN, 2011, p. 407)

Nesse sentido, o acervo etnográfico das etnoimagens apresentado na **tabela 6** junto com o verbal (áudios) na **tabela 5** que utilizamos para "captar" através do sentido sensorial a experiência no campo compõem a memória registrada e nos oferecem no presente o que foi vivenciado no passado em cetelhas e fragmentos, é um conjunto de artefatos para ativar a memória.

TÉCNICA	QUANTIDADE	LOCAL	DATA
Fotografias	522	T. I. Waiwai UFRR INSIKIRAN Municipio Boa Vista Município de São João da Baliza Comunidade Anauá	15/09/2018 a 15/01/2019
Vídeos	163 Tempo (29m15s)	INSIKIRAN, UFRR, MIRR, SEI, T.I. WAIWAI – Comunidade Anauá, Malocão	15/09/2018 a 15/01/2019

TABELA 6: Arquivo de etnoimagens.
Elaboração: PINHEIRO, M. O. (2019). Fonte: Dados da pesquisa.

O arquivo de notas, do diário de pesquisa é uma técnica "aberta" do registro das impressões e interpretações das observações no campo. Como assevera Moreschi (2007, p. 143) "o texto não basta por si só. A fotografia, também não. Acoplados, inter-relacionados constantemente, então sim, ambos proporcionarão o sentido e a

significação".

É possível desenvolver importantes qualidades específias a partir dos diários, como asseveram Somekh e Lewin (2015, p. 80):

> Ao incluirem dados e interpretação, comentários e reflexão, os diários fazem possível a análise contínua durante a coleta de dados e podem ser usados para avançar na pesquisa; resultados preliminares da análise podem indicar dados neessários paea preencher as lacunas num arcabouço teórico e avaliar resultados intermediários.

Nas notas, nos esforçamos em inserir registros das observações, das impressões, interpretações e reflexões de forma regular como matriz primordial para a construção da *etnopiesi* do texto. **A Tabela 7** descrevemos a sistematização e organização dos diários de campo.

TÉCNICA/ CN	LOCAL	DATA	EVENTO
Caderno de notas CN1	UFRR, município de Boa Vista	17/09/2018	Visita aos centros
Caderno de notas CN 2	Bibliotecas, INSIKIRAN, visitas a museus e artesanato indígena, Município de Boa Vista	20/09/2018 a 20/10/2018	Revisão bibliográfica da temática indigena Waiwai
Caderno de notas CN3	INSIKIRAN, Boa Vista	08/10/2018	Entrevista W.A.S (neto de Ewká – pastor de Cristo, fundador da Comunidade Anauá);
Caderno de notas CN4	Município São João da Baliza, no sul do estado de Roraima	04/11/2018	Viagem à T. I. Anauá, Comunidade Anauá
Caderno de notas CN5	Escola Indígena Anauá, na Terra Indígena Waiwai, Comunidade Anauá	04/11/2018	Recepção, conversa com a comunidade, Professores, Tuxaua e vice-Tuxaua
Caderno de notas CN6	Casa do professor Reginaldo,	05/11/2018	Reunião com o núcleo dos professores

	Comunidade Anauá, T. I. Waiwai		
Caderno de notas CN7	Visita ao núcleo *mawayana*, Comunidade Anauá, T. I. Waiwai	05/11/2018	Conversa com Raimunda Mawayana pioneira na comunidade, do conselho de anciãos e filhas.
Caderno de notas CN8	Igreja Indígena Evangélica Assembleia de Deus, Comunidade Anauá, T. I. Waiwai	05/12/2018	Culto evangélico Waiwai
Caderno de notas CN9	*Casa umaná* (Malocão), Comunidade Anauá, T. I. Waiwai	22/12/2018 a 25/12/2018	Celebrações das festas de final de ano
Caderno de notas CN10 e CN11	Comunidade Anauá, T. I. Waiwai	06/11/2018 a 10/01/2019	escritos por Raquel Aniceto de Souza (professora de Artes da Escola Indígena Anauá). Colaboração na produção do glossário e a desenhos

TABELA 7: Arquivo de notas do diário de campo.
Elaboração: PINHEIRO, M. O. (2019). Fonte: Dados da pesquisa.

A abordagem utilizada, considerando as especificidades do objeto etnográfico e as características do tempo e da forma da coleta dos dados levamos em consideração as múltiplas vozes que expressam o sentido de sociedade e cultura do povo Waiwai. Para Agrosino (2009, p. 29):

> A vida humana é fundamentalmente dialógica e polivocal, ou seja, nenhuma comunidade pode ser descrita como uma entidade homogênea em equilíbrio; a sociedade é, por definição, um conjunto de centros de interesse que falam com muitas vozes sobre o que sua cultura é e não é;

Deste modo, na observação participante as variadas técnicas de registro para captação dos dados se deram de forma criativa e "imaginativa". O conhecimento é produzido através de um processo criativo de *Etnopoiesi* informacional, extrapolando o mero registro dos dados e inserindo-os na classificação Epistemológica da Ciência da Informação.

Com o "modelo" etnopoiético etnografico buscamos, na medida do possível, participar subjetivamente na vida da comunidade, não apenas como uma *flaner,* mas uma observadora ativa e engajada nos costumes. Sobre a forma de imparcialidade Agrosino (2009) alerta-nos da impossibilidade da observação completa dos detalhes. E, aquilo que não "vemos" perde-se na lembrança, ou muitas vezes "focamos" em outros aspectos menos relevantes. Tudo depende do nosso envolvimento, das nossas intenções. Portanto, é fundamental a complementação das variadas técnicas na produção dos etnodados.

Na primeira "incursão" na aldeia (CN 4), durante o mês de outubro, segui de Boa Vista, em transporte alternativo indicado por Wellington Aniceto de Souza do curso de graduação em Lienciatura intercultural e morador da comunidade Anauá. Várias empresas de transportes disponibilizam vans para agilizar o tempo. Saímos de casa às 6h15m da manhã. Os passageiros são bem diversos, professores de escolas indígenas, moradores das cidades pontos de paradas nos municípios de Iracema, São Luiz do Anauá e São João da Baliza. Apesar da superlotação, a viagem foi confortável e tranquila.

A primeira parada foi na cidade de Iracema para que pudessêmos fazer um rápido lanche. A alimentação é típica da região e bem variada. Além da farinha considerada a melhor da região devido por ter grãos bem pequenos e ser torrada na manteiga no forno tradicional. As cidades do sul do estado de Roraima receberam um número grande de migrantes oriundos do Maranhão, alguns de Minas Gerais e outros do Rio Grande do Sul. A **figura 11** mostra a loalização dos municípios mais próximos da Terra Indígena Waiwai.

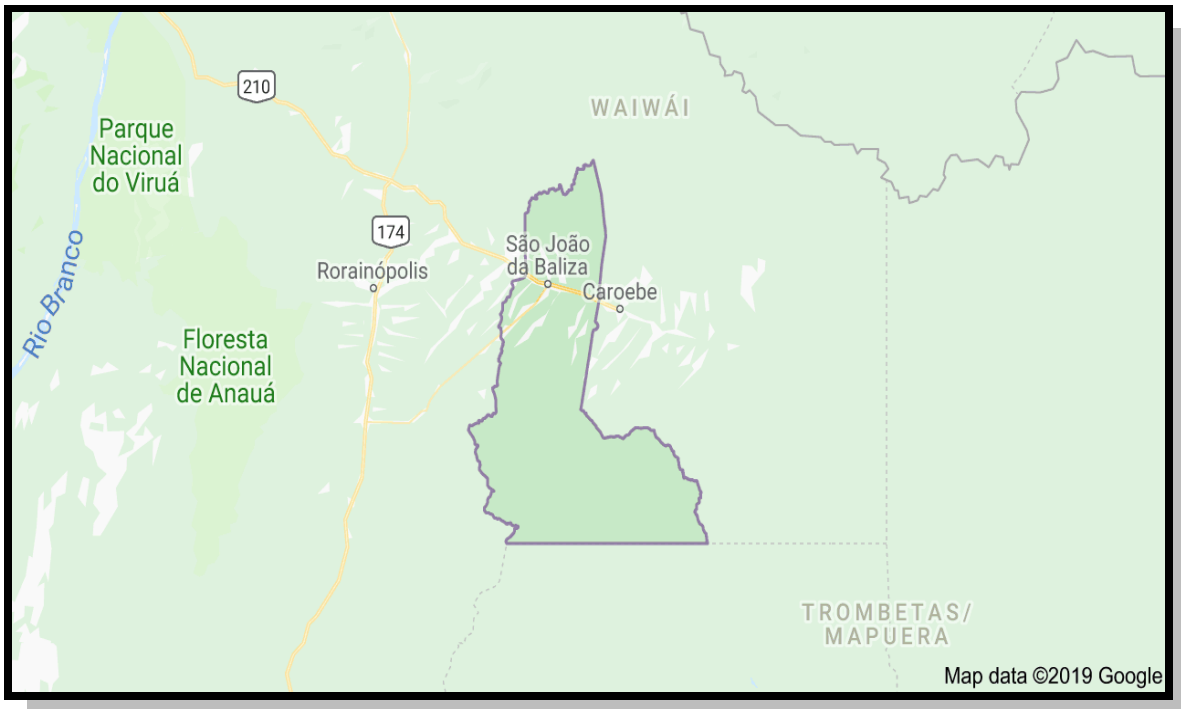


FIGURA 11: M**apa do município de São João da Baliza /RR.**
Fonte: **Map. data 2019 Google**.

O ponto final da viagem foi no município de São João da Baliza (**FIGURA 11**), onde desembarcamos no Hotel Sucupira, o imóvel possui quartos de 6 m² sem camas, contendo somente armadores nas paredes para prendermos as redes – artefato comum na região. Na frente do hotel avistei uma feira popular. Ao lado esquerdo do hotel, lojas e supermercados. Vizinho ao hotel uma ourivesaria[48] que expunha jóias artesanais de ouro. Aguardei uns 15 minutos até a chegada do meu contato para entrar na T. I. Anauá, o professor Reginaldo (*Ñawñaw)*. Ele informou-me que não existe transporte público para entrar na comunidade. Como eu não tinha ideia das dificuldades percebi neste momento que mesmo considerados povos não-isolados, por transitarem com frequência nos espaços rural e urbano, eles permanecem naturalmente, semi-isolados, como uma forma de segurança e proteção contra os contatos frequentes dos não-indígenas. Veio-me à lembrança, as informações contidas nos diários de Darcy Ribeiro (1996, p. 12):

[48] Loja de compra e venda de ouro e de fabricação de jóias em prata e ouro.

> Simultaneamente, seu território foi demarcado. É uma fração da área que dominavam, mas lhes dá alguma segurança no cipoal de leis no mundo dos brancos. Vivem cercados por fazendas com gado e com gente que eles ainda olham com suspeita, querendo aproximar-se, e que os veem com desconfiança.

Para entrarmos na T. I Anauá daquele ponto, tivemos de contactar alguns transportes alternativos pela redondeza. As possibilidades não eram muitas e o custo era alto, em torno de R$ 250 reais, e não estava no meu planejamento essa quantia. Conseguimos que o responsável pela organização da agenda nominal das viagens no ponto do hotel nos levasse cobrando apenas o valor do combustível. Abastecemos o carro com R$70 reais de gasolina. O chevete estava em um estado deplorável (pneus degastados, pintura cheias de avariações, o que deixou-me apreensiva ao imaginar como estaria o estado do motor. Enfim, para aquele momento era o que dispúnhamos.

São 12 km de estrada asfaltada até a vicinal de número 29. Da entrada da vicinal até a Comunidade Anauá são 38 km de estrada de terra batida. A preocupação quanto as condições do carro foi sensata, pois a pista de "piçarra" (mistura feita com pedra, areia e barro) causou-nos desconfortos devido os delizes dos pneus em contato com a pista em alguns trechos. O barulho da força do motor também demonstrava o esforço que o carro despreendia para correr.

No carro estávamos quatro adultos e uma criança, o motorista, sua esposa e sua filha, eu e a esposa do professor Reginaldo. Para atravessarmos alguns pontos tivemos que parar e analisar as possibilidades reais da travessia devido as pontes deterioradas com o tempo (**FIGURA 12**). No verão a comunidade usa a estrada para diminuir o tempo até a cidade, já no inverno, o trecho fica intransitável, então, a única via é pelo Rio Anauá, chegando a durar em torno de quase cinco horas de viagem na canoa.



FIGURA 12: Pista da Vicinal 29.
Foto Mariza Pinheiro (2018) Fonte: arquivo privado da pesquisadora.

As toras de madeira facilitam o tráfego das motos nas pontes, já os carros precisam ter altura para não sofrerem estragos na suspensão. Incluindo as agruras da estrada, o caminho moroso e cansativo, com pontes de madeiras frágeis, buracos escrabrosos e curvas sinuosas, e desviando o olhar para a paisagem da natureza, vislumbramos vilarejos, chácaras e sítios nos dois lados da estrada. Na primeira parte do trecho fica a comunidade do *Xaary,* dentro da Terra Indígena Waiwai, predomina o pasto com gado e currais. Mais para dentro da mata, vemos os pés de *tusma* (banana), de *youri* (buritizais) e *kuumu* (bacaba), com as quais são produzidas as bebidas nas festividades. Em seguida, surgem árvores imponentes e majestosas na mata fechada, são os robustos castanhais que extendem-se até a Comunidade do Anauá.

A castanheira está entre as maiores árvores da Amazônia, atingindo entre 30 a 50 metros de altura. A *Tîtko* (Castanha do Brasil - *Bertholletia excelsa*) (**FIGURA 13**) é a principal fonte de renda da comunidade. O Brasil é o segundo maior produtor mundial atingindo em torno de 40% da produção nacional, perdendo apenas para a Bolívia. De tronco longo, reto e sem galhos, a árvore concentra toda a folhagem na ponta ao alto. Extende-se da Guiana Inglesa e da Venezuela. É a mais conhecida

espécie nativa do Brasil. Possui um tempo de vida de 500 anos. A semente da castanha (*tîkto*) demora um ano para ser colhida e precisa de um ambiente isolado para florescer. O "fruto comestível" fica dentro de um ouriço, contendo em média até 25 castanhas e pesa em torno de 1,5 kg. A produção da castanha do Brasil é comercializada nos grandes centros comerciais, sendo exportada para o estado de são Paulo. É o que garante o atendimento das outras necessidades básicas de consumo, como telefone, acesso à TV, internet, transportes e construção das casas da Comunidade.



FIGURA 13: Castanheira do Brasil.
Foto: Mariza Pinheiro (2018) Fonte: arquivo privado da pesquisadora.



FIGURA 14: *Tîkto* - Castanha do Brasil.
Foto Mariza Pinheiro (2018) Fonte: arquivo privado da pesquisadora.

Na segunda "incursão" na T. I. Anauá (CN 9) nós ficamos durante os meses de novembro e dezembro, participando das atividades culturais e das celebrações do mês de dezembro. Então, como da primeira vez, comprei alguns produtos no mercado ao lado do hotel para a alimentação na aldeia. É uma obrigação aos visitantes fornecer o seu próprio alimento como contribuição à coletividade e aos anfitriões.

A prática de trocas entre os indígenas é algo sagrado. É por natureza "voluntária". Bauman (2013, p. 60) diz-nos que "a solidariedade calorosa" é uma condição necessária para esta tarefa etnográfica, e faz-nos buscar inspiração na "herança" etnográfica europeia.

Howard (2002, p. 26), em *A domesticação das mercadorias*, explica-nos a origem da cultura das trocas Inter étnicas para os Waiwai:

> [...] um papagaio *coowi* (espécie não identificada) adotou um homem waiwai que vivia sozinho numa choça empoleirada numa árvore como um ninho. O papagaio convidou-o a subir às suas costas e levou-o para a aldeia dos papagaios. Lá cuidaram dele, incorporaram-no à sua sociedade e presentearam-no com facas e outras ferramentas, além de miçangas brilhantes e irisadas como as penas multicores do *coowi*. Depois de algum tempo, o papagaio levou o homem de volta à sua árvore carregado de presentes. Então ele recebeu a visita de outros homens waiwai e distribuiu os bens entre eles. Essa generosidade representou o ponto culminante de sua socialização, iniciada pelos papagaios e depois consumada por sua habilidade em socializar seus companheiros por meio desses presentes.

A amizade também é uma condição para estabelecer uma relação mútua sem preocupações com as diferenças, atentando para não criar distinções e distanciamentos, ou seja, aproximar e diminuir nossas "fronteiras" culturais. Assim como na linha Abissal cartográfica imaginada por Santos (2007), que separa os continentes desde as colonizações no mundo, é primordial a consciência aberta para o novo. Na visão do autor a linha Abissal existe de forma estrutural, delimitando a hierarquia do conhecimento e polarizando a realidade social em universos ontológicos diferentes. Como pesquisadora, vivi o patrimônio cultural dos Waiwai; e retribuo a convivência expresssando minha própria cultura, sem impor

interferências, mesmo com a consciência de que as agregações culturais são inevitáveis.

Esse sistema Waiwai se iniciou antes mesmo do surgimento do mercado e perdura ainda na atualidade. De acordo com Mauss (2003) desde o processo civilizador da escandinava, as relações intertribais davam-se pela reciprocidade da obrigação, ou seja, baseado na prática da troca de dar e receber presentes. O significado vai além da moral e do respeito, envolve a sedimentação de amizades. Para os indígenas, configura-se como uma dádiva, algo sagrado, como a honra, regras de generosidade, e também como um sistema econômico, ou comércio, como moeda.

Como um "presente" de acolhida, levei um roteador de 450 Mbps para longas distâncias. Foi um pedido do professor e diretor da escola, Reginaldo. Eles tinham a antena e o moldem da internet fornecida pelo governo do estado, mas faltava-lhes o transmissor de longa distância.

A Escola Estadual Indígena Anauá foi reivindicada no ano de 1980, pelas lideranças da comunidade que precisavam aprender a ler e escrever na língua materna e também no português. Ela funcionava em uma grande casa comunitária (*umana)* construída pelos próprios moradores, utilizando madeiras da mata, cercada de *paxiúba* e coberta de palhas.

Até 1979 o ensino era monolíngue, somente na língua materna, ministrado pelas missionárias nas casas de orações. A constituição de 1988 assegurou às comunidades indígenas o ensino bilíngue expandindo-o para o aprendizado da língua portuguesa. O prazo considerado normal para a alfabetização na língua Waiwai era de dois anos. Sobre essas dificuldades iniciais o professor Alexandre Aniceto de Souza (áudio 10) relata:

> O povo waiwai sofreu bastante com o descaso governamental até conseguir estudo para seus filhos. A escola atende estudantes do Ensino Fundamental e da EJA e ainda continua precisando de professores indigenas Waiwai (exigência das lideranças). Ainda não temos uma Escola planejada e construída pelo governo. Usamos uma casa *umana* construída pela MEVA, que antes funcionava a igreja. A grande maioria dos estudantes são homens, as jovens mulheres casam cedo e ficam impedidas de estudar por causa dos filhos.

> Também, não é costume andarem pela aldeia sozinha. Muitas só retornam para à escola depois que os filhos já estão grandes, então fazem o curso de EJA.

A arquitetura da *panatonmetopo* (escola) faz referência ao formato das casas construídas pelos missionários. A estrutura atendia o trabalho dos missionários para servir de igreja e encontros bíblicos. Construída toda em madeira retirada da própria mata. As árvores predominantes são do tipo *Ombrófila* de porte alto e médio. As de grande porte - *Angelim, castanheiras, jatobás* e outros - são protegidas por Lei Ambiental, são espécies comerciais. As utilizadas apenas para as necessidades básicas para expansão são: maçaranduba (*manilkara huberi)*; pau-d'arco (*tabebuia serratifolia*); cedro (*cedrela odorrata*); sucupira (*diplotropis purpúrea)* entre outras. As palmáceas são usadas para cobrir as habitações ou paredes das casas comunitárias.

A escola tem janelões nas laterais e apenas uma porta central na frente com uma rampa de acessibilidade, conforme a **figura 15** foi construída para atender a demanda do aluno Wellington Aniceto de Souza que aos oito anos de idade caiu de uma árvore ocasionando paralisia dos membros inferiores. No interior tem uma elevação de 40 cm que servia de palco para as celebrações religiosas. No exterior fica a antena que dá aceso ao universo digital. As paredes estão com a pintura desgastada. Por trás da escola fica o núcleo do Vice Tuxaua da etnia Waiwai da Guiana Inglesa.



FIGURA 15: Escola M. Manoel Y*arka Waiwai* da Comunidade Anauá. Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora.



FIGURA 16: Interior da escola.
Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora.

As dificuldades da manutenção da escola são imensas, o descaso é visível. Sem incentivo da gestão pública e desrespeito com a legislação dos direitos à educação específica para os povos índigenas, a escola aparenta um estado quase "deplorável". O número de cadeiras é insuficiente e como é um imóvel adaptado, não existem divisórias internas (**Figura 16**).

Os povos indígenas conseguiram avanços no âmbito da educação de forma lenta. A conscientização acerca da importância da formação superior veio através do curso de Licenciatura Intercultural no INSIKIRAN, sobretudo, como uma questão de preservação da tradição e da identidade cultural dos povos indígenas da região. O engajamento conta com a força das lideranças e a união dos movimentos indígenas.

Quando chegamos à aldeia, após retirarmos nossos pertences, a minha mochila e o rancho, ouço um canto na língua Waiwai bem longe, acompanhado de um órgão, lembra-me o rítimo latino, a cadência das músicas da Guiana, e traços do *reggaeton* da Venezuela. É o ensaio para o mês de dezembro na *Umaná* - malocão – casa comunitária. A tradução da letra da música é: "como índio *Waiwai* vocês têm de vir sorrindo e feliz; *Waiwai* você tem de vir com o cocar e a flecha" (**áudio 7**). O grupo é composto por jovens que se reversam na cantoria**.** Os instrumentos foram doados pela MEVA**.** (**FIGURA 17**)



FIGURA 17: ***GRUPO MUSICAL*****[49].**
Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora.

A chegada de um visitante é motivo de alegria para a comunidade. Assim, enquanto estive lá, todos os dias, a partir das 4 horas da madrugada, o som musical nos lembrava das atividades coletivas. A *Umaná* fica localizada na área central da comunidade (**FIGURA 18**) e representa o espaço público formal para receber visitantes, abrigar reuniões comunitárias e encontros festivos. No espaço interno são colocados bancos ao redor do círculo, próximo das paredes de palha (**FIGURA 19**). A arquitetura das habitações indígenas dos povos da Guiana Inglesa e específica dos Waiwai são detalhadas nos estudos de Roth (1929) e Mello (2014). Seguem a forma cônica, sustendada por mastros de madeira de *kamarari* cobertas de palhas de palmeiras *ubim* sem divisões internas (**FIGURAS 20 e 21**). Para as festividades fecham-na com palhas de 1,0m de altura, deixando duas aberturas em sentido oposto (leste-oeste) para favorecer a luz natural.

[49] Tradução do cartaz: Feliz Natal! Hoje Jesus Cristo nasceu! Ano 2018.



FIGURA 18: ***Miîmo Umaná*** **– (casa comunal – malocão).**
Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora.



FIGURA 19: Interior da ***miîmo – Umaná.***
Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora

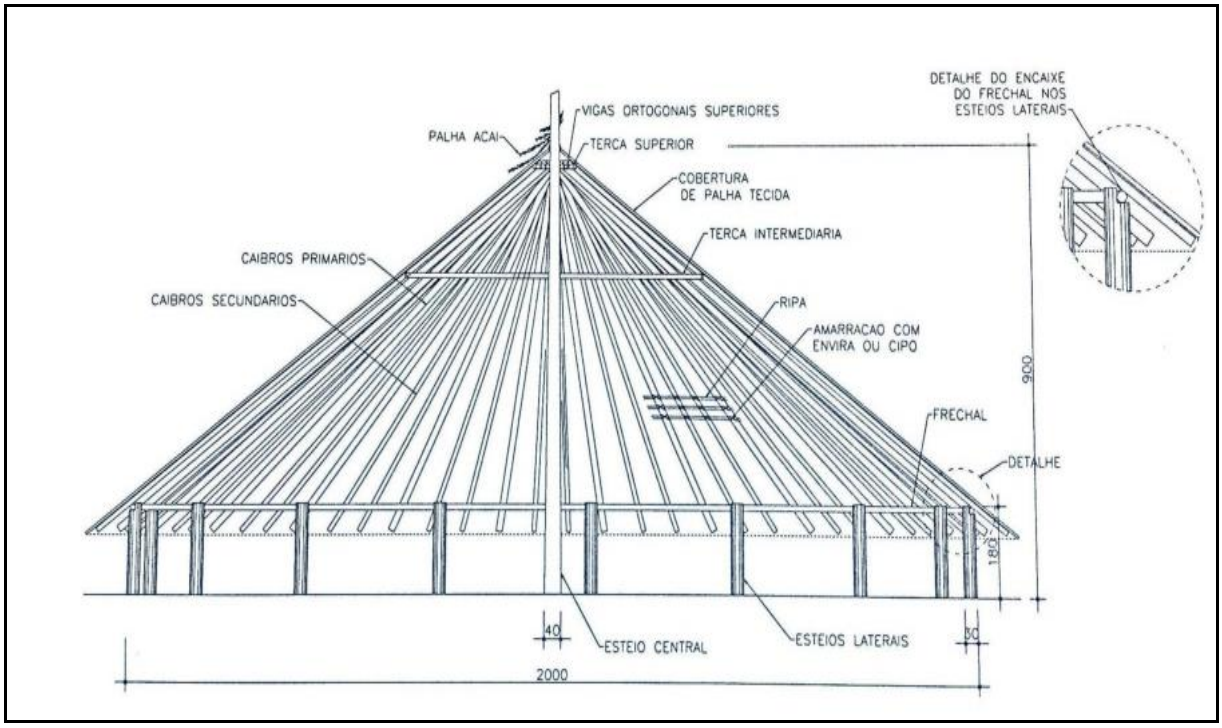


FIGURA 20: Modelo Waiwai da casa circular.
Fonte: Mello (2014, p. 186)

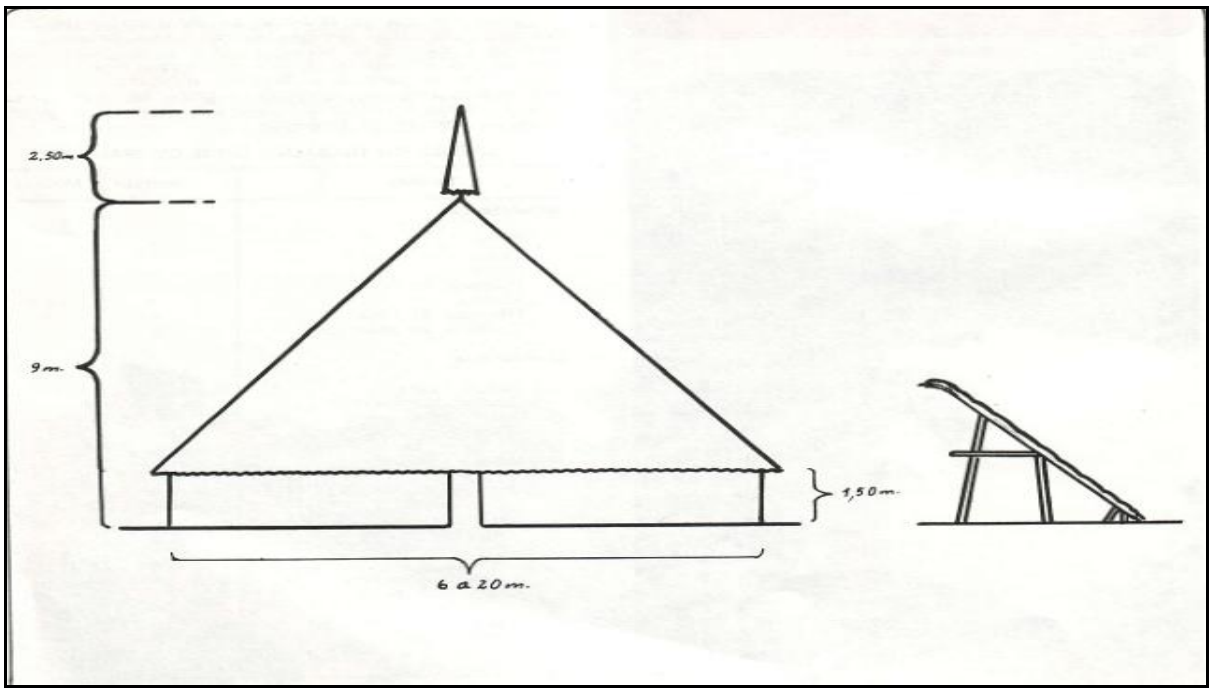


FIGURA 21: Desenho da *Umaná* – casa comunal Waiwai.
Fonte: Documentação Socioambiental [50]

[50] Disponível em https: documentacao.socioambiental.org/documentos/WWP00001.pdf . Acesso Em 22/01/2019 às 10h35m.

Depois do almoço na *Umaná* fui à procura do Tuxaua. Na oportunidade conheci a sua família (**FIGURA 22**). Dei-lhes alguns artefatos e guloseimas para serem utilizados nas brincadeiras ou distribuídos aos membros da comunidade. A esposa do Tuxaua lidera algumas brincadeiras e jogos.



FIGURA 22: Família do Tuxaua Tarcísio, a esposa e a filha.
Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora.

Na véspera do Natal, *parî* (neto) do professor Reginaldo ganhou uma pequena moto elétrica. O modelo é uma réplica da moto utilizada pelos adultos (**FIGURA 23)**. Pela agilidade a moto é o transporte preferido dos membros da comunidade.



FIGURA 23: Presente do Natal de *Enzo*.
Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora.

Sendo a cultura um fator mobilizante, é impossível de estabilizar-se em padrões definidos. Diante do processo de socialização com o Outro, tem-se todo um esforço que garante a internacionalização e o estabelecimento da identidade consigo mesmo. Assim, vivem os Waiwai, em um constante "conflito", entre as seduções do consumo e a consciência da importância da manutenção das tradições como formadora da identidade cultural do grupo.

Se pensarmos a cultura, entendendo-a como um "sistema fechado" nos costumes e tradições dos antepassados Waiwai, indagamos se os artefatos "introduzidos", no cotidiano da comunidade são dispensáveis? Eles "agridem" à auto reprodução do sistema cultural vigente? E, sendo inútil tendem a desaparecer ou manter-se como uma inserção "estranha", desintegradora dos costumes?

A priori, tenderíamos a afirmar que o artefato fere sim a ordem do sistema cultural da aldeia. Contudo, como Bauman (1998, 2012) assevera, o conceito de cultura é como a metáfora de um redemoinho: tudo arrasta e possibilita agregar-se, no "jogo", e na "farsa" do processo metamorfoseado da identidade. Neste sentido, os processos agregadores nos costumes Waiwai confirmam a cultura como um *rizoma*.

Na véspera do Natal também é a comemoração do aniversário do filho do professor Reginaldo, o pai de Enzo. Belinda (da etnia makuxi), esposa do professor Reginaldo Waiwai fez-nos um lanche rápido. Deleitamo-nos nas guloseimas e proseamos um pouco até à noite chegar. O tempo ficou frio. É noite de lua cheia e ela surge radiante. Como um farol a iluminar os arredores das casas, os caminhos e trilhas pela aldeia. Naquela noite falamos sobre a crise na Venezuela. A intensa imigração tem gerado mudanças na infraestrutura da cidade de Boa Vista. Para reduzir o impacto na região o Governo Federal criou o programa de interiorização, o qual orienta e financia o deslocamento dos interessados para outros estados do país. Como já nos disse Darcy Ribeiro (1996, p. 203) "o melhor para o capitalismo seria estabelecer um *modus vivendi* com o socialismo", estabelecendo um tratado que respeite a soberania das nações tendo como princípio a dignidade humana. As horas passaram-se e a noite foi longa. Deitada na minha rede observava a movimentação dos seres minúsculos pelo chão da casa. Baratas, formigas, inclusive ratos são

habitantes comuns. Os *kamaraci (*gatos) também aparecem somente à noite para caçar. E, os cães ladram por horas, pois ficam presos durante o dia. Contudo, eu nunca havia vivido uma experiência semelhante a esta. A situação fez-me lembrar do mito do medo dos *Ka'apor,* contado por Darcy Ribeiro (1996). Segundo o autor, os nativos evitavam comer carne de *uru* (um pássaro parecido com uma galinha), porque os deixava medrosos, por isso evitam caçá-lo. No meu caso, as situações urbanas marcaram-me a mente.



FIGURA 24: Núcleo dos professores.
Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora.

À esquerda pintada de verde sobre palafitas e escada íngreme (dá até medo para subir), está à casa da família do professor Reginaldo; à direita na cor azul e sobre estacas menores, a casa da família do professor Alexandre. Ao fundo, por trás da casa verde, sem pintura, a casa das professoras Raquel e Lindalva. Mais acima, seguindo a trilha fica o núcleo familiar do pastor (**FIGURA 24**).

As casas estão distribuídas por toda a aldeia com concentrações em núcleos familiares. Elas são arquitetonicamente erguidas no modelo retangular simétrico dos

brancos, "à moda de como viram as primeiras casas construídas pelos missionários", algumas no formato de palafitas (sobre estacas). (SOUZA, 1998, P. 163).

Na época das chuvas o riacho ao lado da casa enche e eles mudam durante o inverno para o outro lado, próximo da roça e da entrada da comunidade. A casa divide-se em dois cômodos, um quarto privativo do casal e outro com formato de um L, onde fica o escritório, a sala e a cozinha. No interior do quarto, dormem o professor Reginaldo, a esposa, a filha e a neta.

Na frente da porta do quarto, próximo à cozinha, o filho mais novo dorme. E, ao lado, tem um espaço que serve de "escritório", com equipamentos da escola é o lugar reservado para a minha acomodação durante o tempo de pesquisa na Comunidade (**FIGURA 25**). Durante as noites o vento penetrava pelas frestas permitindo a entrada do *cwotu* (frio intenso).



FIGURA 25: Minha acomodação na sala da casa do professor Reginaldo. Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora.

Para os *Pawanas* (missionários, pesquisadores e visitantes) eles disponibilizam uma casa à beira do Rio Anauá (**FIGURA 26**). O imóvel é dividido em dois cômodos, um para o quarto e outro para a atividade da cozinha. Na frente uma varanda com vista para o rio. O lugar é paradisíaco, a paisagem é divina e favorece também a

privacidade. Surgiu a preocupação de ter que dormir sozinha na casa destinada para os visitantes. Para a minha comodidade, o Tuxaua indica que eu fique hospedada na casa das professoras Raquel e Lindalva.



FIGURA 26: Casa para os *Pawanas.*
Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora

As casas feitas de madeira, piso de barro e cobertas de palha. Algumas seguem o modelo mais moderno e urbano, com telhas Brasilit. É comum na tradição na cultura indígena a arquitetura com espaço integrado, ou seja, as casas sem divisões internas. As paredes de madeira para a privacidade foram "inovações" trazidas pelos missionários.

As *miîma* (casas) são construídas sobre o chão de terra batida com a área da cozinha aberta, no formato típico aos barracões do interior. No seu interior veem-se os *Tipitis (*artefatos para espremer o líquido da *sure – mandioca)* pendurados ao fundo em estacas de madeira. À esquerda o fogo para assar a pesca e um pequeno forno à lenha. Por trás do forno meia parede divide o cômodo **(Figura 27**). Outros artefatos importantes são: a) o *Jamaxin* (mochila para carregar a mandioca) *e b) a manari* (peneira) pendurados nas paredes (**Figura 28**).



FIGURA 27: Interior de uma miîma (casa).
Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora.



FIGURA 28: Artefatos típicos (*Jamaxim e manari)*
Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora.

As atividades na comunidade começam logo cedinho. Antes do sol nascer ouvimos a movimentação de carros e em seguida inicia o canto na casa *Umaná* (Malocão). Ainda exausta da viagem, com o corpo dolorido permaneci deitada preguiçosamente na rede. Tento "traduzir" os significados da música. A única coisa que eu percebo é a similitude com o ritmo latino da Guiana Inglesa e da Venezuela.

Neste pequeno episódio, estão nítidos os conflitos indenitários onde se firmaram as nações modernas. Conforme exposto por Hall (2011, p. 63), "são todas, híbridos culturais". É sem sentido, tentar classificá-los em um único povo, ou ainda, é impossível tentar designá-los, em uma única etnia, como referência às suas características culturais, língua, religião, costumes, tradições e pertencimento a um lugar.

Desse modo, a Identidade emergiu com a desterritorialidade. Portanto, é perceptível, na comunidade Anauá a constituição de uma "identidade compartilhada", desvinculada, de lugar, tempo, território e tradições específicas. Eles parecem transmutar seus costumes livremente, e o fazem desde os ancestrais, entre nações, provocando um alargamento do campo das identidades, ao mesmo tempo em que, de forma estratégica, fortalecem a identidade local, como reação defensiva às ofensivas do território.

Depois de refletir sobre as particularidades da sociedade complexa no ritmo do instrumental, decidi finalmente levantar-me, porque eu já sentia o cheiro do café quentinho, que exalava até a minha rede. No núcleo familiar dos professores, percebo a influência dos alimentos industrializados. Eles fazem suas compras no município de São João da Baliza. A profissão exige um tempo maior dedicado ao planejamento escolar. Assim, a dedicação à roça e as atividades tradicionais são secundárias.

Quanto à economia as décadas de contato e a proximidade com centros urbanos favoreceram mudanças substanciais e irreversíveis no modo de vida das aldeias e na cultura indígena. A economia indígena, hoje é baseada em: 1) produtos artesanais da tradição dos ancestrais; 2) produtos do etnodesenvolvimento sustentável; 3) produtos da globalização.

Como consequência de todo esse processo, na concepção de Barbosa (2011, p. 34):

> Percebemos uma rápida incorporação do discurso do Estado e a submissão a ele, que na atualidade oferece a ideia de projetos visando o desenvolvimento econômico como a solução mágica de todos os problemas que as comunidades indígenas enfrentam.

Na atualidade, as comunidades indígenas já foram integradas em sistemas de economia de mercado buscando em novos bens de consumo, meios de transportes, novas ferramentas de trabalho que atendam às necessidades cotidianas.

O Etnodesenvolvimento sustentável dentro das terras indígenas é um instrumento importante para a preservação da biodiversidade. Baseado no consumo de forma sustentável é uma importante estratégia para a regeneração dos recursos naturais. Sobretudo, é um desafio para as comunidades diante dos apelos de consumo urbanos. A resistência e a manutenção dos costumes, somados aos limites estabelecidos para as reservas indígenas têm sido eficazes para a conservação da floresta e a sobrevivência no mundo.

5.1 Processos Informemorias da tradição dos ancestrais.

> *Nós lhes temos custado muito trabalho. As mulheres não param desde que chegamos, preparando quantidades enormes de suas comidas das mais apreciadas para nós. De manhã e à tarde, entregam ao João vasilhas colossais, cheias de chibé. No correr do dia, trazem batatas, carás e macaxeiras cozidas e assadas. À noite, nos servem esse delicioso mingau de mandiocaba. Além disso, repartem conosco tudo que caçam, trazendo ao Cezário postas cruas para preparar a nosso gosto e nos servindo parte do que eles cozinham, assam e mosqueiam. (DARCY RIBEIRO, 1996, p. 367)*

Nos núcleos familiares mais para o interior da comunidade, a produção dos alimentos ainda segue a tradição dos ancestrais. É baseada na economia de subsistência.

Conforme o relato de Raquel (áudio 5, entrevista no dia 06/11/2018), os Waiwai vivem da caça, do *kooso* (veado), da queixada (porco), *katitu* (porco-do-mato), paca, cutia, mutum (pássaro grande), jaú, tucano e nambu. Coletam frutos como a kurumu (bacaba), e buriti, os quais produzem as bebidas consumidas nas festividades. Tem também o *kasara* (tucupi), *kuranyi* (suco da cana); pucukwa (caxiri), patuá, orós (caju) e o *manaka (*açaí). Eles trabalham de forma coletiva fazendo *marari* (roças) familiares plantando: *paari* (batata-doce); *asîs* (pimenta); *sure* (mandioca); *okohyopo* (banana comprida); *caana* (jenipapo); *onomoto* (urucu); milho, *naapi* (iame), *paranti* (cana-de-açúcar).

A pesca é uma das principais atividades e tem o consumo imediato. No rio Anauá os peixes mais comuns são: *Aimara (*trairão); piranhas; pacu, tucunaré, arraia, Matrinchã, surubim, bodó entre outros (**Figura 29)**. Durante os dias de caça o animal é tratado e assado na própria mata para ser transportado. Esta técnica ajuda a conservá-lo por vários dias. Na Comunidade o processo continua no barracão da casa (**Figura 30**). O beiju e a tapioca são consumidos nas três refeições do dia junto com a carne de caça e pescado (**Figura 31)**. A mandioca é o principal produto da roça. É matéria-prima para outros derivados de consumo como o beiju, a tapioca, a farinha e a goma para as bebidas (**Figura 32).** O processo de assar a farinha é também uma das principais atividades da comunidade. É um dos alimentos principais no consumo dos Waiwai e compõe a gastronomia típica de toda a região Norte. Assim como a castanha a produção atende à demanda urbana e garante um bom capital financeiro (**Figura 33)**. A produção da farinha em grande escala é uma das atividades econômicas do núcleo familiar da etnia Mawayana (**Figura 34)**. Os raladores de mandioca também são produzidos artesanalmente e são vendidos para outras comunidades. Os mais detalhados são confeccionados com milhares de fragmentos de pedras pontiagudas. Muitos deles foram leiloados para vários outros países e estão expostos em museus (**Figura 35)**. Depois de ralada a mandioca é exposta ao sol e ao secar é peneirada (**Figura 36)**.



FIGURA 29: Bodó assado.
Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora.



FIGURA 30: Carne de anta moqueada.
Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora.



FIGURA 31: Beiju.
Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora.



FIGURA 32: *Sure* (mandioca) na água.
Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora.



FIGURA 33: Torra da farinha de mandioca.
Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora.



FIGURA 34: Forno para torrar a farinha.
Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora.



FIGURA 35: Ralador de mandioca
Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora.



FIGURA 36: Mandioca ralada ao sol.
Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora.

5.2 Processos Informemorias das celebrações do *Kresmus* (Natal).

> *A "conversão" é, portanto, muito mais complexa do que supuseram os missionários, que viam nessa transformação de Ewká a criação de uma noção de individualidade e do discernimento entre o bem e o mal. Sendo um xamã, Ewká se aproxima dos missionários e passa a adquirir conhecimentos que o permitem entrar em contato direto com novos espíritos, que, no entanto, lhe exigem novas formas de conduta, que causarão mudanças no modo de vida dos Waiwai. Juntamente com essas novas orientações, as antigas festas vão sendo transformadas e novos cantos introduzidos na vida ritual Waiwai, que passa a ser concentrada em datas cristãs, como o Natal e Ano Novo. (SILVA, 2016, p. 124).*

Essas foram algumas iguarias de consumo dos Waiwai do Anauá que presenciada na observação. Na véspera da celebração do *kresmus* (tem o mesmo sentido inglês de *Christmas*, celebração do nascimento de Jesus, Festa de Natal), nós fomos ao *miîmo Umana* (malocão) recepcionar a chegada dos caçadores. Na cosmologia Waiwai o ritual de retorno dos caçadores após uma longa caçada de sete dias na mata é um momento importante para celebração e remonta à tradição. É um marco informemorial. A chegada dá-se em média dois dias antes do dia de Natal.

O ritual é marcado por dois momentos: a) no primeiro eles fazem à encenação de chegada com cocar de penas de gavião na cabeça (*wikoko e Yaimo*) e as caças frescas penduradas em seus corpos; b) no segundo momento os caçadores retornam a *casa Umaná* com a caça já tratada e moqueada, acondicionadas nos j*amanxis* amarradas em folhas de bananeiras.

Às 10 horas da manhã sete canoas atracaram nas margens do rio Anauá (**FIGURA 37**). A chegada foi marcada por fogos de artifício disparados por jovens da aldeia que atuavam como seguranças durante todos os eventos da celebração do *Kresmus.* O grupo foi recepcionado pelo Tuxaua Tarcísio que organizou e coordenou as atividades. O malocão estava cheio. As pessoas se posicionaram em forma circular de frente para um palco, onde um grupo entoava músicas evangélicas na língua Waiwai. Os caçadores subiram pela encosta do barranco até o malocão, em fileiras, iniciando do mais velho, seguindo uma hierarquia da caça, entravam e saíam

dançando e armados com arcos e flechas fazendo desenhos em várias direções como uma grande cobra (**FIGURA 38)**.

A dança foi agregada da tradição do povo *Xicariano*, primos dos Waiwai. Eles trouxeram vários tipos de caças: peixes, macacos, tartarugas, araras, guaxinins, preás, calangos, pássaros, antas e porcos do mato que foram organizados por jovens da aldeia (**FIGURA 39).** Depois foi o momento de mulheres dançarem e exibirem às bebidas e alimentos cozidos para os caçadores. Todos beberam o vinho de buriti e de bacaba e depositaram as caças em folhas de bananeiras no centro da casa *Umaná.* No final a caça fresca foi distribuída para as famílias (**FIGURA 40).**



FIGURA 37: Chegada dos caçadores.
Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora.



FIGURA 38: Apresentação da caça fresca.
Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora.



FIGURA 39: Organização e distribuição das caças frescas.
Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora.



FIGURA 40: Família *Mawayana* recebendo um muntu e pescados.
Foto: Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora.

No segundo momento do ritual os caçadores trouxeram os *jamanxins* feitos com as próprias folhas de bananeiras contendo a caça já moqueada (**FIGURA 41**). Para a conservação do alimento durante o tempo de caça, eles tratam-na, cozinham-na e assam-na em fogueiras dentro da mata. Nessa segunda entrada próxima da *Umaná* eles executam os mesmos movimentos de dança, em que todos ficam em filas formando círculos contínuos e como o desenho do caracol. Ao presenciar a celebração, veio-me à memória a descrição de Neves (2014, p. 85) sobre o ritual semelhante, disse-nos ela:

> Durante todo o dia há uma alternância entre o movimento e o repouso, além do consumo de muita gororoba. As atividades desgastantes são seguidas de outros mais leves ou até mesmo um breve repouso na rede, o que proporciona a reciclagem dos corpos evitando que se esgotem fisicamente.

Aproveitei o momento festivo e solicitei que me designassem um nome Waiwai. O Tuxaua consultou a comunidade e depois de uma breve discussão

coletiva aprovaram o nome *Woosan ici wahari*, que significa mulher pequena. Após esse breve intervalo para a votação do meu nome Waiwai, iniciaram a dança do *mono topo* (da caça). Na dança são escolhidos alguns animais como sapo, veado, anta, macaco, jacamim, arara e curimatã que são vivenciados através das imitações e das danças. Os homens atiram suas flechas em artefatos de madeira ou papel simbolizando animais da mata que ficam pendurados no teto da *Umana* (**FIGURA 42**). A competição tem o objetivo de verificar a destreza dos caçadores. Para o jogo não há limite de idade. Os homens andam em fila iniciando com o de mais idade, seguindo a hierarquia de lideranças na comunidade. Carregam suas flechas e arcos. Seguem um movimento de pisada forte com as pernas (**FIGURAS 43 E 44**). Logo em seguida, os jovens distribuíram a caça moqueada amarradas em grandes *awci* (mochilas confeccionadas com as folhas da bananeira) para 15 mulheres representantes de núcleos familiares (**FIGURA 45**). Depois de finalizada a coreografia, que dura em média uma hora, as mulheres *yîmîtîn* (donas dos sucos) ofereceram bolo e bebidas de *yîmîtîm* (suco do buriti) e o *you yukun* (beiju) (**FIGURA 46**).



FIGURA 41: J*amanxim* com a caça moqueada.
Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora.



FIGURA 42: Jogo da caça
Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora.



FIGURA 43: A dança da caça.
Foto: Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora.



FIGURA 44: A dança *mono topo.*
Foto: Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora.



FIGURAS 45: Distribuição da carne moqueada.
Foto: Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora.



FIGURA 46: *YÎMÎTÎN* - Donas do suco.
Foto: Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora.

Retornando ao grupo familiar dos professores aproveitamos para desenvolver uma roda de conversa com Reginaldo, Alexandre (filho), Raquel (irmã) e Belinda (esposa). O tema foi sobre as lideranças dos Waiwai na atualidade. O professor Alexandre Aniceto de Souza (2018) tem mestrado em Antropologia Social na UFAM[51] e ministra a disciplina de História para o Ensino Médio na Escola Indígena da Comunidade Anauá. Ele fala e compreende bem o português. O tema do mestrado foi sobre as transformações dos Waiwai da Comunidade Jatapuzinho junto aos *kautrianos*, últimos povos não vistos. Raquel fala e entende pouco o português. Belinda da etnia *makuxi,* fala e compreende bem o português.

Conforme os relatos dos professores (áudio nº 12, em 23/12/2018), as lideranças são escolhidas em Assembleias coletivas dirigidas pelo Tuxaua na *Umaná (Malocão)* com todos os membros da comunidade. As indicações são feitas pelo

[51] Não foi possível localizar e disponibilizar a dissertação de Souza (2018) em Antropologia Social na UFAM.

Conselho de anciãos. A igreja, a Unidade de Saúde e a Escola representam os órgãos de gestão e seus representantes administram a vida na aldeia. O pastor e o tuxaua exercem o poder político e social. O diretor da escola exerce a gestão educacional e o gerenciamento das demandas de professores, o material escolar, a merenda e o fardamento junto aos governantes e secretaria de educação. Ele exerce a função de um "secretário" de educação da comunidade.

A conversa ampliou-se para o currículo escolar ensinado na Escola indígena da Comunidade. Conforme os depoimentos (áudio nº 12 de 23 de dez. 2018) além do bilinguismo (língua materna e o português) os conteúdos incluem a educação sobre a cultura indígena Waiwai como: pinturas corporais; comidas tradicionais; sobrevivência na mata; artesanato; confecção de arco e flecha entre outros.

Importante destacar que a Educação Escolar Indígena no Brasil é marcada pela imposição de integrá-los ao contexto educacional oficial do país. A historiografia sobre a temática escolar indígena no Brasil abrange quatro fases de acordo com Câncio (2017, p. 75):

> A **primeira** e mais extensa fase inicia no Brasil Colônia, quando a escolarização esteve sob os domínios dos missionários católicos, especialmente jesuíta. A **segund**a fase é marcada pela criação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), em 1910, e se estende à política de ensino da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), em articulação com o Summer Institute of Linguistics (SIL) e outras missões religiosas. A **terceira** fase inicia no final dos anos 60 e 70 do século XX, período da Ditadura Militar, destacando-se nesta fase o surgimento de organizações não governamentais, como o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), a Operação Amazônia Nativa (OPAN), o Centro de Trabalho Indigenista (CTI), a Comissão Pró-Índio, o movimento indígena, entre outras. A **quarta** fase se delineia pela iniciativa dos próprios povos indígenas, nos anos 80, que passam a reivindicar a definição e a autogestão dos processos de educação escolarizada nos seus territórios.

Portanto, as mudanças efetivas que atenderam as especificidades dos povos indígenas só aconteceram a partir da Constituição de 1988 através da organização dos movimentos indígenas que reivindicaram seus direitos incluindo a diversidade

cultural e as necessidades específicas de cada grupo étnico. As instituições de Ensino Superior também exerceram e exercem papel fundamental na sugestão de políticas públicas com perfil diferenciado. Destacamos aqui a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB de 1996 e o Plano Nacional de Educação - PNE de 2001 com capítulo sobre a Educação Escolar Indígena e a criação da Comissão Nacional de Educação Escolar Indígena – CNEEI, em 2004. Esses órgãos atribuíram condições especiais às escolas indígenas cujo objetivo é o fortalecimento das línguas nativas e a escolarização intercultural, bi e multilíngue, comunitária, voltada para a autodeterminação dos povos. (CÂNCIO, 2017, p. 80).

Ainda neste mesmo dia 23 de dez. 2018, dentro das programações da celebração do *Kresmus,* tivemos a oportunidade de experimentar o cozido de porco com pimenta acompanhadas do *Kaure* (Beiju) quentinho (**FIGURA 47)**. Experimentei também, a carne de macaco no tucupi, o mesmo que fazem o tacacá e o pato no tucupi do Pará (**FIGURA 48)**. Em seguida distribuíram o vinho de buriti (**FIGURA 49)**.



FIGURA 47: Refeição no Malocão
Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora



FIGURA 48: Cabeça de macaco cozida no tucupi
Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora



FIGURA 49: Eu saboreando o vinho de buriti.
Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora



FIGURA 50: *Ñawñaw* (prof. Reginaldo), Aysha e eu.
Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora

No dia 24 de dez. 2019 Belinda e a sua filha cozinham um almoço especial para a família. Fazem carne de anta assada na lenha com arroz, feijão e farinha produzida pelos Waiwai (**FIGURA 51)**.

O professor Reginaldo apresenta-me o *tucupi* puro (suco extraído da mandioca) e o *wooki* (o vinho de buriti). O processo de produção da bebida é feito com a mistura do suco do buriti com a goma (extraída também da mandioca).

O resultado é um suco espesso com sabor adocicado (**FIGURAS 52 E 53).**

Dizem que a bebida fortalece os músculos para a intensidade das atividades festivas.



FIGURA 51: Carne de anta assando

Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora





FIGURAS 52 E 53: Sucos do Buriti e Bacaba

Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora

5.3 Processos informemorias das mulheres Waiwai.

> *Ainda que, de maneira geral, pawana designe uma parceria formal que envolve a criação de um vínculo entre indivíduos previamente não-aparentados e que é pautada na generosidade e comedimento em que estão envolvidas trocas de objetos, esta categoria também é usada para referir-se a um tipo específico de alteridade, aquela dos "estrangeiros" ou "visitantes". (SILVA, 2016, P. 74)*

Na primeira incursão ao campo no dia 4 de Novembro de 2019 fui levada direto para a *panatanmetopo (*Escola Indígena). Ao adentrar na porta da escola, deparei-me com uma fila de jovens mulheres, estudantes da escola indígena Anauá. Cumprimentei-as uma por uma. Seus sorrisos demonstravam alegria e curiosidade. Elas trajavam calças e saias jeans, todas justas ao seus corpos (**Figura 54**).



FIGURA 54: Recepção das jovens na Escola Indígena Anauá.
Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora.

Elas entoavam um canto de boas-vindas, na língua Waiwai e de forma simultânea, executavam uma dança coreográfica, cadenciada e repetitiva. As pernas faziam um movimento de dois passos para cada lado, e movimentos circulares com

os braços na frente do corpo, bem discreto. Todas dançando de forma similar. Os movimentos são os mesmos descritos por Neves (2014, p. 89):

> Dançam e correm para frente balançando o tronco para os lados cada vez que o pé encontra o solo, o tempo é marcado com o pé batendo no chão com muita força. As mulheres formam uma linha, pois estão todas ligadas pelas mãos. As mulheres formam uma linha, pois estão todas ligadas pelas mãos. A movimentação curvada das mulheres assemelha-se muito com a postura que adotam no roçado para tirar mandioca, os braços balançam do mesmo modo, a tensão vem do ombro até chegar às mãos.

Depois da apresentação fui entrevistada pelos estudantes, lideranças e professores da Escola. O professor Reginaldo, atuou como tradutor da conversa. O Tuxaua, e o vice-Tuxaua interrogaram-me acerca dos meus objetivos na Comunidade. Os professores da Escola fizeram-me algumas perguntas sobre a política educacional atual. (**Figura 55**)



FIGURA 55: Encontro com a comunidade na escola
Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora

No *modus operandi* da Comunidade, o papel determinado pelas mulheres envolve a dedicação ao processamento da mandioca, o cuidado com a casa e com os filhos. Para facilitar as tarefas, elas carregam os filhos na lateral do corpo deixando uma mão livre para segurar as panelas de alumínio ou baldes de plásticos na cabeça. Também buscam água no rio e cozinham para a família.

O comportamento exige um código de normas para as mulheres. Elas são orientadas a seguirem algumas regras: 1) podem falar, mas não tem o poder de decisão; 2) se engravidar tem de casar; 3) mulheres separadas com filhos tem dificuldades de casar novamente; 4) se engravidar solteira e o pai não assumir o filho, também tem dificuldade de arranjar casamento; 5) não utilizam método contraceptivo; 6) não é recomendado andarem sozinhas na comunidade; 7) A sexta-feira o culto é destinado somente às mulheres; 8) Às casadas não são autorizadas a usarem celulares; 9) O pecado é considerado um veneno com a possibilidade de espalhar-se pela comunidade. As punições são baseadas na solidão e no isolamento e envolvem a proibição de sair de casa e a privação da companhia dos parentes. (OLIVEIRA, 2010).

Nas celebrações festivas do *Kresmus*, o Tuxaua é o organizador geral das atividades. Ele determina a representação dos grupos e escolhe 15 mulheres para ficarem responsáveis pelos alimentos. A aldeia fica em ritmo intenso. Todos ficam envolvidos na organização da festa. As mulheres exibem a coreografia para o grupo. Em certos momentos, para dar força e energia, elas consomem as bebidas o *Wooki* - bebida de bacaba e buriti para todos, em panelas de alumínio que serve como um único copo para o coletivo. A bebida é espessa, grossa e tem sabor adocicado.

Para a festividade no malocão, as mulheres confeccionam uma saia com semente de *moro totó*. Elas também usam um adorno com penas de papagaios e araras na cabeça, *o penici*. Tudo acontece ao mesmo tempo. Elas juntam-se em grandes grupos, correm em caracóis, dançam para frente e para trás, com bombons amarrados em seus corpos, enquanto as crianças tentam arrancá-los. A performance do corpo expressa regras de codificação que classificam o comportamento de seus portadores conforme os papéis sociais exercidos na coreografia. Deste modo, o ritual

resignifica o código visual. As informações codificadas passam de geração a geração, contribuindo para a manutenção da tradição, cultura e identidade Waiwai. (**FIGURAS 56**).



FIGURA 56: Jogo da caça com as mulheres
Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora

Durante as atividades de celebração do *Kresmus,* percebi que nos dias sem festividade, nos cultos religiosos o ambiente da igreja ficou muito vazio. Talvez a missão de evangelizar, e seguir as regras da igreja não atendem mais às expectativas da comunidade, apesar do esforço do pastor. Já no dia 24 percebi que a frequência de devotos aumentou (**FIGURA 57**). O dia é destinado para celebrar, orar, cantar e dançar até à meia noite quando soltam fogos de artifícios e comem café com pão.

Na igreja as jovens comandadas pela esposa do pastor e do Tuxaua cantam e dançam uma ao lado da outra. Os braços fazem movimentos para cima e para baixo, para a esquerda e direita. Arrastam as chinelas no chão. Todas em sincronia, para a direita e esquerda. Enquanto isso, as pessoas cantam. O culto dura aproximadamente uma hora. Os movimentos performáticos da dança simbolizam a forma da borboleta e da árvore. (**FIGURA 58**).

Enfim, depois de toda essa experiência eu já estava totalmente envolvida no modo de vida da Comunidade. Passei a ser chamada para participar das atividades

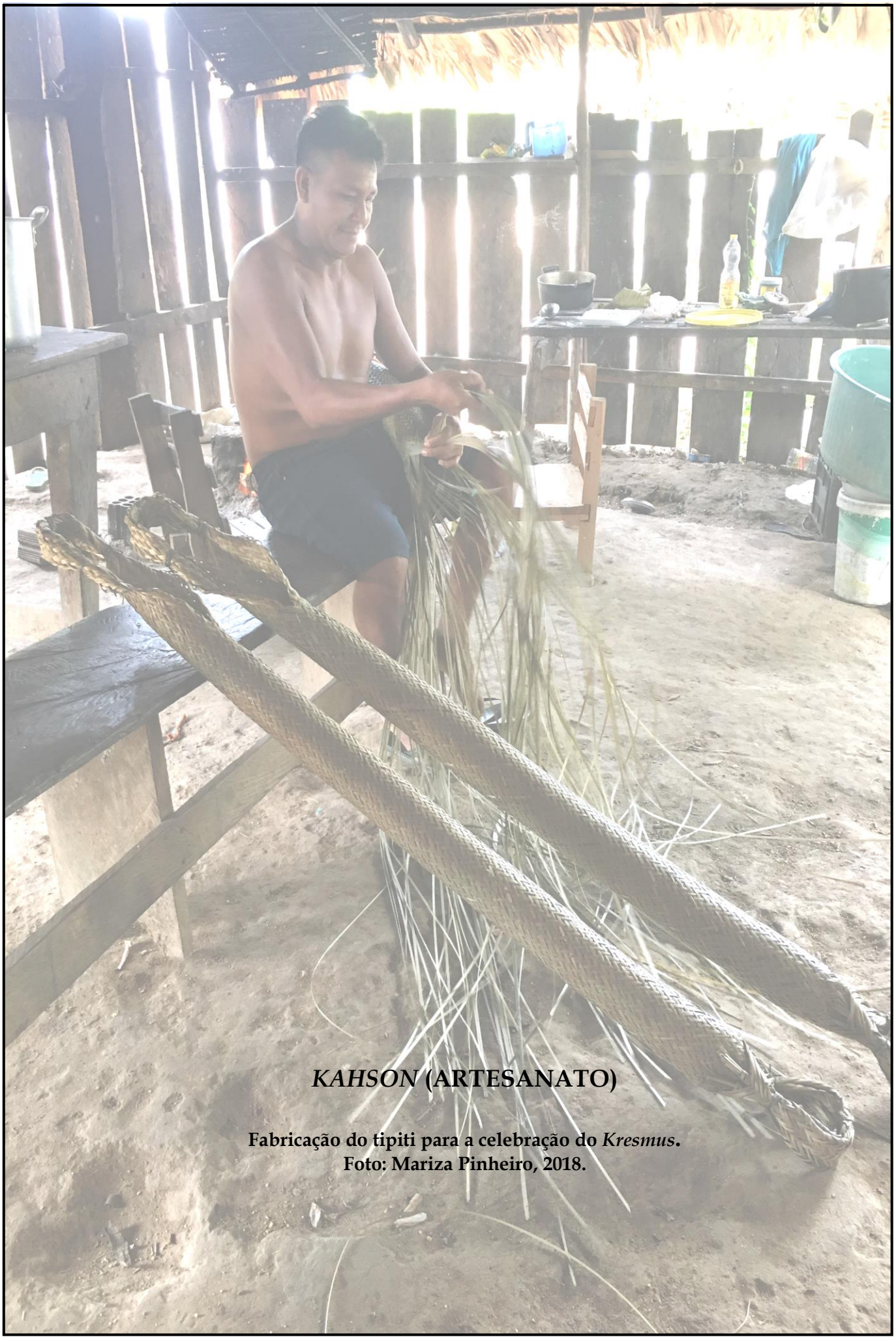
que envolveram: correr; dormir; dialogar; dançar; gestual e rezar. A vontade foi de, naquele momento de completa ethopoiesi ontológica, em transfigurar-me em uma Waiwai, apesar do curto período de convivência no grupo. O sentimento germinou a esperança e o compromisso de retorno.



FIGURA 57: Celebração religiosa
Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora



FIGURA 58: Dança no culto da igreja
Foto Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo pessoal da pesquisadora



KAHSON (ARTESANATO)

Fabricação do tipiti para a celebração do *Kresmus*.
Foto: Mariza Pinheiro, 2018.

6 *ETNOPOIESI* INFORMACIONAL CONCLUSIVA

> *Meus diários são anotações que fiz dia a dia, lá nas aldeias, do que vi, do que me aconteceu e do que os índios me diziam. Gastei nisso uns oito cadernos grossos, de capa dura, que ajudava a sustentar a escrita, porque índio não tem mesa, muitas vezes escrevia sobre minhas pernas ou deitado em redes balouçantes. Você imaginará a letra horrível que resultava disso. (DARCY RIBEIRO, 1996, p. 9)*



A pesquisa tem relação de interdependência com o significado das dimensões etnohistórica, etnoeconomia, etnogeográfia, cosmológica e cultural da realidade do grupo étnico estudado. Extraímos conceitos analíticos da antropologia, como a identidade cultural indígena, em virtude da especificidade do objeto de pesquisa. Fizemos a interlocução também com a Literatura, a História, a Sociologia, a Filosofia e as Artes Visuais, em um amplo movimento aberto de devir.

A tessitura da escrita da tese é liberta de áreas, imbrica-se em pontos de conhecimento necessários para o entrelaçamento do *corpus* epistêmico em movimentos soltos criando sua própria *etnopoiesi* hermenêutica. A escrita está sempre em vias de transgredir e de inverter a regularidade em que se movimenta. Ela transcende suas regras, compondo um *design* rizomático.

Deste modo consideramos que para compreender o sentido da etnomemória e da identidade cultural do povo Waiwai a partir do estudo da abordagem etnográfica, foi preciso responder a questão: *Como a identidade cultural do povo Waiwai, em particular, os da Comunidade Anauá/RR, está presentificada nos processos informemoriais e na etnomemória coletiva da etnia, considerando as influências da colonização portuguesa?*

Neste sentido, utilizamos os conceitos de memória cultural abordados por Assmann (2011); de identidade e cultura destacados por Bauman (2005; 2012; 2013), Hall (2011) e Candau (2012); da filosofia com Ricoeur (2007; 2014) e, da hermenêutica-antropológica de Geertz (2008; 2014). Na base da Ciência da Informação nos identificamos com o pensamento de Smith e Tálamo (2007) nos esforçando a justificar e enredar o "tecido" da pesquisa na perspectiva de construção

*etnopoética da escrit*a partir da transgressão metodológica aberta. Nos inspiramos também, em Domingues (2001; 2005) compreendendo que os conceitos transmutam-se em "novos" conhecimentos, em uma simbiose de "destruição" e reconstrução, e intensa migração entre campos científicos. Portanto, a produção das etnoinformações etnomemorialísticas está enredado em um rizoma deleuziano, o qual abrange o processo hermenêutico e semiótico que ultrapassam a abordagem disciplinar da área. Esses foram alguns dos teóricos que auxiliaram a análise do objeto etnográfico. Os conceitos, também contribuíram para criação dos alicerces das matrizes epistemológicas iniciais, fornecendo as bases para desbravarmos as trilhas da problemática.

A Epistemologia da memória na Ciência da Informação conduz a teoria em caminhos inesperados que está relacionado ao modo como se traduz os significados do que foi experienciado, o que significa desvendar à forma pela qual um fenômeno etnomemorialístico em uma determinada área, é traduzido e expresso em outra (s) áreas. Esse processo Geertz (2014) denominou de hermenêutica cultural que visa interpretar como são organizados os universos de significados da cultura.

Para produzir o conteúdo da epistemologia da memória fizemos uma incursão nos relatos dos viajantes em busca das representações e impressões que eles tiveram dos povos originários. Tentando encontrar marcas e vestígios que cristalizaram nas práticas culturais dos povos indígenas de Roraima, especificamente, os Waiwai. Ou as similitudes com as práticas executadas no processo colonizador no Brasil. Para esse intento, delimitamos nossa leitura as cartas dos padres Manoel da Nóbrega e Antônio Vieira, referentes às impressões do indígenas brasileiros.

Sobre a herança etnoinformemorialística da identidade cultural dos povos originários do Brasil na literatura dos navegadores, do governo colonial, revelaram como marca das missões a conversão dos nativos como estratégia de domesticação. Na escrita, é nítida e perceptível a expressão do pensamento moderno ocidental, destacado por Boaventura de Souza Santos (2009) como linha Abissal. Segundo o autor, a produção do conhecimento científico ao longo da modernidade classificou o mundo em monocultura, hierarquizando e provocando um epistemicídio em outras formas de saber, como evidência do movimento colonizador impositor da visão

eurocêntrica aos povos originários.

O breve panorama etnohistórico dos povos indígenas de Roraima foi relevante para fundamentar a análise teórica no campo da pesquisa. Conforme lembra-nos Candau (2013), na antropologia da memória é importante deixar evidente que a exposição não se confunde com uma exploração ampla do passado etnográfico da região. A intenção foi assimilar o contexto histórico, social e cultural do povo Waiwai de Roraima, e, neste bojo, aprofundar para a etnohistória. Para construir o embasamento da temática, foi necessário, em virtude da distância de residência do objeto (eu morando no nordeste e os Waiwai no norte), desenvolver duas fases da pesquisa: uma primeira fase da pesquisa: a etapa exploratória; e a segunda fase: a etapa da abordagem etnográfica.

A etapa exploratória, na primeira incursão foi executada no contexto da participação no II Encontro dos povos indígenas de Roraima, no ano de 2016, na cidade de Boa Vista. A experiência me oportunizou articular os primeiros contatos com os indígenas de Roraima e algumas pessoas da etnia Waiwai. Foram coletadas fotografias e vídeos durante o mês de fevereiro de 2015 através da observação participante no evento organizado pelo Instituto de formação superior indígena de Roraima (INSIKIRAN) e por lideranças indígenas da região.

A etapa da abordagem etnográfica, na segunda incursão foi desenvolvida nos meses de setembro à dezembro de 2018 quando retornei à cidade de Boa Vista para fazer a incursão na Terra Indígena Waiwai. Através da observação participante, como método etnográfico, valendo-me de diversos meios de armazenamento das informações, busquei registrar às minhas impressões captadas nas "cenas" cotidianas da comunidade. O instrumento técnico foi a câmera fotográfica, direcionada por mim, registrando a partir da minha visão. Assumimos as lacunas, em virtude da impossibilidade do registro completo das impressões, e, sobretudo, da subjetividade interpretativa no processo de captação que envolveu a necessidade de tradutor.

A ordem dos dados está relacionada às escolhas sobre o que observar. "Soma-se a isso a subjetividade do pesquisador que, ao mesmo tempo em que colhe dados sensoriais, está refletindo sobre as suas impressões e interpretando significados do comportamento e dos eventos observados". (SOMEKH; LEWIN, 2015, p. 184). Desse

modo, o observado, está ontologicamente relacionado ao modo que o observador conceitua o mundo e de que lugar ele olha.

A experiência na Terra Indígena Waiwai, da comunidade Anauá exigiu a produção de um pequeno exemplo da gramática Waiwai, contendo frases para comunicação (APÊNDICE A) e um glossário etnolinguístico (APÊNDICE B) priorizando o formato português – Waiwai. O material facilitou a comunicação dentro da comunidade, sobretudo, a sua importância dá-se em virtude da dificuldade de compreensão do único dicionário disponível pela MEVA utilizado pelo grupo que prioriza o formato língua Waiwai – Português e exige um conhecimento mais profundo da língua materna. Para que possam verificar, comparar e compreender nossa dificuldade incluímos no anexo o dicionário da MEVA. Algumas etnoimagens coletadas estão no capítulo etnoiconográfico (APÊNDICE C).

Percebemos através da nossa inserção na Comunidade Waiwai que a estrutura identitária é composta por um *thesaurus* pluri, multi e trans cultural nos molde do que Bauman (1998, p. 266) evidencia como a multiplicidade das crenças religiosas, filosóficas e morais, que são todas racionais. A memória cultural e a identidade indígena, destacados representam um vínculo entre o passado e o futuro. As etnolembranças evocadas a partir da prática intercultural do povo Waiwai da comunidade Anauá no presente contribuem para a transmissão e difusão da tradição da ancestralidade. Desse modo, a etnomemória afetada impulsiona e ressignifica o que está armazenado cristalizando no presente o patrimônio cultural intangível (imaterial) deste povo.

Podemos afirmar que a herança simbólica representada nos costume, valores e nas práticas interculturais dos Waiwai da Comunidade Anauá materializam-se através de suportes mnemônicos que funcionam como "gatilhos". O fenômeno funciona como um fluxo de etnoinformações que são transmitidas e "protegem" o passado do esquecimento no tempo. E contribui diretamente para a autocompreensão do papel da tradição para sobrevivência e manutenção da identidade cultural da etnia.

Os processos informemorias do povo Waiwai, em constantes momentos de rememoração de sua tradição, funcionam como conhecimento partilhado entre épocas e gerações. Com o decorrer dos tempos e o contato com as missões religiosas, ao tornarem-se aliadas naturais dos indígenas, contribuíram para uma transmutação natural entre a cultura tradicional nativa e as manifestações religiosas. Esse movimento gerou significativas transformações na identidade cultural dos Waiwai.

No cotidiano da tradição indígena dos Waiwai, é perceptível a incorporação de canções e orações nos cultos cristãos, protestantes e na atualidade com os ritos evangélicos do protestantismo na prática intercultural da Comunidade. Portanto, as marcas da evangelização que as missões anglicanas do século XVIII imprimiram na cultura dos povos originários, registradas na etnohistoriografia brasileira são visíveis na contemporaneidade. Milhares de indígenas foram convertidos na língua e na religião a partir das missões que tiveram atividades no país.

A conversão da fé foi uma pré-condição para a aceitação junto aos brancos colonizadores. E, assim, as concepções culturais foram impostas, como estratégias de domesticação. Enfim, as representações produzidas nos relatos e nas biografias das cartas e dos relatos de viagens sobre o processo de colonização no Brasil, constituem importantes fontes comprovação.

O processo de transmissão do conhecimento e da cultura Waiwai, na comunidade Anauá, antes da responsabilidade oficial do governo foi através das atividades de conversão e evangelização nos anos de 1973 a 1974. Assim, como na época da colonização do Brasil, através dos jesuítas, carmelitas e beneditinos, os missionários da UFE, hoje, MEVA, continuam os ensinamentos religiosos alfabetizando os indígenas com a utilização da Bíblia Sagrada, traduzida para a língua Waiwai, a produção de uma Gramática e um dicionário bilíngue Uai Uai - português. A produção é de uso público, sendo disseminados para os que se interessam em aprender a língua materna Waiwai ou colaborar na evangelização de outros povos, além de estudantes e pesquisadores.

É fato que na Europa Ocidental não tem nação formada a partir de apenas um único povo, uma única cultura. As nações modernas nunca foram aglomerações individualizadas. E na pós-modernidade, somos nações fluídas em permanente

movimento de devir. A identidade cultural de um povo, assim como os Waiwai, são constituídas por situações: cultura adaptativa; destruição cultural com a globalização que desconstruiu as fronteiras e permitindo a desconectação de territórios definidos e identificáveis. Os povos viveram em processos frequentes de metamorfoses.

Na etnomemória tecida nesta pesquisa, apropriamo-nos do passado como importantes vestígios (rastros) contidos no *thesaurus* do patrimônio cultural tangível e intangível dos Waiwai da comunidade Anauá em Roraima. O produto etnoepistemológico partiu do campo da área da Ciência da Informação com foco nas etnoinformações do universo da memória e da identidade cultural Waiwai atrelados com a minha própria memória e identidade, sendo oriunda da região Norte, nascida na cidade de Boa Vista, Roraima.

Abrimos trilhas nos assegurando da importante tarefa de criação *etnopoética* do teórico-metodológico. Para isso, buscamos interpretar a subjetividade da identidade cultural indígena Waiwai, com base na nossa identificação transcultural com os sujeitos da pesquisa (moradores da comunidade Anauá). Portanto, foi necessário estar inserida dentro da T. I. Waiwai para descrevê-los a partir do ponto de vista dos nativos. Tornando-me uma observadora participante na comunidade, interpretando com o olhar de dentro.

Asseveramos que a tradição cultural indígena da etnia Waiwai como acontecimento memorialístico, prolonga-se a partir da reinterpretação de processos informemorialístios e rituais do passado, que são ressignificados e "reproduzidos" à gerações. Nesse sentido, compreendemos que a noção de identidade cultural indígena se presentifica na produção de informações através das práticas tradicionais interculturais, vivenciadas de geração em geração e que sofrem a transmutação em variados espaços e tempos. A evocação e ressignificação das práticas interculturais auxiliam nas construções identitárias que se cristalizam na memória individual e coletiva do povo Waiwai da Comunidade Anauá.

A waiwaização configura-se quase como uma "catarse" onde o lugar de origem (o ato de ser de etnias diversas) transfigura-se em Outro (ser Waiwai em potência) polissêmico. Podemos aferir metaforicamente, a inflexão dialética que faz referência aos diálogos platônico entre o Mesmo e o Outro, relaciona-se com a

hermenêutica do si. Dessa forma, no fenômeno identitário do povo Waiwai podemos perceber o que Ricoeur (2014) chamou de tripé da passividade ou da alteridade, são eles: 1. Passividade resumida como mediadora entre o si e um mundo (etnia diversas x coletividade waiwai); 2. Passividade implicada na relação do si com o estranho (etnia diversas x ser waiwai); 3. Passividade dissimulada a relação entre o si e o si mesmo (a consciência de ser waiwai). Desse modo, firma-se o pertencimento identitário da categoria do ser waiwai.

Na contemporaneidade há um alargamento do campo das identidades, propiciando a proliferação de novas posições identitárias. Em toda parte emerge identidades que não são fixas. Elas estão em constante transição. As pessoas criam fortes vínculos com os seus lugares de origem e suas tradições, mas, são obrigadas a adaptarem-se às novas culturas.

Ao finalizar essa breve experiência de abordagem etnográfica, inferimos que não existem fronteiras, limites ou linhas que delimitam a cultura de um povo. Não existem identidades fixas ou estagnadas na comunidade Anauá, e nem em todo o processo civilizatório existiu. Somos um traçado multi, pluri e trans cultural.

Para o futuro, encho o meu coração de esperanças e me junto aos que resistem e se engajam na luta pelo respeito à pluralidade étnica no mundo, pelo respeito à sábia cosmologia indígena. GRATIDÃO! ***kirwanhe xa may ham!***

REFERÊNCIAS

ABREU, S. A. **Aleluia:** o banco de luz. 1995. 132 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 1995. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000089982. Acesso em: 28 março 2017 às 21h55.

ACÁCIO, M. S. J. **Estudo fonológico da língua Waiwai (Caribe):** uma contribuição. 2011. 118 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/3013. Acesso em: 28 ago. 2017 às 14h09.

ALBERT, B.; RAMOS, A. R. (org.). **Pacificando o branco:** cosmologias do contato no norte-amazônico. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

ALBUQUERQUE, L. FERRONHA, A. L.; HORTA, J. S.; LOUREIRO, R. **O Confronto do olhar:** o encontro dos povos na época das navegações portuguesas – séc. XV e XVI. Lisboa: Caminho S. A., 1991. (Edição patrocinada pelo Ministério da Educação para as comemorações dos descobrimentos portugueses – Coleção Universitária)

ANCHIETA, J. **CARTAS:** correspondência ativa e passiva. 2. ed. 6. v. São Paulo: Edições Loyola, 1984. (Convênio com a vice postulação do Beato José de Anchieta).

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante.** Trad. José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ARAÚJO, C. A. Á. Correntes Teóricas da Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, vol. 38, n. 3. p. 192-204, set. /dez. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652009000300013. Acesso 26 ago. 2018 às 12h40.

ARAÚJO, C. A. Á. A Ciência da Informação como ciência social. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 21-27, set./dez. 2003.

ARAÚJO, M. A. M. **Do corpo à alma:** missionários da Consolata e índios *macuxi* em Roraima. São Paulo: Associação Editorial Humanitas/FAPESP, 2006.

ASSMANN, A. **Espaços da recordação:** formas de transformações da memória cultural. Campinas: Unicamp, 2011.

AZEVEDO, A. A. **Da colonização do Brasil e da acção de José de Anchieta.** Dissertação (Mestrado em Letras). Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1942.

AZEVEDO NETTO, C. X. Informação e memória – as relações na pesquisa. **História em reflexão,** Dourados, v. 1, n. 2, jul/dez. 2007.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução Mauro Gama, Claudia Martinelli. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência**. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. **Comunidade:** a busca por segurança no mundo atual. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BAUMAN, Z**. Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Z. **Ensaios sobre o conceito de cultura**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BAUMAN, Z. **A Cultura no mundo líquido moderno.** Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BARBOSA, A. M. **Economia indígena em áreas de floresta na Amazônia:** o caso dos índios Waiwai no sul de Roraima. 2011. 83 f. Dissertação (Mestrado Profissional Interinstitucional em Economia) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

BARBOSA, R. I.; MELO, V. F. **Roraima:** homem, ambiente e ecologia. Boa Vista: FEMACT, 2010.

BARRETT, S. R. **Antropologia:** guia do estudante à teoria e ao método antropológico. Tradução Fabio Reder. Petrópolis: Vozes, 2015.

BARTHES, R. **A Câmara Clara:** sobre a fotografia. Tradução Júlio Castanõn Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BARTHES, R. **O prazer do texto.** Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BELKIN, N. J.; ROBERTSON, S. E. Information science and phenomenon of information. **Journal of the American Society for Information Science**, july-august, 1979.

BONI, P. C.; MORESCHI, B. M. Foto etnografia: a importância da fotografia para o resgate etnográfico. **Doc. On-line**, Campinas, n. 3, p. 137-157, dez. 2007. Disponível em: http //www.doc.ubi.pt. Acesso em: 28 dez. 2016 às 23h12.

BURKE, P. **O que é história Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BURKE, P. **A Escola dos Annales (1929- 1989)***:* a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: Fundação UNESP, 1997.

BUTT-COLSON, A. **The Birth of a Religion**: the origins of a semi-Christian Religion among the Akawaio. In: J. Middleton (ed.), Gods & Rituals: Readings in Religious Beliefs & Practices. The Natural History Press, New York. [1960]1967.

CÂNCIO, R. N. P. **Para além da aldeia e da escola:** um estudo decolonial de aquisição da Língua Portuguesa pelos indígenas Waiwai da aldeia Mapuera, Amazônia brasileira. Tese (Doutorado em Linguística). Pará: Universidade Federal do Pará - UFPA, 2017.

CANDAU, J. **Memória e Identidade.** Tradução Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CANDAU, J. **Anthropologie de la mémoire.** Paris: Armand Colin, 2005 (Collection Curses Sociologie).

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O Conceito de Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan. /abr. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pci/v12n1/11.pdf. Acesso em: 28 dez. 2016 às 14h55.

CARDIM, F. **Tratado da terra e gente do Brasil**. Lisboa: Comissão Nacional para as comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000.

CARVALHO, R. J. S. **Territorialidade da comunidade de pescadores artesanais**: praia do Perequê, Guarujá – SP. 2010. 107 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2010.

CARY-ELWES, Cuthbert [1909 – 1923], 1985. ***Rupununi Mission***. Londres, Jesuit Mission.

CASAL, A. Y. Modernidade, pós-modernidade e antropologia. **Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas,** Lisboa, p. 111-144, 1992. Disponível em: https://run.unl.pt/bitstream/10362/6699/1/RFCSH6_111_144.pdf. Acesso em: 14 set. 2017 às 21h09.

CASTRO, E. B. V. **A Inconstância da alma selvagem e outros ensaios de Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. 552 p.

CAVALCANTI, H. B. O projeto missionário Protestante no Brasil do século 19: comparando a experiência presbiteriana e batista. **Revista de Estudos da Religião,** São Paulo, n. 4, p. 61-93, 2001. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv4_2001/p_cavalc.pdf. Acesso em: 17 março 2017 às 10h30.

CHARTIER, R. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa/ Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, R. O mundo como representação. **Revista Estudos Avançados,** São Paulo, v. 5, n. 11. jan./abr. 1991. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601/10152. Acesso em: 09 fev. 2017 às 13h37.

COLSON, A. B. Hallelujah among the Patamona Indians. **Antropologica**. n. 28, p. 25-58, 1971. Disponível em: http://www.fundacionlasalle.org.ve/userfiles/ant_1971_28_25-60.pdf. Acesso em: 26 março 2017 às 22h24.

CORRADINI, L. **No hay que confundir memoria con historia, dijo Pierre Nora:** la visión del filósofo y académico francês. Notícias de Cultura: Miércoles 15 de marzo de 2006. Disponível em: http://www.lanacion.com.ar/788817-no-hay-que-confundir-memoria-con-historia-dijo-pierre-nora. Acesso em: 29 de julho 2014.

COSTA, A. S.; NASCIMENTO, A. V.; CRUZ, E. B.; TERRA, L. L.; SILVA, M. R. O uso do método estudo de caso na Ciência da Informação no Brasil. **InCID:** Revista Ciência da Informação e Documentação, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, p. 4949-4969, jan./jun. 2013. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/59101. Acesso em: 13 set. 2017 às 18h15.

COUTO, J. **A construção do Brasil:** ameríndios, portugueses e africanos, do início do povoamento a finais de quinhentos. 2. ed. Lisboa: Cosmos, 1997.

COELHO, P. R.; AZEVEDO, R. S. R. Particularidades do processo de evangelização Waiwai. **VIII Simpósio Internacional de Geografia Agrária e IX Simpósio Nacional de Geografia Agrária (SINGA).** Curitiba, 2017. Disponível em: https://singa2017.files.wordpress.com/2017/12/gt03_1506902065_arquivo_trabalho singa2017.pdf. Acesso em: 12 de fev. 2019 às 21h25.

CUNHA, M. C. (org.). **História dos índios no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992.

DAHLBERG, I. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 7, n. 2, p. 101-107, 1978. Disponível em: http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/v/a/2295. Acesso em: 15 março. 2017.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é filosofia?** 3. ed**.** Tradução Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Munhoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

DIAS JR., C. Trajetórias e construções sociais entre os povos Waiwai da Amazônia Setentrional. **Tellus**, Campo Grande, ano 8, n. 15, p. 59-82, jul./dez. 2008.

DOWDY, H. E. **O Pajé de Cristo.** Tradução Fausto Camargo César. São Paulo: Sepal, 1997.

DOMINGUES, I. **Conhecimento e transdisciplinaridade.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

DOMINGUES, I. Em busca do método. In: DOMINGUES, I (Org). **Conhecimento e transdisciplinaridade II:** aspectos metodológicos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 17-40.

ECO, U. **Como se faz uma tese.** Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2012.

ECO, U. **Como se faz uma tese em ciências humanas.** Tradução Ana Falcão Bastos e Luís Leitão. 13 ed. Lisboa: Editorial Presença, 2007.

FARAGE, N. **As muralhas dos Sertões**: os povos indígenas no Rio Branco e a colonização. Rio de Janeiro: Paz e Terra; ANPOCS, 1991.

FERNANDES, F. M. M. **Do parixara ao forró, do forró ao "*parixara*": ** uma trajetória musical. São Carlos: UFSCar, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7822. Acesso em: 30 março 2017 às 03h13.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário da Língua Portuguesa.** 10 ed. Curitiba: Positivo, 2015.

FOUCAULT, M. O que é um autor? In: FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos**: Estética – literatura e pintura, música e cinema. v. 3. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 264-298.

FOUCAULT, M. A Escrita de si. In: FOUCAULT, M. **Ditos e escritos:** ética, sexualidade, política. Tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 3. ed. v. 5. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso:** aula inaugural no *Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 23 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013. (Leituras filosóficas)

FRANKHAM, J.; MACRAE, C. Etnografia. 2015. In: SOMEKH, B.; LEWIN, C. (orgs.). **Teoria e método de pesquisa social.** Tradução Ricardo A. Rosenbusch. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015. p. 69 – 78.

FREITAS, M. A. B. O Instituto Insikiran da UFRR: trajetória das políticas para a educação superior indígena. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos,** Brasília, v. 92, n. 232, p. 599-615, set./dez. 2011.

GADAMER, G. **Verdad y método.** Salamanca: Ediciones sígueme, 1998.

GÂNDAVO, P. M. **A primeira história do Brasil:** história da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

GARCIA, E. F. Missões na América Ibérica: dimensões políticas e religiosas. **Revista Tempo,** Niterói, v. 19, n. 35, jul./dez. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/tem/v19n35/01.pdf. Acesso em: 19 março 2017 às 10h20.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GEERTZ, C. **O saber local:** novos ensaios em antropologia interpretativa; Tradução Vera Joscelyne. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. (Coleção Antropologia)

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GONDAR, J.; DODEBEI, V. (org.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em memória social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 5 - 18, jan./jun.2001.

GRONDIN, J. **Hermenêutica.** Tradução: Marcos Marcionílio. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. (Coleção episteme 6).

GUTIERREZ, I. P.; SOUZA, E. **História, ambiente e educação no Jatapuzinho.** Boa Vista: Editora da UFRR, 2015.

HAESBAERT, R. **O mito da Desterritorialização:** do "fim" dos territórios à multiterritorial idade. 3. ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2007.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003, 224 p.

HALBWACHS, M. **Les cadres sociaux de la mémoire.** Paris : Les Presses universitaires de France, Nouvelle édition, 1952.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HARCOURT, R. **A relation of a voyage to Guiana 1613**. Marrawini district: Hardcover, 2010.

HARVEY, D. **Condição Pós-moderna:** uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Tradução Adail Ubirajara Sobral; Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

HENFREY, C. The Gentle People: **A Journey Among the Indian Tribes of Guiana**. London: Hutchison & Co, 1964.

HOWARD, C. V. A domesticação das mercadorias: estratégias Waiwai. In: ALBERT, B.; RAMOS, A. R. (org.). **Pacificando o branco: cosmologias do contato no norte-amazônico.** São Paulo: Editora UNESP, 2002.

HUYSSEN, A. **Culturas do passado-presente:** modernismo, artes visuais, políticas da memória; tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto: Museu de Arte do Rio, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Os indígenas no Censo Demográfico 2010:** primeiras considerações com base no quesito cor ou raça. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: http://indigenas.ibge.gov.br/images/indigenas/estudos/indigena_censo2010.pdf. Acesso em: 11 set. 2017 às 12h12.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico: 2010:** características gerais dos indígenas: resultado do universo. Rio de Janeiro, IBGE, 2010. Periodicidade: Decenal. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/95/cd_2010_indigenas_universo.pdf. Acesso em 11 set. 2017 às 15h48.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Atlas do Brasil Milton Santos - 2010**. Diretoria de Geociências. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/pt/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=247603. Acesso em 15 set. 2017 às 11h40.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Atlas Nacional Digital do Brasil -** 2016 (Mapa Interativo). Caderno Temático, população indígena, p. 3. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/apps/atlas_nacional/. Acesso em: 15 set. 2017 às 12h17.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. 2016. **Povos indígenas do Brasil**. Disponível em http://pib.socioambiental.org/pt. Acesso em: 12 maio 2016 às 8h.

JAEGER, P. L. G. **Padre Manuel da Nóbrega, S. J:** 4º Centenário da sua vinda ao Brasil: 29-03-1949. Porto Alegre, 1949.

JAPIASSU, H. **Questões epistemológicas**. Rio de Janeiro: Imago, 1981.

JOHNSON, H.; SILVA, M. B. N. (coord.). **O Império Luso-Brasileiro 1500 - 1620.** v. 7. Lisboa: Estampa, 1982. (Coleção: Nova história da expansão portuguesa).

KAPAHAKA. **Waiata (canção**). msthompsonslearninghub. Disponível em: http://msthompsonslearninghub.wikispaces.com/Kapahaka. Acesso em: 01 março 2017 às 22h45.

KENSWIL, F. W. **Children of the Silence**: an account of the aboriginal Indians of the upper Mazaruni River, British Guiana. Georgetown: Interior Development Community, 1946.

KOBASHI, N. Y.; TÁLAMO, M. F. G. Informação: fenômeno e objeto de estudo da sociedade contemporânea. **Transinformação**, Campinas, v. 15, p. 7-21, set./dez. 2003.

KOCH-GRÜNBERG, T. **Do Roraima ao Orinoco:** observações de uma viagem pelo Norte do Brasil e pela Venezuela durante os anos de 1911 a 1913. Tradução Cristina Albert Franco, v. 1. São Paulo: UNESP, 2006.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu:** palavra de um xamã yanomami; tradução Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LACHNITT, G.; GIACARIA, B. **Danho'Redzé Danhipai'wai ma:** povo Xavante em oração. Missão Salesiana de Mato Grosso/Campo Grande, 1993 (Centro de documentação Indígena).

LEITE, Y. F. **Línguas indígenas:** memórias de uma pesquisa infinda. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2012.

LE GOFF, J.; NORA, P. **História:** novos problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

LÉVI-STRAUSS, C. **Tristes trópicos**. Tradução Rosa Freire de Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LORENZ, K. **Os fundamentos da etnologia**. Tradução de Pedro Mello Cruz e Carlos C. Albert. São Paulo: Editora da UNESP, 1995.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MAGALHÃES, D. **Roraima informações históricas.** Boa Vista: Editora do Banco de Roraima, 1986.

MALINOWSKI, B. K. **Os argonautas do pacífico ocidental:** um relato do empreendimento e aventuras dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné-Melanésia. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MARQUES, M. L. **Ontologias da filosofia à representação do conhecimento.** Brasília: Thesaurus, 2006.

MATTOS, M. C.; MATOS, A. S. M. C. Da possibilidade de uma teoria pura da Ciência da Informação: reflexões iniciais entre a Ciência da Informação e a Ciência do Direito. **Perspectivas em ciência da informação**, Belo Horizonte, v. 17, n. 4, p. 57-75, out./dez. 2012.

MAURO, F. **Portugal, o Brasil e o Atlântico 1570 - 1670.** v. 1, Tradução Manuela Barreto. Lisboa - Portugal, 1997. (Coleção Histórias de Portugal nº 29 - Título original: Le Portugal, le Brésil et l'Atlantique au XVII siècle - 1570 - 1670)

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Tradução Paulo Neves. v. 2. São Paulo: Cosac Naify, 2003. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1888?show=full. Acesso em: 08 maios 2018 às 12h14.

MELO, A. C**.** Saudosismo e crítica social em Casa grande & senzala: a articulação de uma política da memória e de uma utopia. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 23, n. 67. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142009000300031. Acesso em: 01 set. 2014 as 12h30.

MELLO, A. R. T. **Tamiriki, Pata Yotono Kwama:** a reconstrução de uma casa, a valorização de uma cultura e o protagonismo dos ameríndios *Kaxuyana* às margens do rio Cachorro (Oriximiná-PA). Tese (Doutorado em Memória Social)-Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: file:///H:/DS201402.pdf. Acesso em: 23 fev. 2019 às 12h45.

MENDONÇA, W. **Memórias de Nós:** o Brasil no redemoinho do capital. Porto Alegre: Karioka Multimedia Produções Ltda., 2014.

MENTORE, G. **Of Passionate curves and desirable cadences:** Themes on Waiwai social being. University of Nebraska Press Lincoln and London: Library of Congress, 2005.

MENTORE, G. Waiwai Women: The Basis of Wealth and Power. **Man**, v. 22, n. 3, p. 511-527, set. 1987.

MENTORE, G.; SANTOS-GRANERO, F. Apresentação. **Revista de Antropologia,** São Paulo, vol. 49, n. 1, jan./jun. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012006000100001 Acesso em: 11 maio 2018 às 12h48.

MIGLIAZZA, E. Grupos linguísticos do Território Federal de Roraima. In: LENT, H. (editor). **Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica**. v. 2., p. 153-173. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Pesquisas. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biota%3Avol2p153-173/biota_vol2p153-173.pdf. Acesso em: 20 fev. 2019 às 20h01m.

MINAYO, S. F. **Pesquisa Social.** Teorias, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2015.

MORIN, E. **Ciência com Consciência.** Tradução Maria D. Alexandre e Maria Alice Araripe de Sampaio Dória. 16 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 128 p.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 10. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2005.

MUELLER, S. P. M. (org.). **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação.** Brasília: Thesaurus Editora, 2007.

NEVES, S. F. Dança Waiwai. **Revista ACENO**, v. 1, n. 2, p. 81–95. ago./dez. 2014.

NICOLESCU, B. **Manifesto da transdisciplinaridade.** São Paulo: Triom, 1999.

NICOLESCU, B. Um novo tipo de conhecimento: transdisciplinaridade. In: NICOLESCU, B. et al. **Educação e Transdisciplinaridade.** Brasília: UNESCO, 2000. p. 13-29. Disponível em: http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/llpt/A_a_H/didatica_I/aula_04/imagens/01/transdisciplinaridade.pdf. Acesso em: 7 jan. 2017 às 17h00.

NÓBREGA, M. **Cartas do Brasil (1549 – 1560).** Imprensa Nacional, v. I, 1886 (coleção cartas Jesuíticas)

NOVELLINO, M. S. F. A linguagem como meio de representação ou de comunicação da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 3 n. 2, p. 137-146, jul./dez. 1998.

NUNES PEREIRA, M. **Moronguetá:** um Decameron Indígena. V. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1967.

OLIVEIRA, B. M. J. F.; AZEVEDO NETTO, C. X. Artefato como elemento de memória da cultura popular: um olhar sob a perspectiva da arqueologia social. In: FECHINE, I.; SEVERO, I. **Nas teias da memória.** João Pessoa: Editora UFPB, 2007. p. 27-51.

OLIVEIRA, B. M. J. F. ; ANDRADE, B. A. Memórias cotidianas de Francielly. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2013, p. 1-19. Disponível em: http://enancib2013.ufsc.br/index.php/enancib2013/XIVenancib/paper/viewFile/341/222. Acesso em: 22 junho 2014.

OLIVEIRA, B. M. J. F.; ALBUQUERQUE, M. E. B. C.; PINHEIRO, M. O. A Kynyi Areruia: memória e representação da informação no processo de conversão indígena no Norte/Brasil/Guiana. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais…** Marília, 2017, p. 1-19. Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/xviiienancib/ENANCIB/paper/view/418. Acesso em: 22 nov. 2017 às 14h34.

OLIVEIRA, L. V. **O cristianismo evangélico entre os Waiwai**: alteridade e transformações entre as décadas de 1950 e 1980. 2010. 129 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://livros01.livrosgratis.com.br/cp120555.pdf. Acesso em: 30 junho 2016 às 22h20.

OLIVEIRA, R. C. **Caminhos da identidade:** ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo. São Paulo: Editora Unesp; Brasília: Paralelo 15, 2006.

OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo.** 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PAIVA, E. B. **Narrativas indígenas:** construindo identidades e constituindo-se em fontes de informação. 2013. 199 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. Disponível em: http://tede.biblioteca.ufpb.br/handle/tede/8925. Acesso em: 21 set. 2017 às 17h40.

PAIVA, E. B. A construção da identidade indígena em fontes de informação**.** In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. **Anais…** João Pessoa, 2015. Disponível em: http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/viewFile/3082/1236. Acesso em: 21 set. 2017 às 16h57.

PAIVA, E. B.; RAMALHO, F. A.; CARVALHO, E. T. G. Informação e memória indígena em dissertações**.** In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Salvador. **Anais…** Salvador, 2016. Disponível em: http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/enancib2016/enancib2016/paper/viewFile/3727/2301. Acesso em: 21 set. 2017 às 17h18.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre [et al.]. **Papel da memória**. Tradução José Horta Nunes. 2. ed. Campinas: Pontes, 2007.

PEIXOTO, C. E. (org.). **Antropologia & Imagem:** narrativas diversas. v. 1. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

PEIXOTO, C. E. (org.). **Antropologia & Imagem:** os bastidores do filme etnográfico, v. 2. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

PINHEIRO, M. O.; OLIVEIRA, B. M. J. F. *Y Niykyny'ypan Karikiaunan:* a memória cultural e infocomunicativa do povo *waiwai* do norte do brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Salvador. **Anais…** Salvador, 2016. Disponível em: http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/enancib2016/enancib2016/paper/viewFile/4120/2313. Acesso em 22 set. 2017 às 13h46.

PINHEIRO, M. O.; OLIVEIRA, B. M. J. F. Os indígenas *Waiwai* e os espaços de recordações e práticas interculturais: reflexões preliminares. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 30., 2016, João Pessoa. **Anais…** João Pessoa, 2016. Disponível em: http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/30rba/index.php?id=40..Acesso em: 27 set. 2017 às 11h36.

PINHEIRO, M. O.; OLIVEIRA, B. M. J. F. *Y* A *kynyi areruia:* memória e representação da informação no processo de conversão indígena no Norte/Brasil/Guiana. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**,** 18., 2017, Marília. **Anais…** Marília, 2017. Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/xviiienancib/ENANCIB/paper/view/418. Acesso em 22 set. 2017 às 13h46.

POSERN-ZIELINSKI, A. Religious Ferment among the Indians of British Guiana at the Turn of the 19th Century. **Estudios Latinoamericanos,** México, v. 4, p. 97-125, 1978. Disponível em: http://www.ikl.org.pl/Estudios/EL04/el04_04_ziel.pdf. Acesso em: 22 março 2017 às 12h45.

RALEIGH, W.; OLDYS, W.; BIRCH, T. **The work of Sir. Walter Raleigh, Kt:** the history of the world**.** v. 8. Oxford: Nabu press, 1829.

RIBEIRO, D. **Diários índios:** os Urubus-Kaapor. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RICOEUR, P. **Teoria da Interpretação:** o discurso e o excesso de significação. Tradução Artur Morão. 2 ed. São Paulo: Edições 70, 2017.

RICOEUR, P. **A memória, a história e o esquecimento.** Tradução Alain François [et. al.]. Campinas SP: Editora Unicamp, 2007.

RICOEUR, P. **Ser, essência e substância em Platão e Aristóteles.** Tradução Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

RICOEUR, P. **O si-mesmo como outro**. Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

ROBREDO, J.; BÄSHER, M. (orgs.). **Passeios pelo bosque da informação:** estudos sobre representação e organização da informação e do conhecimento. Brasília: IBICT, 2010. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/7950/6/CAPITULO_MetriasInformacaoHistoria.pdf. Acesso em: 30 março 2017 às 9h58.

RODRÍGUEZ, V. G. **O ensaio como tese:** estética e narrativa na composição do texto científico. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ROTH, W. E. **Additional studies of the arts, crafts, and custos of the Guiana Indians**: with special reference to those of Southern British Guiana. Washington: Smithsonian Institution/Bureau of american Ethnology, 1929. Disponível em: https://repository.si.edu/handle/10088/15558?show=full. Acesso em: 2 fev. 2018 às 4h50.

SANTILLI, P. **Pemongon Patá**: território macuxi, rotas de conflitos. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

SANTOS, B. S. **Introdução a uma ciência pós-moderna.** Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento Abissal: das linhas globais para uma ecologia dos saberes. **Novos estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 79, nov. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/nec/n79/04.pdf. Acesso em: 22 jan. 2019 às 12h30.

SANTOS, B. S.; MENEZES, M. P. (Org.). **Epistemologias do sul.** Portugal: Edições Almedina SA, 2009.

SANTOS, L. C. M. T. **Guerreiros antropófagos:** la visión europeia del indígena brasilenõ y la obra del jesuíta José de Anchieta (1534 - 1597). Espanha: Instituto de estúdios canários, 1997. (Série monografia LVI)

SCHNEIDER, L. **Escritoras Indígenas e a literatura contemporânea dos EUA.** João Pessoa: Ideia, 2008.

SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e representação.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

SIMONS, H.; PIPER, H. Questões éticas na geração de conhecimento público. In: SOMEKH, B.; LEWIN, C. (orgs.). **Teoria e método de pesquisa social.** Tradução Ricardo A. Rosenbusch. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 56 - 65.

SILVA, J. M. A. O modelo Pombalino de Colonização da Amazónia. **Revista de História da Sociedade e da Cultura**, Coimbra, n. 3, p. 155 - 193, 2003.

SILVA, J. M. A. **O Brasil Colonial.** Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2005. (Textos pedagógicos e didáticos).

SILVA, J. M. A. Aspectos da política pombalina na Amazônia. **Revista Portuguesa de História,** Coimbra, 1999.

SILVA, M. B. N. (Cord.). **O Império Luso-Brasileiro 1750 - 1822.** v. 8. Lisboa: Editorial: Estampa, 1986 (Coleção Nova história da expansão portuguesa).

SILVA, M. B. N. (Cord.). **Cultura Portuguesa na Terra de Santa Cruz.** Editorial: Lisboa, Portugal, 1995. (Coleção Histórias de Portugal, nº 14)

SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. (org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVA, V. A. **Vestígios do Rio Turuni:** perseguindo fragmentos de uma história *Txikyana.* Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, USP, 2016. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-08042016-134216/pt-br.php. Acesso em: 15 fev. 2019 às 6h35.

SMITH, J. W.; TÁLAMO, M. F. G. M. Ciência da Informação: uma ciência moderna ou pós-moderna? In: LARA, M. L. G.; FUJINO, A.; NORONHA, D. P. (Org.). **Informação e contemporaneidade***:* perspectivas. Recife: Néctar, 2007. p. 27-45.

SOMMERMAN, A. Complexidade e transdisciplinaridade**. Revista terceira incluída**, v. 1, n. 1, p. 77-89, jan./jun., 2011, Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/teri/article/view/14390. Acesso em: 7 jan. 2017 às 15h20.

SOMMERMAN, A. Pedagogia da alternância e transdisciplinaridade**.** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA, 1., 1999, Salvador. **Anais...** Bahia: Portal da Cidadania, 1999. Disponível em: http://portal.mda.gov.br/o/887039. Acesso em: 7 jan. 2017 às 16h15.

SOMEKH, B. LEWIN, C. (orgs.). **Teoria e método de pesquisa social.** Tradução de Ricardo A. Rosenbusch. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

SOUZA, A. O. **Entre conversões e convertidos**: táticas e estratégias no encontro cultural entre missionários protestantes e os waiwai da Amazônia setentrional entre 1948 e 1962. 2014. 114 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Fronteiras) - Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2014.

SOUZA, A. A. **Anarme nhe takî nasî amna chehamhokacho*:*** a construção do currículo diferenciado da Escola Indígena Anauá. Monografia (TCC Licenciatura Intercultural – Ciências Sociais) – INSIKIRAN, Universidade Federal de Roraima, 2014.

SOUZA, M. **Amazônia indígena.** Rio de Janeiro: Record, 2015.

SOUZA, J. M. C. **Os Waiwai do Jatapuzinho e o irresistível apelo à modernidade.** 1998. 284 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia, Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

SOUZA, R. O. **Valorização da cultura Waiwai no contexto da escola indígena**. Monografia (TCC Licenciatura Intercultural – Ciências Sociais) – INSIKIRAN, Universidade Federal de Roraima, 2008.

SOUTO, Fabiano de Oliveira. **Entre Limites e distanciamentos**: alguns aspectos das formações de Coletivos 'Waiwai"' e percursos etnológicos pela Amazônia Oriental. 2015. [163] f., il. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

SULLIVAN, P. J**. O. Translation**: treason, serendipity or acquired instinct**?** Cadernos de Tradução, v. 2, n. 22, Florianopolis, UFSC, 2008.

STAATS, S. Fighting in a Different Way: Indigenous Resistance through the Alleluia Religion of Guyana. In: HILL, J. (ed.), **History, Power, and Identity**: Ethno genesis in the Americas 1492-1992. Iowa City: University of Iowa Press. 1996, pp.161-179.

SWAN, M. **The Marches of El-Dorado**: British Guiana, Brazil, Venezuela. London: Jonathan Cape, 1958.

TEIXEIRA, O. A. Interdisciplinaridade: problemas e desafios. **Revista Brasileira de pós-graduação,** Brasília, v. 1, n. 1, p. 57-69, jul. 2004. Disponível em:

http://dx.doi.org/10.21713/2358-2332.2004.v1.22. Acesso em: 27 dez. 2016 às 15h45min.

TENÓRIO, H. P.; RAMOS, J. B.; CABALZAR, F. D. (Org.). **Wiseri Makanê Niromakañe. Casa de Transformação**: origem da vida ritual *Utapinopona Tuyuka*. São Paulo: AEITU – Associação Escola Indígena Utapinopona Tuyuka, 2005.

THOMAS, D. J. **El movimiento religioso de San Miguel entre los Pemón**. Antropológica, 1976. Disponível em: http://www.fundacionlasalle.org.ve/userfiles/ant_1976_43_3-52.pdf. Acesso em: 4 fev. 2019 às 22h12.

VESPÚCIO, A. **Carta de Américo Vespúcio anunciando el nuevo mundo -** 1500. Disponível em: http://www.ellibrototal.com/ltotal/?t=1&d=5248_5202_1_1_5248. Acesso em 09 ago. 2017 às 15h53.

VIEIRA, A. **Sermão do Espírito Santo**. Disponível em: http://tupi.fflch.usp.br/sites/tupi.fflch.usp.br/files/serm%c3%83o%20do%20esp%c3%8drito%20santo.pdf. Acesso em: 20 março 2017 às 13h50.

WHITEHEAD N. L. **The Patamona of Paramakatoi and the Yawong valley**: an oral history. Guyana: Hamburg Register Walter Roth Museum of Anthopology. Biblioteca da Universidade da Guiana, Georgetown, 1996. (F2380 P37)

APÊNDICE A - CONHECENDO O ETNOALFABETO WAIWAI.

1 . O ALFABETO

O alfabeto Waiwai consta fundamentalmente de 21 letras. Três delas são usadas mais frequentemente em palavras estrangeiras: **K, W, Y**. Apresenta também algumas variações em relação ao alfabeto português.

1.1 O ALFABETO EM WAIWAI POSSUI 21 LETRAS

A	**KM**	**C**	**CH**	**KN**	**E**	**H**	**I**	**Î**	**M**	**Ñ**	**O**	**K**	**P**	**R**	**S**	**T**	**U**	**X**	**W**	**Y**

1.2 O ALFABETO WAIWAI TRADUZIDO PARA PORTUGUÊS

A	B	C	D	E	H	I	M	N	O	K	P	R	S	T	U	X	W	Y

1.3 AS VOGAIS EM WAIWAI

A	E	I	O	U	Î

1.4 FORMAÇÕES DE SÍLABAS EM WAIWAI

A	**KM**	**C**	**CH**
A	B	TI	TCHI
KN	**E**	**H**	**I**
D	E	R	I
Î	**M**	**N**	**Ñ**
Î	M	N	Ñi
O	**K**	**P**	**R**
O	Q	F	R

S	**T**	**U**	**X**
S	T	U	X
W	**Y**		
U	I		

As letras **K** tem o som de **/Q/,** o **W** tem o som de **/U/**, o **Y** tem o som de **/I/** e o **C** tem o som de **/TI/** e o **CH** tem o som de **/TCHI/. E**las são usadas em todas as palavras e nas pronúncias faladas na língua Waiwai.

1.5 AS CONSOANTES NA LÍNGUA WAIWAI

CONSOANTE EM WAIWAI	EQUIVALENTE EM PORTUGUÊS
KM	B
C	TI
CH	TCHI
KN	D
M	M
N	N
Ñ	NH
P	F
K	Q
R	R
S	S
T	T
X	X
W	W
Y	Y

2. VOCABULÁRIO

PORTUGUÊS	WAIWAI	PRONÚNCIA
Peixe	Kîtkmo	Kitbó
Carne	Yuupun	Iufún
Feijão	Kuumasa	Cumaçá
Você	Amoro	Amoró
Rapaz	Karpanxan	Carifamxán
Homem	kîîrî	Quiri
Pote	Parakwe	Faracué
Eu	Owî	Ouî
Amor	Iixe oyehtopo	Ixe oiertópó
Casa	Mîîmo	Miimo
Dor	Ereurî	Ereúrî
Alegre	Tawake	Tauáqué
Dia	Katpan	Catifán
Sol	Kaamo	Caamó
Lua	Nuuñi	Nuuni
Vocês	Amyamro	Amiamró
Onde	Ahto	Artó
Livro	Karita mko	Carítá mico
Rede	Kuywa	Cuíuá
Descanso	Epokarecho	Efocáretió
Sonho	Wooso	Uosó
Mata	Comota	Tíomótá

3. FORMAÇÃO DE SÍLABAS EM WAIWAI

WAIWAI	PORTUGÛES
KMA-KME-KMI-KMO-KMU =KMÎ	BA-BE-BI-BO-BU

CA-CE-CÎ-CO-CU=CÎ	CA-CO-CU
CHA-CHE-CHI-CHO-CHU=CHÎ	CH
KÑA-KÑE-KÑÎ-KÑO-KÑU=KÑÎ	DA-DE-DI-DO-DU
HA-HE-HÎ-HO-HU=HÎ	**H**
MA-ME-MÎ-MO-MO=MÎ	MA-ME-MI-MO-MU
NA-NE-NÎ-NO-NU=NÎ	NA-NE-NI-NO-NU
KA-KE-KÎ-KO-KU=KÎ	K
PA-PE-PÎ-PO-PU=PÎ	PA-PE-PI-PO-PU
RA-RE-RÎ-RO-RU=RÎ	RA-RE-RI-RO-RU
SA-SE-SÎ-SO-SU=SÎ	SA-SE-SI-SO-SU
TA-TE-TÎ-TO-TU=TÎ	TA-TE-TI-TO-TU
XA-XE-XÎ-XO-XU=XÎ	XA-XE-XI-XO-XU
WA-WE-WÎ-WO-WU=WÎ	W
YA-YE-YÎ-YO-YU=YÎ	Y
KPA-KPE-KPÎ-KPO-KPU=KPÎ	
KRA-KRE-KRÎ-KRO-KRU=KRÎ	
KWA-KWE-KWÎ-KWO-KWU=KWÎ	
TWA-TWE-TWÎ-TWO-TWU=TWÎ	
TKA-TKE-TKI-TKO-TKU- TKÎ	
TKMA-TKME-TKMI-TKMO-TKMU-TKMÎ	

4. CUMPRIMENTOS

Em Waiwai existem muitas formas para saudar uma pessoa. Usa-se muito o tratamento de *hara* (de novo).

WAIWAI	PORTUGUÊS	PRONÚNCIA
Ahcewa há?	Como vai você?	*Ar-tche-ua- rá*
Cenma hara	Bom dia	*Tchen-má -Hara*

Tîtkokoñenta hara	Boa tarde	*Tî-tî-co-co-nhe-n-tá Hara*
Tîtkokmam hara	Boa noite	*Tî-tî-co-ban-Hara*

Algumas perguntas para o uso cotidiano

WAIWAI	PORTUGUÊS	PRONÚNCIA
Ahcewa?	Como vai?	*Ar-tche-u-á?*
Kirwanhe	Muito bem	*Quiri-u-a-nhé*
Ahcewa may pooco?	Como está o senhor?	*Ar-tche-u-á mai fo-o-tió?*
Ahcewa tatu?	Como estamos?	*Ar-tche-u-á ta-tú*?
Ahcewa matu?	Como estão?	*Ar-tche-u-á ma-tú?*
Ahcewa matu amyamro?	Como vocês estão?	*Ar-tche-u-á Ma-tú- am-ia-m-ró?*
Kirwanhe amna nasî.	Nós estamos bem	*Qui-riu-a-nré amî-na na-sî.*

5. INFORMAÇÕES PESSOAIS

O que você deve perguntar para obter dados pessoais em Waiwai**.**

5.1 NOME

WAIWAI	TRADUÇÃO
Onoke awosotî?	Qual e o seu nome?
Oyosotî Ewka.	Meu nome é Ewka
Awosotî mahrimacho hara?	E o seu sobrenome?
Waiwai	Meu sobrenome é Waiwai
Atwîcakî nay aweurutoponho?	Quantos anos você tem?
10 Cimñipi wasî	10 anos de idade

5.2 PROCEDÊNCIA / NACIONALIDADE

WAIWAI	TRADUÇÃO
Ahtono amoro?	Dê onde você é?
Anauá pono owî.	Eu sou de Anauá.
Ahcewai amoro?	O que você é?
Kayaritomo owî.	Eu sou Tuxaua.
Atwîcakî pahkî may oroto?	Há quanto tempo você está a frente?
Oroto was 10 cimñipu?	Hoje faz 10 anos.

5.3 PROFISSÃO

WAIWAI	TRADUÇÃO
Ahce pokono amoro?	O que você faz?
Kpanatamnekñe owî	Sou professor ou professora
Ahto metapicke?	Onde você trabalha?
Sku yau ketapickesî.	Trabalho na esola.
Asakî tooto mtapotacho	Diálogo entre duas Pessoas?

5.4 SAUDAÇÕES

WAIWAI	TRADUÇÃO
Hay	Oi / Olá
Ahcewa	E aí / como vai
Kirwanhe	Estou bem
Amoro hara ahcewa may?	E como você está?
Owî marha kirwanhe wasî	Eu também estou bem.

5.5 OUTRAS FRASES QUE AJUDAM NA COMUNICAÇÃO

WAI WAI	TRADUÇÃO
Amnê nhe	Mais tarde
Ahnixa mîmoko?	Você veio de onde?

Ahrika owka monohko	Espere um pouco
Waknamesî okanwarî	Vou virar a minha canoa.
Wakniyasî	Vou queimar
Esama yakumyaw ñeseyam	Ele escondeu ao lado do caminho
Amahra wasî	Não vou cortar
Oyamorî ñerewasî	Dor nas minhas mãos
Cenmachou hara	Bom dia a todos
Pîîra	Nada ou não
Nhnk	Sim
Ahce poko may?	O que está fazendo?
Kayka etariso comota cheka?	Vamos passear na floresta?
Kayka etariso?	Vamos passear?
Mehcamhoke?	Você estuda?
Nhnk Kehcamhokes	Sim eu estudo
Ahce serie mehcamhoke?	Você estuda em qual serie?
9º ano Wiras	Eu faço 9º ano
Ahtono sku yau mehcamhoke?	Você estuda em qual escola?
Escola Est.Ind.Anauá yau Kehcamhokes	Eu estudo na Escola E.I A
Ahtono amoro?	Você é de onde?
Roraima pono owî	Eu sou de Roraima
Baliza pono owî	Eu sou de São João da Baliza
Oyeuton Anauá	Minha aldeia é Anauá
Kîtkmo tonoxe wasî	Eu quero comer peixe.
Kîtkmo tonoxe may?	Você quer comer peixe?
Nhnk kîtkmo tonoxe was	Sim eu quero comer um peixe.
Kaxara kwau tonoxe wasô	Quero comer o peixe no tucupi.
Uuwi cuure erro wa	Com farinha e bejú.
Ero wa makî ham	Somente isso.
Amñe hara	Ate mais/ Tchau

APÊNDICE B - GLOSSÁRIO ETNOLINGUÍSTICO WAIWAI[52].

A

Abacaxi - ***Apara*** (fruta).
Abacate - ***Aape*** (fruta).
Abandonar - ***Tînomso*** (ato de deixar e esquecer).
Abano - ***Wayapamsî*** (objeto feito da palha do buriti para abanar o fogo).
Abelha - ***Ahricho Yokomon*** (inseto que colhe e espalha o néctar das flores).
Aberto - ***Tahrunkaxi*** (informar que alguma coisa está aberta ou destampada).
Abrir – *Ahrunkaki*
Abóbora - ***Awayama*** (fruta).
Aborto - ***Emaraka*** (explicar um aborto de uma criança, ou uma fruta caída do pé).
Abraçar - ***Ahsîcho*** (descrever quando se abraça alguém).
Absorvente - ***Maayamu*** (objeto usado pelas mulheres).
Acabar - ***Enatkaxapu*** (quando alguém acabou uma bebida ou comida).
Açaí - ***Manaka*** (fruta da floresta típica da Amazônia).
Acontecer - ***Ehtoponhîrî*** (para dizer que algo vai acontecer ou que está acontecendo).
Acreditar - ***Wenta*** (ter certeza de algo).
Água – *tuuna*
Agulha - ***Kuusa*** (objeto pontudo usado para perfurar).
Agoniado - ***Expora*** (se referir à pessoa ou animais desesperados).
Agora - ***Oroto*** (diz-se do momento em que se encontra).
Algodão - ***Maurî*** (planta nativa da região).
Arco - ***Krapa*** (objeto de madeira e fio usado para arremessar a flecha).
Arara - ***Kworo*** (usado para se referir à arara tanto vermelho como azul)
Anta - ***Yaipî*** (animal vegetariano típico da floresta amazônica).
Ariranha - ***Wayawaya*** (animal que vive na água do rio).
Aranha - ***Moyosî*** (inseto peçonhento de vários tamanhos).
Arraia - ***Xpari*** (peixe que vive nas áreas dos rios e igarapés).
Avião - ***Kaikokoro*** (objeto que voa).
Alagado - ***Tukmaxi*** (lugar onde a água encheu).
Acostumado - ***Cenpamnoreso*** (se referir àquele que faz coisas por costume).
Acostumar - ***Cenpanso*** (aquele que vai ficar acostumado).
Alto - ***Kawno*** (se referir à pessoa alta ou árvore alta, etc.).
Alvo - ***Meñekaxu*** (aquilo que se deseja acertar, ou escolhido como alvo).

[52] Colaboração e tradução: Alexandre Aniceto de Souza (origem étnica Waiwai e professor de história da Comunidade Anauá).

Alguém - ***Onoke hana*** (se referir a uma pessoa).
Apertar - ***Apikmoko*** (ato de pressionar).
Apertado - ***Takpu*** (se referir a algo como roupa ou lugar, etc. com pouco espaço).
Amor - ***Etîxe*** (sentimento de amor ao próximo).
Amadurecer - ***Takîhson*** (se referir às frutas ou até mesmo as pessoas com mais experiência).
Alcançar - ***Pahnokaxi*** (vontade de chegar a algum alvo).
Anel - ***Amoyekna*** (Objeto usado nos dedos).
Ano - ***Cimnipu*** (indicar o Ano).
Anum - ***Wîîre*** (Ave de cor preta).
Apagar – ***Wixka/Ñeyihka*** (ato de apagar um fogo ou desligar da Tomada).
Apagado - ***Ceyihkaxi*** (para se referir ao que já está apagado).
Aquele - ***Mîkî*** (para indicar alguém).
Aquilo - ***Mîkro*** (para se referir a algo previamente indicada).
Ai - ***Aka*** (para descrever a sensação de dor, de um beliscão, etc.).
Aqui - ***Tanî*** (para informar que alguém ou algo está bem perto).
Arrancar - ***Kmohraka*** (Ato de usar a força para tirar algo do lugar).
Arrancado - ***Kmohrakaxi*** (Aquilo que já está arrancado; o tronco de uma árvore).
Arrumar - ***Takirwamaxi*** (algo está para ser arrumada, casa, quarto etc.).
Ajudar - ***Takronomaxi*** (Ato de ajudar alguém que precisa).
Aumentar - ***Tpormanso nhe*** (para se referir ao que vai crescer mais ainda).
Amamentar – ***Kmokmo*** (alguém está amamentando um bebê).
Amanhã - ***Pahxaxa*** (dia seguinte).
Amarelo – *Tîsewekem*
Amigo - *Oyakrono*
Amargo - ***Cîmîkî*** (Usada para se referir a algo que está amargo).
Azedo – ***Kawawape*** (algo está azedo, um limão ou algo mais).
Assado - ***Tupuso*** (Usado para se referir ao assar uma carne ou um Moqueado).
Assar – ***Wupuras*** (Usada para se referir a assar algo Carne peixe etc.).
Assobio - ***Piii*** (Assobio).
Atacar - ***Ipo Totopo*** (Usada para se referir atacar algo, objetos).
Achar – ***Eposo*** (Usada para se referir aquilo que foi achado).
Achado - ***Enxapu*** (A palavra usada quando algo for achado, algo perdido).
Afiar - ***Pohcukmaxi*** (algo que é afiado uma ponta de flecha).
Animal - ***Onokhana tho*** (A palavra usada se refere chamar de Animal).
Alegre - ***Tahwore*** (A palavra usada para se referir quando alguém está alegre ou feliz).
Alívio-*Erahtîmra/Erewura* (Usada para dizer que está aliviado).
Arroz – ***Raixi*** (Alimento de cor branca).

Açúcar – *Xuuka* (Aquele que é doce).
Acne – *Yoko* (Espinhas ou cravos).
Aconselhar – *Yitwirmacho* (Dar conselho ao outro).
Acusado – *Tponanîntoso* (Aquele que foi acusado).
Admirado – *Eserepokacho* (Aquele que está admirado).
Adolescente – *Karpanxam kîiri/ Emasî Woosî* (pessoa adolescente).
Adoçar – *Yikporexapu* (Deixar algo doce).
Adorar - *Poko Cereure Ehtopo* (Ato de adorar a Deus).
Adormecer – *Yuhnari Yîwîntopo* (Estando em sono profundo).
Adotar – *Amehxapu* (Ato de Adotar).
Adubar- *Ciyamso* (Deixar a terra fofa para o plantio).
Árvore – *Weewe taakem* (Plantas de porte alto da floresta).
Afogar – *Enorikax* (Ato de afogar, estar imerso pela água ou líquido).
Agarrar – *Aurutamiko* (Ato de pegar com os braços alguém e apertar).
Água – *Tuuna* (Líquido que se toma, que está nos rios, igarapés ou chuva).
Água de coco – *Kokonatî Yeukuru* (Água presente dentro do coco).
Aguentar – *Tînîmso* (Suportar algo).
Ainda- *Xa hara* (Usado para se referir que ainda encontra se presente).
Ajeitar – *Akirwamaxi* (Por algo no seu devido lugar).
Ajoelhar - *Tosokmuru pono* (Movimento de dobrar os joelhos).
Alerta- *Ponaronomaxi* (Usada para alerta algo, aviso de informação urgente).
Alimento – *Knahri* (Usada para se referir aos alimentos, comida).
Anoitecer – *Kokmanrî* (Fenômeno natural de passar o dia para a noite).
Aonde – *Ahto* (Usada para se referir à um lugar).
Anzol - *Kiiwi* (Objeto que é utilizado para pescar, anzol).
Apagador – *Yixkacho* (Objeto que é usado para apagar o quadro ou papel).
Aprender - *Kehcamhokacho* (Tornar a ter conhecimento na escola ou em família).
Arma - *Yuwuhre* (Usada para se referir algo como uma espingarda ou uma flecha).
Abrigar – *Yîmîm yauno* (Usada para se referir a acolher alguém).
Adulto - *Poritomo* (Usada para se referir às pessoas adultas).
Alma – *Ekatî* (O que está dentro das pessoas, que faz viver).
Almoço - *Kamarakatauno ereusî* (Usada para se referir a refeição do meio dia).
Amarelo - *Tîxewekemu* (Cor amarela).
Amarrar - *Yimixapu* (Dar nó, ou também amarrado).
Amigo - *Oyakrono* (amigo de infância ou que conheceu e fez amizades).
Amolar - *Yiyohtaxapu* (Deixar algo afiado).
Amplo - *Porinme* (Aquilo que é amplo. Ex. largo, mais aberto).
Ancião - *Kporinînhîrî* (mais velhos. Ex. Avô, bisavó etc.).
Andar - *Etariso* (Ato de se movimentar. Ex. andar para frente etc.).

Anestesia - *Pororîrecho* (Que está anestesiado, dormente).
Anjo - *Ancu* (Palavra que se refere aos anjos).
Antigo - *Pahxan* (antigo. Ex. Uma aldeia abandonada, ou uma história que aconteceu.).
Apodrecer - *Korîntaxi* (Aquilo que está podre ou vai ficar, com mau cheiro).
Apontar - *Ekanîtopo* (Indicar algo. Ex. Alguém o apontou com o dedo, etc.).
Armadilha - *Wapahtocho* (pegar. Ex. uma caça ou uma pesca).
Artesanato - *Kahson* (Objetos criados de maneira tradicional. Ex. Peneira, cocar, pulseira, entre outros tipos de Artesanato).
Asa - *Aporî* (asa de uma ave ou outro objeto parecido. Ex. Asa de arara, asa de avião etc.).
Acender - *Potuhtocho* (fazer fogo. Ex. acender um fogo, acender uma lâmpada etc.).

B

Barba – *Etpo* (barba de pessoas e outros seres que tem barba).
Babá- *Rikomo yenîne* (Palavra usada para se referir a uma cuidadora de crianças.).
Banana - *Tuxkma* (Fruta bastante cultivada pelo WaiWai).
Bacaba – *Kuumu* (Usada para se referir a uma fruta típica da floresta da Amazônia) .
Bafo – *Yooko* (Ex. fumou cigarro, ou bebeu algo.).
Banco - *Aapo* (Usada para se referir ao lugar onde se senta. Ex. cadeira.).
Banha – K*atî* (Ex. banha de porco, banha de animal gordurento.)
Barata - *Mahcarî* (Inseto. Ex. Barata).
Bacana – *Tarworem* (Aquela pessoa que bacana, Ex. gentil com as pessoas).
Barco - *Kaanawa yukwauno* (Ex. Canoa ou navio de porte pequeno).
Barulho - *Kpanapickacho* (Barulhos. Ex. Algo barulhento).
Barro - *Roowo Sororono* (Usada para se referir a terra. Ex. Barro.)
Barriga – *Wethîrî* (Barriga. Ex. Barriga de pessoas, ou barriga de animais)
Batalha – *Etapickacho* (Aquele que batalha. Ex. Trabalha muito)
Barbado – *Cetpoxem* (Aquele que é barbado. Ex. homem barbado etc.).
Barraca - *Eeta* (Usada para se referir à pequena barraca. Ex. Barraca por tempo determinado.).
Banhar - *Eyehso* (Ator de ir banhar. Ex. Banhar no Chuveiro ou banhar no rio etc.).
Banhado - *Eyehxapu* (Estado de que está banhado ou limpo).
Banheiro - *Keyehtopo* (Local indicado para fazer devidas necessidades).
Banzeiro - *Cokohcoko* (Palavra usada para se referir quando o rio está balançando).
Bandido - *Ceñepañem* (Usado para se referir a alguém que é perigoso, bandido).
Baixo - *Roopo* (Usado para se referir a algo baixo).
Batata - *Paari* (Tubérculo roxo ou branco cultivado).
Bater - *Etapaxi* (Usa se para se referir a algo quando for bater em alguém).

Barato - ***Epethîmra*** (Usado para se referir a algo com preço baixo).
Bacurau - ***Wokra*** (Pequena ave noturna de cor Marrom).
Bambú - Xaari (Planta nativa com o centro oco).
Bebê - ***Wakwa*** (Bebê de colo).
Beber - ***Esewokpaxi*** (Ingerir alguma bebida).
Bebida - ***Wooku/suco /cerveja/*** (Quando se refere a algo para beber).
Beiçudo - ***Iyohyapîñam*** (Quando se refere ao animal com grandes lábios).
Beijú - ***Cuure*** (Alimento derivado da mandioca).
Beijo - ***Cmooo*** (Ato de dar o beijo em alguém).
Beija-Flor - ***Tuukusu*** (Ave pequena de bico comprido).
Beira - ***Nakwa*** (Usado para se referir às margens do rio ou do igarapé).
Beliscar - ***Nîpîtîka*** (Ato de pegar com a ponta dos dedos).
Bem te vi - ***Ciripipi*** (Pequeno pássaro de cor amarela).
Beleza - ***Cenporem*** (Refere se a algo ou alguém ao qual se agrada).
Bem - ***Kirwanhe rma*** (Estado de estar bem).
Benzer - ***Pepesmaxi*** (Ato de orar sobre algo ou alguém para proteger).
Benzimento - ***Pepesmaxapu*** (Produto usado para benzer).
Bíblia - ***Kaan Karitan*** (Livro sagrado dos cristãos).
Bico - ***Poturu*** (Refere se a aves, que tem bico).
Bicudo - ***Potpiñan*** (Refere se a algo ou aves com bico comprido).
Bisavó - ***Ocacan*** **nhîrî** (Usado para chamar a mãe dos avós).
Boatos - ***Tapota tohnauno*** (Conversas que acontecem pelo lugar).
Boca - ***Yîmtarî*** (Parte do corpo).
Bochecha - ***Petarî*** (Parte lateral do rosto).
Borboleta - ***Tamatama*** (Animal pequeno que varia de forma e tamanho que voa baixo).
Bombom - ***Xuuka tamnoñem*** (Doce redondo).
Bola - ***Eemu*** (Objeto de diversão).
Bosta - ***Weeto*** (Fezes dos animais).
Bodó - ***Poore*** (Peixe típico da água doce bodó ou cascudo).
Boi - ***Paaka Kîîrî*** (Animal macho boi).
Buriti - ***Yoowu*** (Fruta da região Amazônica).
Buraco - ***Eutarî*** (Buraco).
Bunda - ***Maapi*** (Usada para se referir a bunda de pessoas).
Bucho - ***Wethîrî*** (Usada para se referir a bucho. Ex. Bucho de peixe etc.).
Busca - ***Ehso*** (Buscar).
Braço - ***Aporî*** (Braço de pessoas / ou animais).

C

Cavalo - ***Kawaru*** (Se refere ao animal cavalo).
Carro - ***Tarara*** (Se refere ao automóvel carro).
Camaleão - ***Kwaana*** (Animal que se alimenta de vegetais).
Cachorro - ***Xaapari*** (Animal cachorro).
Caixa - ***Eenî cixapu*** (Feito de papelão ou madeira).
Cacho - ***Yîpîmirî / banana/ bacaba*** (Ex. cacho de banana ou cacho de uva).
Caju - ***Orosî*** (Fruta domesticada).
Cajá - ***Moope*** (Fruta encontrada nas regiões de matas).
Caracol - ***Xuuwe*** (Caracol).
Caba - ***Okomo*** (Caba).
Capa - ***Yîhcîpîrî*** (Usada para se referir à casca de uma manga, ou uma pupunha).
Cabelo - ***Yîhpoci*** (Cabelo).
Caçar – ***Esetakatapo*** (Caçar).
Cabaça - ***Apehnî*** (Que nunca foi tocado ou que nunca foi pisado).
Cabeludo - ***Yîhpocpînan*** (Aquele que é cabeludo).
Cacique - ***kayaritomo*** (Chefe da casa maior, líder).
Cachoeira - ***Kahxi*** (Cachoeira do rio).
Caçula - ***Mahtîkîthîrî*** (Aquilo que é caçula a menor).
Cadê - ***Ahto*** (Usada para se referir à procura. Ex. cadê minha Calça).
Caneta - ***Meuretopo*** (Ato de escrever).
Casar - ***Yipitacho*** (Aquilo que casar).
Caí - ***Cepîrkaxi*** (Aquilo que caí. Ex. a manga cai do pé).
Cagado - ***Twekaxi*** (Aquilo que fez coco. Ex. o bebê está cagado).
Caldo – ***Eukuru*** (caldo de uma caldeirada. Ex. Caldo de Peixe).
Calda - ***Matkîrî*** (Rabo).
Calçar – ***Amruko*** (Ato de vestir).
Calo - ***Amoxokwe*** (Calo).
Calor- ***Ocoro*** (Se refere a que está quente. Ex. a panela está quente. Ou tempo está quente).
Caroço - ***Yathîrî*** (Usada para se referir a um caroço da manga ou de ingá etc.).
Campo - ***Yîhpon.*** (Aquilo que é limpo. Ex. como um campo cheio de acidentes).
Cabeça - ***Yîhtîpîrî*** (Cabeça).
Carrapato - ***Kamuxpa*** (Carrapato).
Calça - ***Kamisa Kauno*** (Calça Jeans).
Canela - ***Porirî*** (canela de uma pessoa. Ex. Minha canela está doendo).
Capivara - ***Yîwîrî*** (Animal Capivara).
Capim - ***Cuupu*** (Capim).
Casco - ***Yîhcîpîrî*** (Casca. Ex. casca de madeira ou mandioca).

Capricho - ***Pexumkaxi*** (Aquilo que é bem feito).
Carne - ***Wooto*** (Carne de boi/ carne de anta).
Caminho - ***Esama*** (Caminho. Ex. estou indo a Caminho).
Caititu - ***Paakra*** (Animal da floresta amazônica).
Cana - ***Paaranci*** (Planta domesticada).
Cedo - ***Pahxaxa rono*** (Cedo).
Cego - ***Ewuhnî*** (Aquele que é cego. Ex. ele é cego).
Céu - ***Kaapu Kauno*** (O que está acima de todos, lugar bom).
Cigarro - ***Kamahxu*** (Objeto de fumar).
Cigarra - ***Taritari*** (Inseto que canta no verão).
Cipó - ***Xixinatî*** (Madeira tipo corda encontrada na mata).
Cinto – ***Katamci*** (Objeto usado para segurar as calças).
Cordão - ***Kwarî*** (Objeto usado para pôr no pescoço).
Coruja - ***Pupuri*** (Ave que fica acordada durante a noite).
Coco - ***Kokonatî*** (Fruto doméstica).
Cocar - ***Aroko Tamîtkem*** (Cocar).
Confusão - ***Eseyitopo*** (Eseitopo).
Contar - ***Yukuknomacho*** (Ato de contar. Ex. quantos tem).
Comer - ***Nahya*** (Ator de comer comida).
Coragem - ***Erahtîmnî*** (Aquele não tem medo).
Corda - ***Ruupu*** (Corda. Ex. corda de puxar).
Corpo - ***Yuupun*** (Corpo. Ex. corpo de Pessoa).
Cola - ***Ahsîsîknocho*** (Produto que gruda ou cola).
Comemorar- ***Tahworesom*** (Aquele que se comemora. Ex. festa.)
Comportar – ***Tîtkeñarî*** (Aquele que se comporta.).
Comprometido - ***Iime ehxapu*** (Aquele que está comprometido).
Comprar - ***Apuntopo*** (Ato de comprar).
Começar - ***Yihcicho*** (Aquilo que começa. Ex. Eu vou começar a trabalhar).
Costume - ***Enpamcho*** (Aquilo que tem costume se faz normalmente).
Concordar - ***Etî tore*** (Aquele que concordar. Ex. ideias comparativos).
Confiança - ***Pona entopo*** (Sentimento de segurança).
Colocar - ***Citopo*** (Pôr algo em algum local).
Coração- ***Cooro*** (coração. Ex. coração de humanos etc.).
Colorido – ***Tîcpoyem*** (Que tem várias cores juntas).
Coelho - ***Rekmetu*** (Animal pequeno do mato, que salta).
Coice - ***Kmahyai Ketapañe*** (Chute para trás, dado por alguns animais).
Coisa - ***Ahce hana mko*** (Algo indefinido).
Coitado -***Tîpîñem*** (Se refere aquele que sofre).
Cocha - ***Peetî*** (Parte do corpo).

Colher - ***Warapuputu*** (Objeto usado para pegar comida do prato).
Colheita - ***Ahcena mko yamehtopo*** (Ato de pegar frutos ou alimentos nos lugares).
Colo - ***Amrinauno*** (Parte superficial do corpo dado para acalentar as crianças).
Conhecer - ***Entopo Yaxan*** (Ato de saber sobre algo ou alguém).
Comunidade - ***Itoreno mko*** (Local onde se vive).
Convidar - ***Anihtopo (***Ato de chamar alguém).
Consertar - ***Akirwamacho*** (Fazer algum objeto ou material funcionar).
Construir - ***Citopo ahcena mko*** (Ato de criar. Ex. construir uma casa)
Corrente - ***Tîhtosom mko*** (Que interliga algo no outro sucessivamente).
Correr - ***Emahcitopo*** (Ato de se movimentar mais rápido).
Cortar - ***Yihkotocho*** (Usado quando se divide algo).
Costa - ***Yîmkarî*** (Parte de trás da pessoa ou animal).
Copo - ***Kuupu*** (Objeto usado para beber).
Cotovelo - ***Apo yesîrî*** (Parte do braço, articulação.).
Cunhado - ***Wooxim*** (O irmão ou irmã do esposo ou esposa).
Curimatã - ***Poosu*** (Peixe do rio).
Cutia - ***Akri*** (Animal de pêlos vermelhos e amarelo).
Cotiara - ***Paxki*** (Animal pequeno, parecido com a cutia).
Curar - ***Cehcemaxi*** (Fazer um ferimento ou dor sarar).
Cuidar - ***Ponaro cehsom*** (Ato de tomar conta de algo ou alguém).
Cupim - ***Xemeku*** (Inseto que se alimenta de madeira).
Curioso - ***Expora cehson enîxe*** (Ato de querer saber algo).
Curió - ***Xiiwu*** (Pássaro da mata).
Curto - ***Kaura*** (Aquilo que se acaba logo, início e fim rapidamente).
Cuspir - ***Kucpa*** (Ato de jogar fora com a boca).
Criança - ***Rikomo*** (Pessoa pequena, infância).
Crente - ***Kaan Xikri*** (Aquele que crê).
Cru - ***Yicorîm*** (Alimento que não foi cozido).
Chave - ***Eukacho*** (Objeto usado para abrir).
Chapéu - ***Xaapika*** (Objeto usado na cabeça).
Chamar - ***Anihtopo*** (Ato de fazer vir para perto).
Chamas – ***Wehto Cetahsîson*** (Aquilo que está queimando).
Chato – ***Expon*** (Aquele que é chato).
Chão - ***Roowo Tapîhsom*** (Que está abaixo de tudo, terra).
Chegar - ***Mohtopo*** (Aquele que Chegar).
Chefe - ***Lider*** (Aquele que é líder).
Cheiro - ***Kotorî*** (O que tem cheiro, ato de cheirar).
Chifre - ***Meretîrî*** (Animal que tem chifre. Ex. Veado, boi, etc.).
Chorar - ***Yîuratatopo*** (Resultado da tristeza, fazer chorar).

Chover - ***Tuuna kmohson Kahyay*** (A água que vai cair do céu).
Chupar - ***Emetopo*** (Ato de chupar. Ex. picolé, ou um pirulito, etc.).
Chuvisco - ***Sararamacho*** (Chuva fina, garoa).
Chuva - ***Tuuna Kmohsom*** (Fenômeno da natureza).
Chute - ***Armacho Kîhtarke*** (Aquilo que se arremessa com os pés).

D

Dança - ***Manîntopo*** (Movimentos por conta de sons. Ex. Ritual, forró).
Dar - ***Nîmya*** (Fazer doação, dar. Ex. Um objeto).
Dedo - ***Amoyaram*** (Parte do corpo, das mãos).
Defender - ***Akronomatopo*** (Ato de proteção).
Deitar - ***Etakritopo*** (Estar totalmente descansando).
Deixar - ***Tînomtopo*** (Ato de desistir).
Demora - ***Ceckmansom*** (Usado para se referir que algo está demorando muito).
Dengoso - ***Cehsamaxmu*** (Aquele que tem manha, dengo).
Dente - ***Kyorî*** (Que está na boca, serve para mastigar).
Dentro - ***Yauno*** (O que está na parte interior).
Derrubar - ***Amatopo*** (Fazer cair algo. Ex. derrubar uma árvore).
Descascar - ***Yîhcîpîkaxapu*** (Tirar as cascas. Ex. descascar frutas).
Descer - ***Tîhtosom*** (Ex. descer da canoa ou do carro).
Desenho - ***Akîhtoxapu*** (Ex. desenho de alguns animais etc.).
Despedida - ***Amñe hara kacho*** (Ato de se despedir).
Demônio - ***Seetîn*** (Espírito do mau Ex. aquele que faz mal).
Dia - ***Yaxan Kaamo*** (Dia).
Difícil - ***Ecirpom*** (Aquilo que é difícil).
Doente - ***Karpen*** (Refere se aquele que é doente).
Doença - ***Eepera*** (Refere se a Doença).
Dor - ***Ereuru*** (Refere se aquele que está com dor).
Doido - ***Akpîn*** **(**Usada para se referir a aquele que é doido).
Dormir – ***Yîwînso*** (ato de dormir).
Dinheiro - ***Puranta*** (Dinheiro).
Dieta - ***Ceseñemaxmu*** (Dieta).
Diálogo - ***Tapota mko*** **(**Diálogo).
Dizer - ***Tapota Yekatîmtopo*** (Ato de dizer).
Doce - ***Tîkporem*** (Usada para se referir que aquilo está doce).
Dívida - ***Epetîkaxapu*** (Dívida).
Disputar - ***Ehcoyoponkatopo*** (Ato de disputar).
Distância – ***Moxenon*** (Aquilo que está distante).
Dividir - ***Tîracomkaxi*** **(**Aquilo que é dividido).

Durar - *Pahkîno* (Aquilo que dura por um período longo).
Duro - *Ceipuru* (Aquilo que é duro).
Dúvida - *Camkî ehtopo* (Aquilo que tem dúvida).

E

Emprestar - *Cemtakaimaxmu* (Aquilo que se empresta. Ex. me empresta um dinheiro, ou empresta sua canoa).
Encher - *Copoyemkaxi* (Aquilo que enche. Ex. Rios, lagos etc.).
Encontro – *Esepotopo* (Aquilo que se refere ao encontro de duas pessoas).
Enfermeiro – *Kehcemañe* (Aquele que é enfermeiro).
Enganar – *Cîmîknoso* (Ato de enganar).
Engolir - *Ermomtopo* (Aquele que engoli).
Erguer - *Ecehtotopo* (Aquele que ergue).
Enjoado – *Petakmacho* (Aquele que está enjoado).
Enjoar - *Petakmatopo* (Aquele que enjoa).
Enrolar – *Amomitopo* (Aquele que enrola).
Enrolado – *Cetamomiso* (Aquele que sabe enrolar).
Ensinar - *Ehcamhokax* (Aquele que ensina algo.).
Entender – *Entaxi* (Aquele que quer entender algo. Ex. Pessoa curioso.).
Escada - *Ehyu* (Escada feita de madeira ou de ferro).
Escama – *Yîpîpîtîrî* (Escama de Peixe).
Esconder - *Eseyamso* (Aquele que se esconde).
Escovar - *Wohxokatopo* (Aquele que escova os dentes e outros sentidos).
Escrever - *Meuretopo* (Aquele que escreve).
Escrita – *Meurexapu* (Aquele que já está escrita. Um documento ou um plano).
Escurecer - *Awarpantatopo* (Que já vai escurecer).
Escuro - *Awarpape* (Que já está escuro).
Escutar – *Entatopo* (Aquele que Escuta).
Espantar - *Ekatkatopo* (Ato de espantar)
Espelho - *Kaanapa* (Espelho).
Espinha - *Kîtkmo Yocho* (Espinha de peixe).
Espinho - *Weewe Potkem* (Espinho afiado).
Espírito – *Ekatî* (Aquele que tem espírito.).
Espreme – *Amcikirîrîkatopo* (Aquele que se espreme).
Espuma - *Wakron* (Espuma. Ex. espuma de sabão.).
Esquecer – *Yihcamnotopo* (Aquilo que já vai esquecer).
Esqueleto – *Yiyochirî* (Aquele que tem esqueleto).
Esquerda – *Poowa* (Usada para se referir ao lado esquerdo do braço).
Estrela - *Xirko* (Estrelas).

Expulsar – *Enepetopo* (Aquele que foi expulso).

F

Faca – *Marya* (Objeto usado para cortar).
Fácil – *Camkîra* (Aquilo que é fácil)
Falso – *Cemaro* (Ato de mentir).
Família - *Oyepamrî* (Família).
Farinha - *Uuwi* (Farinha torrada).
Fazer - *Citopo* (Ato de fazer).
Febre - *Ocorono* (Aquele que está com febre).
Fechado – *Tahruso* (Fechado).
Fechar – *Ahrutopo* (Ato de fechar).
Fedido – *Kotokem* (Algo fedido incomoda).
Fedor – *Kotorî* (Cheiro ruim.).
Feijão – *Kuumaça* (Feijão).
Feitiço – *Eeremu* (Aquele que usa feitiço).
Feio - *Poxumnî* (Aquele que é feio não tem beleza).
Fêmea - *Woosî* (Fêmea do macho).
Ferida – *Erekî* (Ferida).
Ferrar – *Eskatopo* (Ato de Ferrar).
Ferver – *Enuhtopo* (Aquilo que ferve).
Festa – *Ahwotatopo* (Festa)
Fiel - *yaro cehson* (Aquele que é fiel, não comete erros).
Filha - *Emsîrî* (Filha).
Filho – *Yumumuru* (Filho).
Final – *Enatîtopo* (Usada para se referir que é final).
Flecha – *Waywî* (Flecha).
Flor - *Epemrutum* (Flor).
Floresta – *Comota* (Mata virgem).
Fofoca - *Tapota tohnanuo* (Aquele que é falso).
Fogo - *Wehto* (Fogo).
Fogueira - *Wehto cetahsîson* (Fogueira).
Folha - *Atayarî* (Folha de plantas).
Fora – *Yîmkay* (Que está fora. Ex. do outro lado).
Formiga – *Tukuyi* (Formiga).
Forte – *Karitî* (Refere se aquilo que está forte).
Fraco – *Karpen* (Refere se aquilo que está fraco).
Frente – *Poturu* (Aquele que está à frente).

Frio – ***Twotkme*** (Refere se a aquilo que está frio. Ex. o ambiente está frio, ou o clima está frio).
Fruta - *Comota yeperîrî* (Usada para se referir da fruta domesticada).
Fugir – *Eseñepantopo* (Ato de fugir).
Fumar - *Kamahxu yusunukñe* (Aquele que fuma. Ex. Fumar tabaco).
Furar – *Aukatopo* (Furar).
Futuro - *Poturme Mehxam* (Futuro).

G

Galinha - *Kapikara* (Ave galinha).
Garrafa - *Eenî mko* (Eenî mko).
Gasolina - *Muutu kaatî* (Combustível, Gasolina, Diesel).
Gato – *Kamaraci* (Animal gato).
Gavião - *Wikoko* (Águia).
Gelo - *Wotkmem ceipamnoxapu* (Gelo).
Goiaba – *Awataka* (Fruta Goiaba).
Goma – *Yukwarî* (Massa retirado da Mandioca).
Gordo – *Tupurukyem* (Aquilo que é Gordo).
Gostar - *Iixe ehtopo* (Ato de Gostar).
Gostoso – *Tpoxwem* (Aquilo que é gostoso).
Grávida - *Tarkem Wooxam* (Usada para se referir a mulher grávida).
Gravidez – *Tarke* (Refere se quando está no período de gravidez).
Gritar - *Ei katopo* (Grito).
Gripe – *Eunaxku* (Gripe, Gripado).
Grosso – *Yahcome* (Grosso).
Grudento – *Cetahkoromaxmu* (Aquele que gruda).
Guardar - *Twerî citopo* (Guardar).

H

Habilidade - *Yaana me ehtopo poko* (Aquele que tem habilidade).
Harmonia – *Kirwan mko* (Aquilo que vive em Harmonia).
Herói - *Kporin nhîrî* (Aquele que se torna herói).
História – *Ehtoponhîrî* (História/passado ou presente).
Hoje - *Oroto* (Se refere ao dia de hoje).
Homem – *kîîrî* (Se refere ao masculino/ Homem).
Hora - *Kaamo Kuknon* (Se refere ao horário do dia).
Humilde - *Cesemetanmeson* (Aquele que é humilde).

I

Índio - *Enîhnî* (Se refere aquele que é índio, nato).
Idade - *eurutopo kuknon* (Se refere a idade).
Ideia – *esehtînotopo* (Aquilo que tem ideia).
Igarapé - *Tuuna yaporî* (Afluente do rio).
Ilha - *Ciuya* (Pequeno espaço que tem no meio do rio).
Igreja – *Kaan Mîîn* (Igreja).
Igual – *Etîtore* (Igual, igualmente).
Isca – *Karapa* (Palavra usada para se referir a isca de um anzol).
Iluminar – *Weipotopo* (Aquele que é iluminado).
Iludir – *Emîknktopo* (Aquele que é enganado).
Imigrar - *Mooxe kmohsom* (Aquilo que migra).
Imitar – *Yukukmatopo* (Aquilo que se imitar).
Importante - *Ero xexa tapota* (Aquilo que é importante).
Impossível – *Cîrîhnî* (Aquilo que é impossível).
Ingá – *Kiipixi (Fruta* domesticado).
Inaugurar – *Yukuhkatopo* (Aquilo que se inaugurar).
Incomoda – *Euresaura* (Ex. Esse barulho me incomoda).
Inchar – *Yupurutatopo* (Inchar).
Informar – *Ekatîmtopo* (Aquele que dar informe).
Inimigo – *Waparî* (Se refere ao inimigo, oposto).
Inocente – *Ehtopo Exihnî* (Aquele que é inocente).
Inventar – *Miyahxixa akîhtotopo* (Aquele que sabe inventar).
Inteiro – *Cîwararî* (Aquilo que é inteiro).
Inveja – *Ehcoyoponkatopo* (Aquele que tem inveja).
Irmão – *Akno* (Irmão filho do mesmo pai).
Irmã – *Epeka* (Irmã filha da mesma mãe).
Isso – *Erowa* (Isso).

J

Jacaré - *Watwa* (Um réptil chamado jacaré, que tem casca dura e dentes afiados).
Jabuti – *Wayamu* (Jabuti).
Jacamim - Pixko (Pássaro de cor preto com a cauda cinza).
Jacu – *Maratî* (Jacu).
Jaguar - *Woroko* (Onça preta).
Jaguatirica - *Kamaraci comota cheuno* (Onça pequena parecido com gato do mato).
Jararaca - *Kamaxakari* (Serpente, porém perigosa).
Janela - *Mîîmo Yeukanapan* (Palavra usada para se referir a janela).

Jantar – *Kosope eseresmatopo* (Jantar).
Jarra – *Eenî mko* (Jarra).
Jenipapo - *Caana* (Jenipapo uma pequena árvore florestal).
Jejuar – *Ceseñema* (Aquele que Jejua).
Jirau – *Paayu Yapon* (Aquele que é usada para por objetos).
Jibóia – *Potwoymo* *(*Cobra jibóia).
Joelho – *Rekmetu* (Animal que tem orelhudo e noturno).
Jovem – *Karpanxan men* *(*Aquele que é jovem).
Juízo – *Twerî ehtopo* (Juízo).
Julgar - *Eñekatopo* (Julgar).
Justiça – *Eseñekatopo* (Justiça).

L

Lábio - *Yîmtarî Picho* (Lábios).
Laranja – *Oranci* *(*Fruta doce domesticado).
Lavar – *Korokatopo* (Usada para se referir a lavar).
Lado - *Auxarî* (Lado).
Ladrão - *Ceñepañem* (Ladrão).
Lagarta – *orko* *(*Lagarta).
Lagartixa - *Xokoko* *(*Lagartixa).
Lagoa – *Aporî* *(*Usado para se referir a um lago seco).
Lama – *Apacakrî* (Lama).
Lamber – *Emetopo* *(*Lamber).
Lança – *Waywî potkem* *(*Lançar).
Lanterna – *Ramha* (Lanterna).
Largar – *Ahsîpîmkatopo* *(*Largar).
Largura – *Akwerî* *(*Largura).
Latir – *Eunutopo* *(*Ator de que um cachorro vai latir).
Leão – *Rayan* *(*Animal carnívoro Leão).
Leite - *Paaka mounî* (Usada para se referir ao leite da vaca).
Lembrança - *Ohcamnopura ehtopo* (Palavra usada para se referir a alguém).
Lenha – *Wehto yiritopo* *(*Usada para se referir à lenha).
Lento – *Yamorono* (Aquele que é lento. Ex. muito lento).
Ler – *yimtapotaretopo* *(*Usada para se referir a alguma leitura).
Levar- *Aatopo* (Usada para se referir a algo. Ex. vou levar essa roupa).
Levantar - *Awomtopo* (Ato de levantar).
Leve – *taponukye* (Se refere ao que não é pesado).
Liberar - *euyumahnî* *(*Refere para aquele que está liberado, livre).
Líder – *Poturu* (Usado para chamar aquele que representa os demais).

Lima – *kîrîkîrî* (Objeto usado para amolar os materiais de trabalho).
Limite - *Wokpa* (Ponto que separa uma coisa da outra).
Limpar - *Yuskmumkatopo* (Ato de deixar limpo).
Limpo - *Yuskmumra* (Usado para chamar o que já está limpo).
Língua - *Yuñuru* (Parte da boca).
Líquido - *Xukrano* (estado líquido. Ex. água, suco, etc).
Liso – *Tapeswe* (Que está liso).
Local - *Ekenî* (Área de algum lugar).
Logo – *Yohno* (Termo usado para se referir ao rápido).
Lodo – *Tuuna Yuskmun* (Gosma verde que se encontra principalmente na água).
Longe - *Mooxe* (Usado para identificar algo ou alguém distante).
Lotar – *Copoye ehtopo* (Fazer caber em algum lugar).
Lua – *Nuuni* (Astro que brilha durante a noite)
Lubrificante - *Apesîretopo* (Material usado para lubrificar).
Luz – *Weeyu* (O que faz ficar claro).

M

Macaco – *Poroto* (Animal que pula nos galhos das árvores na mata).
Macho – *Kîîrî* (Masculino da fêmea).
Mandioca - *Xeere* (Raiz comestível, principal meio de sustento dos WaiWai).
Madeira – *Weewe* (Material da árvore usada principalmente em construções).
Machado - *Yawaka* (Objeto material de trabalho braçal).
Machucar - *Erepecho* (Fazer algo pequeno, ou alguém sofrer).
Machucado - *Erepetopo* (Que foi atingido por algo ou aquilo que foi machucado).
Mãe – *Yeeme* (Ser feminino materno da família).
Madrugada - *Karatauro* (Parte escura e cedo de um novo dia).
Maduro – *Takîhso* (Fruta que não está mais verde).
Manga – *Mamkuru* (Fruta da mangueira).
Maior – *Porîn* (Que tem grande proporção).
Mal – *Etîxatî pîn* (Tudo aquilo que faz mal).
Maluco- *Akpîn* (Se refere àquele que não pensa).
Mamão – *Mamaya* (Fruta do mamoeiro).
Mamãe - *Yeememe* (Se refere ao (s) filho (s) chamando a sua mãe).
Mancha - *Yîsporexapu* (Coloração diferente que não sai).
Mandí - *Warakaka* (Peixe de pele encontrado nos rios e igarapés).
Mão – *Amorî* (Parte do corpo, que é usado para pegar).
Maracujá - *Akrakra mko* (Fruta do maracujazeiro).
Marido – *Yiiño* (Usado para chamar o homem que é esposo).
Matar – *Waihkatopo* (Tirar a vida).

Material - *Emyauno mko* (Objeto inanimado usado para vários fins).
Mato – *Comota* (Parte verde e alta de algum lugar)**.**
Medir – *Yukuknomatopo* (Fazer contagem em medidas de algo ou alguém).
Metade – *Yiraconhîrî* (Parte de algo).
Medo – *Eraspetono* (Sentimento natural ou causado).
Medroso - *Cerahsom* (Usado para se referir àquele que sente medo).
Melancia – *Paaciya* (Fruta rasteira).
Memória - *Yihcamnopura ehtopo* (Usado para se referir a que se lembra).
Menina – *Woosi mren* (Usado para se referir às meninas).
Menino – *Kîîrî mren* (Usado para chamar as crianças que são os meninos).
Menor – *Wahray* (Que tem tamanho ou quantidade em menor proporção).
Menstruar- *Roopo cehsom Kamxutaxmu* (Quando uma menina se torna moça).
Mentira – *Cemaro* (Algo ruim, inventado e contado por alguém).
Merda – *Weeto* (Usado para chamar as fezes).
Mergulho- *Emicitopo* (Afundar totalmente na água).
Mesa – *Paayu mko yaapon* (Objeto para pôr os alimentos em cima).
Meter – *Yumumtopo* (Introduzir algo).
Meu – *Ouyan* (Usado para dizer que algo lhe pertence).
Mexer - Poko (Ato de mexer ou quando algo se move).
Miar – *Kokrî* (Chama se o ruído feito por alguns animais).
Migração - *Anarî nexa kmohsom* (Quando uma ou vários animais trocam de lugar).
Mijo - *Xuuku* (Urina de pessoas ou bichos).
Minhoca - *Kaarwa* (Animal invertebrado que vive embaixo da terra).
Mirar – *Yukuknomatopo* (Ato de apontar uma arma e olhar para acertar).
Mistura - *Esmatopo* (Quando se junta várias coisas num só).
Miúdo - *Pinipicme* (Partes pequenas de um todo).
Moça – *Emasî men* (Se refere à mulher pura).
Morcego - *Reere* (Animal que voa durante a noite).
Mole – *Cukmano* (Se refere a algo mole. Ex. Massa mole etc.).
Moço – *Karpanxan men* (Se refere ao rapaz com pureza).
Morder - *Eskatopo* (Ato de machucar com os dentes).
Moela – *Makawan* (Parte do corpo da galinha etc.).
Moeda – *Exepeyu* (Objeto de valor usado para comprar).
Molhado - *Tukrem* (Quando algo está úmido ou entrou em contato com líquido).
Mosca – *Weerewere* (Animal varejeira que voa).
Mulher – *Wooxam* (A feminina do homem).
Mudar - *Anarme* (Quando se troca de lugar).
Mudo – *Yîmtapotan* (Refere se àquele que não fala).
Música - *Waano* (O que se ouve como melodia tocada).

Mutuca - ***Tîroko*** (Animal que usa seu ferrão para picar).
Mucuim - ***Kanamcurupi*** (Pequeno animal que se agarra a qualquer parte do corpo).

N

Nariz - ***Eunarî*** (Parte do corpo).
Nadar - ***Pereñem*** (Ato de saber se movimentar na Água).
Navegar - ***Twatosom Tuunaymo pore*** (Transportar por cima da água).
Nádega - ***Maapîrî yuupun*** (Parte de bunda).
Namorar - ***Iixe ehtopo Kîîrî/wooxam*** (Ter apreço por alguém).
Narina – ***Eunarî Yeutarî*** (Nariz dos animais).
Narrar – ***Ekatîmtopo*** (Aquele que conta história em detalhes).
Nascimento – ***Eurutopo*** (Ato de Nascer).
Nativo – ***Comota ceuno itono RO*** (Que tem origem de um lugar).
Natureza – ***Comota / tuuna / Weewe*** / (Natureza).
Negro – ***Cicweyem*** (Afro descendente).
Ninho - ***Yuhme yeken*** (Usado para se referir ao ninho de pássaros).
Noite – ***Kosope*** (Refere se quando está anoitecendo).
Nome – ***osotî*** (Nome de pessoas)
Nora – ***Wooxim*** (Genro/Nora).
Nós – ***Kîuyam*** (Nós).
Nosso - ***Amna kacho*** (Aquilo que é nosso).
Notícia - ***Ehtopo Yekati*** (Informação/ Notícia).
Novo – ***Yaxan*** (Usado para se referir a um objeto que é tudo Novo).
Nojo - ***Petakmacho*** (Ato de sentir Nojo).
Nu – ***Ponomnî*** (Sem roupas, ou pelado).
Nublado - ***Tuuna yeuru Keñe*** (Palavra usada para se referir que o dia está nublado).
Número - ***Yukuknon*** (Número ou Contagem).
Nunca - ***Pîîra*** (Nunca).
Nuvem - ***kaapu smun*** (Nuvem).

O

Obedecer - ***Cewetîson*** (Palavra usada para se referir a uma ordem. Ex. Obedecer).
Ontem – ***kokonoro*** (Aquilo que aconteceu ontem).
Ovo - ***yuhme*** (ovo de ave. Ex. Ovo de galinha, Ovo de patos, etc.).
Obrigado - ***kirwanhe xa may ham*** (Ato de agradecer, bondade).
Obra – ***Etapickatopo*** (Aquilo que foi bem trabalho).
Obrigar – ***Anmemkera*** (Palavra usada que se referir que alguém fez a obrigar).
Onça – ***Kamara*** (Animal feroz típico da floresta amazônica).

Observar – *Entopo* (Aquilo que se observar).
Óculos – *Eukanapa* (Objeto usado no dia a dia pelas pessoas. Ex. óculos).
Ouvido - *Panarî* (Parte do corpo).
Odiar - *Ixera ehtopo* (Sentimento de não gostar).
Olhar – *Entopo* (Ato de olhar).
Oferecer - *Tîmîxe ehtopo* (Ato de oferecer).
Olá - *Hay* (Palavra usada para saudar alguém).
Óleo - *Katî* (Líquido oleoso).
Olho – *Euru* (Parte do corpo).
Ombro - *Yimotarî* (Parte do corpo).
Onda - *Tuuna cokohcokon* (Usada para se referir ao movimento da água).
Onde – *Ahto* (Palavra usada para se referir a um lugar).
Oração – *Yimtapotacho* (Ator de orar).
Orelha – *Panarî* (Parte do corpo humano).
Origem - *Ahtono eurutopo* (Palavra usada para se referir à raiz de onde se surge).
Oscilar - *Sekey sekey* (Algo que se move).
Osso – *Iyochirî* (Usada para se referir ao osso de pessoa ou animais).
Outro – *Anarî* (Usada para se referir ao Outro).

P

Paca – *Wiira* (Animal noturno que se alimenta de vegetais).
Paciência – *Erekamra* (Paciência)**.**
Paçoca – *Kahwo* (Palavra usada para se referir as carnes de gado ou de peixes).
Pagar – *Epematopo* (Palavra usada para se referir a um pagamento).
Pai – *Apa* (Palavra Usada para se referir a um pai).
Pajé – *Yaskomo* (Xamã, doutor).
Palafita - *Kauno Mîîmo* (Casa feita por cima do rio).
Palha – *Yihpoci* (Ex. palha de buriti, palha de Bacaba, e palha de açaí etc.).
Palma - *kamorî knou katopo* (Palma).
Palmada – *Knouknou* (Palmada com as mãos).
Panela – *Tenene* (Usada para se referir a panela feito de alumínio ou cerâmica).
Pano - *Pono cixapu* (Material feito de Pano).
Pão – *Puruma* (Palavra usada para se referir a massa).
Papagaio – *Waaro* (Ave de cor verde).
Papai – *Apapa* (Palavra usadas pelas crianças).
Pau - *Weewe ceipuru* (Madeira viva, ou madeira seca).
Papel - *Karita meuren* (Matéria prima, papel).
Papo - *Tapota Poko Ehtopo* (Palavra usada entre duas pessoas).
Papudo - *Exemarum pîñan* (Aquele que tem papo grande).

Pato – *Yuruma* (Ave domesticável).
Plástico – *Matahnî* (Matéria prima que não molha).
Planta – *Naatî* (Usada em vários sentidos, planta com manga, Caju, Coco etc.).
Para – *Kahra* (Ato de parar).
Parada – *Porohtopo* (Parada de um carro ou usada para se referir a uma parada da anta).
Parceiro – *Oyakrono* (Aquele que vive ao seu lado).
Parente – *Opoyeno* (Parente próximo, primos, tios etc).
Parir – *Eurutopo* (Usada para se referir a algo que pari. Ex. Meu cachorro que parir).
Partir – *Totopo* (Ato de Partir, Viajar).
Passar – *Watope* (Ato de passar, e não ter parada).
Passado – *pahxan* (Aquilo que é passado, histórias do passado).
Passarinho – *Torowoci* (Ave pequena).
Passeio – *Etaritopo* (Ato de passear).
Prato – *Paayu* (Objeto usada para colocar comida).
Prego – *Putuputuri* (Prego).
Perto – *Meyehra* (Aquilo que é perto. Ex. Minha roça e perto, minha aldeia é perto).
Pé- *Yîhtarî* (Parte de corpo).
Pecar - *Kicikme ehxapu* (Pecar, errar, ultrapassar regras).
Pedra – *Toopu* (Objeto duro.).
Pegar – *Ahsîtopo* (Ato de pegar um objeto. Ex. eu vou pegar minha canoa).
Peido – *Wetko* (Gases).
Peixe – *Kîtkmo* (Cardumes de variadas espécies).
Periquito – *Kirikiri* (Ave pequena de cor verde).
Perigo – *Eraspetono* (Lugar perigoso).
Pena – *Yihpoci* (Penas de aves como a de arara ou penas de Mutum etc).
Peneira - *Manari* (Objeto artesanal feito pelo povo Waiwai. E serve para peneirar goma ou mandioca).
Pensar – *Esehtînotopo* (Ato de pensar).
Pênis – *Pîîtî* (Parte do corpo humano).
Pente – *Wayamakasî* (0bjeto para pentear cabelos).
Pentear – *Yukracho* (Aquilo que se prepara para ser penteado).
Pequeno – *Wahray* (Aquilo que é pequeno).
Perdido – *Yihcamnoxapu* (Ato de ser perder. Ex. meu amigo está perdido).
Perfeito – *Pexumkaxapu* (Ato de perfeição).
Perfume – *Kotoporem* (Usada para se referir ao cheiro).
Perna – *Yihtarî* (Parte do corpo humano).
Peito – *Manatîrî* (Usada para se referir ao peito).
Pescar – *Animtopo* (Palavra usada para se referir a uma pessoa que vai pescar).

Piaba – *Kîtkmoci* (Peixe pequeno, Piabas).
Picada - *Esama Comota chere* (Caminho feito por dentro da mata. Picada).
Pilão – *Aaku* (Objeto feito de madeira para socar buriti, ou patoá).
Pisar – *Apihtopo* (Ato de pisar).
Piranha – *Pooñe* (Peixe que tem dentes afiados).
Pica pau – *Eetu* *(*Animal que se alimenta de madeira secas, e onde faz seu ninho).
Pilha - *Ramha yarîrî* *(*Objeto para ser usada em lanterna).
Pimenta – *Asîsî* (Fruta que arde usada para temperos de carnes ou peixes.**).**
Pinto - *Kapikara Xîkrî* (Filhotes de galinhas).
Pintado – *Kwacakwaca* *(*Aquilo que é pintado).
Piolho – *Oyomo* (Usada para se referir ao piolho que ficam entre os cabelos das pessoas).
Piracema - *Poosu yeuritopo mko* (Época dos peixes).
Pirarara – *Kworoymo* (Peixe grande que pesa uns 210 quilos e vive na água doce.).
Pirão - *Uuwi matamxapu* (Farinha molhada com água).
Piscar - *Cakmi kacho* (Ato de piscar).
Poço - *Tuuna Yeutarî* (Buraco cavado para retirar água).
Porco – *Kuuxi* (Animal Porco).
Policia – *Kuruxman* (Autoridade da cidade, ou que prende bandido).
Porta – *Metata* (Porta de casa, ou porta do quintal).
Ponta – *Poturu* (Ponta de flecha).
Poeira - *Yusun* (Poeira da estrada, ou poeira que vento trás).
Pombo - *Potkuku* (Ave domesticável).
Pólvora – *Sapupu* (Munição utilizada em espingarda).
Polpa – *Yukun* (Polpa de Açaí e polpa de Abacaxi).
Poraquê – *Kaxmi* (Peixe elétrico que mede 3 metros de comprimento e vive em rio e lagos).
Pouco – *Wahra* (Aquilo que é pouco**).**
Povo – *Yana* (Nome dado um grupo que fala a mesma língua ou que tenham o mesmo costume).
Pular – *Ahrumko* (Ato de pular).
Pulmão – *Esesîtopo* (Parte do corpo humano).
Pulso – *Emeknu* (Parte do Braço).
Pureza - Esumra (Algo sereno e limpo).
Puro – *Esumnî* (Aquilo que é concentrado).
Puxa – *Cik* (Ato de puxa).
Pus – *Yikmorîrî* (Inflamação).

Q

Qualidade - ***Pahkîno cehson*** (Aquilo que é bom).
Quando - ***Ahce mau*** (Se diz no sentido tempo).
Quanto – ***Atwicakî*** (Quando relacionada à quantidade).
Quarto – ***Amtakpo*** (Usada para se referir a um quarto da casa).
Quebrar - ***Ahkatopo*** (Aquilo que quebrou).
Quebrado – ***Cetahkaxi*** (Aquilo que está quebrado).
Queda – ***Epirkaxapu*** (Usada para se referir a queda de uma fruta).
Queima – ***Aknitopo*** (Ator de queimar).
Queimado – ***Takniso*** (Aquilo que foi queimado).
Queixo – ***Iyihyarî*** (Parte do corpo).
Quente – ***ocoro*** (Clima quente).
Querer - ***Iixe*** (Ato de querer).
Queixada - ***Poñko*** (Animal parecido com porco domesticável).

R

Rabo – ***Matkîrî*** (Se refere ao rabo de um tamanduá ou de uma onça).
Rabiscar - ***See kaxi*** (Ato de rabiscar. Ex. Rabiscar papel etc).
Raça – ***Anarî ro yanan*** (Que tem raça).
Ralo – ***Xmari*** (Objeto feito de madeira pelas mulheres Waiwai).
Ralado – ***Wohxokaxapu*** (Aquilo que está ralado).
Rato – ***Caawa*** (Animal inofensivo).
Ramo - ***Ero Eesama*** (Direção de um lugar).
Rampa – ***Taunuson*** (Pequena subida).
Rapar – ***yîhpokatopo*** (Ato de raspar.).
Raptar – ***Enepanmetopo*** (Roubar).
Rasgar – ***Ahyaxka*** (Rasgar).
Raso – ***Panahno*** (Raso).
Rastro – ***Esamarî*** (Pegada de uma pessoa ou um animal).
Razão – ***Yaaro*** (Ter certeza).
Real – ***Enxapu Yaarono*** (Que é verdadeiro).
Realidade - ***Ehtopo Enxapu*** (Situação que se passa em um lugar).
Recém – ***Euruxan*** (Aquilo que é novo).
Reclamar – ***Eromhakî*** (Que não está satisfeito).
Revoltar – ***Tîrwoñe*** (Aquilo que não aguenta mais ver algo sofrível).
Recordar - ***Yîhtînotopo*** (Aquilo que é lembrado).
Recuo – ***Emaximtotopo*** (Recuar).
Rede – ***Kuywa*** (Objeto feito para dormir).

Redondo – *Tamnoñem* (Aquele que é redondo. Ex. Bola).
Reforço – *Akronomatopo* (Ter mais reforço).
Regra – *Ehtopo Yaurorono* (Aquilo que tem que ser obedecido).
Reis – *Kporinînhirî* (Chefes, lideranças etc.).
Relâmpago - *Pepeh pepeh kacho* (Relâmpago vindo da natureza).
Remo – *Wayapu* (Objeto feito de madeira pelo homem WaiWai).
Renovar - *Yaxan me citopo* (Aquilo que é renovado).
Respirar – *Esesîtopo* (Ato de respirar).
Responder – *Eyuhtopo* (Ato de responder).
Resto – *Poye* (Sobrado).
Retrato - *Yukuknon kaxapu* (Fotos).
Rever – *Enîxe ehtopo* (Ver novamente).
Rio – *Tuuna* yeepu (Rio).
Riso – *Euretopo* (Ato de sorrir).
Rico – *Tupuramkayem* (Aquilo que tem tudo, dinheiro, carro etc.).
Rim – *Parkakan* (Parte do corpo humano).
Riscar - *Seee* (Ato de riscar).
Rival – *Owaparî* (Aquele que se torna rival).

S

Sapo – *Pororî* (sapo).
Sabão – *Sakmu* (Sabão).
Sal – *Yîmîtî / Waapu* (Sal).
Saco – *Eenî* (Sacola).
Salgado - *Tîkpore* Waapu (Aquilo que é salgado).
Saúva – *Yauko* (Formiga que come folhas de manivas).
Saudade – *Apînîñau* (saudade de uma pessoa de uma comida ou uma cidade).
Serpente – *Okoyi* (tipos de cobras).
Sério – *Yarono* (Aquele que é sério).
Sempre – *Eroromerono* (Para sempre).
Sentir – *Yîpînîñau* (Sentir saudades, sentir dor etc).
Senta – *Eremakî* (Ato de sentar na cadeira).
Sentado – *Ceremaxi* (Aquele que está sentado).
Sereno- *Sararanîntopo* (Sereno).
Ser – *Cesesîsom Komo* (Aquele que tem vida).
Sovaco - *Yiyahtarî* (Sovaco).
Sonho – *Wosoto* (Ato de sonhar).
Sorriso – *Eurerî* (Aquele que é sorridente).
Sucuri – *Okoymo* (Sucuri que vive no rio, igarapés, lagoas e rios).

Suco – *Yuukun* (Polpa de buriti, patoá e açaí).
Surdo – Panahnî (Aquele que é surdo, não consegue ouvir).
Surubim – *Okoropicho* (Peixe do rio que é pintado, e chega a medir 1.50 metros de comprimentos).
Sumido – *Esenponkaxapu* (Aquele que está sumido).
Sumir – *Cesenponkax* (Ato de sumir, palavra usada para se referir se alguém está desaparecido).

T

Tamanho – *Wecakno* (Grande ou menor).
Tanga – *Keweyu (*Objeto artesanal feito pelas mulheres Waiwai).
Tatu – *Kapayo* (Animal noturno que se alimenta de minhocas e cupins).
Tabua - *Waaca Sahsamaxapu* (Madeira serrada).
Tabaco – *Kamahxu* (Fumo).
Tambor - *Samapora* (Objeto feito de madeira com couro de cutia ou de preguiça ou da fábrica).
Terra – *Roowo* (Terra).
Terreno – *Orowon* (Aquilo que tem dono).
Tempero – Poxuru (Tempero).
Tentar – *Yukukmacho* (Ato de tentar e não desistir).
Temer – *Erahtîmtopo* (Ato de ter medo).
Tempo - *Kaamo orotono* (Clima).
Timbó - *Uumawa* (Veneno).
Tinta – *Yispon* (Tinta).
Tia – *Caaca* (Refere se a tia por parte da mãe, ou avó).
Tio – *Taamu* (Refere se a tio por parte do pai).
Tirar - *Touñe* (Ato de Tirar).
Tonto – *Ceukuymamson* (Tonto).
Todos – *Ahnoro* (Refere se a Todos).
Total – *Ahnorono* (Quantidade/ total).
Tomar – *Touso* (Aquele que se toma algo de alguém).
Torturar – *Emetanmetopo* (Ato de torturar).
Tocador – *Eceñe* (Aquele que toca uma flauta ou violão).
Torrar – *Yimyapotopo* (Aquele que se torra. Ex. Irei torrar a farinha no forno).
Tucano – *Yakwe* (Ave com bico comprido).
Tuxaua – *Kayaritomo* (Líder, chefe).

U

Unha – ***Amoxoxo*** (Unha).
Urubu - ***Kwacinama*** **(**Refere se ao pássaro).
Ura – ***Xixko*** (Pele causada por um bichinho que cai da árvore molhada).
Usar – ***Amruñe*** (Usada para se referir a uma roupa ou Calça etc.).
Unidade - ***Ceuñe*** (Usada para se referir a unidade).
Ultrapassar - ***Yiyoponkatopo*** (Usada para se referir há algo de ultrapassar em canoas ou motos).
Útero – ***Yînasîsîrî*** (Usada para se referir ao útero da mulher etc.).

V

Vaca – ***Paaka*** (Usada para se referir à animal vaca ou boi).
Valente - ***Kîh Kañe pîn*** (Usada para se referir a valente, pessoas ou animais).
Vamos – ***Kayka*** (Usada pelas pessoas para se referir ir ao lugar desejado).
Varrer – ***Aywatopo*** (Usada para se referir a varrer a casa etc.).
Vazio – ***Yarîhra*** (Usada para se referir ao objeto de litros vazio, ou casa vazio, ou canoa vazio etc.).
Ver – ***Entopo*** (Usada para se referir há algo que consiga ver, pessoas, animais entre outros).
Verdade - ***Yarono*** (Usada para se referir há algo verdadeiro entre as pessoas).
Veneno – ***Wayihkatpo*** (Usada para se referir algum tipo de cipó ou plantas da Floresta).
Vento – ***Ocoowo*** (Usada para se referir ao vento forte).
Verruga – ***Krapîtko*** (Palavra usada para se referir a verruga).
Vestido – ***Saya kauno*** (Usado para se referir á um vestido).
Veado – ***Kooso*** (Refere se a um animal da floresta ou de campo).
Vimos – ***Ñenchou*** (Usada para se referir a alguém que viu algo).
Vovô - ***Pooco*** (Usada para se referir ao avô Paterno).
Vovó - ***Caaca*** (Usada para se referir a avó materna).
Vômito – ***Arîrkatopo*** (Usada para se referir a alguém que está com vômito).
Você - ***Amoro*** (Usada para se referir a uma pessoa).
Vontade - ***Iixe ehtopo*** (Usada para se referir algo que dá vontade beber algo, ou comer algo etc.).
Vulto – ***Ekatkmeno*** (Usada para se referir a uma pessoa que não enxerga).

X

Xamã – ***Yasî*** (Usada para referir a doutor dos índios ou Curador).
Xaréu – ***Cicweyem*** (Usada para se referir a cor preto).

APÊNDICE C - *YUKUKNON KAXAPU* (ETNOICONOGRAFIA)

1ª Fase: exploratória



FIGURA 59: Feira de artesanato no Centro de Convivência da UFRR
Foto: Mariza Pinheiro (02/2016) **Fonte** Acervo da pesquisadora



FIGURA 60: Lindalva e Raquel Waiwais na UFRR (nosso primeiro contato).
Foto: Mariza Pinheiro (02/2016). **Fonte** Acervo da pesquisadora

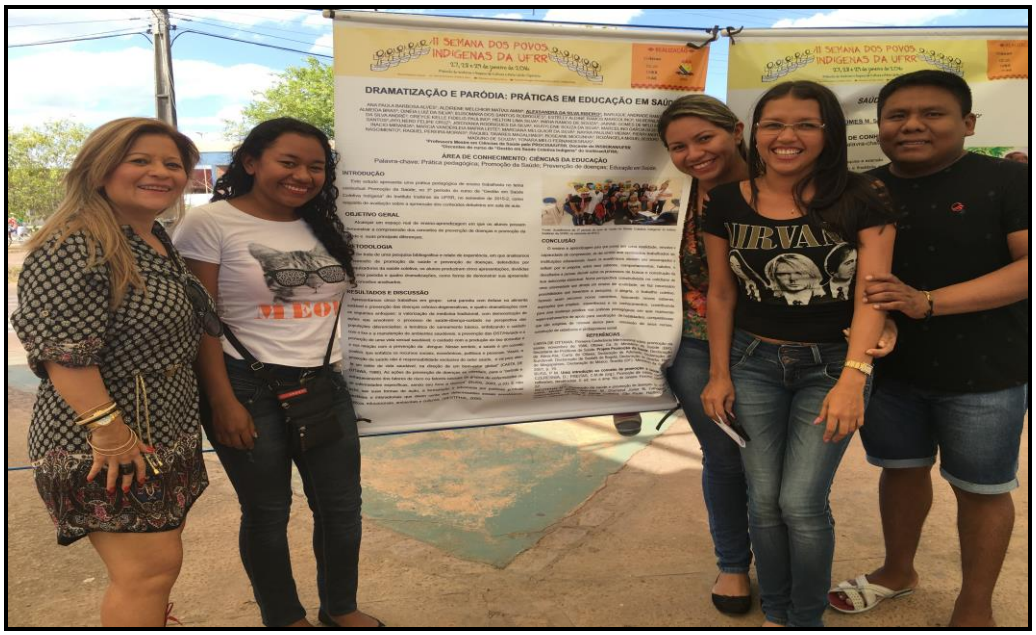


FIGURA 61: Apresentação de trabalhos INSIKIRAN.
Foto: Mariza Pinheiro (02/2016). Fonte Acervo da pesquisadora

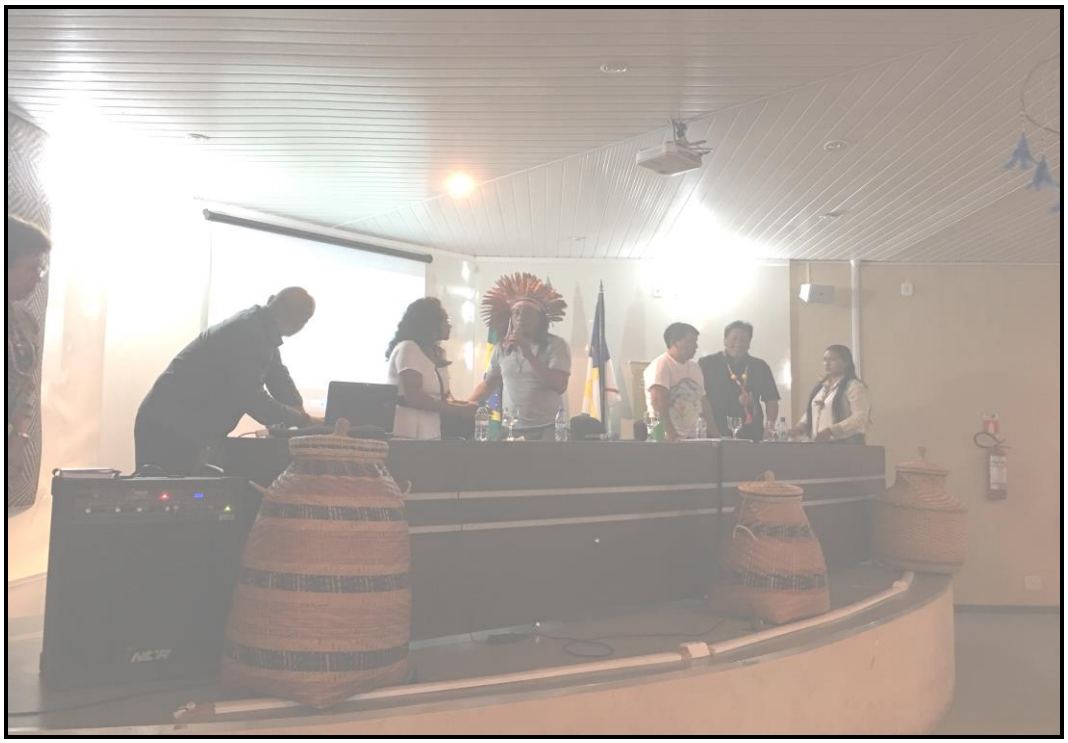


FIGURA 62: Palestra com lideranças indígenas de Roraima na UFRR.
Foto: Mariza Pinheiro (02/2016). Fonte Acervo da pesquisadora



FIGURA 63: Dança Parixara (Indígenas Macuxi no Centro de Cultura de Boa Vista/RR evento organizado pelo artista Jaider Esbell).
Foto: Mariza Pinheiro (02/2016). Fonte Acervo da pesquisadora



FIGURA 64: Encenação do Xamanismo Macuxi no Centro de Cultura de Boa Vista / RR
Foto: Mariza Pinheiro (02/2016). Fonte Acervo da pesquisadora



FIGURA 65: Lançamento do livro de Arte da escritora Carmélia Emiliano Macuxi
Foto: Mariza Pinheiro (02/2016). Fonte Acervo da pesquisadora



FIGURA 66: BANNER
Foto: Mariza Pinheiro (02/2016). Fonte Acervo da pesquisadora

2ª Fase: Abordagem Etnográfica através da observação participante



FIGURA 67: Trilhas na Comunidade Anauá, paisagem do Bananal
Foto: Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo da pesquisadora



FIGURA 68: Margem do Rio Anauá

Foto: Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo da pesquisadora



FIGURA 69: Apresentações da caça: saapo (sapo), kooso (veado), yaypime (anta), meku (macaco), pixko (jacami), xaapi (arara) e possu (curimatã).
Foto: Mariza Pinheiro (12/2018). Fonte Acervo da pesquisadora



FIGURA 70: O tuxaua Tarcísio
Foto: Mariza Pinheiro (12/2018). Fonte Acervo da pesquisadora



FIGURA 71: Dança waiwai.
Foto: Mariza Pinheiro (12/2018). Fonte Acervo da pesquisadora



FIGURA 72: Produção de artesanato (jamanxim, tipiti e peneiras)
Foto: Mariza Pinheiro (12/2018). Fonte Acervo da pesquisadora



FIGURA 73: Produção do tipiti
Foto: Mariza Pinheiro (11/2018). Fonte Acervo da pesquisadora



FIGURA 74: Saia de semente de *moro totó* produção das mulheres
Foto: Mariza Pinheiro (11/2018). Fonte Acervo da pesquisadora



FIGURA 75: Igreja Evangélica Waiwai, na Comunidade Anauá (MEVA)
Foto: Mariza Pinheiro (11/2018). Fonte Acervo da pesquisadora



FIGURA 76: Unidade de Saúde
Foto: Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo da pesquisadora



FIGURA 77: Crianças brincando na Comunidade Anauá, T. I. Anauá
Foto: Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo da pesquisadora



FIGURA 78: Quebra da castanha
Foto: Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo da pesquisadora



FIGURA 79: Momento do culto 1
Foto: Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo da pesquisadora



FIGURA 80: Momento do culto 2 (Dança Waiwai)
Foto: Mariza Pinheiro (2018). Fonte Acervo da pesquisadora



FIGURAS 81: Reunião com as esposas das lideranças (dos: Vice-Tuxaua, Pastor e Tuxaua)
Foto: Mariza Pinheiro (12/2018). Fonte Acervo da pesquisadora



FIGURA 82: Entrevista com as mulheres e o professor Reginaldo (tradutor)
Foto: Mariza Pinheiro (12/2018). Fonte Acervo da pesquisadora



FIGURA 83: Raimunda Mawayana
Foto: Mariza Pinheiro (11/2018). Fonte Acervo da pesquisadora



FIGURA 84: Reginaldo (anfitrião/tradutor)
Raquel, Reginaldo (waiwais), Belinda (makuxi) e eu
Foto: Mariza Pinheiro (12/2018). Fonte Acervo da pesquisadora



FIGURA 85: Jovens da aldeia.
Foto: Mariza Pinheiro (12/2018). Fonte Acervo da pesquisadora



FIGURA 86: Família do vice-Tuxaua da Guiana Inglesa.
Foto: Mariza Pinheiro (12/2018). Fonte Acervo da pesquisadora



FIGURA 87: O retorno para Boa Vista
Foto: Mariza Pinheiro (12/2018). Fonte Acervo da pesquisadora



FIGURA 88: Entrevista com o neto de Ewká (o pajé de cristo)
Foto: Mariza Pinheiro (10/2018). Fonte Acervo da pesquisadora



FIGURA 89: Casa *Umaná-* (malocão) para guardar na memória
Foto: Mariza Pinheiro (10/2018). Fonte Acervo da pesquisadora

ANEXO

Dicionário
Uai-Uai – Português

Robert Hawkins

Tradução: Carlos Champlin

MEVA

Missão Evangélica da Amazônia

A - a

aaka *S.* joio grande que cresce em clareiras. Esta planta tem fruta de cor roxa escura usada para isca de peixe. As folhas podem ser comidas quando cozinhadas.

aama *S.* martelo. **oyaman** meu martelo */Fono:* Poss: -n/

aape *S.* abacate.

aara, ara *(from:* **aara***) S.* jirau, armação de madeira sobre o fogo para fazer com que a comida fique seca. **oyaran** meu jirau

aaro *S.* Serpente que vive em palmeiras; é de coloração verde.

aarî, arî *(from:* **aarî***) VT.* carregar, levar alguém consigo. **Oyakno waaŕas oyakro.** Vou levar meu irmão comigo. **Arîhra wasî.** Não vou levar-lo comigo. **On arko amîn yaka.** Leve isto para sua casa. **Okaritan arpoko yuwya.** Peça-lhe para levar minha carta. **Tuuwa waaŕasî.**

aasu *S.* arvore da floresta cujo fruto é comido por macacos.

aato; ato *(from:* **aato***) S.* tosse. **oyaton** minha tosse **Aato yaw wasî.** Estou com tosse **Katonasî (VBZD).** Estou tossindo. **Atomra wasî.** Não estou tossindo. **Oyatoresî (VBZD).** Me faz tossir.

aatupe *AT.* que tem folhas murchas. *Veja:* **tupe.**

aci *VI.* espirrar. **Kacinasî** Estou espirando. **Acimra wasî.** Não estou espirrando. **Oyaciresî.** Me faz espirrar.

acinto *VT.* apertar, retesar (apertar a corda de um arco). **Okrapan wacincesî.** Estou apertando o corda do meu arco. **Akrapan acintoko.** Aperte a corda do seu arco.

ackicki *AT.* enrolado (cabelo). **Ohpoci nasî ackickipe.** Meu cabelo é enrolado

acko *S.* úlcera grande. **Acko keñe was oko.** Tenho uma úlcera grande.

ackoroka *VT.* lavar (lavar o interior de uma vasilha). **Paayu ackorokakî.** Lave as louças. **Ahna wackoroke?** Onde vou lavá-los?

acpoku *VT.* capinar, roçar. **Omararîn wacpokyasî.** Estou capinando minha roça **Amararîn acpoko.** Capina a sua roça. **Acpokura wasî.** Não vou capinar.

ahce *PR.* o que? **Ahce xe may?** O que você quer? *Veja:* **ahtî.**

ahcemaw *AT.* quando? **Ahcemaw mîmoko?** Quando que você veio?

ahcikî *VI.* ter dor muscular. **Ahcitara wasî.** Não fico com dores musculares. **Ahcikîra wasî.** Não tenho dores musculares. **Tahcikye wasî.** Tenho dores musculares.

ahcikî *VT.* ficar com músculos doloridos. **Tahcikye wasî.** Meus músculos estão doloridos. **Ahcitara wîxakñe.** Não fiquei com os músculos doloridos. **Kahcikwakñe oko.** Fiquei com os músculos doloridos. *Veja:* **amoci, maci.**

ahcikîrîrînka *VT.* fazer cócegas em alguém no sovaco.

ahka *VT.* quebrar (quebrar um objeto de barro ou vidro) remover sementes (remover sementes de algodão). **Tahrem ahkara esko.** Não quebre o pote. **Nahkekñe ram.** Ele quebrou mesmo assim. **Omawrîn wahkesî.** Estou tirando as sementes do algodão.

ahkoroma *VT.* tapar um buraco com uma substância que fica duro. **Maañi ke ahkoromakî.** Feche o buraco com breu.

ahna, ahnaya *(from:* ahna*) AT.* para onde? para que lugar? **Ahna tomo poñko?** Para onde foi o porco do mato? **Ahnaya tomo?** Para onde ele foi? *Veja:* **ahto.**

ahnoro *AT.* tudo, todas as coisas, todo mundo. **Mohtîkacow ahnoro.** Eles todos vieram. **Ahnorono (NMZD) yaw nasî.** Ela esta vestido com um vestido comprido.

ahñixa *AT.* de onde. **Ahñixa mîmoko?** Você veio de onde? *Veja:* **ahto.**

ahri *AT.* esperar (geralmente seguido pela palavra **kapu**). **Ahri kapu.** Espere um pouco.

ahro *VI.* pular. **Kahronasî.** Estou pulando **Ahromra wasî.** Não estou pulando Não vou pular. **Kahronîmye.** Pulei.

ahru$_1$ *S.* arvore de madeira de lei boa para fazer esteiros de casas.

ahru$_2$ *VT.* fechar, cobrir, enterrar algo ou alguém, não ser deixado vir.

— *S.* tampa. **Wahruyasî.** Vou fechá-lo. **Ahrura wasî.** Não vou fechá-lo. **Ahruko.Feche-o.** Feche-o **Ñetahruy (INZD) kanawa.** O avião está no solo por causa de problemas, foi impedido de vir. **ahruru** tampa **etahruru** túnel

ahrunka *VT.* abrir, destampar. **Wahrunkesî.Eu vou o abrir.** Vou o abrir. **Ahrunkara wasî.** Não vou o abrir. **Ahrunkakî.** Abra-o.

ahsî *VT.* pegar, segurar, adquirir, receber comprar, aprender (aprender uma língua). **Wahsîyasî.** Estou segurando-o. **Ahsîra wasî.** Não estou segurando-o. **Ahsîko.** Segure-o.

ahsîpînka *VT.* soltar, abandonar, lagar. **Wahsîpînkesî** Vou soltar-lo. **Ahsîpînkara wasî.** Não vou solta-lo. **Ahsîpînkakî.** Largue, solte.

ahsîsîknopu *VT.* colar junto. **Wahsîsîknoyasî.** Vou colá-los. **Ahsîsîknopîra wasî.** Não vou colá-los. **Ahsîsîknoko.** Cole-os, junte-os. **Ahsîsîknopu xe wasî.** Quero colá-los, juntá-los.

ahto$_1$ *AT.* onde? **Ahto may?** Onde você está? **Ahtono (NMZD) amoro?** De onde você é? *Veja:* **ahna, ahñi.**

ahto$_2$ *VT.* cavar. **Wahcesî.** Vou cavar. **Ahtora wasî.** Não vou cavar. **Ahtoko** o cavar. (homófono de ahtoko - descer.) *Veja:* **(nî)hto.**

ahtoxa *AT.* por onde, qual caminho. **Ahtoxa mîîce.** Por qual caminho você vai?

ahtutumu *AT.* em forma de "L". **Tahtutumuy nasî.** É em forma de um "L".

ahwo$_1$ *S.* objeto que causa alegria. **Omîn yahworî wahsîyasî.** Vou comprar algo para alegrar a minha casa.

ahwo$_2$ *AT.* ser feliz. **Tahwore cehcerî.** Vamos ser felizes. **Ahwora wasî.** Não estou feliz.

ahwo$_3$ *VT.* regozijar, regozijar com alguma coisa, adorar alguém. **Kahwowasî Kaan poko.** Adoro a Deus. **Ahwotara wasî.** Estou O adoro. **Ahwotacoko.** Regozija **Ow mahwores okre.** Você me alegrou.

ahwoka *VI.* ser triste, infeliz, entristecer. **Kahwokesî ro mak.** Fico muito triste. **Ahwokara wasî.** Não estou triste, não ficarei triste. **Ow mahwokes okwe.** Você me entristece.

ahxayaka *VT.* rasgar, (pano papel). **Wahxaykesî.** Vou rasgar. **Ahxaykara wasî.** Não vou rasgar. **Ahxaykakî.** Rasgue-o. Rasgue. *Veja:* **ahyaxka(kî)**.

ahxikî *VT.* moer, tritura (ou esmagar) em pó. **Wahxikyasî.** Vou moê-lo. **Ahxikîr esko.** Não o moa. **Ahxiko.** Moa-o até virar pó.

ahyaxaka *VT.* rasgar (forma alternativa de ahxayka(kî)). *Veja:* **ahxayka(kî)**.

aka$_1$ *PRT.* um grito de dor súbito. **Aka!** Ai *Veja:* **oko.**

aka$_2$ *VT.* lavrar (lavrar para fazer uma canoa ou morteiro), desfiar (fibra extraída da folha planta agave também conhecida como sisal ou pita). **Okanawarî wakesî.** Estou lavrando a minha canoa. **Akanawarî akakî.** Cava uma canoa para você. **Akahra wasî.** Não vou fazê-lo. **Okrewetîn wakesî.** Estou desfiando am minha fibra de sisal.

akawa *S.* lugar baixo, depressão. **Akawan yaka cirko.** Ponha num lugar baixo. **Takaway (ATZD) nasî.** Tem uma depressão. **Cewyakaway (ATZD) nasî.** Tem depressão no centro dela. **Akawamra nasî.** Não tem nenhuma depressão.

akipu *VT.* moer, granular em grãos relativamente grandes. **Nasînasî wakihyasî.** Estou moendo milho. **Akihpîra wasî.** Não vou granular. **Akihko.** Debulhe. **Akipu xe wasî.** Quero granulá-lo.

akiſwama *VT.* fazer melhoria, melhorar, concertar. **Omîntho wakiſwamesî** Vou concertar a minha casa velha. **Akiſwamara wasî.** Não estou fazendo-o melhor. **Akiſwamakî** Faça-o melhor. **Etakiſwamara (INZD) thakwa mas okwe.** Você não pode se fazer bom.

akmam *VT.* partir (barro, tinta velha, etc.). **Nakmamye kica.** Se partiu. **Akmamra ñeexî.** Não se partiu.

aknama *VT.* virar alguma coisa para apontar na outra direção, virar de ponta cabeça. **Okanawarî waknamesî.** Vou virar a minha canoa de ponta cabeça. **Aknamara wasî.** Não vou virar de ponta cabeça **Aknamakî.** Vire, dê meia volta.

akno *S.* homem para homem ou mulher para mulher. **Oyakno moko.** Meu irmão veio. (um homem falando) **Aknomra wasî.** Não tenho nenhuma irmã. (mulher falando) **Taknoyere (ATZD).** Em pares, quatro, seis.

akñipu *VT.* queimar (para intransitivo veja ecakî). **Omararîn wakñiyasî.** Vou queimar a minha roça. **Akñipîr esko.** Não o queime. **Akñiko kſa.** Queime a coisa velha. **Akñipu xe wasî.** Quero queimá-lo. *Veja:* **ecakî.**

akoko *S.* corrugação, onda, crista longa. **Takokoy (ATZD) nas okuywan.** Minha rede tem uma crista nela.

Akokomra nasî. Não tem nenhuma crista nela.

akoroka *VT.* fazer um buraco em alguma coisa mas não perfurar totalmente. **Okanawarî wakorokesî.** Estou fazendo buracos me minha canoa. **Akorokara weexî.** Não fiz um buraco. **Akorokakî.** fura-o.

akowe *S.* ninho (de um passarinho). **Takowerî yaka cesî.** Vai para o seu ninho. **Akowekakî (VBZD).** Fazendo na forma de um ninho.

akpapu *VT.* separar, espalhar, passar. **Wakpayasî.** Estou espalhando-o. **Etakpapîr esko.** Não o espalhe. Akpakî. Espalhe-o. **Akapu xe wasî.** Quero espalhá-lo.

akporopu *VI.* emagrecendo. **Kakporoyas okwe.** Estou emagrecendo. Estou ficando magro. **Akporopîra nasî.** Ele não está ficando magro. Ele não está emagrecendo. **Takporoso (ATZD) nasî.** Ele é magro. **Oyakporopu xera wasî.** Não quero ficar magro. Não quero emagrecer.

akpotu *VT.* carnear. **Wakpocasî .** Vou carneá-lo. **Akpotura wasî.** Não vou carneá-lo. **Akpotko.** Carneie-o.

akrakra *S.* vinha, fruto de uma vinha como maracujá. **Akrakra wahyas okre.** Estou comendo akrakra.

akraxi *VT.* enfiar na pele. **Oyakraxasî men oko.** Com certeza vai enfiar em mim. *Veja:* **(oy)ewkraxi.**

akri, *S.* roedor grande.

akri *VT.* guardar em um lugar seguro, colocar em cima de alguma coisa. **Oyamatan wakriyasî.** Estou colocando a minha caixa em um lugar seguro. **Akrira wasî.** Não vou guardá-lo. **Akriko.** Coloque na prateleira. **Ketakriyasî (INZD).** Vou deitar na minha rede.

akro *PP.* com, ajudando. **Oyakro amok ha.** Vem comigo. **Akrono (NMZD) komo mîkyam.** Eles são os ajudantes dele. (aqueles com ele.) **Akronomra (NMZD) + (ATZD) nas okwe.** Ah, ele não tem ajudantes.

akronoma *VT.* ajudar. **Oyakno wakronomesî.** Estou ajudando meu irmão. **Akronomara wasî.** Não estou ajudando-o. **Akronomakî.** Ajude-o.

akrîrpam *VI.* ficar rígido (defunto), duro (**pão de cassava**). **Nakrîrpam.** Ficou rígido. **Akrîrpamra ñeexi.** Não ficou rígido. **Takrîrpamso (ATZD) nasî kica.** Ficou duro.

akuhîapo *VT.* destruir. **Wakuhrapo.** Destruí-o. **Ñetakuhîapo (INZD) muutu pen.** O motor foi destruído.

akumho *VT.* esmagar, triturar. **Echi wakumhesî.** Estou esmagando o remédio. **Akumhora wasî.** Não estou esmagando-o. **Akumhoko.** Esmague-o. Esmague

akuminta *S.* tipo de vespa.

akumka *VT.* colher (colher barro para fazer potes). **Nakumka.** Ele o colheu (terra seca).

akumruka *VT.* moer, pulverizar. **Nakumruka.** Ele pulverizou-o.

akumyaw *PP.* ao lado (do caminho). **Esama yakumyaw ñeseyam** Ele escondeu ao lado do caminho.

aku, aaku *(from:* **aku***)* *S.* pilão para triturar comida. **Aaku eeko.** Traga o pilão aqui. **ak ñiyo** pilão - para

moer remédio

akî *S.* larva.

akîhto *VT.* construir (não usado para a casa - veja irî), fazer uma assembléia, mentir. **Yamata wakîhcesî.** Estou fazendo uma caixa. **Akîhtora wasî.** Não estou o fazendo. **Akîhtoko.** Construa. **Omtayakîcekñe okwe.** Ele inventou uma mentira sobre mim. *Veja:* **irî.**

akîknopu *VT.* apertar, atarraxar (amarrando, pregando ou parafusando). **Wakîknoyasî.** Estou parafusando-o apertado. **Akîknopîra esko.** Não faça-o apertado. **Akîknoko.** Aperte-o. **Akîknopu xe wasî.** Quero apertá-lo.

akîpî *VI.* ficar maduro, ficar sábio, fazer o que é certo. **Nakîhyasî.** Ele vai ficar sábio, ou vai amadurecer. **Takîhso. (ATZD) nasî.** Ele faz o que é certo, sábio. **Akpîra nasî.** Ele não faz o que é certo. **Akîhpu xe wasî.** Quero que amadureca. **akpîkano riñe komo** aqueles que levam outros ao mau **Cetakpîkanoyaxe.** Nós ficamos insensatos, ou injustos. *NatUsage:* Usado par pessoas não para Deus porque implica no processo de maturação.

akwa *VI.* cospir. **akwawataw** se ele cuspir **Opore nahta kica.** Ele cuspi em mim.

akwe *S.* largura (remo, caixa, etc.). **Kah yakwerî poko hakno komo.** Todo mundo debaixo do ceu. **Takwekem (ATZD) + (NMZD) wayapu.** O remo é largo. *Veja:* **amtarî.** *[Fono:* Poss: **-rî***]*

akwen *S.* Um pequeno lembrete de qualquer coisa. **Nayi rma onahrî yakwenho mak.** Só está sobrando um pouco de comida. **Onahrî wakwenka (VBZD).** Só tenho um pouco de comida sobrando.

akwowa *VT.* mexer (mexer do fundo para cima pedaços ou sedimento). **Akwowakî.** Mexa o sedimento do fundo.

ama *VT.* cortar (arvore, arbusto). **Omararîn wamesî.** Vou abrir uma roça para mim. **Amahra wasî.** Não vou cortar. **Amakî.** Corte-o. **Ketama (INZD) oko.** Me cortei muito dolorido.

amaci *S.* tamanduá bandeira.

amawkaîa *S.* pequeno passarinho vistó nas áreas abertas.

amcika *VT.* mastigar, roer. **Iyocho namcikesî xapari.** O cachorro roe o osso. **Amcikakî.** Mastigue!

amcikîrîrînka *VT.* torcer (roupa). **Okuywan wamcikîrîrînkesî.** Estou torcendo a minha rede.

amco *S.* franja, borda em roupa. *Veja:* **amoxo.** *[Fono:* Poss: **-n***]*

ame *VI.* pão-duro, recusar dar algo à algem, avarento. **Mamena anatîrî poyera?** - Você vai recusar de dar-me da sua colheita? **Amemra wasî** Não sou pão-duro.

amekî *VT.* apanhar, pegar. **Kîricici wamekyasî.** Estou pegando as contas. **Amekîra wasî.** Não pegando-os. **Amehko.** Pegue-os.

amenopu *N.* algo que não quer dar a outros.

amhosoka *VT.* pilar, moer no pilão. **Kuum wamhosokesî.** Estou pilando bacaba.

ami *S.* fiapos. material fibroso. **krapa yamicho** fiapos de um arco novo **amichîrî** fiapos, fibras

amika *VT.* remexer, fuçar, ciscar (a terra) Usado para porcos e galinhas; para porco fuçar para galinha ciscar. **Roowo namikesî kuuxi.** Os porcos estão fuçando a terra. **Amikara ñeexi.** Ele não remexeu a terra.

amka *VT.* cavar, tirar barro. **Ermo wamkesî.** Vou tirar barro.

amkararakak *VT.* destorcer (corda, arame, etc.). *Veja:* **amomi(ko).**

amkoyi *S.* poeira de pimenta (que faz uma pessoa espirrar). **Namkoyinasî.** Poeira ou pimenta que o faz espirrar.

amkuku *VT.* mastigar (com ruído). **(N)amkuk(yasî)** Ele está mastigando ruidozamente. *Veja:* **amcika(kî).**

amna *PR.* nós (exclui do ouvinte). **Amna moko awenso.** Nos viemos para te ver.

amnonopu *VT.* seccionar (tijolos, bolas). **Kawau wamnonoyasî.** Estou fazendo o barro em pedaços. **Amnonopîra wasî.** Não estou fazendo tijolos. **Amnonopu xe wasî.** Quero fazer tijolos. **tamnoñem (ATZD) + (NMZD)** - alguma coisa que é redonda ou esférica

amnu *AT.* local onde há joio, ervas daninhas, lixo. **Tamnuke nasî.** O lugar tem ervas daninhas. **Amunukakî (VBZD).** Retire as ervas daninhas e lixo. **Awehtopo amunkakî (VBZD).** Limpe as coisas mas da sua consciência.

amñe *AT.* mais tarde.

amo *S.* mão. **oyamorî** minha mão **Ketamokoto (CPD) + (INZD) oko.** Cortei a minha mão. (Veja: (yî)hkoto)

amoci *VI.* dor nas minhas mãos. **Kamocita oko.** Minhas mãos estão doendo (de trabalhar). *Veja:* **(k)maci(ta), (t)ahci(kc).**

amokukwen *VI.* mão endureceu não consegue soltar (a espada – de ter segurado tanto tempo).

amomi *VT.* dobrar (pano), enrolar num carretel ou pau. (corda, fio, etc.) (veja armomi(ko)). **Poono wamomiyasî.** Estou dobrando as ruopas. **Amomira wasî.** Não estou dobrando-os. **Amomiko.** Dobrando-os **Amomhokakî** desenrolando-o. *Veja:* **armomi(ko).**

amomo *S.* bola de mandioca seca ralada.

amoro *PR.* 2s – tu, você. **Amoro hatko.** Você vai ter que falar sobre isto. *Veja:* **amyamro.**

amoto *S.* nome que uma mulher mais velha poderia chamar um homem mais novo. (raramente usada).

amotopu *VI (?).* estar doente ou fraco. **Kamotoyasî ka.** Estou temporariamente doente. **Amotopîra wasî.** Não estou doente. **Amotopu xera wasî.** Não quero ficar doente/fraco.

amotîwî *S.* punho(s). **Tamotîwîn yaw nahsîyasî.** Ele o segura nos seu punho. *[Fono:* Poss.: -n*]*

amoxoxo *S.* unha, garra. **oyamoxoxon** minha unha *[Fono:* Poss.: -n*]*

amoyara *S.* dedo(s). **oyamoyaran** meu dedo *[Fono:* Poss.: -n*]*

amoyekna *S.* anel. **oyamoyeknarî** meu anel **Amoyekna eeko.** Traga o anel. *[Fono:* Poss.: -rî*]*

amoyereta *S.* palma da mão. **oyamoyeretarî** a palma da minha mão */Fono:* Poss.: -rî/

amoyi *S.* bengala. **oyamoyin** a minha bengala */Fono:* Poss.: -n/

amposohto *IT.* pendurar (usando um cordão ou uma corda). **Oyotî wamposoeesî.** Vou pendurar a minha carne. **Amposotora wasî.** Não vou pendurá-lo. **Amposotoko men.** Não se esqueça de pendurar.

amrina *S.* virilha. **Oyamrinarî ñerewasî.** Minha virilha dói. */Fono:* Poss.: -rî/

amrina *PP.* posição no chão na sua frente. **Tan nas omxîkrî oyamrinaw.** Aqui esta a minha criança bem em frente de mim. **Awamrinaka moko.** Ele veio sentar bem na sua frente. **Îipî yamrinaw nas oyewton.** Minha vila é no pé da serra.

amrîpe *IT.* embaraçado (cabelo, linha de pescar). **Namririnta kica.** Ficou todo embaraçado. **Poono namririrekñe.** Ele torceu, para enxugar, o pano. **Xapopo namririnta. (VBZD)** A linha de pescar ficou toda embaraçada. **Poono namririrekñe. (VBZD)**

amru *IT.* colocar, vestir (roupa). **Oponon wamruyasî.** Vou vestir a minha camisa/roupa. **Amrura wasî.** Não vou colocá-la. **Amruko.** Coloque-a/Vista-a. **Poono wamrupesî rikomo ya.** Vou colocar roupa na criança.

amta *S.* largura (caminho, pista, etc.). **Atî wicakî nay amtarî?** Qual é a largura? **Esama wamtaresî (VBZD).** Estou fazendo o caminho mais largo. **Amtarera wasî.** Não estou fazendo-o mais largo. *Veja:* **akwerî**. */Fono:* Poss.: -rî/

amtacme *IT.* estreito (caminho, pista, ect.). **Amtacme nasî kanawa yepîrkacho.** A pista é estreita.

amtakpo *S.* quarto (em uma casa). **Awamtakpon yaka cirko.** Coloque em seu quarto. **Amtakpo tan ha?** Está no seu quarto? */Fono:* Poss.: -n/

amtawnuku *IT.* fechar as bordas, fechar uma brecha. **Amtawnuko.** Feche as bordas. **Amtawnukura wasî.** Não estou fechar as suas bordas. **Ñetamtawnukya (INZD).** Fechar (as bordas), unir.

amu, aamu *(from:* **amu***)* *S.* coberta, cobertor, lençol, estofado. **Oyam xe wasî.** Quero um coberta. **Aam exihra nas okwe.** Ele não tem um coberta. **Amuhtoko (VBZD).** */Fono:* Coloque estofado sobre isto./

amxikî *IT.* fazer ficar embaraçado, enrolar. **Ruupu poko ketamxikî kica.** Fiquei embaraçado na corda. **Amxiponkakî totohme.** Desembarace-o para que ele possa ir embora.

amxiririka *IT.* desenrolar, desembaraçar. **Ruupu ñetamxiririka.** A corda ficou desenrolada.

amxo, amxotî *(from:* **amxo***)* *S.* franja, borda, muitos fios na borda. **Amxon awotoko.** Corte os fios no bordo. **Tamxoy (ATZD) nasî.** Tem uma franja. **amxotîthîrî** a fanja dele. **Ñetamxoka (VBZD).** (o pano) Desfiou. *Veja:* **amco**.

amyamro *PR.* 2p - vocês. **Amyamro makîrha kacoko.** Agora vocês fazem. *Veja:* **amoro**.

ana *.IT (?).* em/para/de algum lugar. **Anato nasî.** Ele está em outro lugar. **Anañi xa enko.** Leia o livro do outro lado. (Não de ponta cabeça.) **Anana kayka.** Vamos para um outro lugar.

anarimaw *.IT.* talvez, a um outro tempo. **Kmokya na, anarimaw mak.** Talvez eu venha, é uma

possibilidade **Anarimaw ĥhe amohcoko.** Venham outra hora.

anarme *IT.* diferente, estranho (geralmente **diferente num mal sentido, mas nem sempre**). **Anarme nay noro.** Ele esta agindo de um modo estranho. (ruim) **Anarme ĥhe takî esko awehtoponhîrî warahra.** Ser diferente , não do jeito que você geralmente é. **Anarmen (NMZD) mîkro.** Ele é diferente.

anarmerpa *IT.* diferente em varias maneiras (um grupo). **Anarmerpa so nay okyo.** São (contas) de (cores) diferentes. **Anarmerpan (NMZD) komo mîkyam okyo.** São todas diferentes (pessoas).

anarî *S (PRN?).* outro. **Anarî eeko.** Traga outro. **Anarme nasî.** Ele é diferente, estranho **Anarmerpa so naxe.** Eles são todos diferentes.

ancu *S.* anjo (Esta palavra é emprestada de Português.).

anka *IT.* desdobrar, abrir, esticar, estender (vasilha). **Ñetapoyanka (INZD).** Ele estendeu seu braço. **Etamoyankakî (INDZ) ĥhe.** Abra mais a sua mão. **Kwethîrî nankesî.** Estica nosso estômagos.

ankaŕwa *IT (S ?).* ter um orgasmo (homem). **Nankaŕwasî.** Ele está tendo um orgasmo.

anme *PP.* por causa, pela vontade, comando. **Awanme ro mak esko.** Faça o que você quer fazer. **Xapari yanme tahrem wahka kica.** Quebrei o pote por causa do cachorro.

antaw *AT.* em carreiras, em camadas. **etantaw re** em carreiras ou camadas *Veja:* **yantaw**.

anto *S.* ajudante, escravo, servente. **Oyanton me wahsîyasî.** Vou tomá-lo como o meu ajudante. **Amxîkrî antomakî (VBZD).** Fale para a sua criança fazê-lo. **Antomañe (VBZD) + (NMZD) komo ñesentacow.** Os líderes tiveram uma discussão.

anîmî *IT.* levantar, pegar (peixe). **Weewe wanîmyasî.** Vou erguer a madeira. **Anîmra wasî.** Não vou erguê-lo. **Anîmko.** Levante-o.

anwekî *IT.* duvidar, desobedecer. **Kanwekyasî.** Não acredito no que você diz. **Anwekîra wasî.** Não duvido-o.

añikî *IT.* chamar. **Omxîkrî wañikyasî.** Estou chamando a minha criança. **Añikîra wasî.** Não estou chamando-o. **Añihko.** Chame-o.

apa *S.* pai. **Ahyaka kmokyas apa.** Pai, eu virei até ti. *Veja:* **yîm**.

apacak *S.* barro. **Apacakrî cheka kepîrka kica.** Caí no barro! **Tapacakre (ATZD) nasî kica.** Está barrento. *[Fono:* Poss.: rî*]*

apapa *S.* papai (Usado somente quando falando diretamente ao pai.). **Apapa moko.** Pai veio. *Veja:* **yîm**.

apara *S.* abacaxi - (tipo gordo). **Tîkporem okre apara.** O abacaxi é muito doce.

aparaca *S.* abacaxi - (tipo fino).

apaŕpî *S.* pupunha.

apasî *S.* Área de vinhas impenetrável.

apawa *AT.* ficar chato por causa de uma pancada ou ficar murcho - sem pressão de ar. **Napawata.** Ficou

murcho/Ficou achatado **Tapaway (ATZD) nasî.** Está mucho/chato.

apaypu *VI.* abaixar (água), ficar encalhado na praia porque a água abaixou. **Napaypo okwe.** O Rio abaixou. **Apaypîra ñeexi.** Não baixou. **Napayasî men iito.** (A canoa) ficará encalhada na praia quando a água baixar. **Apaypu xera wasî. - Eu não quero que resida.**

ape *VT.* tocar, esfregar, apalpar. **Enorixapu wapeyasî.** Estou procurando (com a mão) por algo que afundou. **Apehra wex okwe.** Não o toquei, que pena. **Apeko xa hara.** Procure de novo.

apehceme *AT.* fácil.

apeñekañe *VT.* zangar. **Awapeñekañe me nasî.** Isso faz você ficar zangado.

apepa *S.* fôlego, brisa. **oyapepen** meu fôlego **Napepenasî (VBZD).** Uma brisa está soprando. **Apepemra nasî.** Nenhuma brisa está sopranda. **Napepenîmye (VBZD).** Uma brisa está soprando. *Veja:* **ocowo.** *[Fono:* Poss.: -n*]*

apesî *AT.* liso. **Tapeswe nasî.** Está liso. **Apesîmra nasî.** Não está liso.

apicka *VT.* pedir para trabalhar. **Atararo mapicke?** Quantos você vai pedir para trabalhar? **Etapickara (INZD) wasî** Não vou trabalhar. **Cetapickaxmu (INSD) + (ATZD) + (NMZD) komo añihko** Chama os trabalhadores.

apikmo *VT.* apertar, espremer, esmagar (não usado para espremer beiju). **Awaporî wapikmesî.** Estou apertarando o seu braço. **Apikmor esko.** Não o aperte. **Apikmoko.** Aperte-o. *Veja:* **kawnuku.**

apikra *VT.* servir-se de carne (da panela para o prato). **Wooto wapikresî.** Estou colocando num prato. **Apikrara wasî.** Não estou colocando num prato. **Apikrakî îñe.** Sirva-se de mais (de carne). **Paayu eeko wooto yapikracho.** Traga um prato para colocar a carne.

apikî *VT.* pisar em cima. **Werewere wapikyasî.** Vou pisar na mosca. **Apikîra wasî.** Não vou pisar nele. **Ero apihko.** Pise nele.

apo$_1$ *S.* braço, igarapé, afluente de um rio. **oyaporî** meu braço **Xatapu yaporî on.** Este é um afluente do Rio Jatapu. **Ketapoxwo (INZD) + (CPD) oko.** Quebrei o meu braço. *Veja:* **axikwo.** *[Fono:* Poss.: -rî*]*

apo$_2$ *S.* cadeira, acento, banco, alvo (de calúnia). **Aapo wakîhcesî.** Estou fazendo um banco. **Awaponhîrî pona keremesî.** Vou sentar no banco onde você está sentando. **Tooto xatkene anarî yapon hara.** Outro grupo de pessoas estava lá. **Tapota yapon me may ham kica.** Você é evidentemente o receptor de muita calúnia. *[Fono:* Poss.: -n*]*

apocka *AT.* com mãos levantados. **Tapockaw wasî.** Tenho a minha mão levantada. *Veja:* **(t)apororaka(w).**

apockan *VI.* levantar o braço, mão. **Kapockanwasî.** Vou levantar a minha mão. **Apockantara wasî.** Não vou levantar a minha mão. **Apockantacoko.** Levantem todos as suas mãos.

apohto *VT.* colocar penas (flecha). **Oyuhre wapohcesî.** Estou colocando penas nas minhas flechas. **Apohtora wasî.** Não estou colocando penas nas minhas flechas. **Apohtoko.** Coloce penas (na flecha.).

apomi$_1$ *S.* tira para adornar o braço. **Oyapomci eeko.** Traga meu enfeite para o Braço. **Apomira was okwe.**

Não tenho nenhum enfeite de braço. *Veja:* **apomi(ci)**.

apomi$_2$ *VT.* trançar junto três ou mais cordel. **awci yapomitopo** a borda trançada da mochila.

apomrikî *VT.* virar 360 graus ou mais. **Wapomrikyasî.** Estou girando e girando. **Apomrikîra wasî.** Não estou girando. **Apomriko ûhe.** Gira mais. *Veja:* **aknama**.

aponku *VT.* pedir, comprar (a idéia básica é de transferir). **Oramhan yarîrî waponukyasî.** Vou comprar pilhas de lanterna. **Aponkura wasî.** Não vou pedir por ele. **Aponko.** Peça por ele.

aponuku *AT.* leve (não pesado)/ de pouco peso. **Taponukye nasî yamata.** A caixa é leve. **Napontay (VBZD) tak weewe.** A madeira ficou leve. **Naponukwas tak.** Está ficando leve.

apopo *AT.* sendo aberto, estendido (pano). **Tapopoy nasî poono.** O pano está aberto.

aporaraka *AT.* tendo braços estendidos, asas abertas. **taporarakaw** com braços estendidos, asas abertas. **Naporarakaretkeñe (VBZD).** Eles estenderam os seus braços. *Veja:* **(t)apocka(w)**.

aporesî *N.* cotovelo. **Oyaporesîrî ñerewasî.** Meu cotovelo doe. */Fono:* Poss.: **-rî**/

aporkaw *AT.* tendo braços compridos. **Aporkaw xa nasî.** Ele tem braços muito compridos. **Aporkawno okyo.** Ele tem braços muito compridos. (um pessoa de braços compridos.) *Veja:* **yîhrekaw**.

aporo *AT.* em pé a vontade com os braço ao lado. *Veja:* **aro**.

aporotî *VT.* não conseguir alcançar. **Kaporocasî.** Não sou bastante alto para alcançar.

aporwa *N.* poste grosso, suporte grande de madeira. **oyaporwan** o poste no qual amarro a minha rede */Fono:* Poss.: -n/

apoɾaka *N.* ornamento masculino usado no braço, composto por uma tira e duas ou três penas longas de arara vermelha. **oyapoɾakan** penas para meu enfeite do braço *Veja:* **ewnaɲaka**.

aposoka *VT.* pilar. **Kuum waposokesî.** Estou pilando a bacaba. **Aposokara wasî.** Não estou pilando a bacaba. **Aposokakî.** Pile a bacaba..

aposow *N.* vespa com um casulo comprido.

apotku *N.* penas novas de asas.

apotmîkî *AT.* apertado (pregado, parafusado, amarrado), não se move, imóvel. **Apotmîkî nasî.** Está apertado. **Apotmîkno (NMZD) mîn.** Está apertado. (algo apertado)

apoxixi *AT.* músculos retensados nos braços. **Tapoxixity wasi.** Os músculos do meu braço estão retensados.

apoypo *VT.* acenar com a mão, dar adeus.

apu, aapu *(from:* **aapu***)* *VT.* comer (vegetais, frutas). **Tuxma wahyasî.** Estou comendo banana. **Apuhra wasî.** Não estou comendo. **Ahko.** Coma. **Apu xe wasî.** Quero comer. *Veja:* 1.

arakapusa *N.* espingarda.

arama$_1$ *N.* pau ou vara com um gancho na ponta (para apanhar frutas).

— *N.* formiga vermelha de tamanho médio com pinças longas.

arama *VT* curvar na ponta, dobrar. **Maramesî mak kica.** Você vai dobrar a ponta do machado. (não vai afiar) **Aramakî.** Dobre a ponta como um anzol.

arami *N.* arame, fio, cabo de aço.

arapapeto *N.* tipo de cipó usado para amarrar. *Veja:* **puþweto.**

araraka *VT* esticar. **Nararakarepe - (VBZD)** Deixe-o cortar (a carne) e esticá-la. *Veja:* **(t)apororaka(w).**

arawana *N.* Peixe grande cujo dorsal e barbatana formam uma só parte (são unidas). Este peixe pode pesar até 10 Kg.

arawñe *N.* tipo de árvore de madeira de lei boa para fazer poste de casas.

ari *VI* voar (pássaro). **Narinasî.** Está voando. **Arimra nasî.** Não está voando.

ariknopu *VI* usar muitas palavras, mudar de tom agudo para um grave (tons musicais). **Tariknoso nasî.** (O cântico) tem muitas palavras.

arixka *VT* cortar ou rasgar em pedaços ou partes (carne pano). **Oyotî arixkakî.** Corte um pedaço de carne para mim. **Arixkara wasî.** Não vou cortar um pedaço.

arka *VT* esvaziar, derramar numa vasilha (líquido). **Kanawa warkesî.** Estou tirando a água da canoa. **Arkara wasî.** Não estou o tirando água. **Arkakî.** Derrame-a. *Veja:* **(y)ukmam.**

armomi *VT* enrolar (corda, cordão) (raro). *Veja:* **amomi.**

aro *VI* inchar, curvar debaixo de um peso. **Arami narowasî.** O fio está curvando. **Tarore (ATZD) nasî.** Ele deixa os seus braços caírem ao seu lado.

aroka *VT* desfiar polpa de fibra da corawa. **Krewetî warokesî.** Estou desfindo polpa da fibra de corawa. *Veja:* **aka(hra).**

aroko *N.* uma pequena coroa de penas vermelhas e amarelas de tucano. **oyarokorî** a minha pequena coroa de penas

arî *VT* em estado de gravidez, cheio, repleto. **Tarke nasî.** Ela está grávida. **arakapusa yarîrî.** cartucho de espingarda **Narwasî. (VBZD).** Ela ficará grávida. **Narîtanmekyakñe.** Ele a engravidou.

arîhto *VT* encher. **Yamata arîhtoko axawa ke.** Encha a caixa com areia. **Arîhtora wasî.** Não vou encher. **Tahrem warîhcesî tuuna ke.** Vou encher o pote com água.

arîna *PP.* na ausência de alguém, quando ele não está. **On pokohra esko oyarînaw.** Não faça nada com isso enquanto eu não estiver aqui. **Awarînaka kmokye okwe.** Vim enquanto você não estava.

arîrka *VT* vomitar. **Warîrkesî.** Estou vomitando. (A ênfase é na ação e não no objeto) **Arîrkara wasî.** Não estou vomitando./Não vou vomitar. *Veja:* **wenarî.**

aĥma *VT* jogar, jogar fora, soltar, brigar com alguém. **Xiya aĥmakî.** Jogue para cá. **Waĥmesî kĥa.** Vou jogar fora. **Aĥmara wasî.** Não vou jogar fora. **Aĥmar esko.** Não deixe cair. **Ñetaĥmexe (INZD) okwe.** Eles estão brigando um com o outro. **Omtayaĥmar (CPD) esko.** Não me contradiga.

aɾwaɾwape *AT.* macio (como borracha). **aɾwaɾwano** um que é macio

asakî *AT.* dois, um pouco. **asakî mak** só um pouco **Askno roro rma eeko.** Traga os dois **Asakî yiixe wasî.** Quero dois. **asakno yon** a mãe de gêmeos.

asîsî *N.* pimenta. oyasîsîn minha pimenta

aswanka *VT.* abrir a boca (do saco). **Kumixi aswankakî.** Abra a boca do saco.

atara *PRT.* expressão de vergonha por acidentalmente perturbar ou machucar alguém. **Atara weexi.** Oh, me desculpe eu te machuquei. **Atara kahr ehcoko.** Não perturbem as pessoas.

atararo *AT.* quantos. **Atararo mohcow?** Quantos vieram? **Atararo menmaya iito?** Quantos dias você ficará lá?

ati *PRT.* interjeição ao ver um bebê bonito. *Veja:* **ockoñe.**

atka *VT.* capinar, roça. **Omararîn watkesî.** Estou capinando a minha roça. **Atkara wasî.** Não vou capinar. **Atkakî.** Capine.

atkara *N.* lagarto grande e cinza que pode comer ovos de galinha ou pintinhos.

atmunuku *VT.* apertar para baixo, imprensar. **Watmunukyasî.** Apertei para baixo. **Atmunkura wasî.** Não estou imprensando. **Atmunko.** imprense.

atpo *VT.* furar algo com uma agulha ou objeto ponteagudo, dar uma injeção, costurar. **Katpesî.** Vou lhe dar uma injeção. **Awatpora wasî.** Não vou lhe dar uma injeção. **Aponon atpoko.** Costure o teu vestido.

atukma *VT.* dobrar, amassar num lado (caule, palheta, flecha). **Ñatatukma (IND) kica oyuhretho.** Minha flecha amassou. **Atukmara weexi.** Não a amassei. **Tatukmaxi (ATZD) nasî.** Amassou-se.

atumna *N.* seio, centro (madeira, terra, etc.). **Atumnathîrî on.** É o cerne da madeira. **roowo yatumnaw (PPZD)** no seio da terra **Mîîmo yatumnaka (PPZD) arko.** Leva para o meio da casa. **Tatumnakem (ATZD) + (NMZD) on.** Essa árvore tem madeiradura. *[Fono:* Poss.: -ñ*]*

atî$_1$ *PR.* qual. **Atî maaɾa?** Qual você vai levar?

atî$_2$ *AT.* que tem continuidade, em ordem cronológica (história). **Tatke nasî tuuna.** A água está correndo. **Tatke wekatîmyasî amna totoponho.** Te contarei a minha viagem em ordem cronológica.

atîk *VI.* crescer, brotar (planta). **Natîkwasî.** Está crescendo. **Atîhtara nasî.** Não está crescendo. **Tuuna mokyasî mararî yatîkrecho.** A chuva está chegando para fazer a roça crescer.

atîkron *N.* broto novo no caule principal de uma planta. **atîkron.** um broto novo. **Atîkronkakî.** Retire o seu broto novo.

atîtî *AT.* muito esticado (somente para corda do arco).

atîxa *AT.* por qual caminho. **Atîxa tîhce?** Por qual caminho devemos ir? *Veja:* **atî; tayxa; eñexa; ituxa.**

atweypu *VT.* apagar (lâmpada). **Natweyas amîe.** Depois ficará escuro. **Watweynoksî.** Vou apagar depois.

aî *ID.* morder – Usado somente com crianças.

awanama *N.* árvore da família da Castanha do Pará, cujas frutas são semelhantes, mas menores. A parte de cima da fruta abre quando cai.

awarku *N.* esquilo pequeno.

awarpa *N.* escuridão, sombra. **Awarpan xera wasî.** Não gosto da escuridão **Awarpanaw (ATZD) kermesî.** Vou sentar na sombra. **Awarpanaka (ATZD) kayka.** Vamos para a sombra. **Awarpape nasî kica.** Está muito escuro. **Weewe nasî oyoku yawarpamacho (VBZD) + (NMZD) me.** A árvore da sombra para meus animais.

awataka *N.* goiaba (árvore ou fruta).

awayama *N.* abóbora.

awci *N.* cesta mochila, lado (de uma pessoa, animal ou objeto). **Tawciy wasî.** Estou carregando uma mochila. **Awcimra wasî.** Não tenho uma mochila. **oyawcin** minha mochila **Awickaw nasî kanawa.** A canoa tem lados altos, vai alto acima da água. **Oyawci ñerewasî.** Meu lado doe. **Awickakî.** Corte um (lado da carne).

aweko *N.* tipo de palmeira pequena e espinhosa.

awka *IT.* furar, achar um pequeno grupo de pessoas. **Otahremnu ñetawka (INDZ) okwe.** Meu pote tem um furo. **Awkara wasî.** Vou furá-lo. **Tooto amna nawkekñe.** Chegamos numa clareira de um povo desconhecido.

awnuku *IT.* subir (uma montanha). **Îipî awnuko.** Subir a montanha. **Awnukura thakwa wasî.** Não posso subir a montanha.

awokpowa *IT.* branquear. **Kawokpowasî kica.** Estou branqueando

awomu *IT.* levantar, subir. **Nawom.** Ele se levantou **Kanawa nawom okyo.** O avião levantou vôo. **Awomra ñeexi.** Não se levantou **Awomun me (NMVD) +(ATZD) thakwa wasî.** Não posso ficar de pé.

awoto *IT.* cortar (corda, cordão, pano) quebrar. **Tayxa wawocesî.** Vou cortar aqui. **Awotora wasî.** Não vou cortar. **Awotoko.** Corte-o.

awowo *IT.* vaporizar, emitir calor. **Nawowona.** Está emetindo calor. **Tawowoñem.** algo que emite calor

awronohka *IT.* encher todo o espaço (casa, área). **Tooto pen mîîmo nawronohkatîka.** As pessoas encheram a casa toda.

awruta *N.* peito, camisa, blusa, meio. **Oyawrutarî eeko.** Traga-me a minha camisa. **awrutaw** no meio **Awrutaka yimiko.** Amarre-o no meio. **Awrutari yimiko.** Amarre em volta do meio. */Fono:* Poss.: -rî/

awsî *N.* peso. **Awsîn yukuknomacoko.** Olhe o peso dele. **Nawsînasî (VBZD) kica.** É muito pesado. **Awsîmra nasî.** Não é muito pesado. **Awsîreko (VBZD).** Coloque peso em cima. **Tawsîñe (ATZD) nasi.** É pesado. */Fono:* Poss.: -n/

awxa *N.* lado. **awxarî** o lado de alguma coisa **Îipî yawxaw (PPZD) naxî.** Está ao lado da serra. **Yîîm pen**

yawxari (PPZD) ahrucoko. Enterre-o ao lado do seu pai. **Tawxapo nasî.** (O retrato) está de lado. *Veja:* **awci.** */Fono:* Poss.: **- ri/**

awyoci *S.* alça (para carregar ou segurar um objeto). **Awyocimra nasî.** Não tem uma alça para isso.

awyukunto *VT.* colocar contas num cordão. **Kîricici wawyukuncesî.** Estou colocando contas num cordão. **Awyukuntora wasî.** Não estou colocando contas num cordão. **Awyukuntocoko.** Coloquem as contas no cordão.

awyuru *S.* árvore florestal cuja casca é boa para fazer alças de cestas.

axawa *S.* areia, praia.

axi *VT.* violentar, estuprar. **Naxasî kîa.** Ele vai violenta-la. **Axihra nasî.** Ele não vai violenta-la.

axikwo *VT.* quebrar (osso, pau, etc.). **Metaxikwesî (INZD) oko.** Pode ser que quebe um osso. **Okrapan waxikwo okwe.** Que azar! Quebrei meu arco. **Axikwora wasî.** Não vou quebra-lo.

axka *S.* tipo de árvore da Guiana.

axkixkima *VT.* arranhar como cisco de. **Mewru nasî kapikara naxkixkimatho wara kica.** Escrita como se uma galinha tivesse arranhado.

axpi *S.* cogumelo, fungo grande que cresce em madeira.

axukre *VT.* picar, cortar em pedaços pequenos. **Oyotî waxukresî.** Estou cortando a carne em pedaços pequenos. **Axukrera wasî.** Não estou cortando em pedaços pequenos. **Axukreko.** Corte-o em pedaços pequenos.

axwixwika (?) *VT.* fuçar, ciscar. **Naxwixwikesî kapikara.** A galinha está ciscando.

ay *PRT.* chamar atenção de alguem que está perto. **Ay, oyakno, on wara wîkes awya, ...** O, irmão, é isso que quero lhe dizer... *Veja:* **ey.**

ayanî *S.* tucano pequeno.

ayi$_1$ *VT.* assar (beiju em uma chapa de ferro). **Oyuru wayasî.** Estou assando beiju para mim. **Ayihra wasî.** Não vou assá-lo. **Ayko.** Asse-o.

ayi$_2$ *VI.* queimar (com pimenta). **Nayinas oco.** Isso queima. **Ayimra nasî.** Isto não queima. **Tayiñem (ATZD) + (NMZD) oco.** Isso queima.

ayinto *VT.* apertar a corda do arco. **Akrapan ayintoko îhe.** Aperte a corda do seu arco. **Taa, wayincesî.** Está bem, vou apertá-lo.

ayka *VT.* colocar remédio numa ferida. **Oyepeîan ka waykesî.** Vou colocar remédio ardente na minha ferida. **Aykakî.** Coloque remédio ardente.

aymara *S.* peixe grande de escamas que é muito gostoso.

aymarahci *S.* peixe parecido como aymara, mas menor.

aypo *VT.* abanar (fogo). **Owehtorî waypesî.** Estou abanando o meu fogo. **Aypora wasî.** Não estou

abanando-o. **Aypoko ĥhe.** Abane mais.

aywa *VT.* varrer, capinar, roçar. **Oyewton amna naywesî.** Estamos capinando nossa aldeia. **Aywara wasî.** Não vou varre-lo. **Aywacoko.** Varram todos.

C - c

caaca *S.* avó, tia (quando está falando diretamente). **Caaca, awenso kmoko.** Vim te ver vovó.

caana *S.* pé de genipapo (uma pequena árvore florestal). A fruta é comestível, e o suco é usado para tingir a pele. **Caana yepu amahr esko.** Não derrube o pé de genipapo.

caarapa *S.* pá. **ocarapan** A minha pá. *[Fono:* Poss.: -n*]*

caayi, cayi *(from:* **caayi***) S.* pequena faca. **Ocayin** meu canivete **Kecaykesî (VBZD).** Me cortei com uma pequena faca. *[Fono:* Poss.: -n*]*

caa, ca *(from:* **caa***) VI.* falar à uma pessoa, com respeito. **Camra nîmtapota kopi.** Ela falou abertamente (sem respeitá-lo). **Caana.** Ele e respeitável.

cahcakî *S.* Formiga preta de tamanho médio com ferroada bem dolorida. A dor da ferroada acaba logo.

cak *PRT.* som de uma flecha saindo do arco. **Cak krow.** Flecha saindo do arco, atingindo o alvo. **Cak cucuk.** Flecha saindo do arco errando o alvo.

cakana *S.* martim-pescador.

cakanaci *S.* tipo pequeno de martim-pescador.

cakaĥma *S.* macaco pequeno e marrom de rabo comprido. *Veja:* **ciima.**

cakma$_1$ *VT.* fazer barrento. **Mîîmo wîmîtîcakmarî (CPD).** Teria feito a parede da casa barrenta. |? Eu teria rebocado a parede da casa.|

cakma$_2$ *ID.* cair no barro.

camkî *AT.* ignorante, não sabendo como fazer alguma coisa. **Camkîno (NMZD) ow.** Sou uma pessoa ignorante. **Camkîra mexe masî.** Não, você não é ignorante.

camna *S.* árvore pequena cujas folhas são usadas para fazer tinta rocha. **Tuuwa camnaresî (VBZD).** Estou tingindo a palha de roxo.

canaymo *S.* árvore florestal cujos fruto é usado para corante como a caana.

capa *ID.* cortar com uma faca.

capape *AT.* terreno plano, sem serras, morros ou vales. **Capahno (NMZD) pona kayka.** Vamos onde o terreno é plano. **Capape nasî tan.** É plano aqui.

cara *ID.* aspergir, borrifar com líquido.

carama *VT.* aspergir, borrifar alguma coisa com líquido. **Poono carama.** Ele borrifou as roupas. **Caramara**

weexi. Não as borrifei.

carata *S.* tesoura. **ocaratan a minha tesoura Caratamra wasî.** Não tenho tesoura.

caraycaray *S.* inseto que faz um som silvante a noite.

caĥaĥa *S.* som de trovoada perto.

cawa *S.* rato.

cawana *S.* tipo de palmeira com folhas rijas, duras, usada antigamente para fazer roupas de dança.

cawawa *S.* um barranco muito íngreme, alto. **Cawawape nasî.** É (barranco) muito alto.

caywa *S.* cacau.

cecen *S.* lugar reto (rio, terra). **Cecen kawno.** É um lugar longo e reto (rio)

ceceñay *AT.* escudo, atrás de uma barreira.

cecepe *AT.* reto, fino, sem voltar atrás (contando uma história), correto (na fala). **Cecehno (NMZD) ow.** Sou uma pessoa magra. **Mîcecentay (VBZD).** Você ficou magro. **Cecepe nasî esama.** O caminho é reto. **Ceceh roro mak ñekatîmyasî.** Ele fala sem voltar atrás. **Amtapotarî cecenkesî (VBZD).** Vou corrigir o que você está dizendo.

ceepore *AT.* cortar num ângulo reto (tábua, madeira).

ceesî *S.* tipo de capim da mata cujo caule é quase tão grosso quanto um lápis.

ceetîy *AT.* esticada (rede), usado para arbustos entortados prontos para voltar à posição ereta. *Veja:* **(t)aatîy.**

cehyakata *S.* três pedras ou pedaços de barro duros usados como suporte para colocar potes em cima de uma fogueira.

cekye *S.* espinho. **Cekyem wapik oko.** Pisei num espinho **Cekyekyem (ATZD) + (NMZD) kpata.** Kapata é espinhoso.

cemahka *S.* pequeno papagaio verde.

cemaro *S.* mentira. **Cemaro me wencesî yîmtapotarî.** Acredito que ele está mentindo. **Cemaronwasî (VBZD) kica.** Ele está mentindo. **Cemarontara wasî.** Não estou mentindo.

cemî *ID.* piscar o olho.

cemyapore *AT.* guardando bem as coisas. **Cemyapore mem awuhre cirko.** Guarde a sua arma em um bom lugar. **Cemyaporem (NMZD) mîkro.** Ele é um que guarda bem as suas coisas.

cererepe *AT.* quebradiço. **Cererepe tak nasî kaamo ywaw cexirî ke.** Seco porque ficou no sol. **Cererepo (NMZD) mîn.** É quebradiço. **Cererepam (VBZD).** Ficou quebradiço. **Cererepamnoko (VBZD).** Ficou seco e quebradiço.

cewararî *AT.* inteiro, em um só pedaço. **Cewararî rma eeko.** Traga tudo num pedaço **Cewararîno eeko.** Traga aquele (livro contendo livros pequenos) numa só capa.

cewawkuma *S.* Tipo de veneno para peixe (umawa). O veneno não muito forte. *Veja:* **yarpocic: umawa.**

ceweka *S.* peixe pequeno parecido com warakaka.

cewnapo *AT.* rosto, abertura para o chão. **Cewnapo nasî.** (A canoa) está virada. *Veja:* **ewnapo.**

cewñe *AT.* um, sozinho. **Cewñe kyam kîwcesî.** Vou sozinho, eu suponho. **Cewñe mak eeko.** traga só um **Cewñan (NMZD) mîkro.** Ele nasceu só (não eram gêmeos).

cewru *AT.* apontando na direção certa. **Xiya cewru esko.** Aponte nesta direção.

cewyaro *AT.* sozinho. **Cewyaro cirko.** Coloque sozinho. **Cewyarono komo ya ekatîmcoko.** Conte para aquelas pessoas que vivem sozinhas.

cewyowe *S.* passarinho com peito amarelo como ciripipi.

cey *ID.* tocar, eufemismo para relações sexuais, acender um fósforo ou qualquer fogo.

ceypu *AT.* duro. **Ceypu nas oko.** É muito duro **Ceypam (VBZD) tak.** Ficou duro **Ceypuru (NMZD) toopu.** A rocha é dura.

ceyxu *ID.* queimar, incendiar.

che *PP.* entre (Afixação: cheka, chere, chey (raro), chekan, chewno). **Wapixana komo chew nasî.** Ele está entre os Wapixanas. **Acheka mohxapu komo wakrecoko.** Sejam bons para estranhos que estão entre vocês.

chow *ID.* pegar. **Chow kasko.** Pague-o.

cicakî *S.* orvalho. **Cicakî wekama.** O orvalho me deixou molhado. **Cicah keñe nasî cuupu.** Tem orvalho na grama.

cicañe *AT.* cuidadosamente. **Cicañe ahsîko.** Segure cuidadosamente.

cicîrmay *AT.* preta (nuvem). **cicîrmayem** coisa preta

cicka *VT.* raspar, limpar - Usado somente em palavras compostas. **Ehtacickakî (INZD).** Limpe os seus pés. **Ecickakî** Limpe o (sangue) em você. *Veja:* **icka.**

cicwiye *AT.* preta. **Cicwiye nasî.** É preto. **tahrem cwintho (NMZD)** fuligem no lado de fora de um pote

ciima *S.* pequeno macaco marrom de rabo comprido. *Veja:* **cakaɲma.**

ciipo, cpo *(from:* **cpo)** *S.* tinta vermelha para o rosto (feito de sementes do urucu). **Ciipo eeko.** Traga a tinta vermelha. **Ocpon eeko.** Me traga a minha tinta vermelha de rosto. */Fono:* Poss.: -n/

Ciisusu *S.* Nome de Jesus usado nos primeiros anos. Foi substituído por Xesus para ser semelhante ao Português.

ciki 1) *PRT.* pequeno, uma pequena quantia (Pode também expressar a idéia de afeição). **Omariyan ciki.** A minha pequena faca. **Omxîkrî cik amoro.** Você é o meu filho querido.

ciki 2) *ID.* empurrar. **Ciki kacoko.** Todo mundo empurrem!

cikiri *S.* escorpião. **Cikiri oyeska.** O escorpião me ferrou.

cimñipu *S.* epoca chuvosa, de enchente, ano. **10 cimñipu tak nasî ewrutoponhîrî.** Ele tem 10 anos de

idade. **Cimñipu tak mokyasî.** Chuvas de enchente estão caindo agora. **cimñipu yimaw.** no tempo chuvoso **cimñipuntache** depois do começo da época chuvosa

cipi *ID.* gotejar, pingar. **Cipi cipi kesî.** Está gotejando.

cirak *ID.* esguichar (qualquer líquido).

ciriciri *S.* árvore florestal de frutas amarelas.

ciriciri *S.* inseto que canta a noite.

ciripipi *S.* bem-te-vi.

cirow *ID.* nascer.

cîrmi *S.* flecha de ponta de osso.

ciwya *S.* ilha. **Ciwya tan eepu kwaw rma.** Isto é uma ilha no rio.

cixke *.IT.* acesso a alguma coisa ou passar por um lugar escondido por trepadeiras ou arbustos. **Cixhe xa nasî.** (Acesso ao porco que morreu está) escondido pelas trepadeiras e arbustos. **Cixkem okwe.** (O acesso é difícil por causa de) muitos objetos finos.

ciyaxkem *S.* (ATZD) + (NMZD) - cabeça de flecha farapada. **Oyuhre pono pohcukmesî ciyaxkem.** Estou afiando a ponta da cabeça da flecha farapada. *Veja:* **yaxi.**

cma *PR.* indica que a ação oposta pode ocorrer ou já ter ocorrido. **Wahsî cma.** Eu a peguei (mas talvez não). **Owî cma re makronomesî.** Por favor me ajude.

cmay *ID.* chicotear.

cmo *ID.* beijar fazendo um som, bater no superfície da água.

cmow *ID.* bater com uma vara.

cokna *S.* pequeno peixe.

coko *VI.* soluçar. **Kîcokonasî.** Estou soluçando.

cokocoko *S.* peru.

cokopow *PRT.* colocar carne no caldo.

comota *S.* floresta, selva, mato. **ocomotan** minha floresta */Fono:* Poss.: -n/

coomo *S.* floresta plana.

coowi *S.* papagaio de tamanho médio que pode aprender a falar.

copoye *.IT.* cheio. **copoyem (NMZD)** algo que está cheio

coro *S.* coração (geralmente refere-se ao órgão físico). **ocoro** Meu coração **Tîcorokem (ATZD) + (NMZD) xa caana ñhe.** Aqueles que são atrevidos, falam sem diplomacia. **Corohnî mîkro.** Ele fala com ousadia (fala nomes e não títulos) **Corowaypîra (CPD) nasî.** Ele não fica sem fôlego.

coropopo *S.* pequeno papagaio cinza.

coĥoĥma *VT.* quebrar em pedacinhos (Forma transitiva suposta mas não observada.). **Ñecoĥoĥma (INZD) okwe.** Quebrou em pedaços.

coĥoĥo *ID.* quebrar em pedacinhos. **Ñecoĥoĥoma.** Quebrou em pedacinhos.

coĥoĥwa *S.* andorinha.

cow *PRT.* todos juntos fazendo uma ação. **Cow wara mohcow.** Eles se juntaram. **Cow cuk.** Atirar uma flecha para cima e atingir um alvo. **Cow curay.** Atirar uma flecha mas errar completamente. **Cow kriki.** Atirar e atingir ???.

cowhcow *ID.* cortar capim alto com um machete. **Cowhcow kasko.** Corte-o com o terçado.

coyhcoy *PRT.* andar na ponta do pé. **Coyhcoy kasko.** Vai na ponta do pé.

cu *VT.* vermelho, amarelo, laranja, maduro. **Cucure nas oco.** É muito vermelho. **Yucuhra nay.** Não é muito vermelho. **Cucurem (NMZD) ke ow ehcemakî.** Me trata com o tipo vermelho (remédio). **Xmari yorî wucuresî (VBZD).** Estou pintando os dentes do ralador vermelho. **Tuxma nuewasî (VBZD) .** As bananas estão ficando amarelas. **Yucutara (VBZD) + (ATZD ka nasî.** Elas não ficaram amarelas ainda. **Yucuru tan.** (As bananas) estão maduras.

cucuk *ID.* afixar no chão.

cucukmi *S.* papa-figo de pomar.

cuhcu *ID.* andar, dar passos.

cuhwa *VT.* na floresta (usado por pessoas que ficam vários dias na floresta). **Meye cuhwaw nasî.** Ele está bem dentro da floresta. **Cuhwaka kayka.** Vamos para a floresta.

cukmape *VT.* macio. **Cukmano (NMZD) xe wasî.** Quero um que é macio. **Yucukmareko (VBZD).** Amaciar.

cukuhcuku *ID.* pequena onda.

cukupi *S.* passarinho mergulhador de tamanho médio.

cukururu *S.* tipo de árvore cujas folhas caem anualmente.

cukuywe *S.* água quente para aplicar no corpo. **Cukuywe cirko.** Coloque água quente nele. **Yucukuywemakî (VBZD).** Coloque água quente nele.

cumi *VT.* enrugado (raro) (veja (tu)skurumi(y)). **cucumity** enrrugado **Tmacumiy (CPD) xakñe.** O assento dele estava enrrugado.

cumuru *S.* Tipo de formiga com uma ferroada muito forte. Algumas são vermelhas e outras pretas.

curuhtow *PRT.* pular para o chão, sair de uma rede. **Curuhtow kasko.** Pule para o chão.

cutay *ID.* quebrar (corda, cordão, fio).

cuupu *S.* grama.

cuure *S.* beiju.

cîkî *ID.* amarrar, fazer tenso, apertar. **Cîk wara yimiko.** Amarre tenso. **Cîk cîk cîk.** Ele amarrou.

cîkînîn *AT.* totalmente escuro. **Cîkînînpe nasî.** Está muito escuro. **Cîkînîntaka tomo.** Ele entrou na escuridão. **Cewcîkînîno (NMZD) tuuna yewru.** Uma nuvem de chuva muito escura.

cîkîrîrî *S.* tipo de peixe de tamanho pequeno com nariz longo.

cîmîkî *AT.* gosto amargo. **Cîmîkî nasî kica.** É muito amargo. **Cîmîkno (NMZD) ermomko.** Engula o tipo amargo (remédio)

cîrîrî *S.* passarinho pequeno de cor vermelho brilhante.

cîwya *S.* mel, amado (falado entre pessoas casadas - raro).

cway *ID.* acender um fósforo.

cwi *AT.* preto. **tahrem cwintho** fuligem preto num pote de cozinhar **Ciewiye nasî.** É preto. **Yiewireko (VBZD).** Fazer preto.

cwotu *S.* frio intenso. **Cwotu kahsîya.** O frio intenso nos afeta. **Kuewotureñe (VBZD) + (NMZD)** algo que nos deixa com muito frio

E - e

ecakî *VI.* queimar. **Kecak oco.** Me queimei **Ecakîra weexi.** Não me queimei. **Mecakyasî men oco.** Tome cuidado, você pode se queimar. *Veja:* **akñipu.**

ece *VT.* tocar (um instrumento de sopro), encher. **Raatî weceyasî.** Estou tocando uma flauta. **Ecehra wasî.** Não estou tocando-o. **Eceko.** Toque-o.

ececoka *AT.* tendo dois lados, usando ambos (mãos, braços, etc.). **Ececoka ahsîko.** Segure com as duas mãos. **Yawaka wahsî ececokan (NMZD).** Comprei um machado afiado dos dois lados.

ecehto *VT.* suportar (mecânico, ou encorajamento), firmar, fazer o inimigo correr. **Kanawa ecehtoko.** Segura a canoa para não balançar. **Taa, wecehcesî.** Está bem, vou segurar para não balançar. **Ecehtora thakwa wasî.** Não posso suportar. **Kecehtoñe (NMZD) komo mîkro.** Ele é o que nos sustenta **Ececetocoko (NMZD).** Fiquem parados. **Epanayececetocoko (CPD).** Escute cuidadosamente. *Veja:* **ecetî.**

ecen *PP.* no mesmo nível. **Mîîmo yecento nasî.** Está nivelado com a casa. **Ewto yeceñe awexitaw îîpî enko.** Quando você estiver bem ao lado da aldeia procure as montanhas.

ecenarî *AT.* mesmo tamanho, mesmo tempo. **Oyecenarî nasî poono.** O casaco é do meu tamanho. **Ececenarî amna ñepataka.** Nós chegamos ao mesmo tempo **Ecenarîno (NMZD) tîmko yîmya.** Dê a ele um do seu tamanho.

ecepu *S.* vara (de pescar), armação no qual se afixa coisas. **kiiwi yawyoci yecepu** vara de pesca **Mîîmo yecepu wenwo.** Vi a armação da casa.

ecetî *S.* suporte, braçadeira. **Mapata yecetî eeko.** Traga a braçadeira para o poste da casa. *Veja:* ecehto.

echî *S.* beira da água. **Echîra ro mak nasî tuuna ymo.** O oceano não tem beira. *Veja:* **eeco**. *[Fono:* Poss.: -rî*/*

ecihta *AT.* beira do rio, igarapé. **Ecihtaw kîwînîkyasî.** Vou dormir à beira do rio. **Ecihtaka kayka.** Vamos à beira da água.

ecim *VT.* envenenar (peixe). **Aporî wecimyasî.** Vou envenenar (os peixes) no igarapé. **Ootî yecimos (ATZD) kîwcesî.** Vou envenenar os peixes.

ecmam *VI.* atrasar, demorar. **Kecmamyas okwe.** Estou ficando atrasado. **Ecmamra wasî.** Não me atrasarei. **Ow mecmamnoyasî.** Você está me atrasando.

ecorî *VI.* cozinhar. **Ñecorî owya.** Acredito que está pronto (cozido). **Ecorîra nasî kica.** Não está pronto. *Veja:* **yo**.

ec(i)pu *VI.* sarar (de uma corte, ferida, ou machucado). **Ñecihyas amñe.** Vai sarar mais tarde. **Ecpîra nasî.** Não sara. **Tan wasî ecihtopo mîtwo.** Vou ficar aqui enquanto sara.

ee *PRT.* Uma expressão que indica sucesso. É usado com entonação decrescente. **Ee, kîrwañhe tak nasî.** Olhe, está bom agora!

eeco *S.* o outro lado, um lado. **Eeco me mak ahsîko.** Pegue com uma só mão. **Eeco pona kayka.** Vamos para o outro lado (do rio).

eekî

eem *S.* testículos, bolas. **emkaxapu (VBZD) + (NMZD)** alguém que foi castrado. **oyemru** meus testículos **Eem poko nas amna.** Nós estamos brincando com a bola.

eemipu *VT.* consertar (com linha ou fio). **Eemtho weemiyasî.** Vou consertar a bola. **Aponon eemiko.** Conserte a sua roupa. **Eemipu xe wasî.** Quero consertá-lo.

eemîtî *S.* qualquer lenha grande.

een

eepata *PP.* diante do rosto dele, em frente dele. **Awepataw roro etoko.** Siga em frente. **eepataka** colocar na frente dele **eepatay** na frente dele

eepatarî *S.* rosto. **oyepatarî** meu rosto **eepatarî** rosto dele

eepoku *VT.* não atingir o alvo, jogar um objeto e não atingir o alvo, mas atrair atenção, ameaçar com um pau. **Ehyu ñeepokyasî.** A ponte é muito curta. **Wooxam oyepoku.** A mulher jogou alguma coisa em mim (para chamar a minha atenção). **Eepokura esko.** Não o ameace (com esse pau).

eepu *S.* rio, tronco, (de uma árvore), chefe (de uma aldeia). **Eepu kwaka korokakî.** Lave-os no rio. **Tuuna yepu mîm Aanawa.** Aanuwa é um rio. **Krapa yepu kararaka.** Ele rachou tronco de um arvore do que se faz arcos. **Eepu mîkro.** Ele é o chefe. **Weewe yehto nasî.** Está perto do tronco da árvore. **Weewe yehkoso arko.** Leve-o para perto do tronco da árvore.

eerî

eeta *S.* acampamento. **Kraywa yetatho tan.** Os brasileiros acamparam aqui. **Eeta yaka kayka bara.** Vamos voltar ao acampamento **Ketarî tan.** Esse é o nosso acampamento.

eetu *S.* pica-pau. **eetu kanahcuru** ???

eewopon *S.* véu. **noro yeewopon** o véu dela **Ciisusu ñewoponcetkeñe. (TNZD)** Eles cobriram o rosto de Jesus. **Eewopontora xatkeñe. (ANZD)** Eles não cobriram o rosto dele. **Ñesewoponto.** Ele cobriu o seu rosto.

eewînîkî *VI.* adormecer, dormir, cochilando. **Keewînîkyasî mak kica.** Estou cochilando muito.

eexe *S.* garganta, voz, tom (alto ou baixo). **oyexe** minha garganta **Eexe tî ñerewa.** Ele fala que a garganta dele doe. **Exehra was okwe.** Estou rouco **Kexehkesî (VBZD).** Nós faz rouco. **Cexewonpaxi (CPD) + (ATZD) waxî.** A minha garganta está áspera. **Cexerore (ATZD) nasî.** Ele tem pele solta no seu pescoço. **Exehcime wiheiw kica.** Comecei muito alto (a canção)

eey *PRT.* grito para chamar atenção de uma pessoa distante.

ehcema *VT.* dar remédio, tratar uma doença ou uma ferida. **Ehcemano wiîrasî.** Vou tratar os que estão doentes. **Kehcemacho yaka kîwcesî.** Vou à clínica. **Kesehcemesî.** Vou me tratar.

ehcemawre *AT.* ao mesmo tempo. **Ehcemawre mohcow.** Eles vieram ao mesmo tempo.

ehci *S.* remédio. **Oyehci xe wasî.** Quero remédio para mim.

ehcoki *VI.* fazer um som esfregando um objeto contra outro. **Ñehcokiyasî.** Range quando esfregar um no outro.

ehcopo *AT.* comprimentos desiguais.

ehe *PRT.* expressão que significa levar, aqui está. **Ehe, ahsîko.** Aqui está leve-o.

ehku *S.* seiva (de uma árvore), resina. **Weewe yehkutho on.** Isto é seiva de uma árvore. **Cehkuke (ATAZD) nasî.** Tem seiva, é grudento. **cehkukem (ATZD) + (NMZD)** cola

ehña *VI.* falhar, ficar frustrado. **Kehñesî mak okwe.** Estou falhando (no meu trabalho). **Ehñara ro mak nasî kaan.** Deus nunca falha.

ehroka *VI.* tropeçar. **Kehroka oko.** Tropecei **Ehrokara weexi.** Não tropecei.

ehsama *VI.* esmolar. **Kehsames apoko oporin me awexirî ke.** Estou lhe pedindo esmola você porque você é meu pai. **Ehsamara wasî.** Não vou esmolar.

ehtopo *S.* caráter de uma pessoa, saúde de uma pessoa, notícia sobre o mesmo. **Ero wa awehtopo wentay.** Ouvi sobre você (que você estava doente) **Awehtopo ekatîmko.** Conte como você está (no seu coração) **Kañpera awehtopo wencekñe.** Ouvi que você estava doente. *Veja:* **eka(ci).**

ehtura *AT.* silenciosamente. **Ehtura amtopotakî.** Suspiro **Ehtura moko.** Ele veio silenciosamente.

ehyatka *VT.* esticar, espalhar. **Arami wehyatkesî.** Vou esticar o fio. **Ehyatkara wasî.** Não vou esticá-lo. **cesehyatkaxmu (ATZD) + (NMZD)** elástico **Eseyhyatkacoko.** Estique seu corpo por um momento.

ehyatkaw .IT. comprido. **Ehyatkawno (NMZD) tuxma.** O cacho de bananas é comprido. **Ehyatkaw xa nasî.** É muito comprido. *Veja:* **akwerî, amtarî.**

ehyatî .N. espinha dorsal. **oyehyatî** minha espinha dorsal

ehyepu .N. árvore da floresta, madeira de lei, boa lenha para fogueira.

ehyu .N. ponte, escada, veículo, mensageiro, **oyehyun.** minha ponte, escada **Ehyumra ro mak wasî.** Não tenho nenhum veículo para viajar. **Ehyumakî (VBZD).** Faça uma ponte de um lado ao outro.

eka .N. notícia sobre ações ou movimentos. **Awekaci wentay.** Ouvi sobre você (sua vinda) **Poñko yekahtoso (VBZD) + (ATZD) tomo.** Ele foi falar sobre a vinda de porcos do mato. *Veja:* **ehtopo, ekarî, ekaypore, ekatîmî.**

ekahri .IT. ferir mas não matar. **Yaypî wekahriw kica.** Eu o acertei mas não matei a anta. **Ekahrira men esko.** Não deixe de matá-lo **Ekahrixapu (NMZD) wîtwotîka.** Acabei de matar o animal ferido.

ekama .IT. ter alguma coisa esfregada, lambuzada em você, receber alguma coisa difícil ou dolorosa. **Tînahrî ñekamatîka kica.** A comida (da criança) foi lambuzada sobre ela. **Yaymo makro ka wekamesî.** Primeiro, vou colocar adorno de plumas de águia no meu cabelo. **Kaanî rwon men mekames okwe.** A ira de Deus certamente cairá sobre você.

ekamu .IT. distribuir objetos ou porções para pessoas. **Cuure wekamyasî.** Vou distribuir pão de cassava. **Taa, ekamko.** Está bem, distribua-o. **Ekamura wasî.** Não vou distribuir.

ekanîpu .IT. apontar para algo ou alguém, acusar alguém. **Kanawa wece ekanko.** Aponta para o avião. **Ceñepañem ñekanîyakñe kuruxman ya.** Ele acusou o ladrão diante do policial. **Ekanpîra wasî.** Não vou acusá-lo.

ekarito .IT. usar toda força para fazer alguma coisa. **Omararîn poko kekarito.** Me esforcei na minha roça. **Ekaritora esko.** Não use toda a sua força. *Veja:* **kaþpe.**

ekarî .N. um mensageiro que leva notícias sobre uma festa ou qualquer projeto de um grupo. **Tooto moko wooku yekarî.** Alguém veio para falar sobre uma festa. *Veja:* **eka(ci).**

ekaŕka .IT. ficar cansado, fraco. **Kekaŕka kica.** Fiquei cansado. **Eremacoko awekaŕkache (ATZD) so.** Sente-se quando você ficar cansado.

ekatka .IT. assustar. **Oyekatka.** Ele me assustou. **Kesekatka (NZD).** Fui assustado (de repente).

ekatî .N. sombra, espírito (de alguém), retrato. **Oyekatî weeñasî.** Veja a minha sombra. **Kaan Yekatî.** O Espírito de Deus. *Veja:* **kuknon.**

ekatîmî .IT. contar. **Owtotoponho wekatîmyasî.** Vou contar sobre minha viagem. **Ekatîmra/Ekatmîra wasî.** Não vou contar. **Kesekatîmyasî (NZD)** Vou dizer adeus, ou vou contar a minha história.

ekayma .IT. empregar, dar trabalho para uma ou mais pessoas. **Entacoko ka awekaymacho komo.** Escute agora a chamada para trabalhar. **Amoro xa ekaymakî.** Você é a pessoa que distribui o trabalho.

ekaymo .IT. tendo bom sucesso (em caça). **Cekaymore cetkeñe.** Eles foram e mataram muita caça.

Ekaymora cetkeñe. Ele foram e não tiveram sucesso.

ekaypore *VT.* contar. **Wekayporesî.** Vou contar. **Cekaypore (ATZD) mak ciri xe wasî.** Só quero fazer em aberto, não em segredo.

eken *N.* lugar permanente, quarto ou espaço para alguma coisa. **Oyeken tan.** Aqui é onde eu moro. **Ekemra was okwe.** Não tenho nenhum lugar para morar. **Kesekenmesi (VBZD).** Vou fazer um lugar para morar.

eketu *VT.* ficar flexível. **Ceketwe nasî.** É flexível. **Ñeketuñesî (VBZD) ocoronpetaw.** Ficar flexível quando esquentado. **Eketunara (VBZD) + (ATZD) nasî.** Não fica flexível. **Eketumra way.** Não sou flexível.

ekexe *N.* árvore de madeira macia e branca.

ekma *VT.* enrolar esfregando na perna. **Krewetî wekmesî.** Estou enrolando na perna. **Ekmara wasî.** Não estou enrolando.

ekmi *VT.* torcer. **Torowo yîpîmîyekmiko.** Torce a cabeça do passarinho. **Esekmitopo to nasî.** Esta é uma curva no rio. *Veja:* **etamixwotopo.**

ekna *N.* forquilha (árvore), virilha. **oyeknarî mina virilha Weewe ñeseknakay (VBZD).** O ramo da árvore rachou. **Weewe ñeseknacekñe (VBZD).** Brotaram galhos da árvore. **Keseknaka.** As minhas pernas estão abertas. */Fono:* Poss.: **-rî/**

ekono *N.* irmão, irmã (raro).

ekposî *VT.* fiar. **Mawrî wekposasî. Ekposîra wasî. Ekposko.**

ekreweka *VT.* fazer nó numa corda escorregando até ficar apertado. **Ñekrewekesî.** (A corda) vai escorregar e ficar apertada.

ekîamanka *VI.* esfolar. **Kekîamanka oko.** Me esfolei. **Ekîamankara weexi.** Não me esfolei.

ekuhyatu *VT.* cortar ou quebrar de um lado. **Ñekuhyatu kica sahsa.** O serrote serrou para o lado **Ekuhyatura ñeexi.** Não cortei para o lado.

ekum *VT.* tendo curvas (rio, estrada). *Veja:* **ekunu.**

ekunparaxi *N.* decoração usado no quadril.

ekunu *N.* quadril. **ekunwarekon (CPD)** decoração usada no quadril (com penas) **ekunparaxi (CPD)** decoração usado no quadril (com penas) **Oyeknu ñerewasî.** Meu quadril dói **Keseknuka (VBZD) oko** Meu quadril se deslocou. **kekunparin** nosso quadril **Ekunkakî.** Desvie-se. (para as vespas não te ferrarem)

ekusu *VT.* difícil para se lidar. **Cekuswe nasî paranc makuywexapu.** É difícil lidar com o melado. **Ekusura nasî.** Não é difícil lidar.

ekî *VT.* trazer. **Awotî weekî.** Lhe trouxe um pouco de carne. **Ekîhra weexi.** Não trouxe. **Eeko amñe.** Traga depois. **Akaritan ekpoko amñe oñenîrî.** Mande-me (fazer alguem trazer) uma carta mais tarde.

emahci *VI.* correr, fugir. **Kemahciyasî.** Estou correndo. **Emahcira wasî.** Não estou correndo. **Emahciko!** Corre!

emakpoponka *VI.* borbulhar. **Ñemakpoponkesî. Emakpoponkara nasî.**

emañipu *VI.* Olhar uma criança brincar, deixá-la brincar. **Wakwak wemañyasî.** Estou olhando o meu irmão brincar. **Wakwak wemanmekyasî** Estou olhando o meu irmão brincar. **Esemañpîr (NZD) esko.** Não brinque. **Kesemañasî (NZD)** Estou brincando.

emapipo *VI.* Um fincado atras do outro, um bem atrás de um outra. **Emapipo ñetahsîyakñe.** (A flecha) fincou atrás da outra. *Veja:* **mka.**

emapona *VI.* freqüentemente. **Emapona roro kasko.** Fazer/falar freqüentemente. *Veja:* **emasîspona.**

emaraka *VI.* cair (de um lugar seguro ou de repouso). **Rikomo ñemaraka okwe.** O bebê nasceu prematuramente. **Akaritan ñemarakesî.** Seu livro está caindo (fora do seu lugar). **Emarakara nasî.** Não vai cair.

emasî *N.* menina (13 anos ou mais), uma mulher na faixa de idade de ter filhos. **Emasî komo mak ñewanomacowpe.** Deixe somente as mulheres cantarem. **Ñemasînta (VBZD).** Ela alcançou a puberdade.

emasîspona *VI.* repetidamente. *Veja:* **emapona.**

emaxixito *VI.* ir para atrás. **Ñemaxixicesî.** está indo para atrás. **Emaxixitora nasî** Não está indo para atrás.

emcapu *VI.* bocejar. **kemcayasî kica.** Estou bocejando muito.

emci *VI.* pegar numa armadilha. **Memciw.** Você o pegou numa armadilha. **Emcira ñeexi.** Eles (os peixes) não foram pegos. **Memcinopu?** Você pegou qualquer coisa?

eme *VT.* saborear, beber devagar. **Weenu wemyasî.** Estou bebendo mel devagarinho. **Emehra wasî.** Não estou bebendo-o.

emeknu *N.* punho. **Ñerewasî oyemknu.** Meu punho dói.

emeknum *N.* bracelete, pulseira de contas ou casca de árvore. **Oyemeknumci (CPD) xe wasî.** Quero um bracelete para mim. **Emeknumira wasî.** Não tenho bracelete. */Fono:* Poss.: -ci/

emeknuwañko *N.* bracelete feito com penas ou contas. **Emeknuwañko (CPD) kahyasî.** Estou trançando um bracelete com penas.

emepu *N.* aljava. **Oyemehnu** minha aljava */Fono:* Poss.: -nu/

emetanmekî *VT.* machucar, perseguir, causar pobreza, causar dor, não funcionar bem (máquina, aparelho). **Oyemtanmekyasî kica.** Ele está me perseguindo muito. **Emetanmekîra wasî.** Não estou perseguindo-o. **Amna ñesemetanmekyasî (NZD) mak okwe.** - Nós somos muito pobres, nós temos grandes necessidades. **Atpotopo ñesemetanmekyasî.** A máquina de costura não funciona bem.

emici *VT.* submergir, batizar, pôr do sol. **Kemihcasî.** Vou submergir. **Emicira wasî.** Não vou submergir. **Emicixapu owî.** Fui batizado. **Kemicinoyasî (TNZD).** Vou lhe batizar.

emkna *N.* bracelete feito de material duro. */Fono:* Poss.: **-rî/**

emku *N.* engano, decepção. **Emku me mak tupurantan nahsîyakñe kica.** Ele ganhou seu dinheiro por decepção.

emkutu *IT.* gemer, produzir sons devido a dor profunda. **Ñemkutunasî.** Ele está gemendo.

emokoto *IT.* cair (árvore, pessoa). **Ahna ñemokoce?** Em qual direção vai cair (a árvore)? **Emokotora ka nasî.** Não está pronto para cair ainda.

emru *IT.* macerar, ficar macio (fruta esquentada em água). **Kuum ñemru.** A bacaba está macia. **Emrura ka nasî.** Não ficou macio ainda. **Cemruso tak nasî.** Está macio agora.

emsî *N.* filha. **oyemsîrî** minha filha **emsîthîrî** filho dele/dela (de uma pessoa que já morreu ou de uma pessoa cuja filha tenha morrido) */Fono:* Poss.: **-rî/**

emtacho *PP.* o morro oposto, com um vale entre um e outro.

emtaka *PP.* ao invés dele, no lugar dele, oposto. **Ciisusu wayhyakñe kemtakan (NMZD) me so.** Jesus morreu no nosso lugar. **Ocowo yemtaka etocoko.** Vai contra o vento.

emtakayma *IT.* fazer troco, retribuir. **Wemtakaymesî.** Estou fazendo trocado. **Ñemtakaymesî.** Ele está pagando-o pelo que fez.

emtaraka *IT.* gritar (sem usar palavras). **Ancu karaytomon ñemtarakes amñe.** O arcanjo vai gritar. **Emtarakara weexi.** Não gritei.

emtawa *IT.* comer carne. **Emtawaxi (ATZD) kîwcesî.** Vou comer carne.

emîknopu *IT.* enganar (por não mantendor uma promessa), desapontar. **Emîknopu xera wasî.** Não quero lhe desapontar. **Kemîknoñe pîn mîkro.** Ele não vai nos enganar/desapontar.

emîrpo *IT.* entupir (um cano ou esôfago). **Ñemîrpo.** Alguma coisa ficou presa na garganta dele. **Ñemîrîyasî men oko.** Vai ficar preso na garganta dele.

emya *PP.* na mão. **Oyemyaw nasî.** Está na minha mão. **Emyaka mak nîîm.** Ele emprestou a ele. **Oyemyawno (NMZD).** minhas coisas, o meu negócio **Emyawnomra (NMZD) + (ATZD) wasî.** Não tenho coisa alguma.

emyacoka *IT.* retirar da mão. **Awemyacokara (VBZD) cma ñeexi.** Não caiu da sua mão.

emyapoka *IT.* fazer um bom trabalho. **Kesemyapokesî.** Vou fazer um bom trabalho.

emyarî *N.* trabalho que se planeja fazer ou tem que fazer, trabalho que alguém está fazendo. **Cemyarke wasî.** Estou ocupado. **Emyarîra wasî.** Não estou ocupado. **Oyemyarîrî.** O meu trabalho. */Fono:* Poss.: **-rî/**

emyatî *N.* beira (roça, território). **emyatwo** ao longo da fronteira territorial. */Fono:* Poss.: **-rî/**

en *N.* vasilhame, meio de transporte, lugar. **Awen tak mokyas okwe.** Que pena, o avião no qual você vai voar está chegando. **Teneñe xe wasî tuuna yen.** Quero um balde para pegar água. **Enîmra nasî.** Não tem nenhum vasilhame. **Noro yenho me ñetapicka.** Ele trabalhou no seu lugar. **Een xe wasî.** Quero

um vasilhame para isso.

ena *PP.* no colo. **Tîson yenaw nasî rikomo.** A criança está no colo da sua mãe. **Esenaw ro naxe.** Eles estão deitados nos braços um do outro. **Cipici yenaka ãetakriw.** Ele deitou na rede com a sua esposa.

enatî *VI.* completo, acabado, passado (tempo). **Kîypothîrî ñenat okwe.** Acabamos de plantar a nossa mandioca. **Enatîra nasî.** Não acabou tudo. **Cimñipu ka wenatkesî (TNZD) tan.** Vou ficar aqui para o final da época chuvosa.

enaykoto *VT.* tirar uma criança do colo de alguém.

enhîyakama *VT.* providenciar alguma coisa para tomar o lugar de outra coisa. **Wenhîyakamesî.** Ganhar mais dinheiro para substituir o que tinha. **Amna ñesenhîyakamesî (NZD).** Nós revezamos.

enkapu *VT.* colocar dentro de alguma coisa. **Kanawa yaka wenkayasî.** Vou colocar dentro da canoa. **Enkapîra wasî.** Não vou colocar dentro. **Kesenkayasî ou Kesenkesî (NZD).** Vou entrar na (canoa, carro, avião). **Enkakî.** Coloque dentro.

enku *VI.* ferver. **Ñenukyasî tak kaxara.** A sopa está fervendo agora. **Enkura ka nasî.** Não está fervendo ainda. **Enukreko.** Aqueça-o até o ponto de ferver. *Veja:* **yo.**

enkî *S.* comida para uma festa. **Jesus yewrutopo cenkîcesî. (VBZD)** Nós fizemos uma festa para o aniversário de Jesus. */Fono:* Poss.: -rî/

enmaka *VT.* fazer a noite toda. **Wenmakesî.** Vou (dançar) a noite toda.

enmamnopu *VT.* mudar o tempo de um evento para mais tarde, espalhar. **Kesenmetopo wenmamnopu.** Mudei nossa reunião para mais tarde. **Wehto ñesenmamye.** O fogo se espalhou e cobriu o território.

enmapu *VI.* amanhecer, pernoitar. **Ñenmayasî tak.** Está começando a amanhecer. **Enmapîra ka nasî.** Não amanheceu ainda. **Iito rma kenmayasî.** Vou pernoitar algumas noites lá.

enmarî *S.* dia, aurora. **Atararo enmarî iito may?** Quantos dias você vai ficar lá? *Veja:* **kaamo.**

enmekî *VT.* reunir, pedir uma reunião. **Amxîkrî komo wenmekyasî.** Vou reunir as suas crianças. **Kaan mîn tan, kesenmetopo (INZD) komo.** Esta é a casa de Deus, o lugar onde nos reunimos.

enori *VT.* afundar, afogar. **Enorira men etocoko.** Tome cuidado para ir sem afundar. **Kenoriw okwe.** Eu (e a minha canoa) afundamos. **Rikomo ñenore okwe.** As crianças afogaram-se. **Kenorinokañe okoymo.** Sucuris afogam as pessoas.

enpaka *VT.* acordar. **Ahcemaw kenpake?** Quando devo lhe acordar? **Rikomo enpakara esko.** Não acorde a criança. *Veja:* **paka.**

enpam *VT.* acostumar, hábito. **Kenpam Cow poko.** Estou me acostumando ao Joe. **Enpamra wasî poko.** Não me acostumei a ele. **Wooxam yenpamnotopo. (NMZD) poko nasî.** Ele está usando algo para fazer a mulher amá-lo. **Oyoku wenpamnoyasî.** Eu amanso o meu animal doméstico. **Kenpamnoya.** Tornou-se um hábito para nós.

enpo *S.* coisa bonita. **wooxam yenporî** uma mulher bonita **kîîrî yenpotho** um homem bonito */Fono:* Poss.:

-rî/

enpori *VT.* esculpir, fazer bem. **Owayaru wenpoîasî.** Estou esculpindo um remo para mim. **Taa, enpoîko.** Está bom, esculpe-o. **Enporira wasî.** Não vou esculpi-lo. **Oyehtopo ñenporitîkesî.** Ele me faz ter um bom caráter.

enta *VT.* escutar, entender, pedir informação a alguém, parecer como outra coisa. **Kronî mtapotarî wencesî.** Vou perguntar a Claude sobre isso **Amna ñesencesî (NZD).** Estamos discutindo alguma coisa. **Raatî ka wencesî.** Estou escutando o instrumento musical **Entara wasî.** Não entendo. **Omtapotarî entamexpoko yîwya.** Diga para ele que eu falei.

enuhma *VT.* sacudir (pessoa, animal) dolorosamente. **Oyenîhma oko tarara.** O caminhão me sacudiu. **Kenîhmañe tarara oko.** Caminhões nos sacodem.

enî *VT.* ver, olhar, achar, estimar, reconhecer. **Kanawa weeñasî.** Vejo a canoa **Oyuhre wenwo.** Achei a minha flecha. **Oyentîkesî rikomo.** A criança está com os olhos fixos em mim. **Enîhra was okwe.** Não achei. **Oyopo weeñasî.** Vejo que ele é maior do que eu. **Owya enpoko.** Mostre-me. **Kaan mumuru me enîhra xatkeñe.** Eles não o reconheciam como Filho de Deus. **Cenporem (ATZD) + (NMZD) okre epemrutun!** Que flor bonita! *Veja:* **enpo(rî).** */Fono:* Poss.: -rî/

enîche *PP.* fora da vista, longe. **Awenîche keseyam.** Me escondi de você. (Fora da sua vista) **Kemahciw enîche.** Fugi dele.

enîhto *VT.* abaixar. **Weewe ûhe enîhtoko.** Abaixe a madeira um pouco. **Taa, wenîhcesî.** Está bom, vou abaixá-lo.

eñeka *VT.* acusar, julgar (num tribunal). **Opoyino weñekasî.** Vou acusar uma pessoa da minha própria tribo. **Eñekara wasî.** Não vou acusá-lo.

eñema *VT.* jejuar para ter proteção espiritual. **Keseñemesî.** Estou jejuando para me proteger dos espíritos.

eñepa *S.* segredo, roubar. **Eñepa me tohr esko.** Não vá em segredo. **keñepanthîrî** Nossa tendência no passado era roubar. **Emyawnano poko ñeñepanmo (VBZD).** Ele roubou os bens de outra pessoa. **Eñepamra weexi.** Não roubei. **Eñepatho tonohra cexpore nasî.** Carne roubada não deve ser comida. */Fono:* Poss.: -n/

eñepe *VT.* mandar (pessoa, animal peixe) deixar fugir. **Tîmxîkî ñeñepew.** Ele mandou o seu filho. **Eñepera ñeexi.** Ele não mandou-o. **Ootî weñepew okwe.** Deixei o peixe fugir. (Quase tinha no barco.) *Veja:* **arî.**

eñetî *S.* borda (pano, papel). **Yimiko eñetî poko.** Amarre à borda. **Eñetkakî (VBZD).** Retire a borda.

eñexa *AT.* de lá. **Kmokyasî woskara potaka mak. Eñexa etoko amoro.** Chegarei até a primeira savana. De lá você segue. *Veja:* **to.**

epam *S.* descendentes. **Meîpora tak xatkeñe epamthîrî.** Ele teve muitos descendentes. **Meîpora nasî epamrî komo.** Ele tem muitos filhos e netos. *Veja:* **(ñ)epamka, (ñ)epam.** */Fono:* Poss.: -rî/

epam *VI.* ter descendentes, se tornar numeroso. **Xapari ñepamtika okyo.** Os cachorros ficaram numerosos.

Cepam tak okre. Nós aumentamos até um bom número. **Anatîrî epamnoko (TNZD) tuxma.** Plante mais pés de bananas.

epamka *VI.* ter descendentes (plantas, animais somente). **yîîepamkathîrî (NMZD)** seus descendentes (plantas)

epanîpu *VT.* retribuir, recompensar, fazer o mesmo que outro fez comigo (seja bem ou mal), vingar. **Kepaniyasî.** Vou me vingar de você. **Awepanpîra wasî.** Não vou me vingar de você. **Esepanko (NDZ).** Faça para o mesmo que fez a você. **Twakreñenhîrî komo ñepanîyaxe emetanmetopo ke hara kica.** Eles repagam aquele que foi bom para eles com perseguição.

epataka *VI.* sair (da casa, da cerca, etc.), chegar numa aldeara, levantar (sol, lua). **Waaca yay ñepatakape.** Deixe ele sair da cerca. **Ahcemaw xa ewto pona cepataketu?** Quando chegaremos na aldeia? **Kaamo yepatakacho (NMZD) ñixa mokyatkeñe.** Eles chegaram do leste.

epatam *VT.* entrar sujeira no olho. **Oyepatam oko.** Entrou no meu olho. **Kesepatam (INZD).** Alguma coisa entrou no meu olho.

epeka *N.* irmão (de uma mulher), irmã de (um homem). **Oyepeka moko.** Meu irmão/irmã veio.

epema *VT.* pagar. **Awetapickache kepemesî.** Lhe pagarei quando você acabar de trabalhar. **Awepemara weexi.** Não lhe paguei. **Epemakî.** Pague-o.

epemrutu *N.* flor. **Epemrutun okre.** Flores bonitas! **Cepemrutwe nasê** Tem flores nela. **Ñepemrutunwasî (VBZD).** As flores estão brotando. */Fono:* Poss.: -n/

eperî *N.* fruta, semente. **Eperîrî exihra nas okwe.** Tem frutas nela. **Eperîra nas okwe.** Tem frutas nela **Epetara (VBZD) ka nay ham.** Evidentemente não brotaram frutas ainda. **Ñeperwa na amñe.** Talvez mais tarde as frutas vão brotar. */Fono:* Poss.: -rî/

epeŝa *N.* doença, machucado. **Oyepeŝan wehcemesî.** Vou colocar remédio no meu machucado. **Epeŝa awahsîya.** Você pode pegar uma doença. **Kesepeŝanto (VBZD) + (INZD).** Me cortei. */Fono:* Poss.: -n/

epeŝawokoto *VT.* cortar franja (cabelo). **Kesepeŝawokoto** Cortei minha franja.

epetho

epethîrî *N.* pagamento, preço. **Oyepetho xe wasî.** Quero meu pagamento. **Epethîrî tîmko yuwya.** Dá a ele o seu pagamento. **Oyepethîka kica.** Ele não me pagou o que devia.

epipitko *N.* terçol (ferida no olho).

epiĥmi *N.* rugas na testa. **cepiĥmiyem (ATZD) + (NMZD)** um com rugas na testa

epitaw *PP.* na periferia (de onde pessoas moram).

epixiro *N.* sobrancelhas. **oyepixirorî** minhas sobrancelhas */Fono:* Poss.: -rî/

epo *PP.* por cima, em cima, acima. **Awepoy enko.** Olhe a cima da sua cabeça. **Kepore tomo kanawa.** O avião passou acima de nós. **Epona ñhe aĥmakî.** Atire mais para cima.

epokare *IT.* descansar. **Cepokarecerî ka.** Vamos descansar um pouco. **Epokarera wasî.** Não estou descansar. **Epokareko.** Descanse.

eponameñe re *.IT.* em ordem (pessoas, objetos). *Veja:* **etponameñe re, (t)atî(ke).**

eporî *IT.* procurar, encontrar (com alguem). **Oyuhre wepoŕasî.** Estou procurando a minha flecha. **Eporko ka.** Procure por algum tempo. **Eporîra wasî.** Não vou procurá-lo. **Ewto pona kepoŕatkene.** Eles nos encontraram na aldeia. **Kesepoŕakñe noro yakro.** Encontrei com ele.

epunwa *IT.* está cheia (lua). **Ñepunwa tak nuuñi.** A lua ficou cheia.

epunwekî *IT.* quase não conseguir andar, arrastar-se. **Kepunwekyasî.** Quase não consigo me arrastar.

epuprikî *IT.* arranhar. **Kepuprikyasî.** Estou me arranhando. **Epuprikîr esko.** Não arranhe-o.

epîrka *IT.* cair, aterrizar (avião). **Kepîrka kica.** Eu cai. **Epîrkara weexi.** Não cai. **Epîrkaporo weexi.** Estava prestes a cair.

erasma *IT.* espionar, escutar de um esconderijo. **Cipici ñerasmesî.** Ele está espionando na sua mulher. **Erasmañe komo ñeñepekñe.** Ele mandou espiões. **Ñerasme.** Ela se esconde e escuta o que ele está falando.

eraspeto *.IT.* medroso, coisa que dá medo.

erasî *IT.* estar com medo, ficar com medo. **Keraswasî kopi.** Estou com medo. **Erasîr esko.** Não tenha medo. **Oyeraspew.** Ele me deu medo, me ameaçou. **Erasîra tî nay oyerahtîmtopo (NMZD) pona.** Ele diz que não tem medo do que eu tenho medo.

ere *S.* fígado, centro, alma. **oyererî** meu fígado **erethîrî** o antigo fígado dele **Ñerehxuna (VBZD).** (o rede) Está arquedo no meio. **Cereyakawayem (CPD) + (ATZD) + (NMZD) xe wasî paayu.** Quero um prato fundo. **Oyerekatape (CPD).** Me entristeces. *[Fono:* Poss.: **-rî***/*

ereka *S.* pressa, depressa. **Ereka me ñiiŕakñe.** Ele fez depressa. **Krekanasî (VBZD).** Estou com pressa. **Erekamra esko.** Não fique com pressa. **Oyerekanmekyasî. (VBZD).** Ele me apresa. **Cerekañe (ATZD) karî ke ñetama.** Ele se cortou porque fez com pressa. **Tomoyerekañem (CPD) mîkro.** Ele é alguém que trabalha rápido com as mãos.

erekayakaya *IT.* ofegar, respirar profundo, respirar com dificuldade. **Ñerekayakayanas okwe.** É difícil para ele respirar. **Erekayakayamra nasî.** Ele não está ofegando.

erekî *S.* bolha, qualquer machucado infeccionado. **oyerekrî** meu machucado **Erek me tak nasî.** Tem ficado infeccionado *[Fono:* Poss.: **-rî***/*

erem *S.* canto de invocação para amaldiçoar. **Erem poko tî nay.** Falam que ele canta invocações de maldições **Ceremke (ATZD) tî nay.** Falam que ele sabe invocações de maldição. **Noro pen weremkesî (VBZD).** Vou invocar uma maldição contra ele. **Eremkara (VBZD) + (ATZD) esko.** Não invoque maldições contra ele.

erema *IT.* sentar, vergar, ceder (lado de um pote de barro novo). **Keremes oona.** Vou sentar aqui. **Eremara**

wasî. Não vou sentar aqui. **Rikomo komo eremanmeko.** Fazer a criança sentar.

eremhosî *VT.* empurrar (peso em cima de um objeto). **Weremhosasî.** Vou empurrar para baixo.

erenama *VT.* azucrinar. **Oyerenamesî.** Ele está me azucrinando. **Erenamara esko.** Não o azucrina. **Ñeserenamesî (INZD) omxîkrî.** A minha criança é agitada, não é contente com nada. **Meserenametu (INDZ) na.** Todas vocês podem reclamar. **Ñeserenamamhokesî.** Ele para de sentir com receio.

erepo *VT.* contente. **Cerepore wasî.** Estou contente. **Erepora wasî.** Não estou contente **Ñerepota (VBZD) tak.** Ele ficou contente. **Ñeserepotanmekyasî (VBZD) + (TNZD) + (INZD).** Ele contenta-se. **Oyerepokesî (VBZD)** Ele me faz descontente. **Keserepokes (VBZD) + (INZD) apoko.** Estou descontente com você, preocupado com você (numa maneira boa ou má). *Veja:* **ere(ri).**

erepîkî *VT.* rude (falar rudemente). **Erepîkî nîmtapowasî.** Ele fala rudemente.

erespopo *VI.* bater alto (coração).

eresî *S.* peixe de tamanho médio, longo e fino.

ereta *S.* área do fígado. **Oyeretaî ñerewasî.** A área do meu fígado dói. **Keretawnukya.** Pesa muito no meu coração/alma. **oyeretaw** na parte de cima do meu abdômen. *Veja:* **ere(ri).**

erew *VT.* doer. **Ñerewas oko.** doe muito **Erewra nasî.** Não doe **erewîmrî (NMZD) ke** porque doe **Cerewrem (ATZD) + (NMZD) mîn.** Isso doe muito. **Oyerepesî (TNZD).** Ele me machuca. **Erewuci (NMZD) wara kahsîche so.** (Doença) não nos atingiu com força. **Erewru (NMZD) nukurunke.** Ele aceita dor. **Yîmtapotachonhîrî werewkesî (TNZD).** Eu o perdoei, coloquei de lado a queixa contra ele pelo que ele tinha falado contra mim.

erewnuku *VT.* pressionar para baixo. **Werewnukyasî.** Estou segurando para baixo. **Yimici erewnuko.** Segure para baixo (para não deixar escapar).

erewsî *S.* comida em geral. **Erewsî mîn.** É comida. **Erewusmano (VBZD) + (NMZD) wiîrasî.** Vou alimentar todo mundo. **Rikomo erewsmakî (VBZD).** Alimente a criança. **Werewusmesî (VBZD).** Estou alimentando-o. *Veja:* **eseresma.**

erewto *VT.* ressentir (de palavras ou ações). **Yîmtapotarî tî ñerewto.** Eles dizem que ele ressentiu-se das palavras dele. **Tîyoponkacho meero tî erewtora xakîe.** Ele não ressentiu-se mesmo quando alguém lhe ultrapassou.

erexhu *S.* vesícula. **oyerexkuru** minha vesícula **oyerexkuru yen** minha vesícula

erexkumho *VT.* bater dolorosamente a parte de cima do abdome com uma queda ou pancada. **Oyerexkumho oko.** Me bateu e machucou meu abdome. **Keserexkumho oko (INZD).** Eu (caí e) machuquei a minha barriga.

erexuk *VT.* consternar. **Oyerexukpesî (TNZD).** Ele me faz consternado.

ereyecepu *S.* viga central de uma casa. *Veja:* **makwanan.**

erinatka *VT.* sufocar, afogar. **Ñeserinatkay.** Ele afogou-se.

erkaf̂wa *VT.* orgasmo (mulher).

ermom *VT.* engolir. **Ehci wermomyasî.** Vou engolir o remédio **Ermonra wasî.** Não vou engolí-lo. **Ermoko.** Engula-o.

ermonopu *VT.* colocar para dentro de uma abertura, mandar a bola para dentro de um gol. **Kapikara ermonohko.** Colocar as galinhas dentro do galinheiro. **Antarî ermonohko akamisan yaka.** Colocc seus pé dentro de suas calças. **Emtho ermonohcoko.** Chutar a bola por um gol. **Ermonopura wasî.** Não colocar para dentro (da casa).

ero *PR.* aquele (objeto inanimado). **Ahce ya mîike (waywî)? Yakwe wece waf̂ma ero.** De qual que você está dizendo? Daquele que atirou no tucano. **Ero pînthо mak ceko.** Traga aquela coisa velha. **Ero ke kîwcesî.** Então eu vou. **Ero wa kasko.** Faça desse jeito. **Ero yimaw tocow.** Eles foram naquele tempo. **Ero yinhîrî ceknê hara.** Depois disso ele foi para casa. **Ero ro mîm.** É esse jeito todo o tempo. por natureza.

eroma *N.* o último. **Eromanhîrî on.** Este é o último. **Eroma me tak kasko.** Faça pela última vez.

erî *VT.* beber. **Tuuna weef̂asî.** Vou beber um pouco de água. **Erîhra wasî.** Não vou beber. **Erko.** Beba.

erî *N.* vagina. **awerîrî** sua vagina */Fono:* Poss.: **-rî/**

ef̂mo *N.* argila. **oyef̂mon** argila para o meu uso

ef̂po *N.* fôrma, chapa. **oyef̂porî** minha fôrma **ef̂potho** uma velha fôrma **ef̂po** tipo de vespa cujo nome vem da formato da casa que constróem. */Fono:* Poss.: **-rî/**

esaka *VT.* esquivar (evitar uma pancada), escapar de uma pancada ou ataque de surpresa. **Waywî ñesakesî kica peu.** Os galos das pedras esquivam-se das flechas. **Esakara ñeexi.** Ele não esquivou. **Waywî esakakî.** Esquiva-ser das flechas. **Owaytopo wesakay.** Escapei da morte.

esama *N.* caminho, rua, trilha. **oyesamarî** o caminho para a minha casa. **Esamara nasî.** Não tem caminho. */Fono:* Poss.: **-rî/**

esamato *VT.* ir, andar num caminho freqüentemente (só observado em forma intransitivo). **Kesesamaces okwe.** Tenho que ir e voltar muitas vezes por este caminho. **Oyesesamato xera wasî.** Não quero ir e voltar nesse caminho freqüentemente. */Gram:* Only observed in intransitive form./

esawnuku *VT.* puxar para frente ou para cima por meio de uma corda, corrente, ou madeira. **Kesawnukyasî.** Estou me puxando para frente através de uma corda. **Esawnuko.** Puxa-se para frente na corrente. *Veja:* **awnuku(ko).**

esay *PP.* afastar (de perigo) (raro). *Veja:* **enîche.**

esehsî *VT.* respirar. **Kesehsasî.** Estou respirando **Esesko.** Respire.

esehtînopu *VT.* pensar nas suas próprias qualidades, pensar em alguma coisa. **Kesehtînoyasî ka.** Vou pensar sobre isso por agora. **Esehtînoko.** Pensar sobre isto. *Veja:* **htînopu.**

esemef̂we *VT.* faltar a ferramenta ou meio para fazer alguma coisa. **Kesemef̂wesî.** Não tenho ferramenta para

fazer as coisas. **Esemeĥwera may ham.** Evidentemente você nunca está sem um meio para fazer qualquer coisa. *Veja:* **emetanmekî**.

esemi *VT.* fechar apertados os olhos. **Esemiko.** Feche os seus olhos apertados.

esemoka *VT.* lavar as mãos (para limpeza ou cerimônia). **Kesemokesî.** Vou lavar as minhas mãos. **Esemokara wasî.** Não vou lavar as minhas mãos.

esenmam *VI.* espalhar (fogo, etc.). **Wehto ĥesenmam.** O fogo espalhou-se. *Veja:* **(w)enmamnopw**.

eseñeka *VT.* recaída de uma doença. **Oyepeĥan ĥeseñekesî.** Estou tendo uma recaída da minha doença.

eseñepanmekî *VI.* desaparecer sem ser notado. **Ciisusu ĥeseñepanmekye.** Jesus simplesmente desapareceu. *Veja:* **(ñ)eseñepanmekî**.

esepa *AT.* revidar, retribuir. **esepa kaĥe.** pessoa que revida, ou paga mal por mal. *Veja:* **(ñ)epanipu(yasî)**.

esepataka *S.* outra esposa (de duas). *[Fono:* Poss.: -n*]*

esepotpona *AT.* encontrar, conhecer. **Amna cekĥe esepotpona.** Nós fomos para nos conhecer. **Noro cekĥe esepotpona Tamokrana yakro.** Ele foi encontrar-se com Tamokrana.

eseresma *VT.* comer (comida de qualquer tipo). **Keseresmesî kron yaw.** Estou comendo com Claude (na casa dele). **Eseresmara ka weexi.** Não comi ainda.

esewakom *VI.* viver com luxo e prazer. **Noro ĥesewakomesî.** Ele está vivendo com luxo. *Veja:* **(o)wako(n)**.

esewakre *VI.* acumular coisas. **Kesewakresî.** Estou acumulando coisas para mim.

esewruku *VT.* desenterrar mandioca. **Esewruso (ATZD) kîwcesî.** Vou desenterrar cassava. **Esewrucoko pahxaxa.** Desenterre mandioca amanhã.

esewyetka *VI.* levantar os olhos, olhar para cima somente com os olhos.

eska *VT.* morder. **Okoyi oyeska oko.** Uma cobra me mordeu e doe. **Eskar esko.** Não o more. **Masakî ĥeseskesî (INZD) tan.** Os mosquitos picam aqui.

esonî *VI.* esquentar (por fogo). **Kesoñasî ka.** Vou me esquentar agora. **Taa, esonko ka.** Tudo bem, se esquente primeiro.

esu *S.* alguma coisa misturada com outra. **Muutu katî yesuru on.** Isso é algo para misturar com óIho de motor. **Esumra nasî.** É puro, não tem nada misturado. **Esmara (VBZD) esko.** Não misture-o com nada.

esunuku *VT.* cheirar, sentir o faro. **Pakĥa ĥesunukyasî xapari.** O cachorro sentiu o faro do caititu. Ñesesunukyatu (INZD). Estão se beijando. **Esunko.** Cheire. *Veja:* **ko, koto, poxu, ewcoka**.

esî *VT.* puxar (um arco). **Krapa esko.** Puxar o arco. **Esîra wasî.** Não consigo puxá-lo.

etaci *VT.* chamar pelo nome, acusar. **Awakrono komo etacko.** Escolha os seus ajudantes **Etacira wasî.** Não vou chamá-los pelos nomes. **Noro yehtopo wetahcasî.** Vou falar o que ele tem feito, vou acusá-lo.

etaka *VT.* levar à uma caçada (cachorros), ir numa caçada, colocar comida pronta para comer, mover alguma coisa em uma pequena distância ou tempo, trocar alguma coisa. **Oyoku wetakesî.** Estou levando meus cachorros numa caçada. **Kesetakesî (INZD) pahxaxa.** Vou caçar amanhã. **Anahrî wetakesî.** Vou colocar a comida para você. **Etakara esko.** Não mova. **Cetakaxi (ATZD) tak nasî noro mohtopo.** A data da sua vinda mudou.

etaku *N.* saliva, cuspe. **etakuthîrî** a saliva dele **Ñetahta (VBZD) noro pore.** Ele cuspiu nele. **Ketakwasî (VBZD)** Estou cuspindo. *Veja:* **kucpi**. *[Fono:* Poss.: -ru*]*

etakîkoto *VT.* quebrar (espelho). **Ñetakîkoto okwe okanapantho.** O meu espelho quebrou.

etamerenaka *VI.* desmoronar (poço, bancada alta). **Ñetamerenaka okwe.** Desmoronou. *Veja:* **(oy)amrina(rî)**.

etami *VT.* Fechar amarrando (mochila). **Awawcin etamiko.** Feche a sua mochila, amarrando.

etamokîamanka *VI.* esfolar a mão. **Ketamokîamanka oko.** Esfolei minha mão.

etamtapoko *AT.* em fileiras, uma fileira atrás da outra. **Tîmîn komo ñiîîatkeñe etamtapoko.** Eles montaram suas barracas em fileiras.

etap *N.* pão para comer junto com carne. **Kootî yetahru eeko.** Traga pão para comer com a carne. **Etapumra rma woñesî.** Vou comer carne com pão. *[Fono:* Poss.: -ru*]*

etapa *VT.* bater, golpear. **Umawa wetapesî.** Vou bater veneno de peixe. **Xapari etapar esko.** Não bata no cachorro. **Rikomo ñesetape (INZD).** A criança bate na outra.

etapore *VI.* fazer uma piada, fazer uma piada sobre alguém. **Cetaporesom (ATZD) + (NMZD) Kron.** Claude faz piadas. **Etaporera was apoko.** Não estou fazendo piada sobre você. **Ñetapore mak.** Ele só está fazendo uma piada. (Ele está só brincando.)

etapoypo *VI.* dá tchau. **cetapoyposom** pessoa que dar tchau

etari *VI.* vaguear, andar sem qualquer destino em particular, passear. **Ketaîasî mak.** Estou simplesmente vagueando. **Etarira ka nay rikomo.** A criança ainda não ainda. **Etaîko ka.** Passeando um pouco.

etka *VT.* remover bordo, expandir o bordo. **Mîîmo ñemayetkesî (CPD).** A casa é muito grande.

etpima *VI.* multidão, aglomerado. **Poñko nay cetpimaxi.**

etpo *N.* barbas. **pooco yetpoci** a barba do vovô (nome para pincel) **Etpora ka nasî.** Ele não tem barbas ainda. **Yetpo** nome dado ao homem que está começando a ter uma barba. *[Fono:* Poss.: -ci*]*

etponameñe re *AT.* em ordem. *Veja:* **eponameñe re**.

etîmtaka *VT.* rachar. **Ñetîmtaka.** Rachou-se

etîrama *VI.* retornar ao local de origem. **Ketîramesî tak.** Estou retornando ao lugar de onde vim. **Etîramara ka esko.** Não volte para o lugar de onde você veio.

etîtîka *VI.* tornar-se um adulto. **Ñetîtîka tak.** Ele tornou-se um adulto. (Ele cresceu.) **Cetîtîkaxi (ATZD)**

nasî. Ele é crescido.

ew *S.* olho, parafuso, botão. **oyewru** meu olho **Ñewta tak xapari xîkrî.** Os filhotes da cachorra abriram os olhos. **Opono ñesewka.** Minha camisa perdeu um botão. **Muutu yewru mohkakî.** Retire o parafuso do motor. **Oyewramnoyasî (VBZD).** Me fez olhar fixamente para o espaço. **Ewkraykakî.** Retire os pequenos botões de flor. **Cewke (ATZD) wasî.** Estou acordado */Fono:* Poss.: -ru/

ewah *S.* (???). **Ewahpeñan!** */Fono:* Poss.: **-ru/**

ewahto *VT.* amarrar num poste (rede). **Kesewahcesî (INDZ).** Vou amarrar minha rede. **Okuywan wewahcesî.** Vou amarrar a minha rede. **Esewahtoko (INZD).** Amarre a sua rede.

ewan *S.* peito (de uma pessoa). **oyewan** meu peito **Ñesewankaricesî (VBZD) + (INZD) ka.** Ele está criando coragem por enquanto. **cewankaritî (CPD) + (NMZD)** pessoa corajosa. **Ñewankaranasî (CPD) rikomo.** A criança é tímida.

ewaxi *VT.* rígido. **Cewaxhe nasî krapa.** O arco é rígido. **Ewaxira nasî.** Não é rígido. *Veja:* **(ñ)eketu(na).**

ewcoka *VT.* beijar. **Wewcokesî.** Vou beijá-lo. **Ewcokar esko.** Não o beije. *Veja:* **esunuku.**

ewcokocoko *S.* onda (tamanho pequeno a médio). **Ewcokocokon ñetape kanawa.** As ondas bateram na canoa. *Veja:* **yamarataka.** */Fono:* Poss.: **-n/**

eweka *VT.* desamarrar (rede). **Okuywan wewekesî.** Vou desamarrar a rede. **Ewekara wasî.** Não vou desamarrar a rede.

ewetî *VT.* acreditar, obedecer. **Anocwan ewetko.** Obedeça sua mãe. **Kayaritomo cewetpore (ATZD) nasî.** Devemos obedecer o chefe.

ewka *VT.* trancar, destrancar. **Yamata ewkakî.** Destranque a mala. **Metata mem wewkesî.** Note que vou trancar a porta. **ewkacho** a tranca, a chave.

ewkanapa *S.* janela, óculos. **mîîmo yewkanapan** a janela da casa. */Fono:* Poss.: **-n/**

ewkanopu *VT.* cegar. **Ñewkanoyakñe epeŕa.** A doença o cegou.

ewkaranpe *VT.* ofuscar (para não poder ver direito). **Oyewkaranpes okwe.** (A luz) me ofuscou. **Kewkaranpeñe oco kaamo.** A luz nos ofuscou. *Veja:* **ewyawrpan.**

ewkoŕma *VT.* dar meia volta. **Kanawa ewkoŕmaki.** Vire a proa da canoa. *Veja:* **makoþma.**

ewkpi *VT.* piscar (uma pequena luz). **Ñewkpinasî xiŕko.** As estrelas estão piscando. **Ewkpimra nasî.** Eles não estão piscando.

ewkpoci *S.* pestanas. **oyewkpoci** minhas pestanas

ewkraxi *VT.* enfiar no olho. **Weewe oyewkraxi oko.** O pau enfio no meu olho e doeu.

ewku, *VT.* filtrando. **Roowo ñewkwasî tan.** Tem água saindo da terra aqui. **Ewhtara nasî.** Não está filtrando.

ewku, *S.* igarapé (onde uma certa gente mora), líquido. **Pixkaŕana yewkru mîn Ñamunta.** Os Hishkalyanas

moram às margens do rio Jamunda. **Ewkura nasî kica.** O igarapé está seco. **Cewkre (ATZD) nas okre oranci.** A laranjas são suculentas. **Paranci wewkukesî (VBZD).** Estou espremendo o caldo da cana.

ewkucanmekî *VT.* distrair, fazer com que alguém não veja ou ouça alguma coisa. **Esewkucanmekîra (INZD) nasî.** Ele não é distraido. **Kesewkucanmekyas (INZD).** Sou distraido, fiquei distraido

ewkukma *VT.* confundir, fazer com que alguém não entenda algo, enganar. **Ow mewkukmesî.** Você me confundiu. **Kesewkukmesî (INZD) apoko so.** Não consigo destingüir entre vocês dois.

ewkuymam *VI.* ficar tonto. **Kewkuymamyasî kica.** Estou tonto. **Kewkuymamnoñe (TNZD) mîn woy woy kacho.** O carrossel me faz tonto.

ewkwiyka *VT.* fazer os olhos arder. **Oyewkwiyka yîsîn.** A fumaça fez meus olhos arderem.

ewna$_1$ *N.* nariz. **oyewnarî** meu nariz *[Fono:* Poss.: -rî*]*

ewna$_2$ *VT.* (cachorro) sentiu o rastro (raro).

ewnapo *VT.* virar de ponta cabeça, virar para baixo. **Okanawarî wewnapesî.** Vou virar a minha canoa para baixo. **Ñesewnapo (INDZ) kanawa okwe.** O avião virou. *Veja:* **tîrapo**.

ewnapom *N.* cacho (de uvas).

ewnañaka *N.* decoração feita com pena de tamanho médio colocada através de uma perfuração no septo nasal. **oyewnañakan** a minha decoração nasal.

ewnaxuku *N.* escorrimento nasal. **Oyewnaxkuru yickacho xe wasî.** Quero alguma coisa para limpar o meu nariz. **Kewnaxukwasî.** Tenho um escorrimento nasal. **Oyewnaxukresî kica asîsî.** A pimenta faz o meu nariz escorrer.

ewnopu *VT.* fazer latir (cachorros). **Onoke ñewnoya xaparî?** Os cachorros estão latindo para quem? (Quem causou o latido dos cachorros?)

ewom *VI.* entrar. **Mîîmo yaka kewomyasî cma re?** Posso entrar na casa? **Ewomra wasî.** Não vou entrar. **Ewomko rma.** Pode entrar.

ewoponpu *VT.* cobrir o rosto ou a cabeça com um pano. **Kesewopoñasî.** Estou cobrindo minha cabeça com um pano.

ewraka *VT.* pintar desenhos no rosto. **Kesewrakesî.** Estou pintando desenhos no meu rosto. **Oyewraka.** Ela pintou desenhos no meu rosto. **Esewrakara tak natu.** Eles não pintaram desenhos nos seus rostos agora.

ewraka *N.* desenho no rosto. **oyewrakarî** o meu desenho no rosto *[Fono:* Poss.: -rî*]*

ewre *VI.* rir. **Kewres apoko.** Estou rindo de você. **Cewresom (ATZD) + (NMZD) mîkro.** Ele ri muito. **Ewrer esko.** Não ria. **Ow mewremekyasî.** Você me fez rir. **Ñesewremekyakñe.** Ele teve um caso sua própria irmã.

ewremeto *AT.* gozado. **kewremeto** alguma coisa que me faz rir.

ewresaw *PP.* desejável, atraente. **Oyewresawno (NMZD) xe mak was oyiño.** Quero para marido uma

pessoa atraente. **Awewresawra way awya yaake tîmîye?** Não sou atraente para você (você está com ciúmes de mim) porque tenho muitas casas?

ewroromutwe *VT.* brilhante (como brasas no fogo). **Cewroromutwe tî xakñe Moises.** O rosto de Moisés estava brilhando intensamente.

ewru´ *VT.* dar luz a uma criança, nascer. **Ewruporo (ATZD) tak nasî.** Ela está perto de dar luz. **Amerîka po kewruyakñe.** Nasci na América. **Oyewrunokañe añihko.** Chame uma mulher para me ajudar a dar a luz.

ewrucpapu

ewrucpe *VT.* perturbar, atrapalha alguém. **Oyewrucpesî werewere.** Os pium me perturbam. **Kesewrucpesî (INZD) mak okwe.** Estou transtornado, não sei o que fazer. **Esewrucpara (INDZ) nay.** Ele não está perturbado com isso. **Kesewruckesî (INDZ).** Coloquei de lado tudo que iria me atrapalhar.

ewsî *VT.* balançar. **Xixinatî wewsîyasî.** Vou balançar a trepadeira. **Kesewsîyasî (INZD).** Estou me balançando. **Esewsîra (INZD) wasî.** Não estou me balançando.

ewta *N.* buraco. **Kapayo yewtarî on.** Este buraco é de tatu. **Cewtake (ATZD) nas okwe ohtatho.** Meus sapatos velhos tem buracos. **Ewtara nasî.** Não tem nenhum buraco nele.

ewtanîre *VT.* fazer ver. **Ewuhnî komo ñewtanîrekñe Ciisusu.** Jesus fez pessoas cegas verem.

ewto *N.* aldeia, cidade. **oyewton** minha aldeia **ewtotho** uma aldeia antiga e deserta *[Fono:* Poss.: **-n***/*

ewtu *VI.* ribombar à distância (vento, chuva, cachoeira). **Kahxi ñewtunasî.** A cachoeira esta ribombando à distância

ewtî *N.* terra para fazer plantio, lugar para construir uma casa ou aldeia. **Ewtî mexan on roowo.** Esta terra é boa para plantar. **Tan oyewîtma (VBZD) xe was ewto.** Quero construir uma aldeia aqui. **Tuxma ñiiñakñe cewtîrono (ATZD + VBZD) me.** Ele plantou bananas somente num pedaço de terra.

ewu *VT.* fazer arder os olhos. **Aweu.** Fez meus olhos arderem. **Awewya men.** Vai fazer seus olhos arderem. **Oyewra ñeexi.** Não fez meus olhos arderem.

ewyaknama *VT.* virar a frente. **Ewyaknamkî xiya.** Virar a frente para esta direção. *Veja:* **ewkoþma**.

ewyari *VT.* levar uma pessoa para vários lugares, dando uma espiada. **Omumuru wewyañasî.** Estou levando o meu filho para vários lugares. **Taa, ewyariko.** Está bom, leve-o. **Kesewyañasî (INZD).** Estou dando uma espiada.

ewyetaka *VT.* mudar do seu lugar. *Veja:* **etaka(kî)**.

ewyoku *N.* lágrimas. **oyewyokutho** minhas lágrimas **Ñewyokwasî (VBZD).** Ele está chorando. **Ñesewyokesî.** Ele está enxugando as lágrimas dele. *[Fono:* Poss.: **-rî***/*

ewyoma *VT.* negar algo à alguém, não querer que alguém tenha algo, ter ciúmes, egoísta. **Tîkacho ñewyome rikomo.** A criança não deixa outros terem os seus brinquedos. **Ñesewyomesî (INDZ).** Ela não vai se oferecer a ele (para ter relações sexuais) **Ciiño ñewyomesî.** Ela tem ciúmes do seu marido.

exe *ID.* grito a um cachorro para o espantantá-lo e faze-lo ir embora. **Exe, kasko yuwya.** Falar "vá embora" para ele.

exe

exekmînpu *VI.* ficar preso temporariamente na garganta (um objeto grande). **Kexekmînpo.** Alguma coisa ficou presa na minha garganta. *Veja:* **(ñ)emîrp(o).**

exekoto *VT.* entalhar. **Wexekocesî.** Vou entalhar. **Exekotor esko.** Não entalhe.

exepeyu *N.* moeda (antigamente se colocava ao redor do pescoço). **oyexepeyun** minha(s) moeda(s) */Fono:* Poss.: -n/

exetori *VI.* ter a voz, falar. **Kexetorint.** A minha voz desafinou.

exewarko *N.* barba de um leão. */Fono:* Poss.: **-n/**

exewnuku *VT.* enforcar. **Kicicitho komo ñexewukyatkeñe anarî komo.** Alguns enforcavam pessoas más. **Ñexexewnuku (INZD) xapari pen.** O cachorro se enforcou.

exi *VI.* ser (Este verbo é muito irregular. Ve os variantes na gramática uaiuai.). **Tohra weexi.** Não fui. **Exihra nasî.** Ele não está aqui. **Yiixera wasî kicieme exirî ke.** Não quero porque é ruim. **Cexpore wasî.** Estou confortável. **Kexpoka.** Fiquei cansado de esperar, inconfortável.

eyata *N.* axila, sovaco. **aweyatarî** sua axila */Fono:* Poss.: -rî/

eyepu *VI.* banhar, tomar banho.. **Eyehso (ATZD) kîwcesî.** Vou tomar um banho. **Eyepîra weexi.** Não me banhei **Eyehko.** Tomar um banho.

eyi *VI.* ralhar. **Weeyasî.** Vou xingá-lo. **Eyihra wasî** Não vou ralhar com ele. **Eyko kîa.** Ralhe com o velho.

eyihka *VT.* extinguir, apagar (luz, fogo). **Tuuna ke eyihkakî.** Apague-o com água. **Eyihkara wasî.** Não vou apaga-lo.

eyka$_1$ *VT.* tirar do haste (milho, cana de açúcar). **Nasînasî weykesî.** Estou tirando milho do haste.

eyka$_2$ *VT.* queimar (pote de barro). **Tahrem eykakî.** queimar o pote

eyku *VT.* responder. **Keyukyasî.** Vou te responder. **Aweykura wasî.** Vou te responder **eyuhtopo (NMVZD)** resposta(s)

H - h

ha 1) *PRT.* carregador de ritmo -- com este sentido geralmente ocorre com uma outra partícula. **Tom ha na.** Possivelmente ele foi. **Wek ha re.** Trouxe um pouco (não muito). 2)

— *PRT.* As vezes significa que a primeira pessoa é responsável pela expressão. **Amok há!** Vem (eu digo). **Yipici ow ha.** Sou a esposa dele. 3)

— *PRT.* Pode ser usado para dar ênfase um ou mais itens de informação secundária que foram dadas para explicar ou identificar algo que foi dado antes. Com este sentido, ha, funciona como uma vírgula ou ponto.

Kanawa eeko, Ewka nîmyakîe owya ero ha. Traga a canoa, aquele que Elka me deu. **Aapo akîhtoko ooru ke, kiĥwanî ro ke, esmanî ro ke ha.** Faça um pedestal de ouro, de bom ouro, que é puro.

hamham *TD.* engolir (falar para criança). **Hamham kasko.** Engula-o.

hara *PRT.* vez, pode ter um sentido de contradição, novamente (quando precedido por xa). **Amore hara.** É a sua vez. **Kîwces hara.** Estou indo para casa (voltando de novo). **Kîmtapowasî xa hara.** Vou falar de novo. **Kasko xara.** Fale novamente. (talvez uma contração de xa hara) **Kiĥwan poono okre. Ahce kacho ahsîra mex hara ke?** Que pano bonito! Porque você não comprou um pouco?

hcamhoka *VT.* ensinar uma pessoa fazer algo. **Omumuru wîhcamhokesî pakara kahrî poko.** Estou ensinando o meu filho como trançar uma cesta. **Yîhcamhokara wasî.** Não vou ensiná-lo como fazer. *Veja:* **camkî.**

hcamnopu *VT.* esquecer, fazer desaparecer. **Ahcamnopu xe na nay worokyam.** Os espíritos querem destruir você (fazer você desaparecer) **Omariyan wîhcamnopu okwe.** Esqueci a minha faca. **Apapa yenîhra wasî. Ñehcamnopu mak okwe.** Não vi o meu pai. Ele simplesmente desapareceu. *Veja:* **tweñekarî.**

hcawnuk *VT.* fechar a boca com força. **ñehcawnuku.** Ela fechou a boca com força.

hci *VT.* começar a fazer alguma coisa. **Omîn poko wasî, wihciyasî makî ka.** Estou trabalhando na minha casa, eu só estou começando agora. **Yihciko ha ka.** Comece agora. **Ñihciyakîe mak akiĥwamacho poko.** Ele só começou melhorá-la.

hcire *VT.* diminuir alguma cousa, fazer menor. **Pakara yahruru yihcireko.** Fazer a tampa da cesta menor. **Taa, wihciresî.** Está bom, vou fazer menor. **Ñihcirew.** Ele fez menor.

hcîpî *S.* pele, casca de uma árvore. (Esta palavra é usada quando prefixos pessoais são usados.). **Ohcîpîrî ñerewasî.** A minha pele dói. **Yîhcîpîthîrî aĥmakî xapari yotî me.** Jogue fora a pele para os cachorros comerem. *Veja:* **picho.**

hka$_1$ *VT.* cortar para comer (cana de açúcar, cacho de bananas). **Tuxma yîhkakî.** Corto o cacho de bananas. **Taa, wîhkesî.** Está bom, eu o corto. **Paranci yîhkara weexi.** Não cortei a cana de açúcar. *Veja:* **eyka.**

hka$_2$ *VT.* levantar sua própria cabeça. **Nîhkanwasî.** Ele está levantando a sua cabeça. **Tîhkaw ehcoko.** Fiquem com as suas cabeças levantadas. **Katuhtaxapu yîhkareñe Kaan (TNZD).** Deus levanta aqueles que estão prostrados.

hkañama *VT.* acenar com a cabeça. **Ñehkañamesî (INZD).** Ele está acenando coma cabeça. *Veja:* **(nî)hma(nasî).**

hkape *VT.* ungir, colocar óleo na cabeça. **Tapi nîhkapew.** Ele ungiu Davi. **Kehkapesî (INZD).** Estou colocando óleo na minha cabeça.

hkatî *S.* óleo para cabelo. **ohkatî** o meu óleo para cabelo

hkoĥoka *VT.* lavar (cabelo). **Yîhkoĥokakî.** Lave o cabelo dele **Kehkoĥokesî (INZD).** Estou lavando o meu

cabelo.

hkoto *VT.* cortar em dois pedaços (um objeto longo e rígido). **Omariyan ĥehkoto (INZD) okwe.** Minha faca se quebrou em duas partes. **Weewe yîhkotoko iito.** Corte a madeira ali. **Taa, wîhkocesî.** Está bom, vou cortá-la.

hma$_1$ *VT.* contundir. **Ohtarî wîhma oko.** Contundi o meu pé. *Veja:* **enuhma.**

hma$_2$ *VI.* acenar com a cabeç. *Veja:* **(nê)hkañama.**

hna *PP.* na parte profunda, estado psicológico profundo. **Yuhnaw nasî.** Está debaixo da superfície da terra. **Yuhnaka ewtarî ahtocoko.** Cave um buraco profundo. **Yuhnari kîwînko.** Durmi pesado. **Yuhnari nay Kaan Karitan.** A Bíblia é profunda (o seu sentido). **Ohnaw mak wîîka.** Só falei comigo mesmo.

hno *VI.* cheirar mau (o cheiro de um poço velho, sangue, peixe, etc.). **Nîhnowas (VBZD) kica.** Cheira mau (o poço d'água velho) *Veja:* **ko(wasî).**

hpo *S.* cabelo, penas. **ohpoci** meu cabelo **Yîhpora nas okwe.** Que pena, ele não tem cabelo. **Nîhpowa (VBZD) na amñe.** Talvez os cabelos cresçam nele depois. **Yîhpokakî (VBZD).** Tire as penas dele. */Fono:* Poss.:-ci/

hrak *S.* calcanhar(es). **Ohraknu ĥerewasî.** O meu calcanhar doe. **Kîhraknu micin.** tendão da perna. *Veja:* **(yî)htakmaru(n).**

hre *S.* mais um pouco. **yîhrerî** um pouco mais de coisas **Omtahremakî (VBZD).** Me ajuda quando não consigo pensar na palavra certa. */Fono:* Poss.: **-rî/**

hrekaw *AT.* tendo pernas compridas. **Yîhrekawno mîkro kopi (NMZD).** Ele tem pernas muito compridas.

hrepu *S.* parte inferior da perna. **ohrepu** minha perna **Kîhrewayasî (CPD).** Minhas pernas estão cansadas. **Nîhrewasî (VBZD).** (Lua) emana raios.

hro *S.* dedão(ões) do pé. **ohrorî** meus dedões do pé */Fono:* Poss.: **-rî/**

hroxoxo *S.* unha dos dedão do pé. **kîhroxoxon** nossas unhas do dedões do pé */Fono:* Poss. -n/

hrunu *VT.* ferroadas sobre o corpo todo. **Ohruñasî okomo.** A vespa me ferrou todinho. *Veja:* **pohru.**

hsa *VT.* diluir, misturar com alguma coisa. **Owokru wîhsasî.** Estou diluindo a minha bebida. **Yîhsakî.** Dilua-o. **Nîhsetîke (CPD).** (Fogo) mistura com (sol para fazer quente).

hta *S.* pé, roda (que anda no chão). **yîhtarî** o pé dele **Yîhtara nasî.** Não tem nenhuma roda. **Kehtakraxi (CPD) + (VBZD) + (INZD) oko.** Um pau entrou no meu pé. */Fono:* Poss.: **-rî/**

htakmaru *S.* calcanhar. **ohtakmarun** meu calcanhar **Yîhtakmarumra nasî.** Ele não tem calcanhar. */Fono:* Poss.: -n/

htawa *VT.* cortar o pé. **Kehtawa (INZD) oko.** Cortei um pouco da pele do meu pé.

hto *VI.* descer, ir rio abaixo, sair de alguma coisa (rede, canoa). **Yîhtoxapu (NMZD) wenwo kanawa.** Vi uma canoa que tinha flutuado rio abaixo. **Kîhcesî.** Vou descer. **Ahtoko.** Sai disso aí (rede, canoa).

htîkma *VT.* causar uma dor de cabeça, ter uma dor de cabeça. **Ohtîkmesî.** Minha cabeça doe.

htînopu *VT.* decidir, reconhecer alguém, fazer estimativa/julgar. **Onoke mîhtînoya awakrono me?** Quem você decidiu levar contigo? **Iime ka yîhtînopîra rma wasî.** Não fiz uma decisão ainda. **Noro mîhtînoya?** Você a reconhece? **Ecenarîra wîtînoyasî.** Acho que não é bastante. *Veja:* **(k)esehtînopu**.

htîpî *N.* cabeça. **Ohtîpîrî ñerewasî.** Minha cabeça doe. **Yîhtîpîthîrî armakî.** Jogue fora a cabeça dele (de um animal). *Veja:* **pîtho, kanaswe**.

htîpî *N.* cabeça, cabeceira, origem de um rio ou igarapé. **Yîhtîpîrî yehci tîmko.** Dá-lhe remédio para a dor de cabeça . **Yîhtîpîhîrî nînomcow.** Eles deixaram a cabeça (da anta). **Kikwo pîtho kwaw naxe.** Eles estão na fonte, a cabeceira do rio Baracuchi. *Veja:* **pîtho**.

hxikî *VT.* arrastar. **Kanawa xihso (ATZD) kayka.** Vamos arrastar a canoa. **Yihxikîra thakwa wasî.** Não posso arrastá-la. **Yihxicoko.** *[Fono:* Todo mundo arraste-o.*]*

hyapam *VI.* envergonhar. **Kîhyapamyasî kopi.** Estou envergonhado disso. **Ahyapamcoko.** Envergonhar-se disso. **Anocwan pona yîhyapamra esko.** Não se envergonhe de sua mãe. **Kîhyapamnoyasî (TNZD).** Isto nos envergonha. **Ehyapamhokacho (NMZD) + (INZD) exihra nasî.** Eles não tem desculpa.

hyasîrî *N.* um objeto que supostamente tem poder espiritual para o bem ou mal. *Veja:* **(wî)yask(csi)**.

hyoku *VT.* chicotear. **Ohyokyas oco.** Ele vai me chicotear. **Ahyokura wasî.** Não vou chicoteá-lo.

I - i

ickapu$_1$ *VT.* pegar um peixe com uma armadilha. **Aymara wickapu.** Minha armadilha pegou um peixe aimara. **Yickapîra weexi.** Não peguei nenhum peixe.

ickapu$_2$ *VT.* apagar. **Onmewretho wicka.** Apaguei o que tinha escrito. **Yickapura weexi.** Não apaguei.

iime *AT.* finalmente, completo. **Iimen (NMZD) ow Kaan poko, kahra wasî.** Não vou dizer que sou um servente perfeito de Deus. **Iime kasko.** Faça de uma vez.

iina *PP.* para_lá.

iinaya *PP.* para lá.

iiño *N.* marido. **iiño** marido dela **oyiño** meu marido **Iiñomnî ow.** Não tenho um marido **aaño** seu marido

iito *PP.* lá. *Veja:* **to**.

iituxa *AT.* desse jeito, por essa rota, somente essa quantidade. **Iituxa kayka.** Vamos por aqui. **Iituxak mak nat ha.** Tem somente essa quantidade. *Veja:* **ahtoxa, tayxa**.

ikiñim *VI.* ter muita inveja (raro). **Ñikiñimyasî.** Ele tem inveja da sua esposa.

ikî *VT.* ralar. **Wiikî.** Eu o ralei. **Cihko.** Rale-o.

imirikwa *N.* pequeno gato do mato malhado ou pintado (também chamado iwirikwa).

ĩñina *PP.* para lá.

ĩñito *PP.* lá. *Veja:* **to**.

ipiño *VT.* impedir o desenvolvimento, e possivelmente causar a morte de plantas por plantar um muito perto da outra. **Naatî ĩnipiñoyas okwe.** Esto tolhe e mata as outras plantas.

ipipi *VT.* escuro, preto. **Cipipiy nasî tuuna.** A água está escura (não por causa do barro) **Tuuna ĩnicipipinwasî** A água está ficando escura.

iri *VT.* assoprar (fogo). **Wehto yiriko.** Assoprei a brasa para pegar fogo. **Wiriw ha ra.** Assoprei um pouco até ficar um foguinho.

irikî *VT.* tomar a vez, usar tudo. **Amna ĩirhtîka (CPD).** Ele fez para cada um de nós por vez. **Amna ñesirikyasî (INZD).** Cada um de nós no grupo tomou a sua vez.

irî *VT.* colocar em um certo lugar, plantar, fazer (casa, bebida), segundo membro de um verbo composto com o significado de fazer algo para alguém. **Iina cirko.** Coloque ali. **Omîn wiirasî.** Estou fazendo uma casa para mim. **Wooku ĩniirakñe.** Ela fez bebida. **Omararîn wiirasî.** Estou plantando a minha roça. **Ehcemano cirko.** Trate os doentes.

ĩrmikî *VT.* arriar, baixar, pôr no chão. **Yamata yirmiko.** Arrie a caixa. **Yirmikîra wasî.** Não vou arriar. **Oona wirmikyasî.** Vou arriar aqui.

ixaka *VT.* derrubar (casa). **Omîntho wixkesî.** Estou derrubando a minha casa velha. **Yixkara wasî.** Não vou derrubá-la. **Yixkakî.** Derrube-a.

iyaxi *S.* farpa, projeção do lado. **ciyaxkem** ponta de flecha farpada **weewe tpanaxkem (CPD)** viga com projeções no lado, cruz *Veja:* **panaxi(rî)**. *[Fono:* Poss.: **-rî/**

K - k

ka *PP.* 1)

— *PP.* para pegar, para trazer. **Tuuna ka kîwcesî** Estou indo para pegar água. **Iika kîwcesî.** Vou pegá-lo. **Aaka kmoko.** Vim lhe pegar. *Veja:* **wece**. 2)

— *PRT.* **Tohra ka wasî** Não vou agora. **Mokuhra ke nay.** Ele ainda não chegou.

kaa *S.* gordura, óleo, graxa, combustível. **Muutu katî ñenatî okwe.** Acabou o combustível do motor. **Kahso (ATZD) nay yaypî?** A anta está gorda? **kahra nas okwe.** Não está gorda. **Tuuna yimaw mak kaawa (VBZD).** Elas só engordam na época chuvosa.

kaamo *S.* sol, dia. **Kaamo yepatakache tîhcesî.** Vamos partir depois do amanhecer. **Anarî kaamo po kîwcesî.** Vou outro dia.

Kaan *S.* Deus. **Ahnoro nakîhcekñe Kaan.** Deus fez tudo.

kaapu *S.* céu. **kirwañhe nasî kaapu.** O céu está limpo. **Kah yaka kîwces amñe.** No futuro vou para o

céu.

kaapu *VT.* tecer, moldar (cerâmica). **Pakara kahyasî.** Estou (ele está) tecendo cesta para senhoras. **Tahremkapupura wasî.** Não posso moldar um pote. **Kaapu oroto.** Ele teceu hoje.

kaari *S.* mão direita. **Karme aîmakî.** Atire com sua mão direita. **Kaari ke kasko.** Faça com o que está à sua direita. *Veja:* **poowa**.

kaasu *S.* tipo de peixe pequeno.

kaawe *S.* tipo de árvore com fruta que se pode comer.

kacampe *AT.* estragado (fruta, legume). **Kacampe nasî.** Está estragado. **Kacamanta (VBZD) kica.** Estragou.

kacho *S.* coisa, brinquedo de criança, coisa de uma pessoa mais velha. **Ehe, on akacho.** Olha, aqui está um brinquedo para você.

kacipara *S.* terçado. **okaciparan** o meu terçado *[Fono:* Poss.: **-n***/*

kahkapu *S.* tipo de árvore com fruta que se pode comer.

kahramtun *S.* nuvem cirro. (Esta palavra é aparentemente composta de três palavras: kaapu - céu, (yî)ra(rî) - superfície, (tu)mutu(we) - branco. A palavra então significa: branco no superfície do céu.). **Kahramtu keñe nasî.** Tem altas nuvens cirros no céu.

kahri *S.* fruta vermelha de uma árvore da floresta do tamanho de uma maçã.

kahsî *AT.* para cima.

kahxi *S.* cachoeira. **Ñekahximekñe (VBZD).** (A água) formou cachoeiras, era muito turbulenta. **Kahxi yewan pona nîrpo.** Ficou preso no meio da cachoeira.

kakñeru *S.* carneiro, ovelha.

kam *S.* caibro da casa. *[Fono:* Poss.: **-ru***/*

kamaca *S.* tipo de formiga vermelha com uma ferroada muito dolorida que rapidamente para de doer. *Veja:* **cahcakî**.

kamahxu *S.* tabaco. **kamahxun** o tabaco dele *[Fono:* Poss.: **-n***/*

kamakari *S.* tipo de lagarto.

kamara *S.* onça, os membros selvagens da família do gato.

kamaraci *S.* gato de casa, um pequeno gato selvagem.

kamarakataw *AT.* ao meio dia. **kamarakatawno (NMAD)** aquele que ocorre ao meio dia

kamarari *S.* tipo de árvore da selva que é bom para madeira de construção.

kamaxakari *S.* tipo de cobra venenosa.

kamaxwe *S.* tipo de terra.

kame *N.* lenha. **Kamerî eeko.** Traga a lenha. **Kamehtoko (VBZD) ñhe.** Coloque mais lenha (no fogo). **Kamehcesî (VBZD) ha re.** Estou colocando mais. *Veja:* **wehto**. */Fono:* Poss.: **-rî/**

kamere *IT.* ter dor no peito, dores profundas (como pleurisia, inflamação da pleura). **Kîkamereyasî.** Tenho dor no peito. **kîkamererî (NMZD) komo.**

kamhici *N.* pequeno passarinho azul.

kamina *N.* armadilha de peixe em forma de rótula.

kamisa *N.* calças, pano de lombo. **okamisan** as minhas calças **Kamisamra was okwe.** Que pena, não tenho (boas) calças. */Fono:* Poss.: **-n/**

kamkomonak *N.* tipo de andorinha pequena.

kampeperu *N.* grande barata.

kamuxpa *N.* carrapato (inseto picante). **Yaypî kamuxpan nooñe maxwereñe.** O passarinho come carrapato das antas.

kamuywa *N.* árvore da selva que tem pequenas frutas rochas e madeira macia.

kamxuku *N.* sangue. **okamxukru** meu sangue **kamxukuthîrî** o sangue dele (fora das veias) **Oyorî kamxukwasî (VBZD).** Meus dentes estão sangrando. **Kamxukre (ATZD) nas oyaporî.** Meu braço está sangrando. **Kamxutaxmu (ATZD) + (NMZD) mîkro.** Ela é a pessoa que sangra (repetidamente).

kanahcirimi *N.* pequeno peixe parecido como warakaka.

kanahmurinka *IT.* tosquiar, tosar todo o cabelo. **Amxîkrî mîkanamurinka** Você tosou todo cabelo do seu filho

kanahta *PP.* em cima, na cabeça. **okanahtaw** na minha cabeça **Kanahtawno (NMZD) eeko.** Traga aquele que está em cima *Veja:* **kanaswe.**

kanahwaŕkon *N.* crina (de cavalo). *Veja:* **katîhyamci.**

kanamcurupi *N.* mucuim.

kanamuruku *N.* peixe grande com pele cor cinza escura.

kanapa *N.* espelho. **okanapan** meu espelho **Kanapamra wasî.** Não tenho nenhum espelho */Fono:* Poss.: -n/

kanaperî *N.* prateleira feita de paus verdes para assar carne, cadeira feita num poste alto por cima d'água onde uma pessoa pode atirar nos peixes.

kanapexweyu *N.* tipo de vespa.

kanaskusku *N.* tipo de formiga preta de tamanho médio com uma grande cabeça chata.

kanaswe *N.* cabeça. **kanah yatîrî** crista de galinha

kanawa *N.* canoa, avião. **okanawarî** minha canoa **kanawa yepu** tipo de árvore boa para fazer canoas */Fono:* Poss.: **-rî/**

kanawaturu *S.* a parte serrada da canoa onde se rala cassava.

Kanaxen *S.* velho posto missionário em Guiana no rio Essequibo.

kanaymo *S.* peixe muito grande de água doce de pele preta.

kanpoî *VT.* assar e defumar carne. **Aymara puntho kanpoîasî.** Vou assar a carne de aymara **Kanpoîko.** Asse-o. **Kanporira wasî.** Não estou assando-o. *Veja:* **kañpo.**

kañihto *VT.* amarrar coisas lado a lado. **Wayamakasî yorî kañihcesî.** Estou amarrando juntos os dentes de um pente. **Kañihtora wasî.** Não estou amarrando-os juntos.

kañpo *S.* carne que foi assada e defumada. *Veja:* **kanpoþ(ko).**

kapatu *S.* pequena cesta rasa trançada de uma única folha de palmeira. **okapatun** minha cesta rasa **Kapah caw nasî.** Está na pequena cesta rasa. *[Fono:* Poss.: -n*]*

kapaw *S.* tipo de palmeira parecida com bacaba.

kapayo *S.* tatu.

kape *VT.* colocar óleo, ungir. **Oyuhre kapesî.** Esto colocando óleo na minha arma. **Kapehra wasî.** Não estou colocando óleo nela.

kapeko *S.* bicho que fede muito (nenhuma afixação observada).

kapikara *S.* galinha.

kapîrawa *S.* tipo de peixe parecido com uma grande maaxa.

kara$_1$ *S.* alveolar na boca. **Kîkaran nahsîyasî.** Gruda no céu da bocas. *[Fono:* Poss.: -n*]*

kara$_2$ *VI.* fazer cócegas. **Mîkarana (VBZD)?** Você sente cócegas.

karahtuku *S.* a casca dura do caule da folha de palmeira.

karakru *S.* semente chata e marrom usada para tecer aventais.

karami *VT.* enrolar, embrulhar alguma coisa em volta de um objeto. **Omsotî karamiyasî krewetî ke.** Enrolo fibra de corawa em volta do meu rabicho.

karanaru *S.* tipo de palmeira parecido com ite a mas as folhas e frutos são menores.

karanka *VT.* curvar os ombros costas para trás. **Ekarankakî.** Curve os seus ombros para trás.

karanta *PP.* na garganta. **Okaranta nasî.** Está na minha garganta. **Okarantak nîrpo.** Ficou preso na minha garganta.

karapa$_1$ *S.* isca (para peixe). **okarapan** isca para eu usar **Karapamra wasî.** Não tenho isca. *[Fono:* Poss.: -n*]*

karapa$_2$ *S.* tipo de pássaro do tamanho de uma pequena galinha. Canta muito alto ao amanhecer e no fim da tarde.

karapaymo *S.* tipo de pássaro.

kararaka *VT.* rachar, fazer cirurgia, arranhar. **Wah yepu kararake.** Ele está rachando o tronco de uma palmeira açar. **Opici tî kararakay tahta.** O doutor fez uma cirurgia na minha esposa. **Kamaraci okararaka.** Um gato me arranhou.

kararaparu *S.* formiga preta de tamanho médio.

karasasay *AT.* tendo olhos vermelhos.

karau *S.* pássaro do tamanho de um corvo.

karaywa *S.* uma pessoa brasileira.

kari *S.* algo forte, rápido, que está bem ou vivo. **Kaŕpe kasko (ATZD)** Faça com toda sua força. **Kaŕpera wasî.** Estou fraco, doente **Muutu karihtoko (VBZD).** Acelere o motor. **Ñekarîcesî (VBZD).** Ele está trabalhando duro, fazendo com toda força. **Kekaŕka (VBZD).** Fiquei fraco, cansado. **karitî me** vivo **Karimto yehci xe wasî.** Quero remédio para fraqueza.

karita *S.* papel, livro, revista. **okaritan** meu papel, livro, revista **Karitamra wasî.** Não tenho nenhum livro. */Fono:* Poss.: -n/

karmo *VT.* fazer (misturar goma e fruta de palmeira somente???). **Owokru karmesî.** Estou fazendo uma bebida para mim. **Karmora wasî.** Não estou fazendo. **Karmoxapu (NMZD) weeŕasî.** Estou tomando bebida misturada.

kaŕmuxu *S.* tipo de animal parecido como uma doninha, sobe em árvores à noite.

kaŕpamxan *S.* moço.

kaŕwa *S.* minhoca, vermes. **Kaŕwa keñe nay.** Ele tem vermes (intestinais).

kasaray *S.* remédio. *Veja:* **ehci.**

kasîro *S.* tipo de pequeno lagarto.

katami *S.* Banda larga feito de contas usado na parte inferior das costas. Esta banda era usado durante a dança.

katawerewere *S.* tipo de cigarra.

katawkuri *S.* vara para empurrar uma canoa em água rasa.

katayarî *S.* folhas de árvores e arbustos. **Meŕpora nasî katayarî.** Tem bastante folhas. *Veja:* **yaarî.**

katpa *S.* luz universal ou geral. **Katpan xatî ow.** Amo a luz do dia. **Katpape (ATZD) nas okre.** É como a luz do dia. **Mehxa ñekatparesî (NMZD).** É dia naquela direção. */Fono:* Poss.: -n/

katpana *AT.* na luz do dia, fora da casa, dia. **Katpanaw exitaw nuturpamyas okwe.** Se ficar fora de casa vai ressecar. **Katpanaka kayka.** Vamos para o sol. **Kosope tîhce, katpanaw katî?** Vamos à noite ou durante o dia?

katpî *S.* cadeia (de montanhas); cordilheira. **Katîhwo (ATZD) roro kayka.** Vamos através da cordilheira. **katpîrî** a cadeia, a cordilheira *Veja:* **katîhwo, katîhpoci.**

katuhke *AT.* prostrar-se, curvar-se. **Katuhke nas okwe.** Ela está todinha curvada, que pena. **Katuhwasî**

(VBZD). Ela está prostrada.

katupiciri *S.* tipo de lagarta.

katurima *S.* tipo de árvore cuja fruta é comível, a madeira é branca e não muito dura.

katî *PRT.* indica uma pergunta de possibilidade contrária. **Mîîce? Tohra katî may?** Onde você está indo? Ou você não está indo? \mr

katîhcaramay *AT.* ter crina como de cavalo ou juba de leão. **Katîhcaramay nasî.** Ele tem uma crina **Katîhcaramanwasî kopi (VBZD).** Ele está irritado.

katîhpoci *S.* nadadeira, barbatana (de um peixe). **Katîhpoxe (ATZD) nay.** Eles tem barbatanas.

katîhwo *AT.* ao longo de uma cadeia longa e estreita de montanhas. **Katîhwo roro kayka.** Vamos ao longo da cadeia (de montanhas) *Veja:* **katpî(rî).**

katîhyamci *S.* crina de um cavalo. *Veja:* **kanahwaɲkon.**

katwaru *S.* tipo de árvore que é boa para fazer canoas.

kaw *AT.* alto, longo. **Kau natîkwakñe weewe me.** A árvore cresceu e ficou muito alta. **Kawra nasî.** Ele é baixo. **Kawno (NMZD) mîn kecekre.** A árvore é alta. **Okaritan mewretopo ñekawnonkesî. (NMZD) + (VBZD)** Meu lápis ficou mais curto. *Veja:* **ehyatkaw.**

kawahman *S.* tipo de árvore cuja fruta é comível, a madeira é branca, e não muito dura.

kawaru *S.* cavalo.

kawatmana *S.* tipo de criatura que se gruda num peixe.

kawau *S.* argila, barro. **Kawau wamkesî.** Estou cavando argila (para usar). *Veja:* **eɲmo.**

kawawape *AT.* azedo. **Kawawape nasî rimaw.** Limas são azedas. **Kawawano (NMZD) eeko.** Me dá um que é amargo.

kawaxiy *AT.* fermentado. **Kawaxiyem (NMZD) erîhra cexpore nasî.** Não é bom beber o que é fermentado. **Kawaxinta (VBZD) kica.** É fermentado.

kaway *S.* tipo de papagaio. *Veja:* **waaro.**

kawayapa *S.* papagaio relativamente pequeno de cor verde que voa rápido em grupos.

kawaykaway *S.* tipo de papagaio. *Veja:* **waaro.**

kaweresî *S.* neblina.

kawnuku *VT.* espremer num espremedor de cassava. **Kwahxarî kawnukyasî.** Estou espremendo mandioca ralada num espremedor. **Kawnukura wasî.** Não estou espremendo. **Kawnuko.** Esprema-o.

kaxara *S.* caldo. **okaxaran** o meu caldo

kaxi *PR.* ser de um certo jeito por natureza ou por nascença. **Camkî amna nasî tooto kaxi.** Nós somos ignorantes porque somos pessoas humanas (não Deus). **Onahrî, kahra nasî tooto pîn kaxi.** (Cachorros) não podem por comida porque não são pessoas.

kaxiro *S.* tipo de pica-pau.

kaxmi *S.* arraia; raia.

kayaritomo *S.* rei, chefe, governante. **okayaritomon** meu rei *Veja:* **antoma.** *[Fono:* Poss.: -n*]*

kayatîtko *S.* cupim que sai voando depois de uma chuva forte.

kayi *VI.* subir, trepar. **Kîkayinasî weewe pore.** vou subir na árvore. **Kayimra wasî.** Não consigo subir. **Akayinîmko.** Suba.. *Veja:* **awnuku.**

kayka *VI.* vamos, você primeiro. **Kayka mîîmo yaka.** Vamos para a casa, você primeiro. **Kaykatko.** Vamos todos juntos. *[Gram:* This verb has no other forms than the tow listed here.*]*

kaykokoro *AT.* nas alturas, no ar. **kaykokorono** algo que está nas alturas, quarto de cima *Veja:* **epoyi.**

kayku *S.* tipo de vespa. **kayku yepu** tipo de árvore boa para lenha

ka, kas *(from:* **ka***) VT.* falar, fazer. **Ero wa wîîkes awya.** Isso é o que falarei para você **Kacoko ka.** Faça agora. **Kasko yîwya.** Fale para ele. **Kîricici ñehcow, kacho (NMZD) rma mîm.** Isso é a coisa que sobro que falaram, eles trouxeram as contas.

ke$_1$ *PP.* por meio, com. **Yawaka ke yîhkotoko.**

ke$_2$ *PRT.* indica ignorância na parte do falante ou ouvinte, algo que deveria saber, conselho. **Ero wa nay ke.** Não sabia que era assim.

kecekre *S.* o tipo de árvore mais alta no norte da floresta amazônica. Esta árvore queima mesmo quando está verde. Os índios às vezes as derrubam com fogo.

kehrere *ID.* ação de arrastar alguma coisa em cima de rochas.

ken *S.* boca de um rio.

kentaw *AT.* na boca de um rio. **Kuyuwini kentaka kîwcesî.** Vou para a boca do rio Kuyuwini. **On kentaw nas ewto.**

keñe *PP.* por meio, com. **Ookeñehra rma mîîkacou.** Você fez mesmo sem mim.

keñe *PP.* tendo muito de alguma coisa. **Peen keñe nay kica. Masah keñerî(NMZD)** Muitos mosquitos.

keñe *PRT.* exclamação de sensação de frio.

keñepu *S.* cordas finas de uma rede. **okeñeru** as cordas finas da minha rede. **Okaywan ñekeñekoto(CPD) kica.** As cordas finas da minha rede rasgaram. *[Fono:* Poss.: -ru*]*

kepetî *S.* tipo de sapo.

keweyu *S.* avental. **akeweyun** seu avental **Keweyumra wasî.** Não tenho um avental.

kica *PRT.* expressão de desgosto. **Tuuna mokyasî kica.** Está chovendo, que coisa chata.

kicici *S.* uma pessoa má ou coisa má . (esta palavra muitas vezes leva o sufixo -tho.). **Ow xa kicici.** Sou uma pessoa má. **Kicicitho pokohr ehcoko.** Não faça coisas más. **okicicin (NMZD)** meu pecado (especialmente relações sexuais ilícitas), órgãos genitais **Ñikicicinta (VBZD).** Ele cometeu adultério.

kicicime *AT.* mal. **Kicicme wasî kica.** Sou mal.

kicicintaw *AT.* não à vista, cercado por arbustos ou outro objetos que estão obstruindo a visão ou pontaria. **Kicicintaw ñeexi kica xîpîrî.** O guariba estava cercado por galhos. **Kicicintaka tomo kica.**

kiiru *S.* pequeno papagaio verde.

kiiwi *S.* anzol. **okiwin** meu anzol *[Fono:* Poss.: -n*]*

Kikwo *S.* Rio Baracuxi.

kipikipi *S.* tipo de sapo pequeno.

kipixi *S.* nome de uma variedade de árvores que crescem ao lado de riachos e que tem frutas parecidas com grande feijões cuja pôlpa é doce e boa para comer.

kirikiri *S.* tipo de papagaio pequeno.

kîwantaw *AT.* em plena vista. **Kîwantaw ñeexi poñko.** O porco do mato estava em plena vista.

kîwañhe *AT.* bom. **Kîwañhe was ha re.** Estou relativamente bem. **Kîwan (NMZD) mak eeko.** Só traga um que seja bom. **Kîwañhe exihra nasî.** Não é bom. (A forma negativa dessa palavra não existe.)

kmacikmaci *S.* pequena cuia usada para fazer chocalhos.

kmaka *S.* Árvore parasita que nasce de sementes que se depositam no alto de outro árvore. Da árvore crescem raízes que se estendem até o chão e formam troncos. Da árvore também brotam tentáculos que circundam a árvore que a sustenta, e com o passar do tempo a mata. Esta árvore pode ficar muito grande e ter raízes sobre uma grande área.

kmakma *ID.* sente-se (para uma criança). **Kmakma kasko.** Sente-se.

kmamu *S.* peixe de escamas e de tamanho médio.

kmo *S.* pus. **Nîkmorwasî (VBZD).** O pus está saindo. **Yîkmotara nasî.** O pus não está saindo. **yîkmorî** é pus

kmokmo *ID.* indica amamentar no seio da mãe. **Kmokmo kasko.** Amamenta.

kmorîk *ID.* cacarejar (galinha).

kmowaî *ID.* ação de abrir (porta, etc.).

kmîrîkmîr *AT.* tendo pequenas rugas. **Kmîrîkmîrpe nasî.** Tem rugas. **Kmîrîkmîrîno(NMZD) eeko.** Traga um que tem rugas.

knararama *VT.* desenrolar (fio, linha). **Kanararamakî** Desenrole-o. **Taa, knararamesî.** Esta bom, vou desenrolar. *Veja:* **st** $_1$.

knawaru *S.* rã, substância cáustica na pele.

knay *ID.* expressão de bater num objeto duro. **Pom knay.** Joga, bate, ele bateu.

knerere *ID.* som de trovão à distância.

knereyknerey *ID.* som de remos batendo ao lado de uma canoa. **Knereyknerey kasko.** Faça barulho na

canoa com os remos.

knokno *ID.* bater palmas. **Knokno kacoko.** Todo mundo bate palmas.

knokoknokope *.IT.* solto, chacoalhar, sacudir. *Veja:* **torotorope**.

knopu *VT.* cortar um objeto comprido em pedaços pequenos. **Oyotî wîknoyasî.** Estou cortando a minha carne em pedaços pequenos. **Yîknopura weexi.** Não cortei em pedaços pequenos. **Wîknopu.** Cortei em pedaços pequenos.

knorow *ID.* som da queda de uma árvore grande.

know *ID.* som de um tiro com arma de fogo.

knowkray *ID.* som de quebrar em 2 ou 3 pedaços (espelho, pote).

knoy *ID.* expressão para algo que tem grande peso, expressão de ser atolado ou difícil para remover, dureza. **Knoy, anmîn me ro mak nas okwe.** Puxa, não se consegue levantá-lo!

knu *ID.* expressão quando se bate na cabeça de alguém com o punho. **Knu, yîhtîpîrî ñetapekñe oko.** [Whack], ele bateu na cabeça dele.

knuk *ID.* estar muito perto, não ter espaço no meio. **Knuk wara cirko.** Faça para não ter espaço no meio.

knuru *ID.* ação de fechar (olhos, caixa, etc.).

ko *VI.* estragar. **Kowasî kica.** (a carne) Está estragada. **Kohra nasî.** Não está estragada. **Kokem (ATZD)+ (NMZD) noñesî kica xapari.** Cachorros comem carne estragada.

kok *VI.* cantar do galo. **Kapikara kokwataw kayka.** Vamos ver onde os galos cantaram. **Kohtîmra ka ñeexi.** Não cantou ainda.

kokmam *VI.* está ha hora do pôr do sol. **Tîtkokmamyas okwe.** Estaremos fora de casa depois do por do sol. **Kokmamche (ATZD) mak moko.** Ele virá depois do por do sol.

kokok *S.* vinco. **kokokyem (NMZD)** algo tendo um vinco **epikokon** vinco (nas calças)

kokoko *ID.* assobiar (bilabial).

kokoñî *.IT.* de tarde. **Kokoñî kmokyasî.** Chegarei à tarde.

kokoñoro *.IT.* ontem. **Kokoñoro mokye.** Ele veio ontem.

kokra *ID.* som do canto de um galo. **Kokra nîîke kapikara** O galo cantou.

komkom *S.* broca grande para madeira.

komo *PRT.* indica coletividade. *Veja:* **so.**

komomomo *ID.* ação de afogar, ou afundar.

komsî *S.* frio frieza. **Kîtatanasî komsî ke** Estou tremendo de frio. **Kîkomsînasî (VBZD).** Estou com frio. **Komsîmra wasî.** Não estou com frio.

kookoko *ID.* assobiar uma música.

kooso *S.* veado grande. **kooso waray kooso yepu** tipo de árvore da qual as araras comem as frutas

kopi *PRT.* expressão de medo. também usada de alguém que está fora de si ou tenha feito alguma besteira. **Ache kacho ero wa may kopi?** Porque você é assim?

kopow *ID.* indica um esparrame quando uma pessoa cai na água. **Kopow wîîka kica.** Cai na água com um grande esparrame.

korkorî *S.* tipo pequeno de peixe de escamas.

koroka *VT.* lavar. **Ohtarî korokesî.** Estou lavando meus pés. **Korokara wasî.** Não estou lavando-os.

korokorama *VT.* comer toda carne. **Tîtkorokoromacerî** Vamos comer toda a carne.

korîn *S.* carne estragada. **Korîn yahñe kwacinam.** Urubus comem carne estragada. **Korînta (VBZD) kica.** Estragou, que mal.

koîma *VT.* virar parcialmente. **Koîmakî xiya.** Vire um pouco para cá. **Koîmara wasî.** Não consigo virar.

koîope *AT.* falar indistintamente, falar sem cuidado. **Koîope nîmtapowasî.** Ele está falando indistintamente. é difícil de entender.

koîpo *AT.* torto, envergado, inclinado para o lado. **Koîpo nasî.** Está inclinado para o lado. **Koîihnotho (NMZD) eeko.** Traga aquela vela coisa envergada.

kosope *AT.* à noite. **Kosope moko.** Ele veio à noite.

koto *VT.* cheirar mal. **Kotowa kica.** Tem um mal cheiro. **Kotohra nasî.** Não cheira mal.

kotoka *AT.* grande (Raro). **Kotoka nasî tuuna.** A água está grande (alta). **Kotokan (NMZD) aporî.** O braço dele é grande.

kotîsî *S.* tipo de peixe de escamas e de tamanho médio.

kow *ID.* esparrame (peixe batendo na água com o rabo).

kowun *VT.* rinchar (cavalo); uivar (cachorro). **Kowunwasî.** Ele está uivando.

koykoy *AT.* ondulado (cabelo).

koyokoyo *S.* papagaio. *Veja:* **waaro.**

kpakapara *S.* passarinho de peito branco.

kparakparape *AT.* listrado. **kparakparape nasî kapikara.** A galinha é listrada. **Kparakparano (NMZD) yuhme on.** Esses ovos são da galinha listrada.

kpata *S.* videira com espinhos.

kpaxa *S.* tipo de árvore de madeira branca e macia.

kpo *AT.* doce. **Tîkpore nas okre.** É muito doce. **Yîkpora nasî kica.** Não é doce. **Omtakporî (CPD) + (NMZD) xe wasî.** Quero algo doce na minha boca. **Kîmtakpoke (CPD) + (VBZD).** Deixa um gosto mal na boca. **Wîkporesî (VBZD).** Vou fazer doce. *Veja:* **yîkpon.**

kraa *ID.* som de motor de avião. **Kraa kacho wentay.** Ouvi o som do motor do avião.

krahko *N.* tipo de passarinho pequeno.

krapa *N.* arco. **okrapan** meu arco **krapa yepu** árvores de madeira de lei das quais se fazem arcos **Yîkrapamra wasî.** Não tenho um arco */Fono:* Poss.: -n/

kraparapa *N.* tipo de árvore com frutos comestíveis.

krarasî *N.* pântano, terra que se alaga na época chuvosa.

kraî *ID.* atolar, colocar no lugar.

krawa *VT.* causar dor profunda e aguda. **Okrawas oko.** Me deu uma dor aguda.

krawoto *N.* tipo de sapo muito pequeno. *Veja:* **omhakî.**

kray *ID.* rachar em dois pedaços.

krekrekî *N.* tipo de bambu pequeno do qual se pode fazer assobios.

krere *N.* alga. **tuuna krere** alga **Tîkrerey (ATZD) nasî.** É viscosa, tem alga nele.

kreru *N.* tipo de papagaio.

krewe *VT.* viscosa. **Tîkrewexe nasî.** É viscoso. **Nîkrewewasî (VBZD).** Está ficando viscoso. **Nîkrewenta (VBZD).** Ficou viscoso.

krewetî *N.* fibra de carawa, planta que produz esta fibra. **Okrewetîn wakesî.** Estou desfiando as fibras desta folha. **Krewetî wiîras onatîrî.** Estou plantando corawa para mim.

krey *ID.* som de soltar (como a casca de ferida ou algo colado).

krice *ID.* som de abrir um cadeado.

kriki *ID.* expressão usada para o som de uma bala raspando o alvo.

krikikriki *ID.* esfregar seu corpo.

kroku *VT.* vazar (telhado). **Nîkrokwasî kica.** Está vazando. **Yîkrokura nasî.** Não está vasando. **Nîkrotomo.** Vazou.

krow *ID.* expressão para furar, perfurar, apunhalar.

kruk *ID.* som de flecha acertando o alvo. **Cak kruk.** (Flecha) deixando arco e acertando o alvo.

kruma *VT.* ajuntar coisas perto umas das outras (pessoas, contas). **Kîricici yukrumakî.** Ajunte as contas mais próximas umas das outras. **Ekrumacoko(INZD) xiya.** Junta-se mais no banco.

krîkrî *ID.* tremer. **Okopu nîkrîkrînasî (VBZD).** O homem que está morrendo está tremendo. **Kîmtakrîkrînasî (CPD)+(VBZD).** Eu gaguejo.

krîkî *ID.* som de encaixar numa fenda, tecer. **Krîkî, iyota yaka tomo.** Entrou no garfo do poste. **Krîk Krk Krk** Ele esta tecendo.

krîpu *VT.* hesitar. **Kîkrîyasî.** Estou hesitante em fazer isto. **Yîkrîpîra wasî.** Estou hesitante a respeito disto.

krîrînka *VT.* raspar, descascar, esfolar. **Ñeporekrîrînka (CPD).** Ele raspou a perna.

krîra *PRT.* expressão de desvalia, dispersão, malevolência. **Tan krîra nay?** Devemos deixar aqui (na mata para estragar)? **Aaxera krîra wasî.** Não te amo nem um pouco.

krîramanka *VT.* esfolar a pele até sangrar. **Kekrîramanka.** Me esfolei até sangrar.

krîrowe *ID.* tornar-se laranja ou vermelho (geralmente em se falando do céu).

kucpi *ID.* expressão de cuspir. **Kucpi kahr esko.** Não cuspa.

kuhka *VT.* usar alguma coisa (que deixa de ser novo). **yukuhkaxupu (NMZD)** algo que foi usado

kuhka *AT.* empilhado alto e espesso.

kuhre *VT.* desperdiçar. **Waywî wukuhresî mak okwe.** Estou só desperdiçando flechas. **Yukuhrera wasî.** Não vou desperdiçar. **Ketkuresî (INZD) mak okwe.** Estou só gastando o meu tempo.

kuhya *S.* um braço de água relativamente tranqüila ligado a um rio. **Yîwîrî kuhyan** Bahia de Capibara

kuhyatî *VT.* partir de um caminho à um ângulo (O uso deste verbo na forma transitiva não foi registrado. Talvez esta forma é simplesmente assumida.). **Ekuhyatîra wasî.** Não vou deixar (o caminho). **Ñekuhyacasî** A (madeira) rachou num ângulo ruim.

kukawa *S.* arco-íris.

kukma *VT.* imitar, zombar, falar de memória, um homem ter relações sexuais com uma mulher, fazer corrida, experimentar. **Ow mukukmesî.** Você esta me imitando. **Onî na waaîa weewe, wukukmesî mak.** Talvez eu consiga carregar esse tronco, vou tentar. **Kaan karitan yukukmacoko.** Fale versículos da Bíblia de memória. **Mukukmekñe?** Você teve relações sexuais com ela? **Tîkaritî nukukmetu.** Eles estão tendo uma corrida. **Paaka eeko, yîpîmtawno yukukmañenho pîn.** Traga um boi, que nunca puxou o jugo.

kuknoma *VT.* contar, medir, marcar um tempo. **Opurantan wukuknomesî.** Estou contando o meu dinheiro. **Kaamo yukuknomakî amohtopo hara.** Marque o dia em que vai retornar.

kuknonka *VT.* fotografar, tirar foto. **Kukuknonkesî.** Vou tirar seu foto. **Akuknonkara wasî.** Não vou tirar seu foto.

kukuxwe *S.* pequena árvore que cresce em clareiras velhas. (Antigamente as folhas eram usadas para crescerem um certo tipo de mofo que transformava goma em açúcar. Esta açúcar era usada para adoçar a bebida.).

kukuyu *AT.* com bochechas vermelhas.

kukwa *S.* grande árvore da mata usada para fazer canoas.

kum *AT.* muito perto um no outro, tocando um ao outro. **Tukumke cirko.** Coloque muito perto um do outro. **Ekumpona (PPZD) ñermetkeñe.** Eles sentaram perto um do outro.

kumasa *S.* feijão, ervilha.

kumho *S.* tipo de batata grande.

kumiri *S.* tipo de banana muito gostosa.

kumixi *S.* saco, um palmeira cuja casca das frutas é usada como um saco para carregar coisas. **okumixin** meu saco *[Fono:* Poss.: **-n/**

kumkumhe *VT.* macio.

kumnato *S.* palmeira que tem frutas parecidas com kwanamari. *Veja:* **kwanamari.**

kumu *S.* veneno, sedimento. **iyokumuru (CPD)** veneno de cobra **makumuru (CPD)** algo que sedimenta no fundo **Kumasa wukumcesî (VBZD).** Estou remexendo os feijões no fundo **Yukwarî yukumtoko (VBZD).** Remexa a goma. **Oyepeñan ñetkumce (VBZD) + (INZD).** A minha doença apareceu de novo. **Corokumto (CPD) + (INZD.** Ele gemeu. *[Fono:* Poss.: **-ru/**

Kumwo *S.* Rio Mapuera em uaiuai. **Kumwo kwawno ow.** Moro no Rio Mapuera.

kunuñma *S.* peixe de escamas de tamanho médio.

kunwa *S.* peixe pequeno que pula em cima da superfície da água.

kuñimixi *S.* navalha de barbear, gilete.

kupama *S.* pulga grande de cachorro.

kupruru *ID.* expressão para arrastar algo sobre o chão. *Veja:* **kehrere.**

kupupu *S.* peixe de tamanho médio.

kurara *S.* ripas de paxuba, piso feito de ripas de paxuba.

kurayi *S.* bebida que antigamente era feita de beiju ou batata doce mastigada e cuspida. A saliva transformava um pouco da goma em açúcar e assim adoçava a bebida. Essas bebidas hoje em dia são adoçadas com o suco da cana de açucar.

kurey *ID.* expressão usada para sair ao aberto.

kuripara *S.* ferro, aço, qualquer metal duro, cartucho de arma. **okuriparan** o meu cartucho da arma

kurixixi *S.* tipo de árvore.

kurko *S.* pássaro de tamanho médio que vive perto da água e que canta quando voa ao por do sol.

kurpewo *S.* madeira flutuante.

kurum *S.* urubu rei Este urubu voa muito alto quando está procurando comida. Quando localiza a comida, desce muito rapidamente e voa na altura das árvores.

kurun *S.* arma, proteção, protetor. **Xapari waañasî okurun.** Vou levar um cachorro para me proteger. **Yukurumra mak nas okwe.** Ela não tem protecão. **Tukuruy (ATZD) wasî.** Tenho algo para me proteger.

kurunanpu *VT.* evitar fazer algo por causa do medo ou dificuldade. **Wukurunaniyas.** Não vou fazer (eu acho melhor não fazer). **Yukurunanpîra wasî.** Não vou deixar de fazer pôr causa de medo.

kurunaw *AT.* na proteção de alguém.

kurunka *VT.* ousar fazer algo, ousar atacar. **Koriya pen nukurunkekñe Tapi.** Davi ousou atacar Golias. **Yukurunkara tî nay.** Ele falou que está com medo de brigar com ele. *Veja:* **(i)yaska(kî)**.

kurunpe *VT.* proteger. **Nukurunpesî.** Ele vai protege-lo. **Yukurunpera nas okwe.** Ele não vai protege-lo. **Ketkurunpesî (INZD) yîhyaka.** Busco a proteção dele.

kurururu *ID.* expressão usada para pessoas ou animais indo em fila. **Kurururu, kopow tuuna kwaka cekñe kuuxi.** Os porcos foram em fila para dentro da água.

kurutma *S.* girino.

kurutwitwi *S.* pequeno passarinho.

kuruxman *S.* policial (palavra emprestada do Inglês).

kurwarî *S.* peixe de tamanho médio que come frutas.

kusama *S.* enxada. **okusaman** *Veja:* **pururi.**

kutu *AT.* cor de leite (líquido). **Tukutwe nasî tuuna.** A água é da cor do leite. **Amna tunarî mukuturesî (VBZD) kica.** Você faz nossa água leitosa.

kuu *PRT.* lembrar algo que foi esquecido por muito tempo, descobrir alguma coisa. **Kuu, omariyan wîhcamnopu okwe.** Ah, esqueci a minha faca. **Kuu, ero wa ma nay ke.** Ah, então é desse jeito!

kuumu *S.* bacaba (árvore ou fruta). **Tapeswe nasî kuum yepu.** Pé de bacaba são lisos.

kuupa *S.* palmeira de tamanho médio de centro oco e que tem raízes expostas que entram na terra num ângulo. *Veja:* **st** $_1$.

kuupu *S.* copo. **okupun** meu copo *[Fono:* Poss.: **-n***/*

kuuri *S.* tipo de argila de cor vermelha brilhante, ocasionalmente vista nas margem de rios.

kuusa *S.* agulha. **okusan** minha agulha

kuuto *S.* tipo de sapo que vive em árvores – O coaxar dele tem o som de remos batendo nos lados de uma canoa.

kuutu *S.* tipo de árvore cuja seiva é boa para o tratamento de feridas. *Veja:* **mayawaru.**

kuuxi *S.* porco.

kuuyi *S.* tipo de palmeira cujas folhas são boas para fazer telhados duráveis. **Kuuyi yarî yehso kîwcesî.** Vou pegar folhas de kuuyi.

kuway *PRT.* quebrar um pedaço.

kuwikuwi *s.* furadeira, broca.

kuxpa *S.* árvore boa para fazer remos.

kuy *VT.* derreter (O radical deste verbo é incerto.). **Maañi wukuyasî.** Estou derretendo comida.

kuyana *S.* enxó para cavar canoas. **okuyanan** meu enxó *[Fono:* Poss.: **-n***]*

kuyuru *S.* tipo de tucano.

kuyuwi *S.* tipo de marundi com cabeça branca.

kuywa *S.* rede. **okuywan** minha rede **Yukuywamra wasî.** Não tenho nenhuma rede. **Etkuywan po naxe.** Estão na rede dos outros.

kîk *PRT.* expressão de admiração com o tamanho ou poder da alguma coisa. **Kîk kaĩe pîn mîkyam.** Eles não se admiram com qualquer coisa.

kîricici *S.* contas de vidro.

kîrîkîrî *S.* lima. **okîrîkîrin** minha lima *[Fono:* Poss.: **-n***]*

kîrîrî *S.* tipo de cobra de tamanho médio.

kîrîrînka *VT.* fazrer algo mover-se, ou correr ao longo de uma corda, fazer uma corda passar entre os dedos ou outro objeto. **Ñekîrînke.** É possível que o nó vá correr na corda (apertando-o muito).

kîrîsî *S.* exantema. **Kîkrîswasî (VBZD) kiea.** Estou contraindo uma exantema.

kîtmo *S.* tipo de peixe pequeno.

kîtîtpe *AT.* pastoso (líquido). **Kîtîtpe nas okre kwokru.** Nossa bebida é pastosa e gostosa. **Kîtîtîno (NMZD) yerîhra wasî.** Não consigo beber uma bebida pastosa. **yîkîtîtîn (NMZD)** bebida concentrada de palmeira, sem goma

kîîrî *S.* homem, menino. **kîîrî mren komo** meninos **kîr komo** homens

kwa *PP.* em líquido. **Eepu kwaw amna cesî.** Nós vamos entrar no rio. **Yukwaka cirko.** Coloque no rio. **Yukway anîmko.** Tire da água. **Yukwari moheow.** Eles vieram sobre a superfície da água (não pelo ar) . **Oyewru kwaka tomo oko.** Entrou no meu olho.

kwacakwacape *AT.* manchado, pintado. **Kwacakwacano pume on.** Esses ovos são da galinha pintada.

kwaci *S.* tartaruga d'água. **Kwac pume yeposo kîweesî.** Vou procurar ovos de tartaruga. **Kwaci mîkro.** É uma tartaruga.

kwacinama *S.* urubu preto.

kwahsî *S.* espremedor de mandioca. **okwahsîrî** meu espremedor de mandioca *[Fono:* Poss.: **-rî***]*

kwakwarare *S.* tipo de bambu fino, uma flauta feita desse tipo de bambu.

kwakwarî *S.* principalmente usado para se referir ao planeta Vênus, ou pode referir-se a qualquer planeta.

kwana *S.* lagarto verde e grande que mora em árvores pequenas à beira do rio. tipo de árvore. **Tpoxwe nasî kwana pume.** Os ovos de iguana são gostosos. **kwana yepu** tipo de madeira de lei

kwanamari *S.* tipo de palmeira com fruta comestível de forma oblongo.

kwanaymo *S.* tipo de lagarto grande que não é comido pelos uaiuais.

kwaɬakwaɬa *S.* tipo de sapo.

kwaxarî *S.* mandioca seca e ralada, pão feito de mandioca seca e ralada.

kway *ID.* rachar em pequenos pedaços ou lascas.

kwayari *S.* tipo de arara vermelha de asas azuis.

kwayaɬpetaɬmen *S.* árvore de madeira de lei, cujas frutas são comidas pelas araras.

kwayka *VT.* lascar, tirar lascas de alguma coisa. **Nukwaykesî.** Ele está lascando-o. **Yukwaykakî.** Lasque-o.

kwaypî *S.* lasco.

kweeyo *S.* um passarinho cinza que reage a trovão e tiros de espingarda.

kwerekwere *ID.* rasparar alguma coisa com a finalidade de limpar.

kwerî *S.* árvore de madeira de lei.

kwexixpe *AT.* torto - Usado para objetos que são tortos mas deveveriam ser retos. **Kwexixino (NMZD) mîn waywî.** A flecha está torta. **Kwexixpe nasî kica.**

kweykwey *ID.* indica a ação de remar. **Kweykwey kasco.** Reme.

kworo *N.* arara vermelha com as penas das asas azuis e verdes. **Oyoku nasî kworo.** Tenho uma arara vermelha. **kworo yokoyin** tipo de cobra vermelha **kworo perî** tipo de árvore de tamanho médio com frutas comestíveis.

kworoymo *S.* peixe gigantesco de pele vermelha que vive nos afluentes do rio Amazoas.

kwoto *S.* pássaro de tamanho médio. **kwoto matko** tipo de banana, o nome significa o rabo de kwoto

kwîcikwîci *S.* tipo de tucano pequeno.

kwîkwî *ID.* ato de coçar (cachorro).

kyakyawa *S.* uma área coberta de árvores caídas pelo qual não se consegue passar. *Veja:* **apasî.**

kyam *PRT.* indica uma decisão ou ação não premeditado, ou indica ação que não era importante ou não sucedeu. **Keyepu kyam mak.** (Você conseguiu tirar argila da água?) Só consegui tomar um banho. **Tanî kyam.** Suponho que ficarei aqui. **Onoke waano naaɬa. Owî kyam.** Quem vai dirigir os hinos? Suponho que sou eu.

kyu *AT.* marrom avermelhado, amarelado.

M - m

ma$_1$ *PRT.* surpresa, quando seguido pela partícula re, os dois juntos indicam dúvida forte a realização da ação intencionada. **Ero wa ma nay ke.** É desse jeito (não sabia isso). **Manîmya ha ma re?** Você realmente pensa que pode levantá-lo? (Eu não acho).

ma$_2$ *VI.* dançar. **manîmtopo** dançar **Manaxe.** Estão dançando.. **Manîmra naxe.** Eles não estão dançando.

maañi *S.* tipo de libélula.

maara *S.* Uma árvore que cresce perto de rios. Esta árvore tem vagens longas, chatas e marrons. Os grãos não são comestíveis.

maarâ *N.* videira.

maawa *S.* tipo de sapo ou rã que às vezes coaxa quando chove. Este sapo ou rã coaxa especialmente no tempo de Natal, durante as chuvas.

maawa yepu *S.* árvore cuja casca é boa para fazer alças e amarras.

maaxa *S.* peixe que se parece muito como uma aymara pequena.

macaka *VT.* derrubar (um objeto alto que não tem raízes ou fundação profunda). **Waaca macakesî.** Vou derrubar a parede. **Ñemacaka (INZD) okwe.** Caiu, que triste. **Emacakara (INZD) nasî.** Não vai cair.

macanari *S.* árvore que é boa para fazer caibros de casas. Suas frutas são boas para isca de peixe.

maciki *AT.* pequeno numa extremidade ou em ambas as extremidades.

macikoko *S.* tipo de passarinho pequeno de pescoço vermelho ou amarelo.

macohka *VT.* atravessar até o fim (cachoeira). **Kahxî tîtmacoka.** Nós atravessamos toda a cachoeira. **Macohkara rma ñehcow.** Eles não atravessaram até o fim ainda.

mahca *S.* varanda, uma segunda abertura num tronco ou na terra, da moradia de um tatu ou queixada. */Fono:* Poss: -n/

mahcaru *S.* barata.

mahka *VT.* remover o fundo de alguma coisa, um modo vulgar de falar que está tendo relações sexuais com uma mulher. **Yamata ñemahkes (INZD) okwe.** O fundo da caixa está saindo.

mahnakuri *S.* passarinho parecido com o papa-figo.

mahranka *VT.* empurrar, derrubar. *Veja:* **mohraka, moruhraka, macaka.**

mahrima *VT.* contar alguma coisa para alguém, traduzir; aumentar uma casa. **Rîiwo mahrimara cexpore nasî.** Nós não devemos espalhar estórias. **Anarî komo ya mahrimakî.** Conte para outros. **Omîn mahrimay.** Aumentei a minha casa.

mahtoko *S.* ânus, reto. **omahtokon** meu ânus */Fono:* Poss: -n/

mahtîkîthîrî, mahtîkîtho *(from:* **mahtîkîthîrî)** *S.* caçula. **Mahtîkîthîrî moso.** Esta é o caçula.

mahtîwî *S.* pássaro do tamanho de um pequeno gavião que plaina no céu à tarde.

mahya *PP.* rio abaixo, ação subsequente, após a saída de uma pessoa. **Amahyaw so nas omîn.** A minha casa é rio abaixo de onde você mora. **Amahyawno komo añihko.** Chame os que moram rio abaixo. **Amahyaka rma kmoko.** Vim logo após a sua saída. *Veja:* **ret.**

mahyanka *VT.* levantar a traseira de alguma coisa.

makaka *S.* tipo de gafanhoto.

makanari *S.* tipo de peixe pequeno. *Veja:* **kîtmo**.

makañko *S.* minhoca.

makapa *S.* peixe pequeno com uma cabeça grande e chata.

makara *S.* tipo de árvore grande com frutas amarelas comestíveis.

makata *PP.* debaixo, embaixo. **Amîn makataw nas omariyan.** A minha faca está debaixo da sua casa. **Makataka arko.** Coloque embaixo.

makawan *S.* papo de uma ave. **Makawankakî (VBZD).** Retire o papo (e o restante das entranhas).

mako *VT.* soltar gás intestinal, usado também como uma metáfora de contar uma mentira. **Ero wa makowa kica. Makomr esko.**

makoɾma *VT.* virar (a proa de uma canoa). **Makoɾmakî** Virar a proa de uma canoa. **Makoɾmara was okwe.** Não consigo virar. *Veja:* **ewkoɒma, koɒma**.

makowriri *S.* nome para um rabo torcido como de um porco.

makpoponk *VT.* turbular.

makro$_1$ *S.* penas do peito de uma águia. **yaymo makro** penas de uma águia (freqüentemente usado para enfeitar o cabelo)

makro$_2$ *S.* espuma branca das cachoeiras. **kahxi makron.** espuma branca das cachoeiras **Makromra nasî.** Não tem espuma. */Fono:* Poss: **-n/**

makukuwi *AT.* arqueado na ponta (como um anzol), as folhas mais baixas de uma casa (que são um pouco arqueadas). **tmakukuwiyem (NMZD)** algo arqueado na ponta **kaw nasî makukuwin (NMAD).** As folhas mais baixas da casa são longas

makumu *S.* refugo. **Tmakumke (ATZD) nasî.** Tem refugo. **Makumkakî.** Mexe o refugo.

makuywe *VT.* ferver até engrossar. **Paranci makuywexapu (NMZD) xe wasî.** Quero xarope de cana de açúcar. **Makuywera was okwe.** Não consigo fazer xarope. **Makuyweko.** Ferva-o.

makî *PRT.* indica limite de tamanho ou quantidade, limite de ação, também é usado com um substantivo para indicar que é uma metáfora. **Cewñe mak eeko.** Traga só um. **Tohra ro mak wasî.** Não vou, não vou mesmo. **Nawsînasî, toopu mak.** É pesado, é uma pedra. **Yîhkoto mak, akñipur esko.** Só corte em dois pedaços, não queime. *Veja:* **man**.

makwaciri *S.* tipo de pássaro escuro. *Veja:* **makî**.

makwanan *S.* viga de uma casa na qual os caibros se apoiam.

makwawru *S.* tipo de árvore cuja casca era usada para fazer espuma para lavar o cabelo, a fruta desta árvore é comida por araras.

mama *PP.* no fundo de algo (caixa, saco, pilha), também usado para indicar a pessoa que está debaixo numa luta corporal. **Kumixi mamaw nasî.** Está no fundo do saco. **Amamaka ñepîrka.** Ele caiu debaixo de

você. **Toh ke tmamake (ATZD) nasî.** Tem uma rocha debaixo da superfície. **Emamaw re ehcoko.** Sejam sujeitos um ao outro.

mamaya *S.* mamão.

mamhoko *PP.* rodear. **Poñko mamhoko naxe.** Eles rodearam os porcos do mato.

mamkuru *S.* manga.

mamrikî *VT.* dar a volta, dar a volta longe de alguém para evitar ter que falar com ele. **Ewto mamricoko yaake kaamo.** Ande ao redor da vila por vários dias. **Ow mamrikyas Kica.** Ele dá à volta para evitar-me. **Mamrikîr esko.** Não dê a volta nele.

mamto *VT.* cercar, rodear. **Poñko mamtocoko.** Cerque os porcos do mato. **Cemamto (INDZ) okwe.** Não conseguimos ir para casa (por causa da chuva).

mamtu *S.* penas amarelas do rabo do tucano usadas nos panos de lombo. */Fono:* Poss.: -n/

man *PRT.* indica limite de tamanho ou quantidade, limite de ação. **Asak man wara ɯeeña?** Você acha que não tem bastante?

manaka *S.* palmeira assaí.

manari *N.* peneira feita de caniço. **omanarin** minha peneira **Manari kapupra wasî** Não consigo trançar um manari.

manatîrî *S.* seio de uma mulher. **Ñerewa amanatîrî?** O seu seio doe? */Fono:* Poss.: -ñ/

mañawña *S.* papagaio de tamanho médio, de várias cores com um canto estridente.

mañi *S.* breu colocado em cordas para fortalecer os nós e ajudar os objetos ficarem amarrados na corda. **Omañin eeko.** Traga o meu breu. **Maañî wukuyasî.** Estou derretendo breu. */Fono:* Poss.: -n/

mañiñkaw *AT.* tendo o rabo ereto como um escorpião pronto para picar, ou como leme de uma avião.

mañpa *VT.* esfregar breu numa corda. **Mañpaxup (NMZD) ke yimiko.** Amarre com uma corda esfregada com breu. **Mañpakî.** Esfregue breu.

mapara *S.* peixe grande parecido como um enguia. *Veja:* **st** $_1$.

mapata *S.* esteio principal de uma casa. **mîîmo mapatan** o esteio principal de uma casa **Omîn mapatan waîmes oroto.** Vou colocar o esteio da minha casa hoje. **mapata yepu** tipo de árvore boa para fazer esteio de casas.

mapepe *S.* centopéia.

mapi *S.* fundo; assento de uma (pessoa, caixa, lata, etc.). **Tukre nasî mapirî.** O fundo está molhado. **Tmapikem.** Pessoa com um assento grande.

mapikro *S.* flor de bananeira. **tuxma mapikro** flor de bananeira

mapiri *S.* pium.

mapiîwoko *S.* libélula, lavadeira, lava-bunda.

mapita *PP.* no fim (canoa, linha de pessoas, etc.). **Amapitaka so cma re okanawarî wimiyasî.** Gostaria de amarrar a minha canoa na pôpa da sua. **Amapitaw so kmokyasî.** Vou puxar o fim da corda.

mapitu *S.* cará grande de polpa roxa ou branca.

mapo *VT.* fazer entrar, penetrar por bater num lado. **Mîmpe ka?** Você vai fazer (a estaca) entrar primeiro?

mapomrikî *VT.* remoinho, redemoinho de água. *Veja:* **st** $_1$.

mapotay *PP.* começo de uma nova linha ou estória depois de uma outra. **Ero mapitayirono rma wekatîmyasî.** Vou contar a estória que vem depois desse. *Veja:* **st** $_1$.

mapoxana *S.* tipo de lagarta de cor preta e que ferra. *Veja:* **st** $_1$.

maraka *S.* chocalho usado em dança ou para divertir uma criança. **omarakan** meu chocalho *[Fono:* Poss.: -n/

marakasîsî *S.* arbusto com folhas largas parecido com canas. As sementes são usadas em chocalhos. **marakasîsî yarîrî** sementes usadas para fazer chocalhos

maraki *S.* pássaro relativamente grande cujo rabo é bifurcado. *Veja:* **st** $_1$.

marariya *S.* malária. *Veja:* **st** $_1$.

mararî *S.* roça. **omararîn** minha roça **Mararîmra wasî.** Não tenho uma roça. *Veja:* **st** $_1$. *[Fono:* Poss.: -n/

marawa *S.* árvore cuja madeira é boa para lenha, a casca é boa para fazer amarras. *Veja:* **st** $_1$.

marawetî *S.* veneno feito do casco de um tubérculo de uma videira do mato. O veneno é colocado na ponta de flechas e usado para matar macacos.

marawica *S.* tipo de peixe grande e chato, de cor vermelha que fica perto das corredeiras em água rasa. Eles comem frutas, especialmente azedas.

marha *PRT.* também, quando é usado com xa, significa exatamente da mesma maneira, exatamente do mesmo jeito. **Noro pen marha wayhye okwe.** Ele também morreu. **Ero wa xa marha wayhye.** Ele morreu exatamente do mesmo jeito. *Veja:* **st** $_1$.

mariya *S.* faca. **omariyan** a minha faca **Mariyamra wasî.** Não tenho uma faca. *[Fono:* Poss.: -n/

markukuwi *AT.* tendo um rabo torcido como de um porco. *Veja:* **makowrirî st** $_1$.

maro *S.* a palha mais baixa da casa. *Veja:* **makukuwi.** *[Fono:* Poss.: **-rî/**

marwawana *S.* tipo de árvore parecido com kipixi com vagens longas e grossas.

maîpa *N.* palmeira inaja, a fruta é comestível.

masakî *S.* mosquito. **masakî waparî** inseticida para matar mosquitos

masakîymo *S.* tipo de grou de cor cinza e branda, frequentemente ao lado do rio.

masma *VT.* envenenar (pessoa, não peixe). **Masmakî.** Envenene-o. **masmacho (NMVD)** veneno

masuku *S.* diarréia. **omaskuru** minha diarréia **Kmasukwasî (VBZD.** Tenho diarréia. **Masuhtara wasî.**

Não tenho diarréia.

mata *VT.* molhar, apodrecer, cozer (carne). **Kmata kica.** Fiquei molhado. **Tuxma mata kica.** As bananas estragaram. **matahnî (NMZD)** pedaço de plástico ou saco para manter coisas secas **Matancoko (TNDZ).** Coza-a (carne). **Matanpîra wasî.** Não vou deixar molhar.

matarawra *S.* formiga relativamente pequena que ocasionalmente passa através das casas.

matawari *S.* peixe de tamanho médio. *Veja:* **kupukupu.**

matkî *S.* rabo. **Kawno matkîrî** *[Fono:* Poss.: **-rî***]*

matutu *S.* larva que se entoca em troncos caídos. *Veja:* **mîrîkîkî.**

matîtkaw *AT.* com rabo ereto (pássaro).

matîwî *S.* morro. *Veja:* **tîwî.**

mawanaru *S.* aranha gigantesca de cor marrom que mora na mata e tem mais ou menos duas vezes o tamanho de uma tarântula.

Mawikatho *S.* a antiga aldeia de Muywa mais ou menos onze milhas de Kanaxen.

mawkîn *S.* castanha do Pará e beijú de goma ou farinha moída juntos num pilão.

mawrî *S.* algodão. **omawîn** meu algodão *[Fono:* Poss.: **-n***]*

mawrîka *S.* fio de algodão.

mawyuku *S.* água de chuva pega na calha de uma casa. **mawyukutho** água de chuva pega na calha de uma casa

maxawari *S.* pássaro de pernas amarelas.

maxaymo *S.* tipo de águia um pouco menor do que um yaymo.

maxeto *S.* videira grande e lisa usada para amarrar canoas ao lado do rio.

maxi *S.* parte inferior das costas (de uma pessoa). **Omaxirî ñerewasî.** A parte inferior das minhas costas doem. **Kmaxwaynokañe (CPD) + (NMZD) mîn sahsamarî.** Serrando lenha ficamos com a parte inferior das costas cansada. **Tîmxîkrî maxkatapa (CPD) + (VBZD).** Ele deu palmadas no seu próprio filho.

maxixin *S.* um grande espaço dentro de uma casa, o quarto central numa casa, lugar largo e fundo de um rio. **Maxixin yaka arko.** Leve para o centro da casa.

maxka *VT.* empurrar. **Maxkakî.** Empurre-o. **Kanawa maxkesî.** Estou empurrando a canoa (no rio).

maxkunk *VT.* cair (furtas verdes de uma árvore).

maxkunthîrî *S.* frutas verdes. *Veja:* **puyu.**

maxmi *VI.* encher-se (de comida), comer muito. **Kmaxmita oko.** Me enchi muito de comida. **Maxmita okre.** Ele comeu demais (mas ele gosta disso). **Kmaxmireñe (TNZD).** Me enche muito. **Kmaxmiwasî.** Vou me encher muito. **Tmaxmike (ATZD) wasî.** Estou muito cheio.

maxwereñe *S.* pássaro relativamente grande (que não é comido), come carrapatos das costas das antas.

maxwo *PP.* nas costas. **omaxwo** nas minhas costas

mayaki *IT.* constipar. **Kmayakinoya.** Me faz ficar constipado.

mayawaru *S.* tipo de árvore boa para lenha, suas pequenas frutas vermelhas não são comestíveis.

mayawawru *S.* tipo de tartaruga.

mayewnarî *S.* espoleta para cartucho de arma.

mayo *S.* vara usada como alavanca para espremer mandioca. **kwahsî mayo** alavanca de espremedor de mandioca

me *PP.* indica tornando-se, ou tronou-se. **Wai Wai me wasî.** Me tornei um uaiuai (não nasci um uaiuai). **Opici men mîkro.** Ela é a pessoa que será minha esposa. **Tîîmero ñeperwasî.** Esta planta produz frutas do seu próprio tipo.

meeku *S.* guariba.

meekuru *S.* pessoa negra.

meepici *S.* tipo de árvore, que cresce na beira do rio, e tem madeira amarela. *Veja:* **katurima.**

mehmere *ID.* indica algo rolando. **Mehmere kasko xiya.** Rola para cá.

mehxa *AT.* além, no outro lado. **Mîk ha mehxan (NMZD) po kîwcesî.** Vou daqui a dois dias. **Mararî mehxa nasî îîpî.** As montanha ficam no outro lado do campo. *Veja:* **xehxa.**

mehxarpa *AT.* de todos os lados, em todos os lados.

memehse *AT.* liso. **Tmemehse nasî okre.** É bem liso. **On poono memehseresî.** Estou alisando os vincos nesse pano.

menkarî *S.* tipo de banana.

mento *S.* tipo de palmeira que não cresce perto da beira de um rio. *Veja:* **yawara.**

meñeka *TT.* escolher (entre vários). **Meñekaxapu (NMZD) mak on kuum.** Esta bacaba foi escolhida entre muitas frutas. **Oyakrono meñekes.** Vou escolher meus companheiros.

meresîymo *S.* uma pequena árvore que cresce perto da beira do rio, cuja fruta é muito azeda e boa para isca de peixe.

meretî *S.* chifre, a parte mais alta de alguma coisa. **paaka meretîrî** chifre de boi **Tmeretke (ATZD) nasî kooso.** O veado tem chifres **Îîpî meretwo (PPZD) nasî.** Está em cima da montanha.

merka *TT.* assustar, fazer correr. **Poñko merka.** Ele assustou os porcos do mato e fez correr.

merurka *TT.* derramar (substância granulosa). **Merurkakî on yaka.** Derrame dentro disso aqui. **Merurkara wasî.** Não vou derramar. **Ñemerurka (ENZD).** Derramou (do saco).

meruru *ID.* o ato de derramar substância granulosa. **Meruru kasko.** Derrame-o.

meɬpo *AT.* poucos, uma pequena quantidade. **Nayi rma meɬpo mak.** Tem um pouco ainda. **Meɬpo xa kasko.** Faça um pouquinho mais. **Meɬpono (NMZD) pîn mîkyam.**

meɬpora *AT.* muito, bastante. **Meɬpora ûhe merurkakî.** Derrame muito mais. **Meɬpora xatkeñe iito.** Tinha muitos lá.

metata *S.* porta, entrada. **ometatan** a minha porta, entrada *[Fono:* Poss.: -n/

metu *VT.* arrulhar. **Pawxi metunasî.** O mutum está arrulhando. **Metumra nasî.** Não está arrulhando.

mewre *VT.* escrever. **Okaritan mewresî.** Vou escrever uma carta. **Taa, mewreko.** Está bom, escreva-a.

mewxa *S.* graúna.

mexe$_1$ *AT.* atraente, desejável. **Omîn mexe nasî.** Gosto da minha casa. **Omariyan mexan (NMZD) on.** Esta faca parece boa para mim. **Oomexara ces oropotaka.** Parece que (a comida) vai me fazer mal. *Veja:* **ewresaw**.

mexe$_2$ *PRT.* indica contradição de que outra pessoa falou. **Tîhces amñe. Tohra mexe tasî.** Nós vamos depois. Nós não vamos.

meye *AT.* longe. **Meye nasî aamo.** Seu pai está longe. **Meyenonhîrî(NMZD) ow.** Antigamente morava longe.

meyehra *AT.* perto. **Meyehra xa nasî.** Está muito perto.

mhoka *VT.* desamarrar. **Awoku wîmhokesî.** Vou desamarrar seu cachorro. **Taa, yîmhokakî.** Está bom, desamarre-o.

mhonoy *AT.* tendo muito na cesta das costas. **Tîmhonoy wasî.** Tenho muito na minha cesta das costas. **Tîmhonoyem (NMZD) akronomakî.** Ajude aqueles cujas costas estão sobrecarregadas.

mhîtho, mhetho *(from:* **mhîtho***) S.* dedão, dedão do pé. **kîhtarî mhîtho** dedão do pé **kamorî mhîtho** dedão

mi *VT.* amarrar. **Oyoku wimiyasî.** Vou amarrar meu cachorro. **Taa, yimiko.** Está bom, amarre-o. **Okanawarî mici (NMZD) xe wasî.** Quero uma corrente para amarrar minha canoa. **Xapari potmiko (CPD).** Amarre o focinho do cachorro. **Ciisusu napomiyatkeñe (CPD).** Amarraram as mãos (braços) de Jesus.

mici$_1$ *S.* anzol. **Yimici eeko.** Me traga alguma coisa para amarrá-lo.

mici$_2$ *S.* raiz. **Yimicin yîhkotoko.** Corte as raízes. **Yimicimra nasî.** Não tem raízes. **Weewe micin mîn.** Isso é a raiz de um árvore. *[Fono:* Poss.: -n/

miiri *S.* grupo de árvores baixas que crescem juntas na beira da savana.

miñiri *S.* tipo de formiga pequena que faz ninhos em árvores.

miñiɬmomoso *S.* tipo de vespa com uma ferroada dolorosa.

mixwome *AT.* tendo muitas curvas (rio). *Veja:* **ekmi**.

miya *AT.* para lá, longe. *Veja:* **meye**.

mka *S.* costas. **Omkarî nîskîskîmesî.** A coisa faz as minhas costas coçarem. **Pooyo mkake (ATZD) xa cesî.** Parece como as costas de uma tartaruga (carro). */Pomo:* Poss.: -rî/

mkahsî *PP.* colocar nas costas. **Omkahsî anîmko.** Coloque nas minhas costas. **Kmuhu mkahsî akriko.** Coloque nas costas do burro.

mkakara *VI.* costas formigando por causa do medo. **Kîmkakaranasî (CPD).** As minhas costas estão formigando por causa do medo.

mkapichîrî *S.* camada externa de uma árvore de madeira de lei, de cor é mais clara e mais macia.

mnarîhto *VT.* plantar mandioca. **Sarapu wumnarîhcesî.** Estou plantando mandioca.

mohka *VT.* arrancar (mandioca, dente, pregos, etc.), tirar (as roupas). **Xeere mohkaxi (ATZD) kîwcesî.** Vou arrancar mandioca. **Aponon mohkakî.** Tire a sua camisa. **Potupoture mohkesî.** Vou arrancar o prego. *Veja:* **csewruku**.

mohraka *VT.* arrancar (árvore ou qualquer objeto bem enraizado). **Mohrakesî.** Vou arrancar e derrubar. **Ñemohraka. (INDZ)** Caiu com os raizes e tudo. *Veja:* **moruhraka, macaka, mahranka**.

mokrawi *S.* peixe de tamanho médio.

moku *VI.* vir. **Awenso so kmoko.** Vim vê-lo. **Mokuhra tî nay.** Ele falou que não ia vir. **Amok ha.** Vem.

momi *S.* carne abdominal de um peixe ou qualquer animal com um abdômen grande. **momithîrî** carne abdominal macia **tmomxe** em posição fetal **cemomiponkaxi** sair da posição fetal

momóku *VT.* esperar; pegar num vasilhame (líquido). **Kmomokyasî tan.** Lhe espero aqui. **Ow men momohko.** Espere por mim sem falta.

moomo *S.* leite (humano).

moope *S.* ameixa silvestre.

mooru *S.* tipo de cobra como a kamaxakare porém mais gorda e maléfica.

mooxe, moxe *(from:* **mooxe)** *AT.* longe (Esta palavra aparentemente enfatiza a viagem para chegar no local.). **Mooxeno komo mîkyam.** Eles moram longe. **Etmoxe so naxe.** Eles estão longe uns dos outros.

mopeymo *S.* árvore de madeira macia de cor clara e boa para construção.

moruhraka *VT.* derrubar uma árvore para que as raízes fiquem expostas. **Ñemoruraka (INZD).** Deslizou como uma avalanche. *Veja:* **mohraka**.

morura *S.* tatu gigantesco.

moŕki *S.* um tatu pequeno.

moso *PR.* este, esta (pessoa). **Tohra nasî moso.** Este não vai. *Veja:* **onî**.

mosu *S.* cabo. **Yawaka mosuhcesî (VBZD).** Estou colocando um cabo no machado. **Mosututho ñemohka.** O cabo velho afrouxou. **Ñemoska (VBZD) + (INDZ) kica.** O cabo saiu.

mota *S.* ombro. **Omotarî ñerewasî.** Meu ombro doe. **Omotaka anîmko.** Coloque no meu ombro. **Weeŕa ke tmotawnoyem tak meeñasî.** Você vai vê-lo com uma jarra de água no ombro. *[Fono:* Poss.: **-rî***]*

mow *ID.* deitar alguma coisa.

mownu *S.* leite (de animais). **paaka mownu** leite de vaca

moxam *PR.* estas, estas (pessoas). **Awenta xe tî natu moxam.** Estas pessoas querem lhe fazer uma pergunta.

moyoskoto *S.* teia de aranha.

moyosî *S.* aranha. **poroto moyosîn** tarântula

mre *S.* filho (somente usado para filho de uma mulher). **Ahto nay amrerî?** Onde está o seu filho. *[Fono:* Poss.: **-rî***]*

mren *S.* criança. **Ero wa kekñe tîmren.** Foi isto que ele falou quando era uma criança. **kîîrî mren** meninos **Ciisusu mren** o menino Jesus **etîmrenkaxapu (VBZD) + (INZD)+ (NMZD)** alguem que não é mais criança e cresceu *Veja:* **etîtîka.**

mrere *S.* banquinho cavado de um pedaço de madeira. *Veja:* **rere.**

mrewa *VT.* impregnar. **Ow mîmrewesî mak kica.** Você só vai me impregnar. **Yîmrewara wîxakñe.** Não impregnei-a. *Veja:* **mxîkî.**

mso, mîîso *(from:* **mso***) S.* rabicho. **omsotî o meu rabicho Kemsoka (VBZD)+ (INZD).** Cortei o meu rabicho. *Veja:* **mîîso.** *[Fono:* Poss.: **-tî***]*

mta$_1$ *S.* boca. **Omtarî macesî.** A minha boca tem feridas. **Nîmtakatapekñe (CPD).** Ele bateu-lhe na boca. **yîmtarî picho** lábios dele *[Fono:* Poss.: **-rî***]*

mta$_2$ *AT.* na boca. **Yîmtaw nasî.** Está na boca dele. **Cirko yîmtaka.** Coloque na boca dele. **Towko yîmtay.** Tire da boca dele.

mtacara *AT.* com lábio leporino. **tîmtacarayem** pessoa com um lábio leporino

mtakmakma *VI.* mover os lábios sem falar. **Nîmtakmakmanasî** Ela move os lábios sem produzir som.

mtakro *VI.* considerar repulsivo (comida). **Kîmtakronasî ero poko.** Considero repulsivo. **Yîmtakromara wasî.** Não considero repulsivo.

mtaku *S.* saliva, cuspe. **yîmtakuthîrî** cuspe dele (no chão)

mtapo *S.* palavra, fala; língua. **Karaywa mtapotarî** lingua portuguesa **Awakro kîmtapowasî.** Quero falar com você. **Yîmtapotara weexi.** Não falei. **Yîmtapotareko (VBZD).** Cumprimente-o (levar uma pessoa a falar).

mtawaymam *VI.* estár delirante. **Nîmtawaymam okwe.** Ele estava delirante, estava fora de si.

mtayakîto *VT.* mentir sobre algo que alguém falou. **Omtayakîcesî (CPD)mak kica.** Ele está inventando que eu falei.

mto *VT.* salvar, reter, separar para ser diferente. **Onahrî wîmcesî.** Vou separar a minha comida. **Taa, yîmtoko.** Está bom, retenha-o. **On kaamo mak tîmtoso (ATZD) nasî.** Somente esse dia é separado para ser diferente.

mu *S.* tubérculo. **Yumuntara (VBZD) nay okwe.** Não produz tubérculos. *[Fono:* Poss.: -n/

mukuku *S.* camundongo (de cor clara).

mumu *S.* filho (de um homem). **omumuru** meu filho **amumuru** seu filho **yumumuru yumumuthîrî** o filho dele (dito após a morte do pai ou filho. *[Fono:* Poss.: -ru/

munuku *VT.* inserir. **Sarah yeputho wumunukyasî.** Estou inserindo mandioca (no chão para plantar). **Yumunkura weexi.** Não inseri.

murin *S.* um coleira para cachorro feita de pau com incisões em cada extremidade para amarrar uma corda. **xapari murin** coleira para cachorro feito de um pau

murpa *S.* tipo de sapo.

muruxawa *S.* tipo de pássaro da família tordo.

mutu$_1$ *S.* pássaro de tamanho médio cujo canto é exatamente como seu nome.

mutu$_2$ *AT.* branco. **Numutunasî (VBZD).** Está se tornando branco. **Wumuturesî (VBZD).** Estou branqueando. **Tumutwem (NMZD okre.** É muito branco.

mutu, muutu *(from: muutu) S.* motor. **yumutun** o motor dele **Muutu mîn nîyorwasî** É um motor fazendo este barulho.

muuwa *S.* pássaro de tamanho médio cujo canto é exatamente como seu nome.

muuxu *S.* tipo pequeno de mosquito de cor clara que habita em matas afastadas de clareiras.

muywa *S.* tipo de pássaro que anda rastejando.

mî$_1$ *PRT.* evidentemente, concordância, dedução lógica (Esta palavra geralmente é escrita ligada à ha para evitar que se escreva com uma só letra.). **Ero wa ha mî.** Concordo. **Kapikara pah ham.** Evidentemente as galinhas a derramaram.

mî$_2$ *VT.* dar. **Mariya wîmyas awya.** Vou lhe dar uma faca. **Tîmîhra wasî.** Não vou dar. **Apapa omyasî yuwya.** Meu pai vai me dar para ele. **Amna ñetmo(INZD).**

mî$_3$ *S.* casa. **Omîn (NMZD) wiîrasî.** Estou construindo a minha casa. **Yîmîra was okwe.** Não tenho uma casa. *[Fono:* Poss.: -n/

mîkro *PR.* aquele, aquela (pessoa presente, animal). **Xaparî mîrko.** Aquele é um cachorro. **Mîkro xapari.** Lá está um cachorro.

mîkî *PR.* aquele, aquela (pessoa referida anteriormente), uma pessoa exemplar. **Cow mîk kaîpera xakñe noro.** José é a pessoa que estava doente. **Mîkî ro mak amoro!** Você é realmente muito bom!

mîkyam *PR.* aqueles, aquelas (pessoas). **Kîrwam komo mîkyam okre.** São boas pessoas.

mînpo *S.* camundongo de cor vermelha.

mînpon *S.* placenta.

mînto *AT.* lá (distância média). **Mînto nas amxîkrî.** Seu filho está lá.

mînî *PR.* aquele (objeto inanimado). **Mînî re akuywan.** Aquela é a sua rede. **Mîn ha anahrî.** Lá está a sua comida.

mîrîkîkî *S.* larva grande que se entoca em palmeiras mortas.

mîrîwîtî *S.* mosca de areia.

mît *PP.* perto (da casa de uma pessoa, de um objeto), esperando até que alguma coisa aconteça. **Amîtwono (NMZD) ow.** Sou seu vizinho. **Amîtkoso kmokyasî.** Vou me aproximar de você. **Tîîm mîtîñi cekñe.** Ele se afastou do seu pai. **Tan wasî apapa wayhîrî mîtwo.** Vou ficar aqui até meu pai morrer. *Veja:* **momoku.**

mîtî$_1$ *S.* toco, extremidade de um tronco, vara. **Tîtko mîtî on.** Isso é um toco de uma árvore de Castanha do Pará **weewe mtîtho** toco de uma árvore (desarraigado) **cuure mtîtho Ahto nay yîmîtî?** Onde está a extremidade maior do tronco?

mîtî$_2$ *S.* pessoa responsável (pela bebida, comida, ou casa). **wok mîtîn** pessoa responsável pela bebida numa festa **mîîmo mîtîn** dono da casa **ewto mîtîn** chefe da aldeia */Fono:* Poss.: **-n/**

mîî *AT.* lá (distância média). **Mîîna kayka.** Vamos para lá.

mîîmo *S.* casa. **Iito nasî mîîmo.** A casa está lá.

mîîna *S.* tipo de palmeira cujas folhas são usadas para cobrir casas. **Mîîna yarî yowso kîwcesî.** Vou buscar palha.

mîîro *S.* pássaro chamado mãe-da-lua. Canta a noite especialmente quando a lua está brilhando.

mîîso *S.* rabicho. *Veja:* **mso.**

myapo *VT.* peneirar. **Kwaxarî wîmyapesî** Estou peneirando farinha de mandioca. **Yîmyapora wasî.** Não estou peneirando.

N - n

na$_1$ *PRT.* talvez, incerto, duvidosa. **Tuuna na mokya.** Talvez vai chover.

na$_2$ *PP.* em, para. **Oyekenho na wayhyakñe.** Ele morreu em meu lugar. **Iina arko.** Leve para lá. *Veja:* **to.**

naapi *S.* cará.

nakwa *S.* porto (na beira de um rio ou lago), lugar onde água e tirada do rio. **Onakwarî yaka kayka.** Vamos para o meu porto. **Nakwa no.** Este é um porto. */Fono:* Poss.: **-rî/**

nakwata *PP.* no desembarque. **Nakwataw nasî.** Ele está no desembarque. **Nakwataka tomo.** Ele foi para o

desembarque.

namkî *S.* bebida feita para tomar com carne ou pão. **Tpoxwe xa nas anamkîrî okre.** A bebida que você fez é muito boa. *[Fono:* Poss.: -rî*]*

nan *S.* caminho (para um lugar especifico). **Yakayaka nan on.** Este é o caminho para Yakayaka.

nanka *VT.* abrir uma trilha. **Esama wînanka.** Abri uma trilha. **Yînankara weexi.** Não abri uma trilha.

napu *S.* comida vegetal. **yînahrî** comida dele **Yînapumra wasî okwe.** Que azar, não tenho comida. **Tînahkem (ATZD) + (NMZD) mîkyam.** Eles tem bastante comida. **Yînahmakî (VBZD).** Alimente-o. **Amna ñetînakes (VBZD) + (INZD) okwe.** Que azar, a nossa comida está acabando.

nasînasî *S.* milho.

nasîsî *S.* abdômen inferior (de um humano). **yînasîsîrî** o abdômen inferior dele *[Fono:* poss.: -rî*]*

natî *S.* planta. **Onatîrî wiîrasî.** Estou fazendo a minha plantação. **Yînatîmra wasî.** Não tenho um plantio. **naatî** plantas cultivadas – não mandioca

nhnk *PRT.* sim. **Meekî? Nhnk, wek ha re.** Você trouxe? Sim eu trouxe um pouco.

nkn *PRT.* não (usado somente para respostas). **Tohra meexi? Nkn, tohra weexi.** Você não foi? Não, não fui.

noci *S.* avô, tia (sexo oposto do pai). **anoci** sua avô

nocwa *S.* mãe. **onocwan** minha mãe **Yînocwamnî ow.** Não tenho mãe. *[Fono:* Poss.: -n*]*

nocwakomo *S.* mulher velha. **Nocwakomo me nasî.** Ela é velha. **nocwakomo komo** mulheres velhas

nom *VT.* deixar atrás. **Wînom okwe.** Deixei. **Tînomra weexi.** Não deixei. **wînomyasî** Vou deixar.

nonku *S.* bolha grande. **Nînonkunwasî.** Está se tornando uma grande bolha.

noro *PR.* ele, ela (Esse pronome refere-se a uma pessoa mencionada anteriormente. É somente usado em expressões verbais, é nunca usado em expressões nominais.). **Oyakrono meñeka, weewe namekñe kokoñoro noro.** Escolhi o meu companheiro, aquele que cortou a árvore ontem.

noîwa *S.* mulher velha. **Noîwa me tak nasî.** Ela é uma mulher velha agora.

nuuñî *S.* lua, mês. **nuuñi kuknon** calendário **Anarî nuuñi po kmokyasî.** Virei no próximo mês.

nîmî *VT.* suportar, aguentar. **Wînîmyasî mak.** Estou só aguentando. **Yînmîra wasî.** Não aguento.

Ñ - ñ

ñaaña *S.* comida (no modo infantil de falar).

ñeñe *S.* árvore com madeira relativamente macia, boa para construção e para fazer canoas.

ñexamro *PR.* eles, elas (plural de noro).

ñhe *PRT.* mais, mais do que. **Kasko ñhe.** Faça mais. **Ayopo ñhe wasî.** Sou mais alto que você.

ñiipo *S.* árvore grande cuja fruta é ocasionalmente comida.

ñikitho *S.* lago. **Wayawaya ñikithon** O lago onde vivem lontra

ñixa *PP.* de um lugar. **Kaamo yepatakacho ñixa amna moko.** Viemos do leste. *Veja:* **eñexa.**

ñooku *S.* arbusto que é cultivado para fazer veneno para peixe.

ñooño *S.* irmão mais velho (discurso direto). **Tan may ñooño?** Irmão mais velho, você está aqui?

ñu *S.* língua. **Oñuru ñerewasî.** Minha língua doe. **Tuñke (ATZD) yimiko.** Amarre com uma laço.

ñukwa *S.* pequeno pedaço de quartzo (antigamente usado por pajés). **oñukwarî** minha pedra de encanto

O - o

ockoñe *PRT.* expressão de ternura de uma criança ou bebê mimoso. *Veja:* **ati.**

oco *PRT.* interjeição de dor por causa de calor. **Kaamo oco.** O sol está quente.

ocoro *AT.* quente. **Ocoro xa nasî kaamo.** O sol está muito quente. **Ocorono (NMZD) eeko tuuna.** Traga água quente. **Ocoro wasî.** Estou com febre. **Kocoronta (VBZD).** Comecei a ter febre. *Veja:* **peramku.**

ocowo *S.* vento. **Kaĥpe nasî ocowo.** O vento está forte. **Mîîmo yahrutho naarî ocowo.** O vento levou o telhado da minha casa. **ocowo mararîn** uma área onde as árvores foram derrubadas pelo vento **Nocowonasî (VBZD).** Está ventando. **Ocowo moko.** O vento começou soprar. *Veja:* **apepen.**

oko *PRT.* grito de dor devido a um golpe, corte ou ferida. **Ketama oko.** Me cortei!

okohyopo *S.* banana-de-são-tomé.

okoko *S.* pequeno peixe de escamas.

okokoymo *S.* peixe grande cujas escamas são como as de um jacaré.

okomci *S.* raia, arraia. *Morfo:* **pequena raia.**

okomkîrîsî *S.* cobra.

okomñi *AT.* último. **Okomñi kmoko.** Cheguei por último. **Okomañan (NMZD) moso.** Este é o último.

okomo vespa. *vespa.*

okoropicho *S.* peixe grande de couro branco e cinza.

okoropo *S.* maçaranduba.

okoropurko *S.* animal preto de tamanho médio que come cana-de-açúcar (outro nome para wenayko). *Veja:* **wenayko.**

okoyi *S.* cobra.

okoymo *S.* sucuri, anaconda.

okre$_1$ *PRT.* expressão de dúvida, incredulidade, falado em entonação baixa. **Okre, mîîke mak wa.** Você só

está brincando. só está falando isto.

okre *PRT.* expressão de duvida, incredulidade, falado em entonação alta na última sílaba. **Kaĥpe tak was okre.** Estou feliz que agora estou forte.

oku *N.* animal doméstico, animal de estimação. **oyoku** meu animal de estimação, animal doméstico **Iyokuminî ow.** Não tenho nenhum animal doméstico. **Okno mîkî** Aquele é um animal doméstico (não da mata.)

oku *VT.* comer (pão). **Cuure wokyasî.** Estou comendo beiju. **Tokuhra wasî.** Não estou comendo. **Oyurutho nooku.** Ele comeu meu pão.

okwe *PRT.* expressão de perda ou de afeição, ternura, ou valor. **Yîmxîkrîthîrî waypo okwe.** A criança dele morreu.

okyo *PRT.* expressão de supresa (Provavelmente significa mais do que simplesmente surpresa.). **Eetîkakî. Okyo, eetîkara wasî.** Beba tudo. Puxa, não consigo beber tudo.

omhakî *N.* um sapo muito pequeno.

ono *VT.* comer (carne). **Oyotî woñesî.** Estou comendo minha carne. **Taa, tonoko.** Está bom, coma. **Oyotîtho noono xapari.** O cachorro comeu minha carne. *Veja:* **oono.**

onoke *PR.* quem. **Onoke moko?** Quem veio? **Onok ha na, enîhra weexi.** Não sei quem veio, não vi. **Onoke awosotî?** Como se chama?

onoko *N.* formiga preta de tamanho médio.

onomto *N.* arbusto grande que cresce perto das aldeias onde se jogam sementes. As sementes são usadas pelos uaiuai para fazer tinta vermelha.

onowa *N.* tipo de garça que às vezes canta ao por do sol.

onî *PR.* este, esta (objeto inanimado). **On ha anahrî.** Aqui está a sua comida. **On wara kasko.** Faça assim. **Ahto nay omariyan? Onî.** Onde está a minha faca? Está aqui. (literalmente, este) *Veja:* **tan, mînî, moso.**

oono *VT.* comer (carne). **Oyotîtho noono xapari.** O cachorro comeu minha carne. *Veja:* **ono.**

ooro *AT.* num dia só, no mesmo dia. **Ooro rma kîwtomo.** Fui no mesmo dia.

ooru *N.* ouro (palavra emprestada do Português).

ootî *N.* peixe. **Ootî nay meĥpora on kwaw.** Há muitos peixes no igarapé.

oowe *N.* rodamoinho de água ou vento.

opeĥa *N.* ovelha (palavra emprestada de Português). *Veja:* **kahñeru.**

oranci *N.* laranja (árvore ou fruta), as vezes usada para qualquer fruta citrica.

orko *N.* lagarta. **Orko oco.** É uma lagarta. (A partícula oco é frequentemente usada com esta palavra porque muitas lagartas ferram.

oromamñe *N.* árvore grande que expande muito.

orosî *N.* caju, cajueiro.

orotakî *AT.* nessa hora do dia.

oroto *AT.* agora, hoje. **Oroto amna moko moko.** Chegamos agora mesmo, chegamos hoje. **Orotono (NMZD) wa xa amna awenso.** Finalmente, viemos para te ver.

oso *N.* nome. **Kmam oyosotî.** Bob é o meu nome. **Osohnî moso.** Este não tem nome. **Osohtocoko (VBZD).** Dê um nome a ele. **Tîîm yosotî nou.** Ele tomou o nome do pai. *[Pono:* Poss.: tî*]*

oso *VI.* se tornar culpado ou mau. **Nosonasî.** Ele está se tornando culpado ou mau.

osohku *N.* tipo de árvore cuja seiva é usada para fazer tinta vermelha para raladores.

osokmu *N.* joelho. **Osokmuru tî ñerewa.** Ele falou que os joelhos dele doem. **Kesosokmukatapa (CPD) + (VBZ) + (INZD).** Bati o meu joelho. **Awosokmuru po eremakî.** Ajoelhe-se.

osom *N.* dono (de escravo, animal, ou objeto inanimado). **Tosom pînîn yaw nîwrace.** (Cachorros) uivando porque sentem falta dos seus donos.

osomto *VT.* segurar nos braços. **Tîmxîkrî nosomcesî.** Ela está segurando seu filho nos braços. **Osomtora nasî.** Ela não está segurando-o nos braços.

osopo *AT.* com espessura dupla (pano, papel).

osorowaw *AT.* três. **Osorwawno (NMZD) mîkyam.** Tem três deles.

ososwa *N.* corda(s) de rede.

osoto *AT.* ambos (usado para duas pessoas carregando um objeto). **Osoto aacoko.** Carreguem vocês dois.

osotî *N.* nome, **oyosotî** meu nome

otowa *VT.* seguir o rastro. **Totowaxmu moso xapari.** Esse cachorro segue o rastro da caça. **Otowantho wahsîye ham okwe.** Case com uma pessoa que não consegue caçar. **Notowe.** Ele segue o rastro da caça. **oyotowarî** caça que segue para matar

otpa *N.* tipo de peixe.

otî *N.* carne. **On ha awotî.** Aqui tem carne para você. **Xapari wîyotmesî (VBZD).** Estou dando carne para os cachorros.

ou *VT.* retirar, partir, desviar. **Oyamatan yay towko.** Retire da minha caixa. **Sîîko nou.** Ele retirou um bicho-de-pé. **Ciiño yay ñetowye (INZD) okwe.** Ela deixou o seu marido. **Cemsîrî nowye iiño yay.** Ele tirou a filha do seu marido. **Kpanatanmetopo cewetpore nasî etowra ro mak.** Devemos obedecer a lei sem desvios.

owakowak *ID.* som de choro de um bebê.

owhow *ID.* latido de cachorro. **Owhow kesî xapari.** Os cachorros estão latindo

owî *PR.* eu.

oyomo *N.* piolho. **oyoyomorî** meu piolho

oyosî *N.* tipo de árvore cuja fruta é comida por araras.

P - p

paaciya *N.* melancia.

paaka *N.* vaca, boi, gado.

paaku *N.* peixe de tamanho médio que come frutas.

paakuci *N.* peixe como paakuc mas menor.

paama *N.* árvore com pequenas frutas cor-de-rosa de bom sabor.

paapa *N.* pão feito da goma de mandioca com fatias finas de castanhas do Pará.

paari *N.* batata doce.

paaru *N.* árvore de tamanho médio com sementes grandes e chatas que cresçe perto ou dentro de pântanos, esta árvore não é usada por pessoas.

paawa *N.* falcão de tamanho médio que canta ao amanhecer.

paayu, payu *(from:* **paayu***)* *N.* prato, disco. **opayun** meu prato **Paayu eeko.** Me traga um prato.

pahkî *AT.* tempo longo. **Pahkîra xakîe iito.** Ele não estava lá por muito tempo. **Pahkî wasî tan.** Tenho estado aqui por muito tempo.

pahnoke *AT.* perto (em tempo ou espaço). **Pahnoke tak nasî Nataw** Natal está perto. **Ñepahnoka (VBZD) + (INZD).** O tempo aproximou-se.

pahxa *AT.* muito tempo atrás. **Pahxantho (NMZD) mak eeko.** Simplesmente traga um que é velho

pahxaro *AT.* no futuro.

pahxaxa *AT.* amanhã.

pahxaxaro *AT.* no período da manhã.

paka *VT.* acordar, subir à superfície. **Mîpaka? Nhnk, kpaka ha re.** Você acordou? Sim acordei mais ou menos. **Apakakî.** Acorde. **Pakay tak enorixapunhîrî.** O que foi afundado subiu até o superfície.

pakako *N.* pássaro de cor vermelha e branca.

pakara *N.* cesta de mulher. **opakaran** minha cesta

pakîa *N.* caititu, porco selvagem que anda só ou em grupos pequenos.

pana$_1$ *N.* ouvido, no sentido negativo significa ser surdo, não ter aprendido a lição. **opanarî** meu ouvido **panahnî** quem é surdo ou não aprendeu a lição **Tuuna kpanakacow so.** A chuva nos ensurdeceu. **Cepanayecetocerî (CPD)+ (VBZD) +(INZD)** Vamos ouvir bem. *[Fono:* Poss.: -rî*/*

pana$_2$ *VT.* aprender a lição. **Kpanata tak.** Aprendi a minha lição (de uma experiência dolorosa) **Panareko**

(TNZD). Punc-o (para lhe ensinar) **Kpanatanmetopo (TNZD) on.** Isto é a lei (o que nos ensina o que fazer e o que não fazer).

pana, *AT.* ao lado. **Apanaw nasî.** Ele está ao seu lado. **Apanaka mokya.** Ele vai vir para estar ao seu lado.

panacakay *S.* parrot.

panacaf̂kaw *AT.* com ouvidos aguçados.

panahnontaw *AT.* num lugar raso.

panahto *VT.* colocar lado a lado. **Rikomo komo panahtocoko.** Faça as crianças ficarem lado a lado. **Epanatacoko (INZD).** Fique lado a lado.

panahtoto *S.* pena para limpar os ouvidos.

panakaf̂mîkî *AT.* não ter importância para o ouvinte. **panakaf̂mîkî entañe komo** aqueles que prestam pouca atenção ao que ouvem

panama *VT.* balance. **Kanawa panamakî.** Balance a canoa. **Ñepanamesî (INDZ).** Esta balançando.

panamackof̂po *AT.* com a cabeça inclinada para o lado. **Tpanamackof̂po nasî.** A cabeça dele está inclinada para o lado.

panapana *ID.* balançar. **Panapana kesî.** Balanca de um lado para outro.

panape *AT.* raso, fino. **Panape nasî tuuna tan.** Aqui a água é rasa. **Panahno (NMZD) eeko.** Me traga uma que seja fina. *Veja:* **weyun.**

panapicka *VT.* ensurdecer, fazer barulho para que outros sons não possam ser ouvidos, pedir repetidamente. **Ocowo opanapickesî** O vento não me deixa ouvir (o avião à distância).

panaporoku *S.* brinco feito de penas.

panatarî *S.* brinco, adorno do lóbulo da orelha. **opanatarîn** meu brinco

panatori *S.* papagaio parecido com coowi de cor escura.

panaxerere *S.* papagaio pequeno de cor verde.

panaxi *S.* projeção saindo de uma das extremidades. **panaxirî** farpa (num lado da cabeça) **tpanaxkem (ATZD) + (NMZD)** tendo uma projeção numa extremidade, uma cruz *[Fono:* Poss.: -rî*]*

panaykoto *VT.* fere os ouvidos com um som. **Kpanaykotoñe (NMZD) oko.** Realmente fere os nossos ouvidos.

papahci *VT.* jogar pequenos objetos em alguém para atrair sua atenção. **Kîîrî papahciw wooxam.** A mulher jogou pequenos objetos no homem.

papak *AT.* achatado. **Papaknoreko (VBZD).** Achate-o.

papu *VT.* derramar (substância granulosa). **Kapikara pah ham** Evidentemente as galinhas derramaram. **Papupr esko.** Não derrame. **Uuwi paapu kica.** Ele derramou a farinha.

parakwe *S.* tigela na qual se bebe. **oparakwen** minha tigela **parakweci** tigela pequena *[Fono:* Poss.: -u*]*

parana$_1$ *S.* tipo de peixe (muito gostoso).

parana$_2$ *S.* tipo de banana.

parana$_3$ *S.* graviola, árvore ou fruta.

paranakarî *S.* pessoa branca, não é brasileira.

paranci *S.* cana-de-açúcar.

parare *S.* louva-a-deus.

parata *S.* ponta de flecha com 3 pontas usada para matar peixes pequenos.

parawa *S.* pajelança para vingança – os ossos de uma pessoa que morreu eram queimados e as cinzas colocadas num tubo de bambu e enterradas debaixo de uma árvore kecekre. Um canto mortal era feito, e a pessoa que causou a morte supostamente morreria.

parawku *S.* cigarra.

paraxi *S.* cesta grande e redonda usada para guardar farinha de mandioca.

paraxka *VT.* apunhalar. **Ootî paraxkesî.** Estou apunhalando peixe.

paretu *S.* fósforo.

parurmeñeka *N.* gato-do-mato.

parî *S.* neto, neta, sobrinho, sobrinha (filho de irmão ou irmã do pai ou mãe do sexo oposto). **oparî** meu neto, sobrinho **Tparke (ATZD) tak wasî.** Agora tenho um neto. **Paarî, amok ha.** Vem meu neto.

paŕaŕamutu *AT.* transparente (líquido). **tpaŕaŕamutwe** transparente (líquido)

paŕkaka *S.* rins. **opaŕkakan** meus rins */Fono:* Poss.: -n/

pasahto *VT.* martelar no chão (estaca). **Oona pasahtoko yoota.** Martele a estaca aqui. **Taa, pasahcesî.** Está bem, vou martelar.

pasara *S.* pedra para amolar ferramentas. **opasaran** a minha pedra de amolar */Fono:* Poss.: -n/

pataw *AT.* reto (para cima ou em qualquer direção). **Emahcicok, pataw men waŕma waywî.** Corram, atirei uma flecha para cima. **Patawno (NMZD) eeko.** Traga um que é reto.

patere *S.* garrafa de vidro.

pawana *S.* visitante(s). **opawanan** meus visitantes (aqueles que estão me visitando) **Pawana me mak kîwcesî.** Estou indo só para fazer uma visita. */Fono:* Poss.: -n/

pawka *S.* pote gigantesco usado para guardar bebida.

pawxi *S.* mutum.

pawxiymo *S.* pássaro grande parecido com um pawxi.

paxixi *S.* peixe grande de couro.

paxkaci *S.* tipo de árvore cuja casca é boa para fazer correias.

paxki *S.* pequeno roedor do tamanho de um rato.

paya *S.* mofo. **Payanta kica.** Mofou. **Tpayaye nasî kica.** Está mofado. **Paaya me kotowasî.** Cheira a mofo.

payacucura *S.* tipo de banana.

pe *S.* testa. **operî** minha testa **pekrankaxi (CPD)** com cabelo abanando **pesmape** tendo uma testa careca */Fono:* Poss.: -rî/

pee *ID.* luz brilhando através de árvores ou arbustos escuros.

peeca *S.* camarão.

peeca *N.* batata doce pequena.

peem *S.* formiga preta de tamanho médio.

peen *S.* erva, arbusto, videira.

peeu *S.* galo das rochas.

pehwo *S.* pium.

peñepeñe *ID.* ser flexível, dobrar quando batido. **Peñepeñe kesî** Dobra quando é batido.

pepe *ID.* lampejar (relâmpago).

pepesma *VT.* encantar por assoprar em algo ou alguém – mesmo que a palavra crem, exceto que esta pajelança é para fazer o bem e não o mal. **Pepesmakî.** Assoprar para encantar. **Pepesmara wasî.** Não vou assoprar.

pepeyuru *S.* vagalume.

perama *VT.* embainhar. **Peramakî (CPD).** Coloque uma bainha.

peramuku *S.* suor. **operamkutho** os pingos do meu suor **Kperamukwasî (VBZD).** Estou suando. **Peramtara (VBZD) wasî.** Não estou suando.

pere *VI.* nadar. **Mîperena?** Você nada? **Pîra, peremra wasî.** Não, não nado.

perehxakî *S.* tipo de formiga preta de corpo alongado.

perem *S.* galho (de árvore). **Peremkotoko.** Corte os galhos.

peremkirikirin *S.* galhinho. **peremkirikirintho** galhinhos quebrados

perepere *S.* tipo de vespa que mora na terra.

peîawokoto *VT.* aparar a franja do cabelo.

peta *S.* ramo novo saindo da base de uma planta, bochecha. **opetarî** minha bochecha **tuxma petarî** ramo novo de uma bananeira **Tuxma petakesî (VBZD).** Estou cortando ramos novos da bananeira. **Petayewta (CPD) + (VBZD).** Ele (o bebe) se babou (tem bochechas molhadas). */Fono:* Poss.: -rî/

petakma *VT.* nauscar. **Opetakmesî kica.** Estou com náuseas. **Opetakmara nasî.** Não estou com náuseas.

petî *N.* coxa **opetî** minha coxa

pewo *PP.* na testa. **Erekî nas opewo.** Tenho uma feriada na minha testa.

pewyu *N.* tipo de banana vermelha.

pexunka *VT.* endireitar (flecha, fio, etc.). **Oyuhre pexunkesî.** Estou endireitando as minhas flechas. **Pexunkara wasî.** Não estou endireitando-as.

peypey *N.* videira usada para trançar cestas. **peypey yatho** nome desta videira

peypeyu *N.* pau achatado usado para amassar as bordas de beijú quando está assando.

pi *ID.* som de apito de plástico ou metal.

pi- *N.* esposa. **opici** minha esposa **Yipihra kîwcekñe.** Fui sem a minha esposa. **Apihcexe (VBZD).** Eles lhe darão uma esposa. */Fono:* Poss.: -ci/

picho *N.* pele. **Kooso picho xe wasî.** Quero a pele do veado. **Ohcîpîrî ñerewasî.** Minha pele doe. **Yihcîpîthîrî eeko.** Traga a pele (do animal morto). */Fono:* Poss.: -rî/

pihcikmo *N.* pé de atleta. **opihcikmorî** meu pé de atleta **Kipihcikmonta.** Peguei pé de atleta

piiri *VT.* em pé. **Piiri awomcoko** Todo mundo fique em pé.

pika *VT.* descascar, causar queimadura do sol. **Xeere wipikesî.** Estou descascando mandioca. **Taa, yipikakî.** Está bem, descasque. **Kaam opikesî oco.** O sol me queima.

pikipiki *ID.* balançar (rabo de cachorro).

piñi *N.* alfinete. **opiñin** meu alfinete **Piiñi eeko.** Me traga um alfinete. */Fono:* Poss.: -n/

piñipici *N.* galhos finos. **Piñipici xe wasî weewe xîkrî.** Quero arbustos novos.

pirica *N.* cará comprido e torto. *Veja:* **mapitu.**

piripiri *N.* árvore florestal usada para fazer canoas.

pironto *N.* chumbo de espingarda.

pîfowe *N.* passarinho pequeno de cor amarela visto muitas vezes nos campos.

pîfwo *N.* pássaro de cor amarela e preta.

pixkaru *N.* veado pequeno de cor clara. **Pixkaŕana** pessoa Pixkaru

pixko *N.* pássaro de tamanho grande de pernas verdes e longas. Este pássaro voa até galhos mais baixos e anda bastante no chão. O pássaro canta alto em tons que decrescentes.

pixko *N.* ripa; sarrafo (de casa, de telhado). **Yipixkon wimiyasî.** Estou amarrando a ripa (da casa). **Yipixkomra ka nasî.** Não tem ripa ainda. */Fono:* Poss.: -n/

pixow *ID.* esparramar líquido. **Pixow pixow kasko.** Esparrame água.

piyopiyo *ID.* piar de pintinhos. **Piyopiyo, kesî.** Estão piando.

po *PP.* em, sobre; na (árvore, terra, aldeia, etc.). **Torowa enko weewe po.** Veja o pássaro na árvore.

Yakayka pono (NMZD) ow. Moro em Yakayaka.

poh *VT.* invejar, querer ser como uma outra pessoa. **Tpoyino komo poko pohna.** Ele tem inveja das suas colegas. **Tooto poko pohnîmr ehcoko.** Não tenha inveja dos outros.

pohci *VT.* errar (um alvo). **Yakwe pohciso (ATZD) kîwcesî.** Vou errar os tucanos. **Pohciw kica.** Não acertei-lo. **Mîpohciyas okwe.** Você vai errá-lo.

pohcirwara *AT.* facilmente; sem dificuldade. **Pohcirwara ceeñasî esama.** Nós vemos o caminho facilmente (porque é largo). **Pohcirwara kîmtapotarî nukukmesî.** Ele fala a nossa língua com facilidade.

pohcukma *VT.* apontar. **Karita mewretopo pohcukmesî.** Vou apontar o lápis. **Taa, pohcukmakî.**

pohka *VT.* interessar, animar. **Tuxma poko pohkakî.** Fazer uma pessoa (criança) interessar-se numa banana. **Ow mîpohkesî.** Você está me animando com isto (sua comida). **Wooxam poko epohkar (INZD) ehcoko.** Não se excite por causa de uma mulher.

pohnî *N.* algo abandonado, inutilizado, descartado. **Pohnî on yamata?** É esta uma caixa descartada? **Pohnîntawno (ATZD) + (NMZD) mak mîkî.** Ele mora sozinho num lugar abandonado.

pohru *VT.* aferroar sobre todo corpo. **Opohru.** Eles me aferroaram sobre todo o corpo. *Veja:* **hrunu.**

pohto *N.* tipo de árvore como kipixi.

poka *VT.* cansar; ficar sem fôlego. **Kpoka kica.** Fiquei cansado, sem fôlego. **Pokahra wasî.** Não estou cansado.

poko *PP.* ocupado com alguma coisa. **Ache poko may?** O que você está fazendo? **Owayaru poko wasî.** Estou fazendo um remo. **Ero poko etahsîko.** Segura nisto. **Noro poko ro kîwcesî.** Trabalho para ele.

pokonoma *VT.* fazer um pedido, fazer uma oferta. **Oyemsîrî pokonomay.** Ele pediu para casar com a minha filha. **Pokonomaxpu mîn.** Foi requisitado.

poku *VT.* dar passos, andar. **Pokna tak omxîkrî.** Meu filho pode andar agora. **Pokumra ka nasî.** Ele não consegue andar ainda. **Kepokunka (TNZD) + (INZD).** Perdi a habilidade de andar.

poku- *ID.* ato de desaparecer. **Poku, ñehcamnopu mak okwe.** Ele simplesmente desapareceu.

pokupoku *ID.* acenando a mão. **Pokupoku kesî.** Ele está acenando a mão.

pom *ID.* ação de pular ou jogar. **Pom kasko xiya.** Jogue aqui. **Pom cicuk.** Ele pulou pro chão.

pomka *VT.* retirar um pequeno objeto da base. **Nasînasî pomkesî.** Estou debulhando milho. **Oponon yewru ñepomka (INZD).** Meu botão saiu.

pomñoko *N.* erva daninha grande ou arbusto que tem espinhos e frutas amarelas pequenas.

pomo *VT.* cavar a terra para plantio. **Omararîn pomesî** Estou cultivando a minha roça. **Pomohra wasî.** Não estou cultivando. **Mararî poomo.** Ele cultivou um campo.

pomxe *AT.* agrupado. **Tpomxe so naxe.** Estão agrupados.

pona$_1$ *PP.* para. **Ewto pona kayka.** Vamos para a aldeia.

pona$_2$ *PP.* próximo na ordem. **Amoro tko pona.** A próxima vez é sua. **Ponanmay hara.** Ela teve um outro filho. *Veja:* **sama**.

pona$_3$ *PP* ter medo, evitar. **Rayxi wermonopu kapikara ya ahrî pona.** Coloquei o arroz em casa para as galinhas não comerem.

ponanîmto *IT.* acusar. **Oponanîmto** Ele me acusou. **Keponanîmto (INZD).**

ponañe *IT.* de repente. **Ponañe ñemokoto weewe.** A árvore caiu de repente. *Veja:* **tîhra**.

ponaro *PP* prestar atenção, expectante; ansioso. **Kaan ponaro ehcoko.** Preste atenção a Deus. **Tîmrerî ponaro nasî.** Ela está ansiosa pro seu filho.

pono, poono *(from:* **pono***)* *N.* pano, roupa. **oponon** minha roupa **poono yatpotopo** máquina de costura

poñitko *N.* pequena piranha. *Veja:* **pooñe**.

poñko *N.* porco do mato.

poñokokwe *N.* tipo de sapo pequeno.

poñu *N.* cordão umbilical. **opoñuru** meu cordão umbilical */Fono:* Poss.: -ru/

pooco *N.* avô (discurso direto).

poomu *N.* mamangava.

pooñe *N.* piranha.

poore *N.* tipo de peixe que vive no barro.

poosu *N.* peixe de tamanho médio.

pooto *N.* caracol.

poowa *N.* mão esquerda. **Poowa me naîmesî waywî.** Ele atira com a mão esquerda.

pooyo *N.* tartaruga terreste.

popoku *N.* fuso para fiar algodão. **popoku mapitawno**

popoxi *N.* passarinho pequeno. Antigamente pensavam que o canto desse passarinho trazia o mal.

pora, poora *(from:* **pora***)* *N.* pão para usar numa viagem. **oporan** pão para mim usar numa viagem **Poramra was okwe.** Não tenho pão para a minha viagem.

pore$_1$ *PP.* através. **Ehyu pore etoko.** Vá pela ponte.

pore$_2$ *IT.* parte rasa na terra (não na água), carater superficial de uma pessoa. **Pore mak ahtoko.** Cave raso. **Pore mak ñesenpe.** Ele só aparece no superficie. **poreno (NMZD)** algo raso.

pore$_3$ *N.* canela.

poreno *N.* coisas colocados na superficie de um objeto para decoração. **oporeno** as minhas decorações **Keporenomesî (VBZD).** Estu me enfeitando.

pori *S.* botaréu de uma árvore grande. **tpoĥkem** algo que tem botaréu

poritomo *S.* homem idoso. **Poritomo mîkro.** Ele é um homem muito velho.

pori, poori$_1$ *(from:* **pori***)* *S.* avo, irmão mais velho (discurso direto). **poritho** homem idoso; homem responsável **Poori mîkro.** Ele é o mais idoso.

porok *S.* ornamento (penas, moedas, asas grandes de insetos, etc.). **oporokru** meu ornamento **Opakaran porokucesî (VBZD).** Estou ornamentando a minha cesta.

porokotko *S.* segundo cultivo da mandioca depois que o primeiro foi cavado e outro replantado no mesmo lugar.

poropu *VI.* parar e voltar. **Kporohyasî tan.** Vou parar aqui e voltar. **Poropîra weexi.** Não parei e voltei. **Porohkaxapu (TNZD) + (NMZD) ow.** Sou uma pessoa que não pode participar das reuniões dos crentes.

pororî$_1$ *S.* tipo de sapo cuja fêmea chega a pesar até dois quilogramas, enquanto o macho é bem menor.

pororî$_2$ *AT.* dormente (parte do corpo). **Pororpe tak nas oyohyarî.** Meu queixo agora está dormente. **Pororînta (VBZD) tak.** Ficou dormente.

poroto *S.* macaco. Este tipo de macaco geralmente fica gordo na época chuvosa quando sua carne é muito desejado pelos uaiaui. Vivem em áreas montanhosas.

poroto moyosîn *S.* tarântula.

poroto pîtho *S.* tipo de peixe pequeno.

poĥmam *VI.* crescer muito. **Mîpoĥmam tak ham.** Você ficou grande. **Poĥmamra wîxakñe.** Você não ficou grande. **Opoĥmamnoñe (NMZD) mîkro.** Ele me criou.

pota *S.* entrada (casa, aldeia), boca (saco, garrafa). **mîîmo potarî** entrada de uma casa **patere potarî** boca de uma garrafa **Uuwi potayinonka (PPZD)+ (NMZD) + (VBZD)** Tirei um pouco de farinha da boca do saco.

pota *PP.* na entrada. **Ewto potaka (PPZD) kayka.** Vamos para a entrada (começo) da aldeia. **Iito nasî mîîmo potaw rma.** Está na entrada da casa.

potkuku *S.* pombo de tamanho médio.

potokoy *AT.* oco, ter um perfuração. **Tpotokoy nasî weewe.** A árvore é oca. **Potokomra nasî.** Não é oco. **Potokomakî (VBZD).** Perfure.

potow *ID.* uma luz brilhante no início do seu brilho. **Potow, ñekatpank tak.** O sol começou a brilhar.

potoxi *S.* tipo de árvore como kipixi.

potu$_2$ *ID.* começar a brilhar (qualquer luz).

potu$_3$ *AT.* brilhando. **tpoturem** pau com brasa na ponta

potu$_4$ *S.* ponta, fuso, primogênito, primeiro na linha. **Apoturu komo mîkî?** Ele é o primogênito da sua

família? **Tpotke (ATZD) nasî.** Tem uma ponta. **Potuhra nasî.** Não tem ponta. **Potucicinwasî.** Ele franziu os lábios.

potuhto *VT.* acender (qualquer luz). **Ramha potuhtoko.** Acende a lâmpada. **Potuhtora wasî.** Não consigo acendê-lo. **Yohno mepotuce (INZD).** Você fica zangado rapidamente.

potupoture *N.* prego(s).

poturem *N.* pedaço de lenha com fogo ou brasa numa ponta.

potururu *ID.* pegar fogo. **Potururu kekñe.** (a mata) Pegou fogo.

potu, pootu$_1$ *(from:* **potu***)* *VT.* colher (fruta, cereal). **Oranci pohcasî.** Ele está colhendo laranjas. **Potu xe wasî.** Quero colhê-lo. **Pootu okwe.** Ele as colheu.

potwo *PP.* na proa, no começo. **Cimñi potwo kmoko.** Vim no começo da época chuvosa. **Potwono (NMZD) amoro?** Você vai andar na proa (da canoa)?

potwo$_2$ *N.* pássaro grande parecido com um pombo, canta ao escurecer e tem carne muito gostosa.

potwo$_3$ *N.* tipo de banana.

potwo rorî *N.* árvore cuja casca é usada para fazer amarras.

potwoymo *N.* cobra de tamanho médio e cor clara.

pow *ID.* odor que enche um quarto ou casa.

powa *ID.* ação de encher de líquido ou odor.

powpow *bater asas.* bater asas.

poxoro *N.* cesta redonda.

poxu *N.* aroma, gosto. **Poxureko (VBZD)** Faça gostoso. **poxumnî** coisa não muito gostosa (comida), coisa sem importância, pessoa sem importância **Tpoxwem (ATZD) +(NMZD) añirithîrî wooku.** A bebida que você faz é gostosa. **Ñepoxunka (VBZD) + (INZD).** Ficou feio. **Poxunkanoya (VBZD).** Pode fazer com que eles fiquem feios, menos desejáveis.

poyero *PP.* por causa de alguém (algo ruim), por causa da influência de alguém (não necessariamente ruim), um pedaço de terreno ligado a um outro. **Opoyero ñeponanîmto.** Por causa de mim (algo ruim que eu fiz) ele se encrencou. **Mararî poyeronomesî (NMZD) +(VBZD).** Ele está cortando um novo campo ligado ao que já tem.

poyino *N.* pessoa da mesma tribo. **Opoyino amoro.** Você é da mesma tribo que eu. **Opoyinomekñe (VBZD).** Ele foi um bom vizinho para mim. *Veja:* **yana.**

poyi, pooyi *(from:* **poyi***)* *N.* feitiço que supostamente machucava crianças (quase não sabem mais).

poyka$_1$ *VT.* quebrar um pedaço de algo maior como tirar um pedaço de beiju.

poyka$_2$ *VT.* quebrar um bom pedaço (de beijú). **Oyuru poykakî.** Quebre um bom pedaço de beijú para mim.

poypurme *AT.* inserido não no centro. **poypurmen (NMZD)** página não inserida no meio do livro (um

pouco à frente ou atrás)

prata *S.* prata.

pu$_1$ *N.* corpo, carne, parte principal. **opun** meu corpo **yaypî puntho** carne de anta */Fono:* Poss.: -n/

pu$_2$ *AT.* suficiente, uma grande quantidade. **Tuhñe nasî weewe.** Tem muitas árvores. **Yupumra nasî.** Não tem muitos. **Iyuru komo nuhnarekñe (VBZD).** Ele fez muito pão, multiplicou.

pucukwa *S.* Uma bebida feita de beiju mofado. Folhas amassadas são colocadas em cima do beiju úmido para mofar e transformar a goma em açúcar. O beiju é misturado em água para fazer uma bebida.

puhca *S.* coceira forte no cabelo (pessoa, cachorro).

puhca yepu *S.* árvore grande de madeira de lei parecida com warma.

puhtow *ID.* no chão (qualquer objeto pequeno).

puhyape *AT.* declínio. **Puhyaka kayka.** Vamos descer o morro. **Puhyape nasî.** É um declínio.

pukno *ID.* deitado (pessoa, animal).

puknorow *ID.* virar de ponta cabeça (canoa).

pukwow *ID.* virar de ponta cabeça (canoa).

pum *ID.* algo acontecendo de repente. **pum sara** ele mudou de forma de repente **pum cucuk** pular depois ficar parado

pume *S.* ovo. **kapikara pume** ovo de galinha **Yupme ñetahke** Os ovos estão chocando.

pun *S.* carne, corpo, grande quantidade. **Kîrwañhe nas opun.** O meu corpo está bem. **Xesusu ñetpuntoy (VBZD) +(INZD).** Jesus tomou em si um corpo. **Tuhñe (ATZD) nasî.** Tem muito. **Wokru yuhnareko (VBZD).** Faça com que o combustível seja suficiente. **Yaypî puntho woñesî.** Estou comendo carne de anta.

puprikî *VT.* causar coceira; coçar. **Opuprikyas oco.** Me faz coçar. **Epupurikîra (INZD) wasî.** Não posso me coçar. *Veja:* **skîskîma.**

pupu *S.* lixo fino ou poeira. **yupupunthîrî** pedaços finos ou lixo (de madeira, pano, etc.) **Tupupuy nasî kica.** Tem muito lixo fino misturado. **Ñekanapupurekñe (CPD) + (VBZD).** Ele derramou poeira na cabeça.

pupuri *S.* coruja.

pupusma *VT.* adicionar um pedaço para fazer mais longo (fio, pau, etc.). **Yupupusmakî** Adicione um pedaço no final. *Veja:* **pîmîsîtî.**

pur$_1$ *VT.* tendo cor escura (Usado para indicar que as frutas da palmeira bacaba e patawa estão maduras.). **Nupurmam (VBZD) tak.** Se tornou escura (fruta). **Yupurmara ka nay.** Não se tornou escura ainda.

pur$_2$ *VI.* rosnar, ribombar. **Poñko nupurwasî.** Os porcos do mato estão rosnando.

puranta *S.* dinheiro. **opurantan** meu dinheiro **Kepurantanka (VBZD) + (INZD).** Gastei/perdi todo o

meu dinheiro. */Fono:* Poss.: -n/

purapurare *S.* peixe de tamanho médio, muito gostoso.

pureska *VT.* tentar fazer algo sem esperança de conseguir, tentar fazer algo sem muita vontade, comer só um pouco. **Tupureskesî.** Vamos tentar fazer, pelo menos mostrar que estamos fazendo algo.

purma *S.* árvore de madeira não muito dura cuja casca é usada para concertar buracos em canoas.

puru *VT.* assar. **Oyotî wupurasî.** Estou assando minha carne. **Taa, yupurko.** Está bem, asse-a. **Yupurura wasî.** Não vou assá-lo. **Yupuxapu (NMZD) on.** Isto foi assado.

puruku *VI.* inchado, gordo. **Oyamorî nupurukwasî (VBZD).** Minha mão esta ficando inchada. **Yupurukura nasî (VBZD).** Não está inchando. **Nupuruta (VBZD).** Ficou inchado. **Tupurukye nasî.** Está inchado, gordo.

puruma *S.* trigo, farinha de trigo; pão de farinha de trigo.

purupurpe *AT.* boiando. **Purupurpe nasî.** Está boiando. **Nupurupurmam (VBZD).** Boiou.

purupuru *S.* planta que cresce as vezes em campos velhos. A sua fruta parece com tomate e é comestível.

purupuruymo *S.* erva daninha.

pururi *S.* enxada. **opururin.** minha enxada **pururi yecepu** tipo de árvore cuja fruta é comida por muitas pessoas *Veja:* **kusama.** */Fono:* Poss.: -n/

purweto *S.* videira que cresce alta nas árvores e manda raizes longas para a terra. Essas raizes são usadas para amarras na construção de casas. A seiva desta videira causa uma coceira intensa.

puu *ID.* descer lentamente. **Puu, tere, ñerema tak.** Desceu lentamente e pousou no chão.

puuci *S.* beijú seco feito de kwaxarî.

puxa *S.* pequeno peixe de escamas de cor amarela.

puyaya *S.* tipo de banana de gosto um pouco acético.

puyu *AT.* não madura (fruta). **Yupuyme ke nas okwe.** Não está maduro ainda.

pî *VT.* banhar, aguar. **Onatîrî wîhyasî.** Estou aguando as minhas plantas. **Omxîkrî wîîpî.** Estou banhando o meu filho. **Amxîkrî tîhko.** Banhe o seu filho.

pîhpore *AT.* por terra (não por água).

pîkrîkî *ID.* deitar num rede, enganchar. **Pîkrîkî nîîka.** Ele deitou na rede.

pîmta *PP.* no pescoço. **Okomo oco nas apîmtaw.** Tem uma vespa no seu pescoço. **Yîpîmtaka (PPZD) yimiko.** Amarre em volta do pescoço dele.

pîmî *S.* pescoço. **opîmîrî** meu pescoço **Pîmîckori** nome de um homem com pescoço torto **Nîpîmkocekñe (VBZD).** Ele degolou.

pîmîkras *VT.* torcer o centro de um punhado de fibras para pode removê-las e fiá-las. **Wîpîmîkrasasî.** Estou torcendo o centro de um punhado de fibras.

pîmîmi *VT.* abraçando em torno do pescoço. **Wîpîmîmiyasî.** Estou abraçando-o. **Taa, yîpîmîmiko.** Está bem, abrace-o.

pîmîsî *N.* acréscimo ao comprimento de um objeto. **yîmpîmîsîtî** acréscimo ao comprimento **Poono wîpîmîsîcesî (VBZD).** Vou acrescentar um pedaço ao pano. **Waywî yîpîmîsîtoko (VBZD).** Aumente a flecha.

pînî *AT.* não, não é um certo objeto. **Omariyan pîn mîn.** Esta não é a minha faca. **Owyan pînî rma.** Realmente não é meu.

pînîn *N.* saudade, estado de sentir falta de alguém ou alguma coisa. **Apînîn yaw wasî.** Tenho saudades de você. **Ketapoxwekñe waywî pînîn ke.** Quebrei o meu braço tentando pegar uma flecha. **Kooso yîpînînkacoko (VBZD).** Pare de prestar atenção no veado. **Etpînînar (VBZD) esko.** Não cobice. **Tîpîñe (ATZD) toye Ewka.** Ficamos tristes ao ver Elka ir embora.

pîpîthî *N.* casca (noz), escama (peixe). **tîtko pîpîtho** casca de castanha do Pará **Aymara wîpîpîtîkesî (VBZD).** Estou descamando o peixe. **Tîpîpîtîke (ATZD) nasî.** Tem uma casca.

pîra *AT.* não. **Pîra, ka.**

pîrîkîsî *N.* passarinho muito pequeno de cor cinza.

pîrîrî *ID.* fumegar.

pîtho *N.* cabeça. **yaypî pîtho** cabeça da anta **Kikwo pîto kwaw naxe** Estão na fonte, cabeceira do rio Baracuxi.

pîtka *N.* pássaro, tordo-dos-cem-línguas.

pîtî *N.* pénis. **yîpîtîn** pénis dele */Fono:* Poss.: **-n/**

pîtîka *VT.* beliscar. **Nîpîtîka.** Ele o beliscou. **Yîpîtîkara ñeexi.** Ele não o beliscou.

pîîmî *N.* minhoca gigantesca.

pîîrî *N.* arbusto grande cujas folhas são boas para casas temporárias mas não para casas permanentes.

R - r

ra *N.* frente (do corpo de uma pessoa), superfície (água). **Orarî** a frente do meu corpo **Tîramxoy (CPD) + (ATZD) nasî.** A superfície é felpuda.

raco *N.* uma parte grande do inteiro, lado oposto. **Yîracome (ATZD) mak nasî nuuñî** Somente parte da lua é vista. **Oyemyawno wîraconkesî (VBZD).** Vou compartilhar as minhas coisas. **Yîraco rma enko.** Olhe a página oposta.

raka *VT.* rachar. **Owehtorî wîrakesî** Estou rachando lenha para o meu fogo. **Yîrakara wasî.** Não estou rachando. **Kesewrakesî(CPD) + (INZD).** Estou pintando o meu rosto (expressão idiomática).

rakata$_1$ *N.* irmão no meio de vários irmãos. **Arakatarî komo moso?** É esse o irmão do meio? */Fono:* Poss.:

-ri/

rakata$_2$ *PP.* no meio. **Rakataw xa kararakakî.** Rachado bem no meio. **Arakataw so ciicoko.** Coloque-o bem no meio de vocês. **Rakataka kayka.** Vamos para o meio.

rakatawro *AT.* meia noite. **Rakatawro kpaka.** Acordei à meia noite.

rama *VT.* retornar, devolver. **Ecihtaka ñetîrama.** Ele retornou para as margens do rio. **Apurantan wîramanîyasî (TNZD).** Vou devolver o seu dinheiro. **Yîramanpîra (TNZD) wasî.** Não vou devolver.

ramha *S.* lampião, lanterna. **oramhan** minha lanterna **Yîramhamra wasî.** Não tenho uma lanterna. *[Gram:* Poss.: -n/

rapo$_1$ *VT.* deitar. **Mesa pona yîrapoko.** Faça-o deitar na mesa. **Roowo pona ketîrapesî (TNZD).**

rapo$_2$ *AT.* deitado de costas.

rapu *S.* bambu longo para fazer lança. **orahnu** minha lança **Raapu wîhkocesî.** Vou cortar um pedaço de bambu.

rata *PP.* na superfície. **Tuuna ratari moko.** Ele veio na superfície da água.

ratî *S.* flauta, qualquer instrumento musical. **Raatî meekî?** Trouxe a flauta? **Oratîn tan.** Este é o meu instrumento musical. *[Fono:* Poss.: -n/

raî *ID.* ação de embrulhar, misturar com uma mistura. **Raîraîraî kasko.** Embrulhe.

rayxi *S.* arroz.

re *PRT.* indica uma ação que foi em vão, ou com pouco sucesso, quantidade insuficiente. **Kîwtom ha re, enîhra weexi.** Fui e não vi nenhum.

reeñe *S.* formiga preta de tamanho relativamente pequeno que vive em árvores. Tem uma picada é muito forte. **reeñe yepu** árvore onde estas formigas moram

reere *S.* morcego.

reeyu$_1$ *S.* peixe de tamanho médio com dentes caninos longos parecidos com prêsas.

reeyu$_2$ *S.* tipo de lagarto que tem um pescoço que expande.

reha *PRT.* indica uma ação em contraste a um outro. **Oyakno tomo, owî reha tohra weexi.** Meu irmão foi mais eu não.

rehretho *S.* pássaro de cor preta, outro nome é mahnakuri.

rekmetu *S.* coelho.

rere *S.* banquinho cavado de pedaço de um tronco. **Rere eeko oyapon.** Traga o banquinho para mim sentar. *Veja:* **mrere.**

rerehrere *ID.* som de um grande fogo.

ret *PP.* rio acima. **Aretwo so nas oyewton.** Minha aldeia fica rio acima da sua. **Yîretkoso kayka.** Vamos rio acima.

retî *S.* poste alto de uma casa.

riiko *S.* tipo de gavião muito pequeno.

rikomo *S.* criança. *Veja:* **mre**.

rinatî *S.* capim, navalha-de-macaco; navalheira, navalheira-dura. **Rinatî owapiw.** A navalheira me cortou.

riw *S.* tipo de cigarra.

rokoroko *S.* tipo de árvore cuja madeira queima bem.

roma *S.* fome. **Rooma poko nas amna.** Estamos com muita fome. **Kromanas (VBZD) okre.** Estou com muita fome. **Yîromamra wasî.** Não estou com fome.

romi *S.* amarro que é feito de videira ou corda que é colocada em torno dos tornozelos para ajudar a subir numa árvore.

roopori *AT.* baixo perto do chão. **rooporino (NMZD)** algo baixo perto do chão

roowo *S.* chão, terra, terreno, país. **Porinme nasî roowo.** A terra é grande. **Orowon tan.** Este é o meu país.

ropono *VT.* trazer mal, trazer azar (raramente usado agora). **Kîw mîroponomesî (NMZD) +(VBZD).** Você vai trazer mal para a aldeia. **Ropono mîkro.** Ele traz azar.

ropota$_1$ *S.* abdome; coração (espírito). **Oropotarî ĩerewasî.** Meu abdome doe. **Tîropotaporem ow.** Sou uma pessoa de bom coração. *[Fono:* Poss.: **-rî***]*

ropota$_2$ *PP.* no abdome, no coração (no espírito). **Rikomo nay yîropotaw.** Ela tem uma criança no abdome. **Ciisusu ahsîko aropotaka.** Receba Jesus no seu abdome (coração).

ropo, roopo *(from:* **ropo***) AT.* tendo menstruação. Esta palavra também parece ter haver com algo maléfico causado à aldeia por um pajé ou espíritos. A palavra parece ser pouco usada agora. **Roopo wasî.** Estou menstruando. (Mulheres agora falam: Kicicime wasî.)

ropu *VI.* ter epilepsia, ter convulsões. **Yîropu xera wasî.** Não quero que ele tenha um convulsões. **Nîr.** Ele está tendo uma convulsão.

roro *S.* brasa. **Tîroroy nasî.** É vermelho como fogo (como uma brasa). **Wehto roron napik oco.** Ele pisou em brasas. **Tîroromutwe (CPD) + (ATZD) nasî.** É brilhante (como uma brasa).

rurpe *AT.* juntos, numa multidão; como uma unidade (pessoas). **Rurpe tocow.** Eles foram todos juntos.

ruumu *S.* tipo de batata.

ruupu *S.* corda.

ruusu *S.* peixe grande de boa carne.

ruuwe *S.* bambu fino.

rîpu *VT.* prender. **Oyuhre nîrpo okwe.** Que azar, a minha flecha ficou presa. **Nîrîhya men.** Toma cuidado pode ficar preso. **Kanawa wîrponkesî.** Vou desprender a canoa.

rîîro *S.* tipo de gafanhoto verde.

rĩĩwo *S.* fofoca. **Rĩĩwo ka wencesî.** Estou ouvindo fofoca. *Veja:* **rwo.**

rîwo *S.* raiva, ira. **Kaanî rwon mekamesî kopi.** Você vai receber a ira de Deus. **Nîrwonasî (VBZD) kopi.** Ele fica muito zangado. **Ñetîrwoxinka (VBZD) + (INZD).** Ele se livrou da sua raiva. **Rĩĩwoxe nay.**

R̂ - r̂

r̂aakî *S.* formiga gigantesca cuja picada é forte.

r̂awr̂a *S.* garça ou grou branca.

r̂mi *VT.* arriar. **Wir̂mikyasî** Vou arriar.

r̂or̂ko *S.* pequeno papagaio.

r̂ponka *VT.* massacrar. **Iitononhîrî komo ñir̂ponketkeñe okwe.** Eles massacraram os que moravam lá. **Yîr̂ponkara xatkeñe.**

S - s

saa *ID.* amanhecer. **Saa ketaw amna mokyakñe.** Viemos quando estava amanhecendo.

saama *S.* pedra de fuzil quebrada para fazer pontas e colocá-las numa tábua de ralar mandioca. Esta pedra é encontrada em cachoeiras.

sahsa *S.* serrote. **Sahsamakî (VBZD).** Serre-o.

saka *ID.* clarão, relâmpago, luz instantânea de uma máquina fotográfica. **Saka kesî mooxe ha ka.** Está relampejando à distância.

sakmo *S.* sabão. **osakmon** meu sabão

samapora *S.* tambor. **osamaporan** meu tambor *[Fono:* Poss.: -n/

sama, saama *(from:* **sama)** *VT.* dar a luz ao próximo filho. **Apici saama ham.** Sua esposa teve outro filho. **Samahra ka xakñe.** Ela não teve outro filho.

sapupu *S.* pólvora.

sara *ID.* entrar num caminho; entender claramente. **Sara tîtka esama yaka.** Entramos no caminho. **Sara wara mencetu?**

sarapu *S.* planta da mandioca.

sarara *VT.* espargir, chuviscar; garoar; formigar – ter sensação de pequenos alfinetes. **Tuuna mokya ha re, sararanasî mak.** Está chovendo, está só garoando. **sararamacho (TNZD)** pó **Oyosararam wooku.** A bebida fez meus dentes formigarem.

sararaman *S.* beiju duro que foi secado ao sol. Este tipo de bieju é usado para se mergulhar no caldo de carne.

sararara *ID.* espargir (qualquer pó ou substancia fina).

sararu *S.* carne de sol, carne que foi salgada e deixada para secar. **Sararu mak waaîas oyotî.** Só vou levar carne de sol para comer.

sarayi *S.* árvore de madeira macia que cresce em clareiras velhas. A casca desta árvore sai facilmente e é usada para fazer trompas para celebrações. Esta madeira é boa para fazer caibros de casas porque não é atacada por cupins.

saroro *S.* tipo de lontra pequena. *Veja:* **wayawaya.**

sawakwa *S.* pequena árvore florestal com grandes frutas amarelas e gostosas.

say *ID.* levantar. **Say kasko.** Levante.

saya, saaya *(from:* **saya)** *S.* vestido, saia. **Sayamra wasî.** Não tenho um vestido.

see *ID.* puxar um arco, fazer uma linha reta. **See kasko ĥhe.** Puxe mais (o arco). **see kacho** uma linha reta

seese *ID.* beber rapidamente. **Yohno erko, seese kasko.** Beba rapidamente.

sehrere *ID.* deslizar. **Sehrere wîîka kica.** Deslizei.

sekeseke *ID.* ação de esfregar. **sekeseke kacho** linimento (usado para esfregar em lugares doloridos)

skaw *S.* tipo de macaco, mesmo que cakarma.

skurumi *AT.* estando enrugado. **Tuskurumiy nasî.** Está enrugado. **Nuskuruminta (VBZD).** Enrugou.

skuypam *VI.* endurecer. **Tuskuypamyasî.** Nós temos pele dura. *Veja:* **ceypu.**

skîskîma *VT.* causar coceira. **Oskîskîmes oco.** Me faz coçar. **Oskîskîmara nasî.** Não me faz coçar.

smu *S.* sujeira. **yusmunthîrî** a sujeira que estava nele **Tusmuy (ATZD) nasî.** Está sujo. **Yusmura nasî.** Não está sujo. **Ñesmurew (VBZD)+ (INZD) kica.** Ele se sujou.

so *PRT.* coletividade. *Veja:* **komo.**

son *S.* mãe. **Amok ha, kekñe tî yîson yîwya.** A mãe dele falou para ele vir. *Veja:* **nocwan, yon.**

sooyi *S.* tipo de passarinho.

sororope *AT.* macio, pó. **Puruma nasî sororope.** Farinha de trigo é como pó.

soroso *AT.* muito mais (uma ação ou estado comparado com um outro). **Ñehñekñe poritomo, soroso xa cehñexe kîwyam.** Os homens mais velho não conseguiram fazer, então nós não vamos conseguir também.

soso *S.* pulmões. **ososo** meus pulmões

sosope *AT.* macio, solto, amarrado soltamente (cabelo). **Sosope nasî kamaraci poci.** O pelo da onça é macio.

spe *VT.* causar choro. **Rikomo nîspesî.** Ele faz a criança chorar. **Yîsper esko.** Não o faça chorar. **Yîspeponkakî.** Faça-o parar de chorar.

spo *S.* resina de cor amarelo alaranjada. Esta resina é derretida e aplicada a cerâmicas para vitrificá-las. Também é usada como tinta. **yîspon** sua resina **yîspomacho** tinta

spospoture *AT.* brilhante como prata ou ouro. *Veja:* **popeyu**.

sukusuku *ID.* achar o caminho através de mato grosso. *Veja:* **tihtiri**.

sumay *ID.* puxar, retirar de um lugar apertado.

sume *ID.* acabado.

sumhe *AT.* junto, muito próximo, sem abertura. **Sumhe kahko.** Teça muito próximo.

sunawi *S.* tipo de sapo.

sura *ID.* deslizar um pouco (pé). *Veja:* **sehrere, turay**.

suru *ID.* entrar, fazer entrar, engolir. **On ha awehci, suru kasko.** Tenho remédio para você, engula-o.

suu *ID.* ir juntos numa multidão. **Suu wara cetkeñe.** Eles foram juntos como uma grande multidão.

suum *S.* alfinete.

suwe *ID.* remover rapidamente.

sîkî *ID.* ação de mover, recuar por causa do medo.

sînkoto *S.* fuligem.

sînî *S.* fumaça. **Yîsîn wenwo.** Vi a fumaça. **Yîsînpeko (VBZD).** Afaste-os com fumaça.

sîpî *ID.* escurecer (céu; quarto), apagar (luz). **Sîpî, nawarpanta tak okwe.** Ficou escuro.

sîrî *ID.* deslizar no banco, (água) subindo e rucuando lentamente. *Veja:* **say**.

sîî *ID.* ação de sorrir; sensação produzida por algo gelado na boca e garganta.

sîîko *S.* bicho-de-pé. **oskorî** meu bicho-de-pé **Sîîko wowyasî.** Estou removendo um bicho-de-pé. */Fono:* Pos.: -rî/

sîwî *S.* flor. */Fono:* Poss.: -n/

swa *AT.* azul, roxo. **Tîsway nasî erekî.** A bolha está roxa. **Nîswanta (VBZD).** Ficou azul.

swaa *ID.* abrir. **Metata nahrunka, swaa.** Ele abriu a porta.

swaruwaru *S.* abelha preta.

T - t

ta *PRT.* engano. **Oona wiire ha ta.** Tenho certeza que coloquei aqui (mas não está).

taa *PRT.* indica um episódio ou assunto novo, pode indicar concordância. **Taa, owtotoponho wekatîmyas awya so.** Está bem, vou lhe contar sobre minha viagem. **Taa, ero wa ham.** Está bom, concordo.

taam *S.* tio (irmão da mãe) discurso direto.

taamci *S.* tio (irmão da mãe) discurso direto.

taara *S.* pássaro branco de tamanho médio.

taarore *AT.* em pé, à vontade com os braços ao lado. **Taarore ehcoko** Fique em pé, à vontade com os braços ao lado. *Veja:* **aporo**.

taatîtîy, taatîy *(from:* **taatîtîy***) AT.* muito esticado (fio de arco). *Veja:* **ceetîy**.

taawa *S.* borboleta amarela de tamanho médio que ocasionalmente voa em grupos nas beiras dos rios.

taci *VT.* se perder. **Kîtaci.** Me perdi. **Kîtahce.** Me perdi recentemente. **Tacihra weexi.** Não me perdi.

tahrem *S.* pote (metal ou barro) para cozinhar. **otahremnu** meu pote */Fono:* Poss.: -nu/

tahrorontaw *PP.* num lugar plano.

tahrorope *AT.* plana (chão).

tahta *S.* doutor (palavra emprestada do Inglês).

tahtara *ID.* bater e recuar mas não penetrar. **Tahtara kesî mak yawaka.** O machado só bate e recua.

tahxa *N.* tinta preta feita do queimado de pote, suco de mandioca e seiva da árvore tahxa. **tahxa yepu** árvore tahxa

takara *S.* tipo de árvore de madeira de lei. O centro não é de cor diferente. A madeira racha bem e tem um cheiro agradável parecido com baunilha. Esta árvore é boa para fazer poste de casas.

takaywa *S.* terra queimada de cor vermelha.

takpî *AT.* apertado (objeto inserido numa abertura) (não leva sufixos negativos). **Takpî nas okwe.** É muito apertado. **takpîno (NMZD).** coisa apertada

takî *PRT.* mudança de estado, a próxima ação do tema principal de uma história. **Mîpoĥmamtîka tak.** Você está crescido agora.

tam *S.* tio (irmão da mãe). **otamru** meu tio *Veja:* **taam, taamci**. */Fono:* Poss.: -ru/

tamaraxi *S.* tipo de árvore.

tamatama *S.* borboleta.

tamutkem *S.* enfeite para a cabeça feito com penas grandes e usado na dança Xorweko. A armação é feita de caniços trançados.

tanana *S.* tipo de inseto.

tanhakî *AT.* todo lugar. **Tanhakno (NMZD) Mîkî Kaan.** Deus está em todo lugar. **Tanhakî wepore.** Procurei em todo lugar.

tanhamya *AT.* de, para todas as direções. **Tanhamya mak cesî.** Ele vai à todos os lugares. **Tanhamyan (NMZD) komo mohcow.** Pessoas vieram de todos as direções.

tantere *ID.* partir em dois (objeto longo e fino). **Tantere, ĥehkoto okwe.** Que azar, quebrou em dois.

tanî *PRO.* aqui, este. **Tan wasî.** Estou aqui. **Amariyan ma tan?** Ah, aqui está a sua faca?

tapatapa *S.* manchas. **Tapatapa me nasî.** Está manchado.

tapatawno (pîn) *S.* coisa pequena (somente usada de mochila, e somente usado no negativo). **Awei weekî tapatawno pîn.** Trouxe uma mochila muito grande.

tapi *ID.* dar passos. **Tapi, tapi kekñe** Ele deu passos.

tapota *S.* conversa, palavras. **Tapota ka ñencesî.** Ele está escutando uma conversa.

tarak *ID.* ação de estar totalmente consumido, não sobrar nada. *Veja:* **terey**.

tarapa *S.* tipo de árvore que produz uma grande quantidade de óleo fragrante.

tarara *S.* carro; carrinho de mão; qualquer veículo com rodas.

taratara *S.* árvore cujas raizes saem do tronco em cima da terra. Esta árvore cresce en clareiras velhas.

taraxi *AT.* esparso; não perto um do outro. **Taraxi nasî weewe tan.** As árvores aqui não estão perto uma das outras.

tarayi *S.* trovão.

tarayi wehto *S.* relâmpago.

taritari *S.* tipo de cigarra que canta em setembro. No passado era um sinal para os uaiuais de que chegara o tempo de cortar novas roças. **taritari yimaw** a época em que os taritaris cantam

tarke *AT.* gravida, tendo conteúdo (qualquer vasilhame). **Tarke wasî.** Estou grávida

tarîrka *S.* ponta de arpão. **otarîrkan** a minha ponta de arpão */Fono:* Poss.: -n/

tata *VI.* tremer. **Kîtatanasî** Estou tremendo. **Tatamra wasî.** Não estou tremendo.

tawaci *S.* tipo de corruira.

tawake *AT.* alegre, feliz, amigável. **Tawakem (NMZD) komo cexe okwe.** Pessoas amigas estão indo embora. **Ero yahsîche owya tawake was okre.** Estaria muito feliz se recebesse isto.

tawana *S.* tipo de árvore cuja fruta é boa para se comer.

taware *VT.* passar, lambuzar. **Katî ke oyuru tawaresî.** Vou passar manteiga no meu pão.

taxwo *S.* pequenos galhos quebrados para marcar o caminho.

tayerekî *S.* úlcera na boca. **Tayarekî keñe was oko.** Tenho úlceras na minha boca.

tayxa *AT.* por esse caminho; esta quantidade. **Tayxa amok ha.** Vamos por este caminho. **Tayxa mohcow.** Esse número vieram.

teme *ID.* indica - tocar num objeto. **Teme kasko.** Tocar, fazer cada um tocar um no outro.

tenene *S.* lata, qualquer vasilhame pequeno de metal.

tere *ID.* indica - sentar-se. **Tere kacoko.** Sentem-se.

terehtere *S.* pássaro relativamente grande que voa longas distâncias, e faz ninhos no chão nas savanas.

terey *ID.* indica - completo, acabado (de fazer ou destruir). **Terey wa ma nay?** Está acabado?

thakwa *PRT.* inevitável, impossível, **algo realizado que parecia impossível. Cewñe thakwa ñetapickesî.** Ele está trabalhando sozinho. **Amna nawkay thakwa re.** Finalmente chegamos na aldeia daquelas pessoas (difícil de achar). **Kîwcesî thakwa.** Vou porque preciso ir.

thow *ID.* bater na cabeça. *Veja:* **knuknu.**

thoy *ID.* ser pesado, apertado, impossível de levantar.

tihtiri *ID.* tropeçar e vaguear de um lado para outro como um bêbado. **Tihtiri nîîka amna.** Tropeçamos e vagueamos pelo mato.

tmackape *AT.* aprendendo. **tamackano (NMZD)** pessoa que está aprendendo

tmaȓway *AT.* esférico. **Tmaȓway towko.**

tmaxiñe *AT.* ir para tráz. *Veja:* **emaxixito.**

to *PP.* na, perto. **Kanawatho to nasî.** Está perto da canoa velha.

toh *S.* pedra, rocha. **Toh po nasî.** Ele está na rocha. **toh yepu** tipo de árvore com madeira excepcionalmente dura

tohkarara *S.* pedrinhas.

tohkonarî *S.* tipo de passarinho.

tohna *AT.* em vão, por nenhuma razão. **Tohnaw kîwtom okwe.** Fui em vão. **Tohnay nawomyakñe Ciisusus.** Jesus subiu sem que nada o levantasse. **Tohnay cesî kanawa.** Aviões vão sem que algo os segurem.

tohtoh *ID.* som das batidas do coração.

tok *ID.* agarrar.

tokmow *ID.* cair (pessoa). **Tokmow mîîke men oko.** É bem possível que vai cair.

tokuhtoku *ID.* pegar muitas coisas (geralmente referindo-se à crianças).

toopu *S.* pedra, rocha. **Toopu aȓmakî** Jogue fora a pedra.

tooro *S.* tipo de carrapato.

tooto *S.* pessoas, índio (em contraste com outras raças), outras pessoas. **Tooto kopi.** Há uma pessoa (que inspira medo) **Tootonhîrî amna ñeeñakñe.** Vimos um que era índio.

toowatho *S.* qualquer erva daninha rasteira cuja semente se fixa à roupa.

tororo *ID.* som de um motor girando lentamente. **Tororo kamexpoko.** Dê partida no motor (gerador).

torotorope *AT.* solto no encaixe, no buraco. **Torotorope nasî kica.** Está solto

torowo *S.* qualquer passarinho.

tosu *ID.* fumegando, mexer a poeira. **Tosu kesî cik ha re.** Está fumegando só um pouco.

totoko *S.* tipo de formiga vermelha.

tow *ID.* indica - estar morrendo. **Tow, wayhyakñe okwe.** Morreu.

toworo *S.* tipo de peixe grande que mora no barro.

towsuru *ID.* indica - engolir. **Towsuru kasko.** Engula-o. *Veja:* **suru**.

tpanacaĥkaw *AT.* com orelhas levantadas.

tpanakaĥmîkî *AT.* considerado pelo ouvinte algo sem importância.

tpepeyure *AT.* brilhante. **tpepeyurem (NMZD)** algo brilhante *Veja:* **pepeyuru**.

tuhci *S.* pássaro de tamanho médio, emite um odor forte.

tuhtu *ID.* indica a ação de correr. **Tuhtu kasko. Tuhtuhtuhtu.** Ele correu.

tukre *AT.* molhado. **Tukrem (NMZD) mîn kica.** Esse está molhado.

tukuhkaw *AT.* empilhado alto, uma camada grossa. **tukuhkawno (NMZD)** algo que está numa camada grossa

tukusu *S.* beija-flor.

tukuyi *S.* formiga.

tukwarke *AT.* tendo um pedaço pequeno de carne. **Tukwarke nasî** Tem pequenos pedaços de carne.

tunahto *S.* tipo de pato pequeno.

tunakrema *VT.* fazer ficar com sede. **Otunakrema.** Me fez ficar com sede.

tunakwa *S.* parte macia na cabeça de um bebê. **Yutunakwarî min.** É a parte macia.

tunakwarî *S.* tipo de sapo que coaxa na época chuvosa.

tupe, tuupe *(from:* **tupe***) AT.* com cabeça curvada. **Tuupe cewru nasî.** Ele está com a cabeça curvada. **Nutupenta (VBZD).** Ele curvou a cabeça. **Yutupentara xakñe.** Ele não curvou a cabeça.

turay *ID.* escapar, soltar ou cair.

turpam *VI.* ficar seco. **Nuturpam.** Ficou seco. **Yuturpamra ñeexi.** Não secou.

turpe *AT.* seco. **turpem (NMZD)** coisa seca

turu *S.* lombada. **Tururuy (ATZD) nasî.** Tem uma grande lombada **yuturun** lombada

turukwarî *S.* tipo de codorna.

turuwi *S.* pássaro de tamanho médio, parecido como um pombo, canta alto ao escurecer e a noite.

tutum *S.* tigela. **otutumru** minha tigela

tuu *ID.* som de trompa. **Tuu kasko.** Soa a trompa.

tuuci *S.* casa com quatro cantos (Veio possivelmente da palavra inglesa "church".).

tuuna *S.* água, chuva, copo de água. **Otunarî ehta.** Pegue água para mim. **Tuuna xe wasî.**

tuunaymo *N.* oceano.

tuuru *N.* árvore grande cuja casca é frequentemente usado para fazer amarras.

tuuwa, twa *(from:* **tuuwa***) N.* caniço usado para trançar, coador feito destes caniços. **otwan** meu coador Tuuwa **eeko.** Traga o coador.

tuwaw *N.* tipo de garça branca, frequentemente visto perto d'água.

tuwituwi *N.* pássaro que corre nas praias.

tuwiymo *N.* pássaro como um pombo grande.

tuxkukure *AT.* verde, verde amarelado. **tuxkukurem** algo verde

tuxma *N.* banana (planta, fruta).

tî *PRT.* indica que outra pessoa é responsável pelo que está sendo dito. **Amok ha tî.** Ela diz: vem. **Yaypî tî wocow.** Ouvi que mataram uma anta.

tîhka *VT.* acabar – Este radical de verbo é usado muitas vezes para formar um verbo composto que indica o fim de uma ação ou feitio excessivo de uma ação. **Omararîn wamatîhka (CPD).** Acabei de cortar a minha roça. **Wîtihka tak.** Acabei.

tîhkaw *AT.* tendo cabeça ereta. **Tîhkaw ehcoko.** Erguem suas cabeças.

tîhra *AT.* de repente (Esta palavra é sempre seguido por rma). **Tîhra rma ñemokoto.** Caiu de repente.

tîknaka *ID.* coxear. **tîknaka tîknaka me tîtosom** alguém que anda coxeando

tîkrî *ID.* pendurar sobre um fio, colocar um anzol. **Tîkrî tikrî wa so nasî.** A roupa está pendurada no varal.

tîkîtîkî *ID.* fazer cócegas (com o dedo).

tîkwîtîkye *AT.* salgado.

tîram *N.* tipo de camundongo.

tîroko *N.* moscardo.

tîroromutwe *AT.* brilhantemente branqueado (como uma brasa super quente). **Tîroromutwe tak xakñe yupun, ponon marha.** O corpo e as roupas dele eram brilhantemente brancos.

tîrpo *N.* tipo de peixe pequeno.

tîrwo *N.* pombo pequeno parecido com wanaru. *Veja:* **wanaru, xipipi.**

tîtkeñe *AT.* quieto, silencioso. **Tîtkeñe ka ehcoko.** Fiquem quietos. **Tîtkeñarî (NMZD) mîkro.** Ele está quieto.

tîtko *N.* castanheiro, castanha-do-pará.

tîtî *VT.* ficar calmo, parado (água, vento). **Nîtîtînmo tak okre.** Ficou bem calmo.

tîtîk *ID.* acordar, aparecer de repente. **Tîtîkî, ancu tak ñesenpekñe.** De repente um anjo apareceu.

tîî *ID.* indica - ficar quieto ou silencioso. **Tîî kasko mak.** Não fale nada. *Veja:* **tîtmam.**

tîwî *S.* pequeno morro; lombada grande. **Tîtîwîy nasî.** Tem pequenos morros. *Veja:* **turu, matîwî.**

tîwîtîwî *S.* corda usada para amarrar nas pontas de flechas.

tîwîymo *S.* tipo de pombo pequeno.

twerî *VI.* cuidadoso, respeitoso. **Twer esko.** Cuidado. **Tweeno (NMZD) mîkro.** Ele é uma pessoa respeitosa. **Twerîhra nasî kica.** Ele não é respeitoso. **Kîtwermesî (VBZD).** Vou lhe fazer cuidadoso, te avisar, falar para você não fazer alguma coisa. **Kîtwerîmkanoya (VBZD).** É possível que nos faça descuidadoso.

U - u

uhre *S.* flecha, arma que atira. **oyuhre** minha flecha (arma que atira) **awuhre** sua flecha (arma que atira)

ukma *VI.* encher (rio) ferver e transbordar. **Tuuna nukmesî.** O rio esta enchendo. **Kanawa naare yukmarî (NMZD).** A enchente do rio levou minha canoa. **Roowo nukmanîrekîe.** Alagou a terra.

ukmam *VT.* derramar (líquido). **Kwokru nukmamcow.** Eles derramaram a nossa bebida. **Yukmamra ñehcow.** Não derramaram. **Ñetukmam (INZD) kica.** Derramou.

ukpa *VT.* mergulhar. **Tuuru nukpa.** Ele mergulhou o seu pão. **Yukpara ñeexi.** Ele não o mergulhou.

ukra *VT.* pentear. **Tîmxîkrî nukra.** Ele penteia o cabelo do filho dele. **Yukrara ñeexi.** Ele não a penteou.

umana *S.* casa_comunitária (para trabalhos ou jogos). **oyumanan** minha casa comunitária */Fono:* Poss.: -n/

umawa *S.* videira cuja seiva é venenosa para peixes. *Veja:* **cewawtuma, yarpocici.**

urkupu *S.* árvore cujos tentáculos envolvem outra árvore para se apoiar e possivelmente se alimentar. Eventualmente esta árvore mata a segunda.

urpere *S.* serpente mística que supostamente matava pessoas.

uru *S.* beijú. **oyuru** meu beiju **awru** seu beiju

urutu *S.* cuia ou cabaça seca usada como uma vasilha para água.

urwa *S.* macaco de tamanho médio e cor cinza.

uuma *AT.* rio abaixo. **Uuma kayka.** Vamos rio abaixo.

uupu *S.* planta do mato – a carne do porco do mato fica com gosto ruim quando ele come a fruta desta planta.

uuwi *S.* farinha de mandioca.

uuxa *S.* macaco barbudo.

Î - î

îmka *PP.* nas costas; atrás. **Yîmkaw nasî.** Está nas costas dele. **Amkay enko.** Olhe atrás de você. **Etîmkaw**

re naxe. Um está atrás do outro.

ĩr̃ako *S.* cheiro de veneno. **Tĩr̃akoke nasĩ.** Tem cheiro de veneno. **Ĩr̃akorĩ.** O cheiro de veneno. */Fono:* Poss.: -rĩ/

ĩĩpĩ *S.* montanha, morro. **Ĩĩpĩ weeñasĩ.** Vejo a montanha. **Meye nasĩ ĩh po.** Ele está longe, lá na montanha.

W - w

wa$_1$ *S.* colar. **owarĩ** meu colar **Wahra wasĩ.** Não tenho nenhum colar. */Fono:* Poss.: -rĩ/

wa$_2$ *PP.* parecido, da mesma forma, do mesmo jeito. **Ero wa ham.** Concordo com isso. *Veja:* **wara**.

wa$_3$ *PRT.* idéia premeditada, intenção, plano, pronto. **Atĩ wicakĩ wa ero yipu mepemetu?** Quanto vocês pagam por tais coisas? **Kwayhyasĩ wa awakro.** Estou pronto a morrer com você. *Veja:* **wara**.

waapu *S.* tipo de palmeira com tronco de tamanho médio. As frutas não são usadas pelos uaiuais. As cinzas de parte desta árvore foram usado antigamente como sal pelos uaiuais. Um outro nome para sal é waapu. *Veja:* **yĩmĩtĩ**.

waaro *S.* papagaio de tamanho médio que pode aprender a falar.

waaxi *S.* tipo de tamanduá pequeno de cor clara que sobe em árvores.

waca *S.* cerca, parede. **Owacan wiĩr̃asĩ.** Estou fazendo uma cerca para mim. **Wacamra nas omĩn.** A minha casa não tem paredes. **Waaca wiĩr̃asĩ.** Estou fazendo uma cerca. */Fono:* Poss.: -n/

wacar̃pe *AT.* animado, brincalhão, cheia de piadas. **Wacar̃pe nasĩ Kron.** Claude é uma pessoa cheia de piadas. **Wacarino (NMZD) mĩkĩ.** Ele é animado. **Ow mĩwacar̃kesĩ (VBZD).** Você está brincando comigo. **Owacarin (NMZD) me nay noro.** Ele é uma pessoa que brinca comigo.

wacmiyku *S.* vassoura (de cabo curto ou longo).

wahkoto *VT.* bloquear o movimento de um objeto ou pessoa. **Tuuna owahtkoto.** Água alta bloqueou o meu caminho então pude vir. **Epeŕa wahkototopo.** vacina (coisa que bloqueia doença)

wahra *AT.* pouco, pequeno. **Wahra mak eeko.** Traga só um pouco. **Wahray (NMZD) rikomo ocko** criancinha bonitinha

wahrututu *AT.* estufado, crescido (com ar, gás ou fermento). **Puruma wahrututpamyasĩ (VBZD).** O pão cresce. **wahrututpamnotopo (VBZD)+ (NMZD)** fermento (coisa que faz crescer) **Wahrututpe nasĩ.** Está estufado (pão). **wahrututuno (NMZD)** algo estufado

wakam *VT.* sofrer morte violenta. **Atararo wakamcow?** Quantos morreram (em batalha)?

wakanama *S.* tipo de lagarto cinza que vive perto d'água, sua carne é boa para comer.

wakanañĩ *S.* pedaço de cerâmica quebrada. **wakanañitho** pedaço de cerâmica quebrada

wakara *S.* garça.

wakma *VT.* atrair animais com sons de animais. **Yaypî wakmesî.** Ele está assobiando para atrair uma anta. **kwakmacho** algo que nos tenta, tentação

wako *S.* coisa favorita. **Owakon kum yukun.** Bacaba é a minha bebida favorita. **Ñesewakomesî (VBZD) + (INZD).** Ele está acumulando coisas ou suas comidas favoritas (sem compartilhar com outros).

wakpam *VT.* fazendo algo entusiásticamente, fazendo algo excessivamente, contar piadas. **Wakpamyasî wooku poko.** Ele fica entusiástico com respeito a bebida. **Kwakpamnoñe (TNZD) mîkro.** Ele anima as pessoas para fazer coisas. **Twakpamsom me nasî.** Ele faz coisas excessivamente.

wakre *VT.* dar algo de graça, ajudar alguém sem cobrar. **Epethîmra wîmyas awya, kwakresî mak.** Vou dar a você sem cobrar, simplesmente vou dar de graça.

wakro *S.* espuma. **Twakroy (ATZD) nasî.** É espumante. **kahxi wakron** espuma da cachoeira **omtawakron (CPD)** minha saliva espumante

wakroka *VT.* romper. **Yamata ñewakroka (INZD).** A caixa caiu aos pedaços. **Kwakrokañe (NMZD) mak mîn pironto.** O tiro vai romper coisas.

wakukuwa *S.* pombo parecido com o potukuku. *Veja:* **potukuku.**

wakîk *VT.* entalhar, gravar; cortar. **Wakîknoko.** Corte uma fenda. **Wakîknopîra esko.** Não corte uma fenda. **Wakîkrekñe.** Ele gravou (figuras na parede). **Twakîkye (ATZD) nasî Kmam wenatho.** As pegadas de Bob estão gravados (na terra macia).

wakwak *S.* irmão ou irmã mais novo que geralmente é cuidado pela irmã mais velha. **Wakwak ahsîtamko.** Vem segurar o irmãozinho.

wamto *VT.* circundar e fechar o caminho de escape. **Cewamto (INDZ) okwe.** Fomos bloqueados (por causa da chuva). **Poñko wamcetkeñe.** Eles rodearam os porcos do mato.

wamurwa *S.* pombo de tamanho médio.

wananaru *S.* árvore de fruta branca usada para isca de pescar, sua madeira é boa para lenha.

wananîpu *VT.* envergar. **Weewe xîkrî wananîyasî.** Estou envergando a árvore nova. **Wananpura wasî.** Não estou envergando-a. **Ñewananîyasî (INZD).** Está envergando.

wanaru *S.* pombo pequeno que anda principalmente no chão. *Veja:* **tîrwo, xipipi.**

wanatu *S.* passarinho azul com pelas lustrosas.

wano, waano *(from:* **wano)** *S.* canto. **Ewka wanorî** canto do Elka **Kewanomesî (VBZD) + (INZD).** Estou cantando. **Waano taacerî.** Vamos cantar.

wanturu *S.* planta que cresce ao lado do rio.

wañakoko *S.* pássaro.

wapa *S.* assassino; assaltante; instrumento usado para matar. **aymara waparî** anzol para pegar peixe aymara **Waapa!** Assassinos!

wapantaw *PP.* esconder-se perto de alguém para ouvir o que está sendo dito. **Awapantaw wîxakñe.** Estava perto de você e ouvi o que estava falando.

wapanto *VT.* emboscar; esconder para matar. **Pawana wapancetkeñe.** Eles se esconderam para matar os visitantes.

wapi *VT.* cortar, fatiar (um corte superficial ou cortar retirando um pedaço). **Rinatî owapiw oko.** O capim me cortou. **Kewapiw (INDZ) oko.** Me cortei.

wapupya *S.* banana silvestre.

wara$_1$ *PP.* parecido, da mesma forma, do mesmo jeito. **Awara rma wasî.** Sou igual a você. **On wara kasko.** Faça assim. **Kamara waray (NMZD) mîkî kopi.** É um parecido com uma onça. **Ero wa ham.** Concordo com isto. (Também pode significar Obrigado)

wara$_2$ *PRT.* idéia premeditada; intenção; plano, pronto; ação costumeira. **Kmokyasî wara ha.** Definitivamente pretendo vir.

wara$_3$ *S.* porco-espinho.

warahwara *S.* discussão, história. **Warahwara kacho ñencekñe.** Ele ouviu uma discussão.

warahyakutho *S.* um pedaço de cuia quebrada para servir líquidos.

warakaka *S.* peixe pequeno com espinhos afiados ao lado da cabeça com os quais pode dar picadas dolorosas nas mãos ou ao pés.

warakaru *S.* macaco cinza de tamanho médio.

warama *N.* árvore com frutas comestíveis de cor vermelha.

waramru *S.* cobra que vive na água, maior do que a cobra okomci.

warapapa *S.* grou que raramente aparece na área uaiuai.

warapapoturu *S.* colher.

wararî *PP.* bem ao lado. **Weewe wararî nas okrapan.** Meu arco está bem ao lado da árvore **Apapa wararî ececetoko. Esewararî naxe ewtarî yaw.** Estão lado ao lado no sepulcro.

warawa *S.* mercadoria, pessoa com que se troca. **owarawan** pessoa com que eu troco **Kwarawanwasî (VBZD).** Estou trocando. **Kwarawantacho (VBZD) + (NMZD).** loja

waraxpetho *S.* pedaço de tigela quebrada. *Veja:* **warahyakutho, wakanañitho.**

warikyorî *S.* tipo de passarinho, com cabeça vermelha.

waruwaru *S.* abelha preta que ferra. *Veja:* **swaruwaru.**

warîhkoto *VT.* fazer faixas ou barras. **twarîhkotosom (ATZD) + (NMZD)** alguém com faixas ou barras

warîkwarîk *ID.* arrastar com a barriga. **Warîkwarîk kañe mîkro.** Ele se arrasta com a barriga.

warîwarî *S.* árvore que racha bem e é boa para vigas de casas.

warwa *S.* tipo de caracol grande, usado para decoração de orelhas.

waîma *S.* árvore de madeira de lei grande de centro vermelho. As vezes a árvore é oca. Esta árvore não apodrece rapidamente.

wasatutu *S.* árvore de madeira clara, racha bem e é usada para fazer cercas.

watakara *S.* tipo de tucano pequeno.

watapa *S.* árvore de madeira de lei de tamanho médio. O centro desta madeira é vermelho enquanto o exterior é branco. A madeira racha bem e é boa para fazer cercas duráveis.

watara *S.* árvore usada fazer postes de casas e armações de casas pau-a-pique.

watkururpam *VI.* encharcar. **Karita watkururpamye.** A Bíblia estragou porque ficou encharcada.

watkutku *S.* arbusto com frutas comestíveis parecido com pîîrî.

watma *S.* cacete usado antigamente em danças e para cometer assassinatos. Tinha duas formas: uma era arredondado como uma estaca, e outro achatado como um pequeno remo. **owatman** meu cacete **Twatmay (ATZD) etoko.** Leve o cacete.

wato, waato *(from:* **wato)** *VT.* atravessar, pular. **Tuuna wacesî** Vou atravessa o rio. **Waato tak.** Atravessei. **Paaka watonmekyasî.** Ele esta fazendo o gado atravessá-lo. **Anarînhîrî mîwato.** Você omitiu um.

watu *S.* urubu. *Veja:* **kwacinama.**

watwa *S.* jacaré.

watwaymo *S.* jacaré gigantesco.

wawaw *ID.* som de gato.

wawku *S.* árvore cuja casca era usado para fazer roupa de dança.

waxarapapa *S.* lagarto pequeno que vive em casas de pessoas.

waxpu *S.* enfeites para as pernas feito de faixas de contas. Estes enfeites foram usados por homens e mulheres desde a infância. Foram feitos principalmente de contas azuis com alguns cordões de contas brancas nas laterais. **owaxpuru** minhas faixas para a perna

wayakruru *S.* peixe pequeno parecido com warakaka.

wayakuku *S.* tipo de coruja.

wayam *S.* tartaruga terrestre.

wayam yuî yepu *S.* tipo de árvore boa para lenha.

wayamakasî *S.* pente, árvore cujas frutas são parecidas com um pente. **owayamakasîrî** meu pente

wayamakowen *S.* tipo de árvore de madeira de lei de cor avermelhada.

wayamari *S.* peixe de escama de tamanho médio.

wayamunu *S.* pessoa do sexo oposto que não é parente chegado, com quem se pode casar. **owayamnu** pessoa com quem eu posso casar **Wayamuntar (VBZD) ehcoko.** Não tenha casos com aquelas com quem se possa casar.

wayapa *S.* esconderijo de onde pode atirar em pássaros.

wayapamsî *S.* abano. **owayapamsîrî** meu abano */Fono:* Poss.: -rî/

wayapu *S.* remo. **owayaru** meu remo **wayah yepu** tipo de árvore que é boa para o feitio de remos

wayaraka *S.* tipo de árvore que cresce à beira dos rios na Guiana; os peixes comem sua fruta azeda.

wayaraymo *S.* árvore de madeira muito dura cuja fruta amarela é comestível.

wayawaya *S.* lontra grande. *Veja:* **saroro.**

wayma$_1$ *S.* preguiça.

wayma$_2$ *S.* lagarto grande de cor clara, com ferroada dolorosa.

waymam *VI.* vaguear de lugar em lugar. **Kwaymamye.** Vaguei. **Waymara wîxakne.** Não vaguei.

waypu *VI.* morrer. **Yememe pen waypo okwe.** Que triste, Mãe morreu. **Waypura xakñe.** Ela não morreu. **Ciisusu wayhketkeñe (TNZD).** Mataram Jesus. **Wayhkar (TNZD) esko.** Não mate-o. **Ñewaypukukmesî (CPD) + (INZD).** Ele está tendo um acesso antes de morrer. **Corowaypura (CPD) nasî.** Ele não está sem fôlego. **Kupuswayasî.** Estou fraco, não consigo prosseguir.

waywî *S.* flecha; cana para flecha.

wece *PP.* na direção; buscar. **ÎÎpî wece etoko.** Vá na direção da montanha. **Kanawa wecan (NMZD) ow.** Sou a pessoa que veio buscar a canoa.

weci *S.* esteira. **owecin** minha esteira */Fono:* Poss.: -n/

wecîkî *S.* lugar estreito num objeto longo. **Tîpîmîwecikye (CPD) nasî.** Camelos tem pescoços longos e finos.

weeto *S.* fezes, estrume. *Veja:* **weka, wetî.**

weewe *S.* madeira, árvore.

weeyaci *S.* árvore com pequenos frutos não comestíveis.

wehto *S.* fogo, lenha, fósforos. **owehtorî** meu fogo, minha lenha, meus fósforos */Fono:* Poss.: -rî/

weka *VI.* defecar, enferrujar. **Wekaxî kîwcesî.** Vou defecar. **Twekaxi (ATZD) nasî.** Está enferrujado.

wekeñemekî *VT.* perseguir. **Wekeñemekyasî.** ele está perseguindo-o. **Wekeñemekîr esko.** Não persiga-o.

wekpaci, wekpaciypu *(from:* **wekpaci)** *S.* centro de qualquer árvore morta de madeira de lei, onde a madeira externa já apodreceu. Boa para postes de casas.

wemcaw *AT.* na beira (de rio, lago). **wemcawno (NMZD)** algo na beira d'água *Veja:* **ecihtaw.**

wemronho *S.* cinzas.

wenari *PP.* seguir (somente pessoas). **Awenari kmokyasî.** Vou te seguir.

wenarî *S.* vômito. **wenarîthîrî** coisa que alguém vomitou **Wenarwasî (VBZD).** Ele está vomitando. **Owenarkekñe (VBZD).** Me fez vomitar.

wenatho, wenathîrî *(from:* **wenatho)** *S.* rastro, pegada. **Kamara wenatho on.** Tem pegadas de onça. **Wenathîrî wenwo.** Vi as pegadas dele.

wenatîka *VT.* seguir os rastros. **Wentîkakî.** Estou seguindo o rastro dele.

wenatîwo *VT.* sobrevivendo após a morte de uma outra pessoa. **Kwenatîwono (NMZD)** continuando após a nossa morte

wenayko *S.* animal de tamanho médio de cor preta que as vezes come cana de açucar. *Veja:* **okoropurko.**

wenu, weenu *(from:* **wenu)** *S.* mel, abelha. **Wen wemeyasî** Estou sorvendo mel. **Weenu oyeska.** Uma abelha me picou.

wenî *VT.* bêbado. **Wenasî.** Ele está bêbado. **Wenîmra nasî.** Ele não está bêbado. **Ñewenponke.** Ele ficará sóbrio.

weñeka *VT.* desconhecido. **Tweñekarî weexi.** Estava ignorante disso. Não sabia isso. **Weñekano (NMZD) wara weexi.** Não sabia isso. **Kîtweñekarînta (VBZD) kica.** Me esqueci disso. **Oweñekarî moko.** Ele veio sem eu saber.

weñepu *N.* irmão/irmã mais novo. **oweñeru** meu irmão/minha irmã mais nova *[Fono:* Pos.: -ru*]*

wepakî *S.* estômago gordo; estômago inchado. **awepakrî** seu estômago inchado **Twepakye (ATZD) wasî.** Meu estômago inchado.

werekoke *S.* passarinho.

werewere *S.* mosca, moscas.

wero *PP.* ser a testemunha ocular, tendo visto e ouvido, falar de acordo com o que a pessoa ouviu ou viu, ficar ciente, prestar atenção. **Owero ro wayhyakñe.** Ele morreu enquanto estava olhando. **On wara tî xakñe awakno Maru wero.** De acordo com o Maru, seu irmão foi assim. **Owerono (NMZD) mîkî.** Eu vi-lo. **Awero ro so xa Ciisusu yîtînocoko.** Pense a respeito de Jesus com toda a atenção. **Kwerohra kiîra.** Faz-nos ficar tontos, perder a consciência.

weronoma *VT.* alertar, instruir. **Kweronomesî.** Vou te alertar. **kweronomañe (NMZD).** profeta **Ñeseweronoma (INZD).** Ele decidiu sozinho.

wererurru *ID.* indica a ação de vomitar.

weŕa, weeŕa *(from:* **weþa)** *S.* vasilhame para guardar água potável. **oweŕan** meu vasilhame de água potável

weŕki *S.* pequena palmeira bacaba.

wetho *S.* estômago. **owetho** meu estômago

wethîrî *S.* estômago. **awethîrî** seu estômago *[Fono:* Poss.: -rî*]*

wetî *S.* fezes, estrume. **paaka wetî** estrume de vaca *Veja:* **weeto, weka.**

wexkiriri *S.* intestino. **wexkiririn** seus intestinos *[Fono:* Poss.: -n*]*

weyaka *AT.* por um caminho mais curto. **Weyaka kayka.** Vamos fazer o caminho mais curto.

weyu *S.* luz. **oweyuru** minha luz **Weeyu eeko.** Traga a luz. *[Fono:* Pos.: -ru*]*

weyun *S.* lugar profundo (na água). **Weyun tan.** Este é um lugar profundo. **Weyunme (ATZD) nasî.** É profundo. **Weyuntaka (ATZD) kayka.** Vamos onde a água é profunda. *Veja:* **panape.**

wicakî *AT.* tamanho, quantidade. **Ero wicakî mak.** Só traga esta quantidade. **Awicakno (NMZD) rma mîk awakno.** Seu irmão é do mesmo tamanho que você.

wicaru *S.* macaco sagüi.

wicîrarî *S.* tipo de vespa. *Veja:* **xiika.**

wiîra *S.* paca.

wikoko *S.* falcão, gavião, águia, qualquer pássaro predatório.

wixiro *S.* tipo de águia, come ovos de tartaruga e cobras.

wiywoto *S.* pássaro que corre ao longo de praias, maior do que tuwituwi.

wo *VT.* atirar, pregar. **Yuruma wîtwo.** Atirei (e matei) um pato. **Twohra weexi.** Não atirei nele. **Apapa xa wekñe.** Foi o pai quem atirou nele.

wohsatho *S.* flor cujas sementes são lisas e ocas, boas para fazer contas.

wohxoka *VT.* aplainar, raspar, alisar. **Sahsamaxapu wohxokesî.** Estou aplainando madeira. **Ahto nay wohxokacho?** Onde está a plaina?

wokpa *S.* fronteira, limite, divisa entre uma propriedade e outra. **Ahto nay awokpan?** Onde fica o limite da sua propriedade? **Mararî amna wokpamesî.** Estamos demarcando o campo.

wokra *S.* curiango, noitibó.

woku, wooku *(from:* **woku)** *S.* qualquer tipo de líquido para beber. **owokru** minha bebida **Wokumra wasî.** Não tenho bebida. **Wooku wiîrasî.** Estou fazendo bebida.

wom, woom *(from:* **wom)** *S.* embrulho. **Womuhra nas okwe.** Não tem embrulho. (Não está embrulhado.) **Womuhtoko (VBZD).** Embrulhe-o. **Ñewomhoka (VBZD) + (INZD) kica.** Desembrulhou-se.

wonî *S.* pelúcia que dá coceira ou queima. **Wonpe nas oco.** Tem pelúcia que provoca coceira. **Kwonpes (VBZD) oco.** Nos da coceiras. **won yepu** tipo de árvore que dá coceira quando é tocada

woopi *S.* passarinho com um rabo longo, e um canto triste.

wooxam *S.* mulher.

wooyi *S.* tipo de sapo que coaxa durante a época da enchente. Seu nome vem do som do seu coaxar.

worohku *S.* pássaro de tamanho médio e de corpo avermelhado.

worokyam *S.* espírito da floresta, água ou céu. De acordo com os antigos pajés os espíritos poderiam ser benéficos ou maléficos.

wofohwofo *S.* tipo de papagaio parecido com o waaro.

woskara *S.* savana, pasto, pista de pouso. **owaskaran** minha savana */Fono:* Poss.: -n/

woso *VI.* sonhar. **Wosowasî.** Ele está sonhando. **Kmam poko kwosotmo.** Sonhei com o Roberto. **Owosorew.** Me assustou. Ele me fez sonhar. Sonhei com ele.

wosoto *PP.* num sonho. **Kenwo owosoto.** Te vi no meu sonho.

wosî *S.* fêmea. **wosî mren** uma pequena menina **Wapixana wosîn mîk.** Ela é uma mulher Wapixana. **Woosîtho!** É uma menina! (frequentemente falado quando uma menina nasce.)

wotme *AT.* frio. **Twotme nasî keñe.** Está frio. **Wotmentape (VBZD) ka.** Deixe esfriar primeiro. **Kwotmeresî (VBZD) okre tuuna.** A chuva nos dá frio.

woto *S.* carne, animais caçados para carne, animais comestíveis. **Wooto mîkî?** Este animal é bom para comer? **Wotohto poko nas amna.** Gostaríamos de comer carne

wotorî *S.* tipo de vespa.

wow *ID.* passando numa curva. Palavra usada para descrever o sol ao meio dia. **Wow nîîke tak.** Já passou do meio dia. **Wow kasko mînto.** Vira aí.

woxi *S.* cunhado, genro. **owoxin** meu cunhado, meu genro **Owoxmetkeñe (VBZD).** Me forçaram a fazer (porque são os meus parentes) */Fono:* Poss.: -n/

woywoy *ID.* girar alguma coisa. **Woywoy kasko.** Gire-o.

wrata *VI.* chorar, gemer. **Omxîkrî nîwracesî.** A minha criança está chorando. **Yîwratar esko.**

wuñu, wuuñu *(from:* **wuñu)** *S.* preguiça. **Wuuñu mak oyahsîyasî.** A preguiça me pegou. **Wuñpe (ATZD) mak ñetapicka.** Ele trabalhou com preguiça. **Kuwuñwasî (VBZD).** Sou preguiçoso.

wînîkî *VI.* dormir. **Kîwînîkyasî.** Vou dormir. **Yîwînîkîra wasî.** Não vou dormir. **Nîwînîkyasî.** Ela está dormindo.

wîrî *VT.* falar mal de alguém. **Añirithîrî yîwîrîyakara wasî.** Não vou falar mal do que você fez. **Mohxapu poko yîwîrîyakamexpono (NMZD) miiñas okwe.** Você faz as pessoas falarem mal daqueles que vieram. **Wîrîhyakano cirihr esko.** Não fale mal de outras pessoas.

wîrîhma *VT.* frustrar alguém, destruir os planos ou desejos de alguém, punir, causar tribulação. **Aato mak owîrîmesî.** A minha tosse é o que está me frustrando. **Yîwîrîmara wasî.** Não estou frustrando-o. **Exitu pono komo wîrîhmañe mîk xakñe makaka waray.** Os gafanhotos destruíram o Egito.

wîî *ID.* ação de dobrar alguma coisa, ou algo dobrar-se sozinho. **Wîî kasko.** Dobre-o. *Veja:* **wananîpu.**

wîîre *S.* tipo de graúna.

wîîsî *S.* flores (de uma árvore). **yîwîsîn** as flores dela

X - x

xa *PRT.* específico, superlativo, quando segue um substantivo ou pronome indica que tem em mente um objeto ou pessoa específica. Quando segue um atributivo, fortalece o atributivo ou indica que ainda resta uma quantia. **Ow xa kîwcesî.** Sou a pessoa que vai. **Cucure xa nas oco.** É muito vermelho. **Wahra xa nasî.** Resta só um pouco.

xaapi *S.* arara de cor azul e amarela.

xaari *S.* bambu pequeno, flauta feita deste tipo de bambu.

xahrara *ID.* ação de rasgar pano.

xahîa *AT.* desbotar. **Xahîape tak nasî.** Ficou desbotado. **Xahîanwas okwe.** Está desbotando. *Veja:* **xampe.**

xahtoto *S.* pássaro que vive no pântano, tem pernas amarelas compridas, canta muito alto a noite.

xakapa *S.* vários cordões de contas ou cordões de algodão, que foram tingidos de vermelho. Estes cordões são usados sobre um ombro e debaixo do outro braço cruzando na frente e atraz do peito. **oxakapan** minha decoração para usar no peito

xakawa *S.* caranguejo, tipo de vespa. **xakawa yorî** alicate

xakaxaka *ID.* agitar como pontas de flechas em uma aljava.

xakwaru *S.* pássaro de cor amarela e preta.

xakwaîpa *S.* caule de folha de palmeira usado para mexer bebidas.

xamape *AT.* pálido. **xamahno (NMZD)** pessoa pálida **Xamanwasî (NMZD) + (VBZD).** Está ficando pálido.

xapari *S.* cachorro.

xapika *S.* chapéu - É possível este termo tenha sido emprestado da palavra chapéu. **oxapikan** meu chapéu **Xapikamra wasî.** Não tenho nenuhm chapéu. *[Fono:* Poss.: -n*/*

xapopo *S.* linha bem comprida usada para pescar. **oxapopon** minha linha comprida para pescar *[Fono:* Poss.: -n*/*

xarari *S.* rede brasileira.

xarau *S.* folha de palmeira usada antigamente para tecer redes.

xau *S.* árvore de madeira de lei, cuja seiva quando seca se torna um isolante duro para fios eléctricos. Dessa madeira se faz postes duráveis para casas.

xawkuku *S.* lagarto pequeno que vive na água.

xawyaka *PP.* menos que, menor que (em estatura, posição, qualidade). **Oxawyaka nasî.** Ele não é tão alto quanto eu. **Kayaritomo rma re mîk ha, Ewka xawyakan ha tko.** Ele é um chefe, mas não tão importante quanto Elka.

xe$_1$ *PP.* desejar, amar. **Tuuna xe wasî.** Quero água. **Omxîkrî komo xe wasî.** Amo meus filhos. **Kîîxatî (NMZD) xa mîk Kaan.** Deus é a pessoa que realmente nós ama. **Kîîxatîmnokara (NMZD) + (VBZD) nasî.** Ele não para de nós amar.

xe$_2$ *PRT.* ato de examinar para ver se algo é verdade. **Cukmape nasî. Apeko xe.** É macio, toque para ver. *Veja:* **yka.**

xehxa *AT.* lado mais perto de um objeto. **Xehxa arko amoro.** Carregue daqui. **Xehxan (NMZD) enko.** Olhe deste lado. *Veja:* **mehxa.**

xemeku *S.* cupim.

xere, xeere *(from:* **xere***)* *S.* raiz de mandioca. **oxeren** a minha mandioca *[Fono:* Poss.: -n*/*

xewe, xeewe *(from:* **xewe***)* *S.* planta cujas sementes são amarelas. **xeewe yeperîrî** fruta desta árvore **Tîxeweke (ATZD) nasî.** É amarelo.

xihxih *ID.* som de ralar mandioca.

xii *ID.* indica que está chovendo muito, urinando. **Xii kesî ro mak.** Está chovendo muito.

xiika$_2$ *S.* tipo de vespa. *Veja:* **wiciɓari.**

xiika, xka$_1$ *(from:* **xiika***)* *S.* barreiras colocadas em igarapés com orifícios pequenos debaixo da superfície d'água nos quais se colocam armadilhas longas. Pequenos peixes entram pelos orifícios e ficam presos nas armadilhas. **Xiika amna ĥiiɬasî.** Estamos fazendo uma armadilha. *Veja:* **xka.**

xiiu *S.* passarinho que comem sementes. Esse passarinhos juntam-se grupos na grama.

xikixiki *ID.* limar, raspar.

ximiru *S.* pássaro que come peixinhos na beira da água, também conhecido por yarara.

xipipi *S.* tipo de pombo parecido com wanaru mas de cor mais clara. *Veja:* **tîrwo.**

xirîta *S.* tipo de pássaro.

xiro *S.* cinza, carvão de madeira. **Cixiroke (ATZD) nay.** É de cor de cinzas. **yixirorî** cinzas, carvão de madeira **Ñixirowasî (VBZD).** Cheira como se fosse queimado.

xiɬko *S.* estrela(s).

xiwiri *S.* peixe pequeno de escamas.

xixinatî *S.* qualquer tipo de videira silvestre.

xixko *S.* mosca berne - coloca ovos debaixo da pele de animais e pessoas. **oxixkon** meu berne *[Fono:* Poss.: -n*/*

xiya *AT.* para cá. **Xiya eeko.** Traga para cá.

xka *S.* barreiras colocadas em igarapés com orifícios pequenos debaixo da superfície d'água nos quais se colocam armadilhas longas. Pequenos peixes entram pelos orifícios e ficam presos nas armadilhas. **oxkan** minha armadilha *Veja:* **xiika.** *[Fono:* Poss.: -n*/*

xkukuyure *AT.* verde. **Tuxkukuyure nasî.** É verde. **tuxkukuyurem** coisa verde

xkururma *VT.* coar. **Kuum wuxkururmesî.** Estou coando a bacaba. **Yuxkururmara wasî.** Não estou coando-a.

xmari *S.* ralador, árvore que é usada para fazer a tábua do ralador. **xmari yepu** árvore usada para fazer ralador **oxmarin** meu ralador **xmari yorî** dentes do ralador **Xmari oyeska.** O ralador cortou a minha mão. **xmari yepu** tipo de árvor bom para fazer tábua de ralador

xohki *S.* peixe, tamanho médio, de corpo comprido, verde e viscoso, não comestível.

xohri *S.* pequena preguiça de cor cinza. *Veja:* **wayma.**

xohri picho *S.* árvore de madeira de lei de centro roxo. A madeira desta árvore é muito dura.

xohrikiki *S.* besouro de cor preta, menor do que kumkum, consegue cortar galhos grandes de árvores.

xokoko *S.* lagarto feio de cor cinza que grasna e mora em casas de pessoas.

xokre *AT.* macio, mole (não muito gostoso - usado para descrever o cará quando ficou no solo por muito tempo).

xokrewe *S.* árvore de madeira macia, sua casca é boa para fazer correias.

xokwe *S.* bolhas. **Kamoxokwenta.** Fiquei com bolhas na minha mão.

xoo *ID.* ação de derramar liquido.

xoori *S.* cupim muito grande, odor muito desagradável.

xoou *S.* tipo de animal que às vezes serve como em um bicho de estimação mas pode dar mordidas fortes em cachorros ou humanos.

xoroxoro *S.* tipo de árvore cujas sementes são usadas para decorar artigos.

xoîweko *S.* dança antiga dos uaiuais - Durava geralmente dois ou três dias e era acompanhada de muita bebedeira. Os homens dançavam numa linha e as mulheres numa outra linha segurando as mãos.

xpari *S.* arraia.

xpaxpa *S.* tipo de peixe fino de escamas.

xperekî *AT.* empoeirado, tendo manchas de cor clara. **tîperekye** tendo manchas de cor clara **Wîxperekresî (VBZD).** Estou empoeirando.

xukmara *S.* suco de fruta de palmeira que não contém goma e é misturado com água.

xukrape *AT.* em estado líquido, misturado com líquido. **Xukrape nasî kica.** É muito aguado. **Xukrapam (VBZD) tak maañi.** A breu derreteu.

xuku$_2$ *ID.* desviar da reta quando está rachando lenha ou cortando uma tábua. **Xuku nîîka sahsa.** O serrote virou para um lado.

xukurwa *S.* lagarto de tamanho médio.

xuku, xuuku$_1$ *(from:* **xuku***)* *S.* urina. **Oxukuru nayinasî.** A minha urina queima. **Nuxukwasî (VBZD) kica.** Ele está urinando. **Oxukresî (VBZD).** Me faz urinar. *[Fono:* Poss.: **-ru***]*

xurpana *S.* casa do pajé onde se fazia a pajelânça.

xuuka *S.* açúcar, confeito, bala.

xuuwe *S.* tipo grande de caracol. *Veja:* **warwa.**

xuw *ID.* som de jato voando. **xuw kañe** avião a jato

xuxuxu *ID.* vazar água para dentro (canoa). **Xuxuxu kahra nasî.** Não vaza.

xîkrî *S.* prole, filho. **xapari xîkrî** cachorrinho **kîmxîkrî komo** nossos filhos

xîkîwî *S.* pequeno inseto que perfura. **Xîkîwî keñe nay.** Tem perfurações.

xîpîrî *S.* guariba.

xîrpe *AT.* embaçado, enevoado; não limpo. **Xîrpe nasî kaamo.** O sol está embaçado. **Cewxîrpe (CPD) wasî.** Meus olhos estão embaçados. **Ñewxîrîhyasî (CPD)+(VBZD) kaamo.** O sol fica embaçado. *Veja:* **xîrîtpe.**

xîrîtpe *AT.* enevoado, não limpo. **Cewxîrîtpe (CPD) nasî.** Os olhos deles estão foscos (com cataratas). *Veja:* **xîrpe.**

xwakaru *S.* aranha peluda de tamanho médio, de cor pálida, com picada forte.

xwarawarape *AT.* com muitos buracos como uma peneira ou rede. **Xwaraxwarape nasî.** Tem muitos buracos como uma peneira. **Xwaraxwarano (NMZD) nas omîn me.** Tenho um mosqueteiro para colocar em sobre de mim.

xwika *VT.* raspar. **Oxwika oko.** Me raspou.

xwirikan *S.* tipo de árvore com frutas comestíveis.

Y - y

ya$_1$ *PP.* para (usado para dar ou falar, não é usado para indicar movimento para um lugar), também indica sujeito de um verbo transitivo que foi nominalizado. **Xapari wîmyas oyakno ya.** Vou dar o cachorro para o meu irmão. **Taam yaka kayka amñe, wîîkesî yuwya. Okaritan wapesî yuwya.** Mandarei a minha carta por ele. **Yawaka xe wasî mararî yamacho owya.** Quero um machado para cortar minha roça.

ya$_2$ *PP.* dentro. **Caari yaw wasî.** Estou na casa de Charlie. **Yîhyaw wasî.** Estou na casa dele. **Yaw rma kayka.** Vamos na canoa. (Note quando esta palavra se refere a uma pessoa leva o prefixo yîh-.) **Kayka apapa yaka.** Vamos para a casa do papai. **Ahyakan (NMZD) ow.** Vim para você. **Ohyay cekñe.** Ele saiu de perto de mim. **Ahyari kmokyasî.** Passarei por sua casa no caminho.

yaaci *S.* corda de arco. **okrapan yaaci** a corda do meu arco *Veja:* **ayinto**.

yaamo *S.* antiga dança uaiuai. A dança era feita intermitentemente no decorrer de um período de um mês ou mais, até praticamente acabar com toda a mandioca que foi plantada. Vários homens participavam, mas somente dois dançavam cada vez. Sobre a cabeça e corpo eles vestiam folhas de palmeiras pesadas que só tinham pequenos orifícios para o nariz e olhos. Eles não falavam mas davam ordens usando choc lhos. Eles bebiam nesta dança mas não excessivamente como na dança xorweko.

yaana *S.* perito em qualquer coisa. **Yaana ow ha, kahra cexpore nasî.** Ninguém deve dizer, eu sou um perito nisto.

yaaro *AT.* verdadeiro, sincero. **yaarono (NMZD)** coisa verdadeira (história, pessoa) **Yaaro mîîkesî** Você está falando a verdade.

yaarî$_1$ *S.* pequena palmeira cujas folhas podem ser usadas para fazer cobertura de casas, mas a cobertura não é muito durável.

yaarî$_2$ *S.* pão de mandioca grosso e macio que não foi seco ao sol.

yaarîymo *S.* árvore de madeira macia que cresce em pântanos cuja madeira é boa para fazer banquinhos.

yaasî *AT.* rio acima. **Yaasî kayka.** Vamos rio acima.

yaawa *S.* pequeno peixe de escamas, do tamanho do warurwa.

yahco *AT.* grosso (dimensão). **Yahcome nasî.** É grosso. **Yahcono (NMZD) eeko karita.** Traga-me o livro grosso.

yahkoto *AT.* atravessado em relação a alguma outra coisa. **Yahkotono (NMZD) twoko.** Pregue a travessa.

yahya *S.* múltiplas forquilhas numa árvore, separadas umas das outras. **Tahyake nasî.** Tem vários galhos. **Tahyake etocoko.** Espalhem longe um do outro.

yakakawa *S.* objeto convexo. **yakakawa** ralador convexo

yakarî *S.* árvore grande cuja seiva é usada para enfeitar pontas de flechas.

yakaîwana *S.* árvore cuja madeira é dura e de cor marrom.

yakayaka *S.* tipo de banana, também o nome da aldeia de Elka na Guiana.

yakenta *AT.* na presença de muitas pessoas. **Yakentaw esekatîmko.** Faça a sua confissão na frente de muitas pessoas. **Yakentaka rma cekñe.** Ele entrou na multidão.

yake, yaake *(from:* **yake)** *AT.* muitos. **Yakeno (NMZD) mîkyam.** Tem muitos deles. **Yaake naxe.** Tem muitos *Veja:* **meþpora**.

yakwe *S.* tucano de peito branco.

yakwexwere *S.* galho pequeno. *Veja:* **peremkirikirin**.

yakweymo *S.* pássaro mergulhador de pescoço comprido.

yama *VT.* comer comida sem compartilhar; levar alguma coisa que uma outra pessoa queria. **Oyama kica.** Ele

não compartilhou comigo. **Iyamara xakîe.** Ele não comeu carne sozinho.

yamarataka *S.* onda gigantesca como uma onda do mar.

yamata *S.* caixa, cesta de tamanho médio para guardar coisas pessoais.

yamoro *AT.* devagar, não usando toda força. **Yamoro kayka.** Vamos devagar **Yamoro ciki kasko** Não empurre com força

yamuru *S.* falcão, gavião de cor branca.

yana *S.* parente, membro de um clã, designação para um tribo ou clã. **Onoke yana mîkî?** De qual tribo ele é? **Oyanan komo yenso kîweesî.** Vou visitar os meus parentes. *[Fono:* Poss.: -n/

yanta *AT.* estar entre camadas - frequentemente usado para dizer que algo está entre as camadas de folhas de um telhado.

yapoci *S.* penugem de águia para colocar no cabelo. **Yapoci yaw wasî** Tenho penugem de águia no meu cabelo.

yarana *S.* tipo de bambu.

yarara *S.* pássaro mergulhador também chamado ximiru.

yaraxithîrî *S.* pequeno caminho, pequenos igarapés saindo de um rio, qualquer retalho, colher frutas quando quase todas foram apanhadas. *Veja:* **taraxi.**

yarihta$_1$ *S.* galhos mais altos de uma árvore.

yarihta$_2$ *AT.* nos galhos mais altos de uma árvore. **Yarihtaw nasî torowo.** Um pássaro está nos galhos mais altos da árvore

yarinaw *S.* tipo de garça grande.

yarka *S.* árvore usada para fazer canoas cuja seiva é usada para fazer tinta para decorar cerâmica e pontas de flechas.

yaro *PP.* em (uma língua), através (de uma abertura),possibilidade de algo acontecer; impossibilidade de fazer alguma coisa. **Wai Wai mtapotarî yaro kîmtapowasî.** Vou falar na língua uaiuai. **Ewkanapa yaro yumuncoko.** Coloque pela janela. **Katpanaw nasî atîhrî yaro so.** As (roupas) deles estão lá fora, possivelmente vão apodrecer. **Mokrî yarono (NMZD) pîn moko.** A pessoa que não podia vir veio.

yarpa *AT.* sendo puxado em mais de uma direção ou tendo responsabilidades em várias área ao mesmo tempo. **Yarpa ñeexi opanarî.** Estava prestando atenção em uma outra pessoa e não te ouvi. **Yarpa oriyaxe.** Várias pessoas querem que eu faça diferentes coisas ao mesmo tempo. **Yarpa wîhtînoyasî.** Não consigo decidir qual fazer.

yarpocici *S.* tipo de veneno forte para matar peixe. *Veja:* **cewawkuma.**

yarî$_1$ *AT.* aproximar-se ou afastar-se do ouvinte. **Yarî men ñemokocesî weewe.** A árvore vai cair na sua direção. **Yarî cewru esewkoîmakî.** Vire seu rosto em outra direção (afastar de mim).

yarî$_2$ *S.* folha, folhas. **Yaarî mohkakî.** Tire uma folha. **Taake nasî.** Tem folhas. **Yahra nasî.** Não tem

folhas. **Mîña yarî kahyasî.** Ele está tecendo folhas dahlibana.

yarîhtome *AT.* parcialmente vazio; parcialmente cheio. **Yarîhtome mak arîhtoko.** Encha só parcialmente.

yarîrî *S.* conteúdo; cartucho de espingarda. **Yarîhra nasî.** Está vazio. **Tarke nasî.** Tem conteúdo, ela está grávida. *Veja:* **arîtho, arka.**

yaŕkwetkuru *S.* novo crescimento de folhas.

yaŕpîrî *S.* parte de cima de um tronco ou poste. *Veja:* **mîtî.**

yaskomo *S.* pajé.

yatho *S.* semente, pequeno caroço em líquido. **karakru yahto** semente da árvore karakru

yathîrî *S.* semente, pequeno caroço em líquido. **Yathîrî cirko.** Plante as sementes. **Tathîke (ATZD) nasî.** Tem caroços.

yatkîrî *S.* folhas novas de palmeira, de cor amarela.

yatî *S.* linha, barbante, riacho, pequena projeção num objeto. **Osorwaw yatî ûhe yimiko.** Amarre com três cordões (não só um). **Yatî yaw kayka.** Vamos para a corrente (do rio). **yatî** o meado de uma história, o ponto da história **kamxuku yatî** veia **Yatîhnî me ûesenpekûe.** Ele apareceu sem forma. **Cewñe yatî mak Noro ponaro ehcoko.** Preste atenção somente a Ele. **Tatke ekatîmko.** Conte em sequência. (Não sei porque o y foi perdido desta palavra.)

yawaka *S.* machado. **oyawakan** meu machado *[Fono:* Poss.: -n*/*

yawara *S.* palmeira muito espinhosa que cresce em pântanos cuja fruta não é comestível.

yawari *S.* tipo de gambá.

yawari yepu *S.* árvore usada para fazer canoas.

yawko *S.* formiga saúva.

yawxi *S.* ave de rapina do tamanho do pawxi que come sapos.

yaxku *S.* verde (não maduro) fruta. **yaxkuru me tahsom** coisas que devem ser comidas verdes **Yaxkuru potuhr esko.** Não apanhe as frutas verdes.

yayi *S.* corda de arco. **okrapan yayin** a corda do meu arco *Veja:* **ayinto.** *[Fono:* Poss.: -n*]*

yaymo *S.* águia.

yaypî *S.* anta.

yeemutu *S.* bebida de goma pura sem qualquer outra coisa adicionada.

yeme *S.* mãe - esta forma é usada em discurso direto.

yememe *S.* mãe.

yewnamomo *S.* tipo de cará.

yicowme *AT.* ação que acontece ao mesmo tempo que outra. **Noro ceeñasî kîwtorî yicowme mak.** Nós o

veremos bem na hora em que iremos embora.

yihcirî *S.* o primeiro. **Yihcirî on mararî.** Essa é a primeira roça. **Yihcirme (ATZD) oona kmoko.** Cheguei aqui primeiro.

yihso *S.* bebida feito do suco da mandioca depois de fervido. **Yihso wenukresî.** Estou fervendo suco de mandioca.

yiiro *S.* árvore cuja madeira tem um cheiro parecido com cedro. Esta madeira é boa para fazer tábuas.

yimaw *AT.* num tempo; numa época. **Kaamo yimaw kmokyasî.** Virei no tempo da seca. (Virei no verão.)

yipu *S.* algo como este (referindo-se à alguma coisa mencionada antes). **noro yipu komo** pessoas assim **Ero yipu yentara wasî.** Não ouvi nada assim. **Ero yinhîrî kîwcekîe.**

yka *PRT.* ato de examinar para ver se algo é verdade. **Mohcow ha na. Enta yka.** Talvez chegaram. Vá ver. *Veja:* **xe**.

yo$_1$ *VT.* cozinhar, ferver. **Oyotî wîyesî.** Vou cozinhar a minha carne. **Tîyohra wasî.** Não vou cozinhar. **Ketîyesî (INZD) tan.** Cozinho aqui.

yo$_2$ *S.* dente, dentes. **Oyorî îierewasî.** Meus dentes doem. **Tîyoke (ATZD) nasî.** Ele (bebe) tem dentes. / É afiado (ferramenta). **Mariya wîyohcesî (VBZD).** Estou afiando a faca. **Xmarî wîyohcesî (VBZD).** Estou colocando dentes no ralador. **Kyorî panaxirî (VBZD).** nossos dentes caninos superiores; nossas prêsas

yo$_3$ *PRT.* indica distinção de outros. **Noro xa yo kahyasî.** Ele á a pessoa que realmente sabe tecer.

yocho$_1$ *S.* osso, esqueleto. **Tanî nasî noro pen yocho.** Aqui jaz o esqueleto dele. **oyocho** meu(s) osso(s) *Veja:* **yochîrî**.

yocho$_2$ *S.* ponta de flecha feita de osso de animal ou arame. **Oyochon wiîrasî.** Estou fazendo uma ponta de flecha de arame/osso. *[Fono:* Poss: **-n***]*

yochîrî *S.* osso, esqueleto. **kyochîrî** nossos ossos *Veja:* **yocho**.

yohno *AT.* rapidamente, logo. **Yohno Ciisusu mokyasî.** Jesus virá logo. **Yohno mak tan wasî.** Estarei aqui por pouco tempo. **Yohno eeko.** Traga rápido.

yohta *S.* tipo de árvore usada para fazer canoas.

yohya$_1$ *S.* queixo, mandíbula. **oyohyarî** meu queixo, mandíbula **yaypî yohyarî** mandíbula de anta *[Fono:* Poss.: **-rî***]*

yohya$_2$ *VT.* raspar com dente. **Wiyohyasî.** Estou raspando-o.

yokrececе *VT.* ranger os dentes. **Nîyokrececenwasî.** Ele vai ranger os dentes.

yon *S.* mãe dele. **kapikara yon** mãe galinha **Aawa yon** mãe de Aawa *Veja:* **yîson**.

yoota *S.* vara bifurcada. *[Fono:* Poss.: **-**rî*]*

yopo *PP.* maior do que, mais do que. **Ayopo nasî kaîpe.** Ele é mais forte do que você. **Ehcoyoponkara**

(VBZD) + (INZD) cexpore nasî. Não é bom se considerar-se melhor do que os outros. **Oyopo ñerewasî.** Dói mais do que posso aguentar.

yopotu *S.* dente incisivo. *Veja:* **yopanaxi.**

yorî *S.* tom musical. **Iyorîrî wencesî.** Ouça o tom. **Tîyorîre (ATZD) ñewanomesî.** Ela canta muito bonito, claramente. **Tukusu nîyorwasî (VBZD).** Beija-flores cantam. **Muutu iyorkakî (VBZD).** Dê partida no motor.

yota *PP.* entre eles, vocês, nós. **Ayotaka so kermesî** Vou sentar entre vocês. **Ayotaw so wasî.** Estou entre vocês. **Iyotakanmakî (VBZD).** Coloque entre eles. **Tîyotawnomaxi (NMZD) + (VBZD) + (ATZD) so nasî.** (O verso) tem palavras escritas entre as palavras originais. **Oyetapickacho wîyotacesî.** Intercalei o meu trabalho com outras atividades. **Xootaw yepu tî ñehcoyotacekñe (VBZD).** O Rio Jordão teve um abertura. (A água parou.)

yotakanka *VI.* perder companheiros. **Ceyotakankacow.** Perdemos companheiros.

yow, you *(from:* **yow)** *S.* buriti (palmeira ou fruta). **yow buriti yow yarî** folhas do buriti

ypo *S.* plantação de mandioca. **Oyporî exihra nasî.** Não tenho uma plantação de mandioca.

yukpurukpurun *S.* lixo empilhado (geralmente perto ou dentro de uma aldeia). **yukpurukpuruntho** monte de lixo

yukurmîkî *AT.* feroz, amedrontado, temeroso. **Yukurumîkî nasî.** Ele é temeroso. **Yukurumîkno (NMZD) mîkî.** Ela é uma pessoa temerosa.

yukwarî *S.* goma.

yukwaxa *S.* peixinhos de água doce.

yumarî *S.* tipo de banana.

yumnarî *VT.* plantar mandioca. **Eeputhîrî wumnarîhcesî.** Estou plantando mandioca.

yumuruypo *S.* pimentas secas e trituradas.

yupuyu *S.* fruta não madura (exceto fruta de palmeira). **Yupuyme (ATZD) ka nasî.** Não amadureceu ainda.

yuruma *S.* pato.

yururi *S.* árvore cujas frutas são comidas por araras.

yuu *ID.* grito de guerra (grito feito quando se corria para matar alguém). **Yuu yuu, ketkeñe.** Deram o grito de guerra.

yuuku *S.* Formiga de tamanho grande que ferra - Eram usadas antigamente para cintos de formigas.

yuuwa *S.* palmeira pequena usada antigamente no feitio de tubos para os cabelos.

yîkpon *S.* caldo de carne sem pimenta. *Veja:* **kpo.**

yîkrotî *S.* peixe que fica em poças de água rasas, deixadas por igarapés que estão secando.

yîmîtî *S.* sal. *Veja:* **waapu**.

yîpîrîtho *S.* árvore morta.

yîrapa *S.* tipo de lagarto pequeno.

yîrîsî *S.* grilo.

yîîm *S.* pai. **oyîm** meu pai (Geralmente pessoas usam a palavra apapa para referirem ao seu próprio pai.) **aamo** seu pai

yîwîrî *S.* capivara.

yîwîtî *S.* pequeno passarinho parecido com ciripipi.

ywa *PP.* no (fogo somente). **Wehto ywaw nasî.** Está no fogo. **Wehto ywaka aîmakî.** Jogue no fogo.

ywapu *PP.* na frente de uma pessoa (mas fora de vista). **Oywapu etoko amoro.** Vá na minha frente. **Ow mîywanokesî (VBZD).** Você vai chegar lá antes de mim.

ywe *AT.* numa fila. **tîyweke** numa fila **Matarawra îetîywecesî (VBZD).** As formigas estão andando numa fila.

Total number of entries: 2343

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Reginaldo Oliveira de Souza, representante da Comunidade Anauá, diretor regional e professor na Escola E. M. Indígena Anauá, tenho ciência e autorizo a realização da pesquisa intitulada *YÎHCAMNOPURA NATU CETAKNAMACHONHÎRÎ*: Informação, memória e identidade cultural indígena dos Waiwai do Anauá/RR, sob responsabilidade do pesquisador Mariza de Oliveria Pinheiro na Terra Indígena Waiwai – Comunidade Anauá / Roraima. Para isto, serão disponibilizados a pesquisadora livre acesso ao espaço físico da comunidade Anaúa para observar, registrar por áudio, vídeos, entrevistas e documentos para análise, além da participação do cotidiano de vida da comunidade, referente as pessoas e suas práticas interulturais.

Comunidade Anauá, São João da Baliza, 15 de setembro de 2018.

Reginaldo Oliveira de Souza

Reginaldo Oliveira de Souza
Representante da Comunidade Anauá / RR